

Um
CASAMENTO
por Conveniência

Um Lorde e uma dama nada recatada

GISA SR





Um
CASAMENTO
por Conveniência

Um Lorde e uma dama nada recatada

GISA SR



Copyright © 2022 Gisa SR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Layce designer

Revisão: Bárbara Pinheiro

Diagramação Digital: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

Pará - PA 1º Edição

Janeiro de 2022

SINOPSE

A decorative flourish consisting of a horizontal line with ornate, symmetrical scrollwork and a central diamond-shaped ornament.

Enquanto a temporada de bailes de 1817 fervilha na alta sociedade londrina, Hunter, o duque de Austen, prefere se manter afastado de todas essas frivolidades, limitando-se à sua propriedade no campo, onde pode se esconder dos olhares curiosos que sempre o seguem. Desde que retornou ferido da guerra, sua vontade de viver não é mais a mesma.

Porém algo muda quando encontra — da forma mais inusitada possível — a senhorita Anne Craw. Ela fala demais, sorri demais, pergunta demais e parece ter mais vida no dedinho mindinho do que ele tem no corpo inteiro. Isso, sem mencionar que ela é, possivelmente, a mulher mais linda que já viu.

Só que Anne não é uma dama da sociedade, e sua falta de bons costumes deixa isso claro a cada momento que passam juntos. Talvez seja isto que leva Hunter a pedi-la em casamento de forma tão abrupta. Ou talvez ele só não aguento mais as interesseiras e as artimanhas de sua irmã para fazê-lo escolher uma esposa.

De qualquer forma, o Duque de Austen está decidido: Anne Craw será sua, mesmo que seja apenas em um casamento de conveniência.



[**Sinopse**](#)

[**Playlist**](#)

[**Sobre esta obra:**](#)

[**Introdução**](#)

[**Dedicatória:**](#)

[**Prólogo**](#)

[**Capítulo 1**](#)

[**Capítulo 2**](#)

[**Capítulo 3**](#)

[**Capítulo 4**](#)

[**Capítulo 5**](#)

[**Capítulo 6**](#)

[**Capítulo 7**](#)

[**Capítulo 8**](#)

[**Capítulo 9**](#)

[**Capítulo 10**](#)

[**Capítulo 11**](#)

[**Capítulo 12**](#)

[**Capítulo 13**](#)

[**Capítulo 14**](#)

[**Capítulo 15**](#)

[**Capítulo 16**](#)

[**Capítulo 17**](#)

[**Capítulo 18**](#)

[**Capítulo 19**](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[Mais Livros da Autora](#)

[Sobre a Autora](#)

[Contatos da Autora](#)

PLAYLIST

A decorative flourish consisting of a horizontal line with ornate, symmetrical scrollwork at both ends and a central diamond-shaped ornament.

Para ouvir a playlist de “Um Casamento por conveniência” no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



Ou clique [aqui](#)

SOBRE ESTA OBRA:



Sempre imaginei que ao escrever meu primeiro livro, seria ele um romance de época, já que este é o meu gênero favorito para a leitura. Porém, até então, nunca tinha me aventurado por esse mundo novo, de uma época distante. Talvez por medo do desafio, ou falta de inspiração... ainda não sei ao certo. Mas posso dizer que ao começar este livro, fui tomada por sentimentos completamente novos. Alguns momentos foram de medos e incertezas, mas isso em momento algum tirou a beleza de cada página escrita, e não tornou esse processo menos apaixonante.

Este é mais um pedacinho de mim que vai para o mundo, para fazer rir, chorar e encantar aqueles que chegaram até aqui. Meu intuito sempre é causar emoções e espero que este livro alcance esse objetivo. Afinal, cada livro nos leva a uma nova estrada. Um caminho com ensinamentos e experiências diferentes, caminhos tão necessários que após começar a andar, você não pode e não quer mais voltar. Com *Um Casamento por Conveniência* não foi diferente.

Quero ressaltar que usei de licença poética em alguns momentos para embasar detalhes descritos no livro, como nomes e lugares, por exemplo, moldadas para a necessidade do nosso enredo e criatividade.

Este é meu primeiro romance de época e espero que esta história e personagens entrem em vossos corações e façam uma bela morada, assim como fazem no meu.

Que Hunter e Anne os façam sonhar em meio a terras distantes.

Desejo-lhes uma boa leitura...

INTRODUÇÃO



Seja gentil e tenha coragem...

Oh, acho que isso se refere a outra história, não é? Aquela, que a jovem donzela perde seu sapatinho e bam... encontra o amor da sua vida. Ah, dá até vontade de suspirar, não é?

Bem, nesta aqui nenhuma dama perde o sapatinho; e o príncipe... o mocinho não é nada gentil, tampouco corajoso ou encantador, e vem trajado de duque, apesar de muitos acreditarem que embaixo de todo aquelas vestes bem-adornadas haver apenas uma alma má e reclusa.

Essa reles narradora sabe exatamente o que vos aguarda, porém, contarei capítulo após capítulo, mas adianto, toda e qualquer alma perdida pode ser encontrada e amada, só precisa do estímulo certo ou de uma donzela gentil e um tanto sem modos.

“Dedico este livro à Jane Austen, minha escritora favorita em meio ao mundo dos romances de época. Foi ao mergulhar em Orgulho e Preconceito que pude ter a primeira experiência em conhecer o mundo mágico que envolve os mais belos romances de época.

Mr. Darcy e Elizabeth Bennet foram e sempre serão uma inspiração para minha vida!”



PRÓLOGO

15 de janeiro de 1817 – Inglaterra

Por um breve momento, naquela tarde de inverno, o sol saía brevemente e a garoa que antes caía, tivera passado. Ainda que já estivesse tarde, Anne achou que aquela seria a oportunidade perfeita para um passeio a cavalo, já que nos dias anteriores foram de fortes chuvas. Regozijou-se então do vento frio que banhava a sua face, conforme ouvia os galopes do seu cavalo, mais e mais veloz, dando-lhe a deliciosa sensação de liberdade.

E, por breves instantes, Anne se perguntou o que sua tia diria se a visse naquele momento, montada em uma besta negra e mal domada, agindo como se fosse um homem e mais, de calças embaixo do vestido cinza. Os cabelos já soltos e bagunçados àquela altura. Provavelmente Elisa, a tia que se esforçara para transformá-la em uma dama, teria um colapso e com certeza negaria o parentesco entre ambas.

A jovem sorriu com o pensamento, abrindo os olhos ao perceber que o cavalo perdera velocidade e que agora estava a galopar pelo prado próximo à casa principal. De onde estava, conseguia ver uma charrete parada em frente aos seus portões de entrada, uma condução que ela nunca tinha visto pelas redondezas. Mas quem poderia ser àquela hora?

Seu sangue começou a esfriar quando, no mesmo momento, avistou Mary. Sua governanta saía pela porta da frente, como se a procurasse, segurando a barra do avental nas mãos, amarrotando o surrado pedaço de pano. Naquele instante, Anne teve certeza, algo estava errado a ponto de deixar Mary nervosa.

Guiou o cavalo a parar perto da cerca e amaldiçoou baixinho ao desmontar, repugnando sua escolha ao não optar por uma cela lateral e, pior, de estar com calças embaixo do vestido, as velhas

calças do seu falecido pai. O que, quem quer que fosse, pensaria dela?

Já não bastava os cabelos cor de fogo e suas sardas para chamar atenção, tinha que mostrar também maus modos..., mas como imaginaria que alguém chegaria àquela hora? Tudo bem que odiava os bons costumes, mas de uma coisa sabia, era quase indecoroso uma visita naquele horário sem aviso algum, a menos que fosse o clérigo e sua esposa ou... que não fosse uma visita de cortesia.

A jovem entregou as rédeas do cavalo para Charles, o garoto de quinze anos, filho de um dos seus trabalhadores, que cuidava dos estábulos.

— Obrigada, Charles. Sabe quem veio nos visitar? — perguntou o menino, mas o garoto negou, de cabeça baixa.

Antes que Anne começasse a andar, Mary a alcançou, esbaforida. Sua idade já não lhe permitia sequer uma leve corrida.

A governanta de aparência cansada e cabelos brancos, bem presos em um coque na nuca, segurou as mãos de sua senhora.

— Minha querida, Anne. Temo por ti, minha menina.

— Mas o quê... — Anne perdeu a fala ao ver um homem de estatura média, silhueta esguia e cabelos loiros logo atrás da governanta, a uma boa distância, parado na soleira da porta, a olhá-las.

— Quem é aquele senhor? — perguntou ela, não que esperasse resposta, ao deixar Mary para trás e ir em direção ao estranho que parecia à vontade demais em sua casa.

— Ora, perdoe-me, prima adorável, por chegar assim. — Ele dissera *prima*? Ora essa, Anne nunca sequer conhecera qualquer parente seu, a não ser sua tia Elisa, que se casou há alguns anos e foi embora para nunca mais voltar. — Deveria ter escrito antes, mas

assim que soube que meu tio faleceu, deixando para mim esta bela propriedade, estive aflito e ansioso por conhecer tudo. Espero que não se incomode com isso. — O homem despejou aquelas palavras de uma só vez, enquanto a passos leves e arteiros, se aproximava de Anne, que agora estava estática a meia distância dele.

A jovem sentiu seu rosto arder de vergonha ao fitá-lo, percebendo a forma como ele a olhava da cabeça aos pés, não disfarçando a decepção nem o desconforto em ver sua figura tão bagunçada. Enquanto isso, ela não conseguiu sequer uma ação, pois o chão havia sumido debaixo de seus pés após aquelas palavras.

— Co... como disse? — perguntou ela, esquecendo até mesmo de fazer uma mesura para o desconhecido, afinal, era um cavalheiro, então...

— Sou David Butter, seu primo e agora, seu criado — disse, a cumprimentando de forma galante.

Anne engoliu em seco. Como assim, herdeiro? Aquelas terras eram suas, fora de seu pai e agora deveriam ser suas, ao menos, foi o que o pai disse que faria para garantir que após sua morte, ela não estivesse desamparada, caso não tivesse casado até lá e agora ali estava um estranho, dando-lhe as boas novas que deixaram seu estômago gelado.

— Acho que pode haver um engano, senhor Butter, meu pai... o senhor Craw, tratou de me deixar as terras. Sei que algo assim é difícil, mas segundo ele, tinha um modo e o faria.

— Oh, minha querida prima — ao dizer isso, Butter levou a mão ao peito, sobre o coração, fazendo uma carícia teatral —, sinto lhe dizer, pelo que soube, meu querido tio até tentou, contudo não houve tempo para que conseguisse tal feito e, como sabe, mulheres não herdam propriedades e como seu pai só tivera a senhorita como filha... compreende o que quero dizer, não?

Sua voz era macia e a forma de falar era sedutora e educada, enquanto oferecia o braço para que Anne aceitasse e entrasse na casa em sua companhia. Seu jovem coração batia acelerado, a boca estava seca e a mente dava voltas em torno daquelas palavras.

— Mas, senhor, para onde espera que eu vá? — Olhou-o com as sobrancelhas juntas, o que lhe causava marcas de expressão na testa, acentuando duas sardas.

— Ah, não se preocupe — disse Butter, dando batidinhas em sua mão, que repousava sobre a manga do paletó preto, Mary vinha logo atrás deles, ansiosa, afinal, a pobre governanta também não tinha para onde ir. — Vejo que fez um ótimo trabalho aqui, prima, e como o bom homem que sou, não desonraria a memória de meu tio a deixando jogada em qualquer viela. Permitirei que more aqui comigo.

Ambos tinham acabado de atravessar a soleira da porta e Anne viu-se afastando do homem que cheirava a tabaco e suor, olhando-o com certo horror. Ele falava em casar-se?

— O que disse? — Sua voz era baixa e quase falhava.

— Não, não, não me entenda mal. — Ele interpretou a expressão horrorizada da moça e logo esclareceu: — Veja, tive sorte e encontrei uma bela jovem para me casar, uma dama em nascimento e com um dote excepcional. — *Pobre dama*, imaginou Anne. — E com isso, claro que não estou lhe propondo casamento, afinal, caso-me dentro de dois ou três meses. O que digo é que minha jovem esposa precisará, obviamente, de uma dama de companhia, o que me diz? Pode continuar com seu quarto... nesta casa, por caridade, assim como todos que hoje trabalham e moram na propriedade, mas claro, agora o farão para mim.

As pernas de Anne lhe falhavam e ela procurou a primeira cadeira disponível na pequena sala de entrada, buscando acalmar-

se. Aquilo só podia ser um sonho, não, um pesadelo dos mais indignos.

Que destino cruel a aguardava?

Anne sentiu lágrimas arderem seus olhos, enquanto o homem à sua frente esperava, de forma nitidamente ansiosa, uma resposta. Desde que a tia partiu, ela era a senhora da casa, quem ajudava seu pai com tudo, tinha autonomia e liberdade e agora... estava a depender da caridade de um primo que sequer conhecia. Ela o olhou, travando a mandíbula, lutando contra a vontade de chorar, não só pelo que estava acontecendo naquele momento, mas também pela saudade insana do pai.

— Espere, de quem o senhor é filho?

— Ah, me desculpe, os documentos. — O cavalheiro se adiantou, levantando-se, tirando um envelope amassado do bolso e entregando a ela.

Não era muito, mas era o suficiente para provar que Anne sequer tinha direito a um grão de terra daquele lugar e que o homem à sua frente, nada mais era que um sobrinho de segundo grau de seu pai.

— Sugiro, prima — falou ele, olhando o relógio de bolso —, que esteja na hora de limpar-se e trocar-se para a refeição, estou certo? — Ele já falava como o senhor da casa.

Anne olhou para si mesma e sentiu as mãos de Mary em seu ombro, como se precisasse ampará-la.

— Claro, me desculpe pelos meus modos. Não imaginava ter visitas e... logo descerei para o jantar.

— Isso mesmo, isso mesmo. Estarei à sua espera, por acaso teria um licor, senhora Hamellet?

Anne engoliu em seco, procurando forças para conseguir andar, sequer ouviu a resposta de Mary. Elas tinham licor? Isso tampouco importava, pensou, ao ir para seu próprio quarto, ou melhor, o quarto que agora era seu de favor.

Era esse o destino que lhe restava?



Era desolador, mas ela não tinha saída. Após o jantar, em que mal trocara duas palavras com o estranho em sua casa, Anne voltou para o quarto, mas não conseguira dormir. O homem era mesmo um parente distante, filho de um sobrinho de seu pai, o quarto filho de um cavalheiro. Com certeza, a herança veio em um momento oportuno para ele. Anne chegou a pensar que o homem lhe foi gentil, permitindo que ela continuasse ali, muitas mulheres não tinham essa opção.

Sua cabeça naquele instante chegava a doer e seu coração parecia despedaçado, estava perdendo tudo o que tinha para um homem que nunca ao menos vira seu pai. Um clérigo que nem ao menos tinha uma paróquia. Talvez, pensou ela, com as terras recém-herdadas, sequer precisaria de uma.

A casa era modesta, mas tinha bom tamanho, o suficiente para todos e mais filhos, caso o primo viesse a tê-los, ainda assim, por mais que tentasse pensar que o homem fora bondoso consigo, sentia-se humilhada. Naquela madrugada, estava andando de um lado para o outro, quase a furar o assoalho, vestida em sua camisola de algodão. A vela acesa fazia a sombra tremular nas cortinas do quarto e já estava quase acabando, logo teria que usar outra, já que não conseguia dormir.

Chegou a suspirar. Apesar da fala bondosa e de gestos corteses, Anne sentia-se completamente desconfortável, talvez um

pouco aflita, pois o sr. Butter, decidira pernoitar ali mesmo, em sua casa.

Ainda que ele fosse o novo dono da propriedade, deveria se dar conta de que era falta de decoro passar a noite em uma casa junto a uma dama solteira, já que não havia mais ninguém como parente e acabaram de conhecer um ao outro. Chegou a se preocupar com o fato e externou sua preocupação para ele, dizendo, inclusive, que a poucos quilômetros dali, encontraria uma estalagem que poderia o abrigar com conforto.

Mas Butter negou, tentando acalmá-la ao dizer-lhe que no dia seguinte iria embora muito cedo, mal dormiria ali quatro horas de sono e, além do mais, eles não estavam sozinhos, tinha a governanta a dormir no andar de baixo. Não haveria problema, tampouco falatório, logo estaria novamente em viagem para casar-se e voltaria com a tal jovem para ocupar, definitivamente, sua nova propriedade dali a um mês.

— Será apenas uma noite, Anne — sussurrou para si mesma, mas ainda que tentasse, seu estômago estava revirando-se em seu interior por imaginar alguém ocupando o quarto de seu pai.

Sim, ele exigira ocupar seu quarto de direito. *Homem abusado.*

Apenas uma noite, segundo ele, nem seria a noite inteira, e ela teria até o casamento, no máximo, até que ele retornasse. Enquanto isso, deveria decidir o que fazer ou, apenas, acostumar-se com a ideia de que perdera sua casa, seu lar.

Ninguém ali tinha para onde ir, incluindo Mary, mas ele dissera que todos poderiam continuar, o que deixava seu coração mais calmo com relação a outros que dependiam dela.

Anne olhou para a cama, o dossel intocado do jeito que Mary deixara ao sair mais cedo de seu quarto. Pensou em dormir, de nada adiantaria andar de um lado para o outro, sim, tentaria dormir.

Foi quando bateram em sua porta, assustando-a e mais que depressa ela foi em sua direção, Anne achou que poderia ser Mary, talvez a governanta também não conseguira dormir.

Mas não era Mary, e Anne sentiu um calafrio subir por sua coluna ao abrir a porta e dar de cara com o sr. Butter. Em um primeiro momento, ela ficou assustada, confusa, sem saber se fechava a porta de imediato, ou se tentava esconder seus trajes.

— O que faz aqui? — perguntou ela, tentando lembrar onde deixara seu robe. — Com licença, senhor. — Tentou, após não obter uma resposta, empurrar a porta, mas foi impedida.

Butter espalmou a mão na madeira maciça, fazendo com que Anne o encarasse, estarrecida, olhos azuis arregalados em um rosto branco, quase fantasmagórico naquele momento.

— Para que tanto decoro, querida prima? Notei como me olhou no jantar, como se comportou, entendi seu convite, espero que tenha entendido o meu...

— O senhor só pode estar louco, o que quer dizer com isso?

— Ora, não imaginou que serviria apenas como dama de companhia de minha futura esposa, não é? Servirá a mim também.

Anne sentiu como se uma pedra caísse em seu estômago, querendo fazê-la afundar piso abaixo. A jovem usou toda a força que podia, mas não era páreo para um homem como Butter.

— Saia daqui, agora mesmo!

— Seja gentil, prima, nunca provei alguém como você. Dizem que ciganas têm o sangue quente como o inferno.

Pobre jovem, ingênua e bondosa, sequer teve uma reação coerente com aquela fala, pois não esperava que o homem tivesse a rapidez de um gato. Ele entrou em seu quarto de forma brusca,

fazendo com que seu corpo fosse lançado para trás. Para, em seguida, prendê-la com o seu contra a parede ao tentar beijá-la.

Um calafrio fino como uma agulha perpassou sua espinha no mesmo instante, causando-lhe um pequeno tremor, suas mãos bateram contra o peito forte do homem, que se forçava sobre ela, enquanto ria de sua tentativa tola de negar-se a ele. Anne percebeu então que para ele era como um jogo de gato e rato.

— Solte-me... solte-me... socor... — A palavra morreu em sua boca quando ele a tapou com a mão grande e áspera, fazendo os olhos de Anne arregalar-se como pratos e lágrimas de desespero escorrer por seu rosto.

Foi quando sentiu sua outra mão passear por seu corpo, tocando em partes que apenas ela tocou em toda sua vida. O cheiro de cigarro, suor e bebida chegou a deixá-la tonta.

Sua garganta ardia por tentar desesperadamente gritar por socorro e seu corpo doía pelo esforço em livrar-se de seu agressor. Os ouvidos entupiram com a força impelida contra sua mandíbula. Anne fechou os olhos, debatendo-se contra ele, tentando escapar de tamanho impropério e o medo a tomou quando se deu conta do que ele faria, do que era iminente e ninguém poderia salvá-la.

Tentou soltar um grito por ajuda, mas era impossível com a mão grande a tapar sua boca. Suas súplicas foram ignoradas, enojada ao notar que o infeliz se divertia com seu desespero, fechou os olhos.

Restou apenas rezar, pedir livramento e...

Um barulho seco explodiu no quarto, fazendo-a abrir os olhos depressa e dar de cara com Mary, a observando com pena, segurando uma enorme frigideira de barro nas mãos, enquanto o primo indesejado estava caído no chão, gemendo e contorcendo-se.

— Sua puta, você me acertou... — Ainda pôde ouvi-lo, vendo Mary ir até ele e, mais uma vez, acertá-lo na cabeça, deixando-o

desacordado e inerte de vez. Anne estava paralisada.

O que fizeram? Mataram-no?

Ainda que pensasse nisso, ela só conseguiu sentir alívio. Então chorou livremente, chorou alto e com desespero, permitindo entregar-se à impotência enquanto tentava juntar as partes rasgadas de sua camisola frente ao corpo.

A jovem chorava, desconsolada, quando sentiu um grosso tecido ser colocado em seus ombros e as mãos da governanta tocar seu rosto de ambos os lados, chamando sua atenção.

— Não é hora para isso, menina. Chore depois em meu ombro, mas agora, pegue o que puder, suas economias e vamos. Precisamos sair antes que esse monstro acorde.

Anne assentiu, um tanto tonta, correndo pelo quarto apressadamente, ainda estava horrorizada. Em menos de dois anos, perdera seu pai, sua casa e suas expectativas.

Aflita, com pressa e em lágrimas, jogou poucos pertences em uma bolsa de couro velho, em seguida correram para o quarto de Mary para que ela fizesse o mesmo, afinal, a pobre governanta não poderia ficar mais ali, nenhuma das duas poderia sequer ter o luxo de levar tudo o que possuíam, pois, caso o infeliz voltasse a si, após desmaiar, elas estariam sem saída. O novo senhor da propriedade poderia até mesmo mandar que prendessem as duas e o que seria delas?

No fim, tudo acontecera por um único motivo: pela infelicidade de ter nascido uma mulher.



CAPÍTULO 01

02 de março de 1817 – Hampshire

Inglaterra

De olhos fechados, Anne imaginava a beleza do campo, jacintos, para ser mais precisa, jacintos roxos em um campo verde, pássaros cantando à frente, subindo e descendo, brincando em um arco de perfeita sintonia, em que o canto aquece a alma e o coração.

Mas, ao abrir os olhos, o cenário à sua frente era bem diferente do que vinha montando só para si. Não havia campo, apenas uma rua enlameada, marcada por rastros de cavalos, diligências e, vez ou outra, uma carruagem a estar de passagem pelo pequeno vilarejo de Countyham.

Anne soltou o ar preso em seus pulmões, cumprimentando uma senhora que passava apressada por ela, a ignorando completamente. Sorriu consigo mesmo, algumas pessoas não nasceram para a boa e velha cortesia. Continuou a passos largos em direção à casa da senhora Muller, um ritmo pouco delicado para uma dama.

Virou o nariz para o lado ao sentir o cheiro forte de urina, notando que provavelmente o odor estivera vindo da latrina, ao lado de uma taverna localizada do lado direito da rua. E, santo Deus, como o vento estava gelado para o final daquele inverno. A brisa soprava forte naquela manhã e ainda que estivesse bem coberta, podia sentir os pelinhos de seu corpo arrepiarem, deixando suas bochechas vermelhas enquanto dobrava a viela da quinta rua, trazendo consigo o galão de leite de burra que a senhora Muller necessitava tomar todas as manhãs. Segundo ela, o leite era mais forte e trazia mais viço para a sua pele. Mas Anne não estava muito convencida disso.

Buscando aquecer-se, puxou mais o xale em frente ao corpo, segurando-o com certa força, deixando os nós dos dedos brancos.

“Por que diabos o leiteiro tinha que ter encalhado a carroça?”, pensou ao chutar uma pedra.

Porém ela não poderia reclamar, afinal, estava agregada na casa da senhora Muller. Ao fugirem do Vale Verde, Anne não tinha ninguém a quem recorrer, a não ser aquela senhora que fora uma amiga muito querida de sua mãe, e encarecidamente lhe deu abrigo após saber que estava órfã e desamparada. Para sua sorte, a senhora Muller não lhe negou ajuda, recebendo não somente a ela como a Mary também.

Contudo, Anne não contara os por menores que envolveu sua fuga no meio daquela madrugada, meses antes, e o mínimo que poderia fazer, após a cozinheira da casa Muller adoecer, era buscar seu leite ela mesma naquela manhã.

Ao pensar nisso, Anne não pôde afastar as lembranças sobre sua casa, seu odioso primo e em seu pai. Em especial, o último, o homem de feições gentis, um rosto calmo e de fala amável. Essas três palavras descreviam bem o cavalheiro que a educara.

O senhor Craw fora um homem bom, um cavalheiro em nome e se esforçou para ajudá-la bem, de um jeito pouco indicado para uma dama, porém, de forma extremamente adorável. E lá estava ela, educada, ou quase, uma dama, ou quase, uma bela mulher... isso ela realmente era. O pai se esforçou muito após a morte de sua mãe, isso ele fizera ao tentar, inclusive, ajudá-la para uma temporada em Londres quando completou a idade apropriada para tal.

Tentou, Anne não sabia bem o motivo, contudo acabara por não ir. Gostava de pensar que o pai tinha acatado ao seu pedido de não a mandar para Londres, pois tudo o que ela não queria era ser julgada por aristocratas de narizes empinados, com desejos e vidas fúteis demais para deixar o egoísmo de lado e se mostrar

verdadeiramente a alguém, menos ainda encontrar um marido dentre eles. Como poderia amar alguém assim?

Tinha um retrato pronto do que deveria ser a alta sociedade londrina, o moldou pelas palavras da mãe, o preconceito ao qual passou, relatos do pai e o comportamento de sua tia, não queria aproximar-se de nenhum deles.

No fim, não sabia se o pai não a tivera mandado por pena de sua súplica, mas fato era que ele não mais insistiu após receber uma carta de sua tia, ela tampouco quis saber o motivo ou o que havia na carta. A verdade por trás da rejeição à alta sociedade era também o fato de que a jovem morria de medo dos bailes da capital, sabia que o pai não lhe ensinara tudo que uma jovem dama deveria saber, assim como sua tia também não. Como poderiam, se ela dificultava tal tarefa? Além do mais, o que faria se um cavalheiro se interessasse por ela e Anne não o quisesse?

Ela teria que se casar, mesmo assim?

Isso era terrível. Terrível. Só se casaria por amor.

Uma ideia tola de amor, pois, ainda que terrível, caso tivesse se casado no tempo certo, não estaria passando maus bocados agora, ao morar de favor com outros, sem um tostão nos bolsos, dependendo da bondade da senhora Muller. Se tivesse se casado, ao menos teria sua própria casa, porém, com uma casa viria também um marido, certo? Ela negou o pensamento.

Anne era, de fato, considerada diferente pela maioria, pois não sonhava com o casamento. Era uma sonhadora, sem dúvidas, sonhava com tudo, até mesmo acordada, porém, apenas amor fazia parte dos seus planos. Primeiro ela queria experimentar amar alguém, escolher um cavalheiro pelo sentimento e então casar-se e ter uma vida feliz. Do contrário, a ideia de casamento arrepiava seus cabelos.

Mas não era mais tempo para sonhos, pois acontecera o pior, o sr. Craw morreu, deixando Anne sozinha no mundo, com uma pequena propriedade no meio do nada, que lhe rendia poucas libras por mês.

Correção: uma propriedade que, por fim, sequer era sua. Pobre menina.

Treze anos após perder a mãe, Anne viu seu pai ir embora, e o que tinha de concreto em sua vida foi enterrado junto com ele.

Após isso, mal se passou um ano para o infeliz do primo ir cobrar seu direito de herança, sendo ele o senhor da pequena propriedade dali em diante. O mundo para Anne, que já não era doce, acabou naquela madrugada, e um buraco de inseguranças e medos se abriu diante de si, desde então.

E assim Anne e Mary saíram pelo mundo.

Ao menos, abrigo elas encontraram, mas a verdade por trás dos fatos era melhor ocultar, poucas pessoas ou ninguém acreditaria nela quando sua palavra fosse posta à prova contra a do senhor Butter. Rezava apenas que tudo que acontecera entre ela e o primo, ficasse entre as paredes daquele pequeno quarto. Ele teria sobrevivido?

Não importava, não deveria importar após o que ele fizera, e quanto mais dias se passavam mais Anne temia o futuro. Afinal, a estadia na casa da senhora Muller era para ser algo passageiro, mas com o passar dos dias Anne percebeu que não tinha muitas saídas, além de permanecer na casa da viúva, pois não encontrara uma solução possível para si e Mary.

Naqueles dias, tentou encontrar uma saída, enquanto esperou que viessem ajudá-la pela morte do primo, mas ninguém apareceu, o que a levou a acreditar que o infeliz estava vivo e gozando de boa saúde, morando em sua casa. Ou a procurando em busca de justiça por algo que mereceu. *Que ele fosse ao inferno.*

Por fim, ao chutar uma pedrinha e outra pelo caminho, Anne gostava de acreditar que apesar de tudo, dera sorte, se é que podia chamar assim, a senhora Muller estava sem acompanhante quando ela bateu à sua porta, deixando Anne nesta função. Certo que ela não precisava de uma governanta, mas Mary salvou a vida e a integridade de Anne e, sendo assim, Anne pediu que a caridade da senhora Muller se estendesse à Mary, que daria sua mão de obra em troca de sua boa vontade.

Ao menos, por ora, tinha abrigo, uma casa e chá quente para tomar. Mas ainda assim, aquela noite, aquelas mãos e toda a humilhação... Anne nunca esqueceria o terror pelo qual passou e o terror que vivia dia após dia, com medo de ser encontrada por ele.

— Trouxe o leite, Mary — disse Anne ao entrar pelas portas dos fundos, tirando o xale dos ombros e em seguida a touca, deixando as grandes tranças no cabelo vermelho, feito dois coques um em cada lado acima da orelha, como duas bolas de fogo, à mostra.

— Agradeço, menina. Mas não precisava, eu mesma poderia muito bem ter ido ajudá-lo, sem a necessidade de que saísse de casa com toda essa lama, olhe a barra do seu vestido? — E lá estava a boa e velha Mary, a cuidar dela como sempre fizera.

Anne olhou para a barra do vestido verde-musgo e, de fato, tanto ela como suas sapatilhas estavam cobertas de lama.

— Não posso dizer que me arrependo, não iria fazer bem a ti, sair assim, Mary, está frio e seus velhos ossinhos congelariam lá fora. O clima está muito gelado, acredite.

A velha senhora de expressão gentil e cabelos grisalhos, presos em um coque, como geralmente os mantinha, estalou a língua, fazendo sinal de desdém com a mão. Uma estupidez o que ouvia, isso sim.

— Ande, tire esse casaco, está molhado e tome uma xícara quente de chá para lhe aquecer.

Anne fez o que a governanta lhe pediu, as maçãs do rosto avermelhadas e suas mãos agradeceram ao tocar a xícara quente.

— Obrigada, Mary.

A senhora logo voltou para o fogão, atizou o fogo e colocou a chaleira de leite para ferver.

— A senhora Muller logo irá acordar, vai querer os biscoitos agora?

— Ah sim, com certeza — Anne respondeu, ela estava faminta, talvez a caminhada logo cedo em temperatura tão fria consumisse mais energia. — Sabe, Mary, estive pensando...

A velha senhora parou o que estava fazendo e se voltou para Anne. Mary chegou a arregalar os olhos em apreensão, ela sabia que quando Anne falava essa frase, nada de bom vinha dela. O que lhe dava até mesmo arrepios, pois a frase sempre vinha acompanhada de um suspiro e de algum pensamento impróprio, como quando a jovem pensara em ir para Londres, dias antes, à procura de um emprego no teatro. De onde ela tirou tal ideia, a governanta não sabia.

Nessa ocasião, Mary teve que explicar a ela o que deveria fazer, caso atuasse em um teatro. Ao menos contou, com bochechas vermelhas, o que sabia que moças, nessa profissão, deveriam fazer. Mary, em sua muita vivência, sabia que uma jovem como Anne, bela como era, apesar de não ser mais tão jovem, não estaria livre dos perigos e assédios que tal profissão importaria. Arrumariam uma forma de se aproveitar dela, assim como o primo tentou fazer. Anne era inocente demais para se sair bem em algo do tipo.

— Tenho tia Eliza, e se enviarmos a ela uma carta? Poderíamos pedir para passar uma temporada em sua companhia,

talvez, até mesmo ajudá-la com as crianças. Ou talvez para o meu tio, o barão — disse e não teve coragem de encarar a governanta. Anne sabia que o barão, seu tio, guardava mágoas de seu pai por casar-se com sua mãe. — Ou melhor, o barão não, não é? Ele não me aceitaria, mas tia Eliza pode ajudar, talvez... poderia levar-me a um baile, apresentar-me à sociedade, o que acha?

Como era de costume, isso fez as tripas de Mary dar um nó no estômago, ela temia que essa pergunta chegasse. A governanta jamais gostara de Eliza Craw, a típica jovem aristocrata. Era filha de um barão e apenas isso, porém, aparentemente acreditava ser filha de um duque, tamanha sua empáfia e antipatia.

— Lá vem mais uma de suas ideias, Anne — disse-lhe apenas, voltando-se para sua tarefa.

— Pense bem, pode ser a nossa salvação. Sei que titia não gosta muito de mim, chega a ser ressentida até, mas não temos muita escolha, temos?

Mary retardou até aquele momento as investidas de Anne em ir atrás da tia em Londres ou em sua casa no campo, não queria dar a ela a carta que guardava a pedido de seu pai, em seu leito de morte, seria doloroso. Mas, caso insistisse nesta ideia, não poderia mais escondê-la.

— Menina — a governanta voltou a falar após um tempo, engolindo em seco —, por que deseja ir a uma temporada? Pensa em arrumar marido, por um acaso? — Foi direta, sabia que esse era o ponto fraco de Anne e que ela daria para trás no mesmo instante. A jovem corria desse assunto, de um homem com interesse nela, como o diabo corre da cruz.

Anne abaixou os olhos, terrivelmente azuis, e suspirou. Não, ela não queria, mas isso já não importava, não mais. Antes, chegou a achar que era uma jovem de sorte, a única moça do condado a não ser obrigada pelo pai a frequentar festas, recitais para, enfim, arrumar um marido.

Mary tinha razão, Anne sabia, mas agora, ela não possuía uma casa nem família, nem mesmo seu cavalo. Com isso, o que ela realmente queria poderia não mais importar, pois apesar de se preocupar consigo, Anne também estava muito preocupada com Mary, tinha medo de que a sra. Muller achasse que a velha senhora não desse mais conta de ajudar com a casa e quisesse colocá-la para fora.

Anne não iria permitir e acabariam as duas na rua. Sendo assim, o casamento passou a permear seus pensamentos, ainda que sentisse o sangue gelar ao pensar sobre o enlace com um desconhecido, sem amor.

— Não pode negar que seria uma solução para nós duas, não é?

Mary então entendeu, mas achava que ninguém, absolutamente ninguém, era digno do coração puro de Anne, nenhum homem poderia entender a pureza e a mente livre daquela moça. E sabia que sua impetuosidade a deixaria em maus lençóis por muitas vezes frente ao futuro marido e sua família. Mary só conhecera o sr. Craw, que fora capaz de lidar com tamanho ímpeto, já que Anne puxou toda a sagacidade da mãe.

Talvez por isso nunca se empenhou em mandar Anne para Londres, o sr. Craw sabia, sua filha não seria bem aceita. Primeiro, pela cor de seus cabelos; segundo, a origem de sua mãe; terceiro, tudo que a jovem sabia do mundo londrino foi ensinado por ele, por Elisa e por Mary, que não sabia muito e, ainda tinha sua personalidade...

A jovem daria o que falar e não seria algo bom, seu patrão sabia, Mary e até mesmo a bruxa da antiga senhorita Craw também sabia.

Mary observava Anne, o olhar tristonho e abatido a emoldurar o rosto de bochechas vermelhas. A cor tinha voltado com força para sua face, talvez por vergonha em falar em voz alta sobre se casar.

— Do que tem medo, menina? — perguntou, franzindo a testa. Rugas tomando conta de sua pele.

Anne abaixou o rosto.

— Tenho medo de que a senhora Muller se canse de nós, Mary. — Além do medo de perder a única pessoa que considerava como família, pois Mary era muito mais do que uma governanta para Anne. — O que faremos se isso acontecer? E se não acontecer, o que será de nós quando ela...

— Não ouse terminar essa frase, minha doce Anne — pediu, agora se aproximando da jovem. — Não se preocupe com isso, não agora, vamos pensar em algo, daremos um jeito. Ou, quem sabe... um belo lorde, de cabelos negros brilhantes e olhos verdes não apareça e se apaixone por você, e você por ele e... bem, o casamento perfeito.

Anne sorriu. Fantasias era belo, mas a realidade era crua e horrenda.

— Um lorde? Se apaixonar por mim? Com esses cabelos e sardas? — disse, revirando os olhos e apontando para a cabeça. — Já tenho quase vinte e cinco, Mary, sou uma solteirona com a honra manchada.

— Besteira, e sua honra não fora manchada, só eu, você e aquele infeliz sabemos o que realmente aconteceu naquela noite e a julgar pelo tempo que não tivemos notícias dele, provavelmente, já se esqueceu do infortúnio. E sempre há esperança, lembre-se, o sr. Craw se apaixonou por sua mãe e ela tinha cabelos assim, como os seus, além de ser filha de uma cigana e ele sim, era, sem dúvidas, um cavalheiro.

— Não há homem no mundo como papai, Mary, e por casar-se com mamãe, olhe para onde o mandaram. — Ao dizer isso, Anne sentiu seu coração pesar, seu estômago esfriar.

Não existia mesmo homem como o sr. Craw, tampouco um amor puro como o de seus pais. Ao menos, nunca presenciou tal coisa.

— Ah, menina. — Mary esticou o braço, a fim de tocá-la, mas não houve tempo para afago, a voz da senhora Muller soou como um trovão, vindo do andar de cima.

— Anne, onde você está?

Anne apenas sorriu, sem derramar nem uma única lágrima que se empossava em seus olhos e deu meia-volta.

O destino lhe fora cruel. Na verdade, o destino era cruel com as mulheres. Objetos, eram vistas apenas como objetos.



CAPÍTULO 02

— *Eu não imaginava que voltaria, menos ainda que sobreviveria. Consegue entender o quanto sofri?*

— *Sofreu? Antes ou depois de aceitar se casar com William?*
— *perguntou, estava ressentindo, machucado por dentro e por fora.*

— *Esperava o que de mim, Hunter?* — *Olhou-o naquele mesmo instante, podendo ver a marca vermelha marcando a bochecha esquerda do homem, que parecia implorar-lhe com o olhar.*

— *Ele era meu irmão, Sarah, ou deveria dizer... Vossa Graça?* — *Hunter observou a duquesa de Austen, ainda vestindo luto, vagar pelo quarto, perdida, como uma fera enjaulada, olhos presos no chão. — Sequer consegue me olhar! — acusou.*

— *Não seja ridículo, Hunter, não há mais tempo para isso, nem para mágoas. Éramos tolos e idiotas, sequer nos amávamos — disse, por fim, deixando a máscara cair, nunca sequer sofrera, não por ele. — Apenas responda-me, vai abdicar o título?*

Hunter sorriu e até mesmo esse gesto lhe doera.

— *Esclareça-me, Vossa Graça, acha-me deveras deformado para tal título, para tomar o lugar de meu irmão, o verdadeiro duque de Austen?*

— *Não, não é isso, mas olhe como está, talvez...*

— *Saia — rugiu, sua voz ecoando por todo o corredor, alcançando os ouvidos de muitos criados e familiares fora daquele quarto. — Ouviu-me, SAIA!*

Hunter, o duque de Austen, acordou em um único arroubo, sentando-se com pressa e confusão. Ou, ao menos, tentando sentar-se, tal ato lhe causou certa dor e ele voltou a cair de costas em sua cama, dando-se conta de que fora uma lembrança em forma

de um sonho o que acabara de acontecer. Hunter levou a mão à testa, notando as gotículas de suor presentes em sua pele e fechou os olhos em alívio. Sim, aquela época fora deixada para trás, ainda que as lembranças fossem presentes.

— Diabos! — deixou escapar, apertando o alto da perna esquerda, ao sentir a fisgada no músculo, advindo uma pequena dormência que seu ato rápido lhe causara.

— Bom dia, milorde. Perfeito que já tenha acordado. Digame, dormiu bem?

O duque abriu seus olhos novamente e buscou o dono da voz rouca que lhe fizera tamanha estupidez de pergunta. E não adiantava o quanto pedisse, ou melhor, ordenasse para que Oswald, seu valete, guardasse seu bom humor matinal, ele sempre fazia questão de brindar-lhe com o seu animado “bom dia, milorde.”

— Pergunto-me sempre por que ainda o suporto, Oswald — disse, sem sombra de humor algum.

Às vezes, achava deveras estranho a ideia de alguém logo ali, olhando-o e esperando-o acordar. O homem era como uma sombra. Hunter passou a mão sobre a face, tentando, com isso, espantar qualquer resquício de sono ou, quem sabe, qualquer lembrança, pois, de novo, ele tinha acordado em desespero, com ela, Sarah, e mais uma vez alguém o tinha visto naquela situação. Não deveria preocupar-se, era verdade, seu valete já o vira em situações piores.

— Acredito, milorde, que o motivo é a difícil tarefa de encontrar alguém para o meu lugar. — Hunter o olhou, as sobrancelhas juntas. Pôde ler nas entrelinhas que o que o valete realmente queria dizer era que ninguém o suportaria a não ser ele.

De fato, era Oswald ao seu lado, o homem que o acompanhou durante anos na guerra, presenciou seus piores

momentos, cuidou de suas feridas, conteve suas crises, quem o suportava.

— Já disse que não precisa esperar-me acordar, que posso chamá-lo quando o fizer.

— É o meu trabalho, milorde. — Hunter negou. Após todo este tempo, para ele era sua pior vergonha que o vissem a continuar sonhando e vivendo no passado. — Espero que esteja disposto a limpar-se ou, quem sabe, barbear-se esta manhã. — A voz do homem soou novamente, ao perceber que o duque não fizera questão de responder-lhe, junto ao barulho de água caindo na bacia.

Seu valete, mais uma vez, estava fingindo que não vira nada ou o ouvira durante o sono. Ele fazia bem esse papel, claro que sim, qualquer pessoa a serviços da família Malford deveria saber se comportar com discrição, aprender a ser invisível, se fosse o caso. Oswald era bom nisso, afinal, não esperava menos que isso, a julgar que era responsável por cuidar das vestes de um duque. Um duque *inutilizado*, isso, segundo o próprio duque de Austen.

— Limpar-me, com certeza; barbear-me, não, como bem sabe. E dormir como todos os dias — respondeu Austen, com seu mau humor usual.

Era conhecido por todos naquela propriedade e redondezas que o duque era uma pobre alma reclusa, isso em seus bons dias, já que os empregados ali costumavam chamá-lo de o próprio demônio em pessoa.

— Refere-se aos pesadelos, milorde?

O duque o encarou, mas Oswald já conhecia aquela expressão, nos últimos cinco anos o duque de Austen tinha dado tantos olhares do tipo em sua direção, que já não fazia tanto efeito sobre ele. Na verdade, sua pungente preocupação era que, mais cedo ou mais tarde, Vossa Graça viesse a perder o próprio juízo,

sucumbindo à dor e desilusões. Por isso, preocupava-se verdadeiramente com o patrão.

— Comece a ficar abusado, Oswald, e serei obrigado a encontrar outro valete. — E lá estava aquele vinco em meio às negras sobrancelhas do lorde coronel Hunter Malford, agora também conhecido como o duque de Austen.

Oswald teve vontade de rir, mas era capaz de o duque jogar um castiçal em sua cabeça, caso fizesse-o.

— Desculpe meus modos, milorde, deixe-me ajudá-lo a levantar-se — pediu, aproximando-se da cama com sua bengala em mãos.

O duque apenas meneou a cabeça, entediado, mal amanhecera e o homem já tinha aquele ar enfadonho em seu rosto.

No início, ao estar aos serviços de Hunter, sequer passara pela sua cabeça que ele se tornaria duque de Austen. Afinal, seu senhor era apenas o segundo na linha de sucessão. Naquela época, o pobre e novato valete ainda sentia suas pernas tremerem com a imponente presença do lorde coronel, mas após anos ao lado de seu senhor na guerra, presenciando desgraças que jamais imaginara ver, os olhares enviesados que recebia do patrão, era o que menos preocupava-o.

— Logo o doutor Armstrong virá vê-lo, milorde.

— Inferno, já tinha me esquecido disso!

— Sei que sim, por isso já estava quase acordando-o eu mesmo.

As infindáveis visitas do doutor Armstrong eram um castigo para o duque. Ele não ligava se andava ou não, o que importava mesmo era que jamais voltaria a ser como antes. Jamais estaria em cima de um cavalo cavalgando com selvageria... ou de uma mulher, e isso o médico não poderia mudar, por mais visitas que fizesse.

O duque negou o pensamento, o celibato estava mesmo deixando-o louco. No fim, morreria de loucura, não de atrofia como todos pensavam. Ao menos, lhe parecia mais digno, afinal, não era o próprio Jorge Terceiro, rei do Reino Unido, que estava afastado de suas funções por inabilidades mentais? — pensou, enquanto deixou seu valete ajudá-lo.

Hunter não carregava apenas cicatrizes no corpo, as mais profundas eram na alma. Arrependimentos, culpa, dor e, principalmente, saudade. Saudade de sua mãe, do seu irmão, que deveria ser o verdadeiro duque de Austen, da guerra, de sentir novamente que era apenas o lorde coronel Hunter Malford, com a única missão de vencer batalhas e guiar bons homens pelos campos de guerra.

Anos atrás, seu legado estava nas forças militares, como um coronel da sétima brigada, que lutou com afincos contra as demandas e loucuras de Napoleão Bonaparte, quando, em vão, Bonaparte tentou infiltrar seus tentáculos esponjosos em Portugal, Espanha e Reino Unido.

Apesar de seu irmão ter lhe comprado um título militar, Hunter realmente se orgulhava de sua trajetória. Ele era imbatível, um homem que não se acovardava, nem se escondia atrás dos seus soldados. Tudo o que havia conquistado lhe fora merecido, pois em seu âmago havia bravura a ponto de chegar à patente de coronel.

Com apenas algumas batalhas, ganhou nome e fama de um homem a ser temido. Por suas costas, chegaram a chamá-lo de *lorde mau*. Hunter, claro, ria de tal apelido, um tanto pejorativo, que inflava seu ego.

No início de tudo, estava feliz, tinha até mesmo um amor esperando seu retorno. Havia se apaixonado pela jovem Sarah, filha de um conde de linhagem impecável. Ela era bela como a lua, chegava a ser estonteante tamanha beleza, tinha sido a joia da

temporada que antecedeu sua ida com as Forças Armadas. A jovem era loira, olhos de um azul vívido, uma beleza incomparável.

Hunter pensara que tivera sorte por tê-la conquistado, chegado primeiro em seu coração, ainda mais se tratando que a dama já havia recebido diversos pedidos de casamento. Bastaram alguns encontros furtivos enquanto ele estava em Londres, uma conversa entre os pais de ambos e ela lhe fora prometida. Ainda que fossem jovens demais, nada o impediria de ficar com ela. Os dois se casariam assim que tirasse sua primeira licença do exército e voltasse para Londres, dois ou três anos depois.

Foram anos de expectativas e ansiedade, que se prolongaram por cinco anos, até sua primeira licença especial, expectativas essas que foram estilhaçadas assim como o seu belo rosto.

— Vossa Graça, posso? — pediu seu valete, trazendo-o de volta ao momento. Inconscientemente, Hunter tinha voltado no tempo, ido para o passado. Mas agora, deparou-se com Oswald ao seu lado, estendendo-lhe a mão.

— Não seja ridículo, já não basta mover minhas pernas para fora da cama, quer me levantar também? — disse-lhe, empurrando a mão do valete, que se afastou.

— Estou tentando ser prestativo, milorde, não quero que pense que sou imprestável e acabe por trocar-me.

— É imprestável e insolente — murmurou ele.

Ao menos, poderia chamar de *amigo*, o homem parado a um braço de distância, após tantos anos e bagagem juntos. Ou melhor, chamá-lo de seu único amigo, já que espantara todos que mostraram interesse em se aproximar após sua volta. Um bando de interesseiros, isso sim.

Inferno de ducado!

Hunter apoiou as mãos no colchão, levantando-se. O valete se adiantou em lhe entregar a bengala azul, com o apoio dourado, revestido de ouro maciço, carregando seu brasão ducal.

Oswald não ousou oferecer ajuda novamente, tinha limites que nem mesmo ele queria ultrapassar, aquele era um deles, era melhor deixar o duque cair após pôr-se de pé do que tentar impedir sua queda.

Hunter apoiou-se à bengala, conseguindo o controle do corpo, ficando totalmente de pé.

Olhando-o de longe, em pé e parado, seu valete podia jurar que o homem era são. Que usava a bengala apenas por vaidade.

Mas ao andar, notava-se que sua perna esquerda era mais fina que a direita e ao despir a roupa de baixo, pode-se ver a cicatriz que o duque carregava consigo, a marca de um rasgo que ia do tornozelo ao quadril, parando abaixo do umbigo. A marca ficara pouco bonita, a infecção e a má cicatrização e o corte irregular, deixou relevo sobre o corte que quase o levara à morte. A pele ao redor, em quase toda a perna em questão, trazia grandes marcas de queimaduras.

— Vai ficar olhando ou trará minhas roupas, Oswald?

— Perdão, milorde.

O duque, o homem que outrora fora belo, agora era apenas uma carcaça surrada. O rosto escondia-se atrás de cabelos pretos, sem brilho ou corte, e de uma barba espessa e grande demais para ser considerada razoável. O nariz, grande e reto, destacava-se naquele rosto áspero e rude. A única coisa agradável que restava a ser vista, eram os olhos e, até mesmo eles, eram ofuscados por uma cicatriz que se estendia pela bochecha até sumir dentre a barba.

Houve um tempo em que aqueles olhos verdes eram capazes de fazer qualquer jovem se jogar nos braços de Hunter. Hoje, não

mais.



— Pelo que vejo, está ótimo. Conseguimos algo realmente difícil, Austen, seus dedos estão com excelente movimento.

O duque bufou, para ele aquilo era uma besteira. Dedos? Que o doutor o poupasse de tal comentário infame. Era ridículo, não importava quão grande avanço faria, jamais seria o mesmo.

— Oswald acertará sua visita, Armstrong, espero o senhor na semana seguinte — disse ele, sem mais delongas, pelo que o duque considerava deveras desagradável tal ato de enrolação.

— Claro, claro, vou também lhe receitar um unguento para as dores e vamos aumentar seus exercícios a partir de agora. Duas vezes na semana em vez de uma.

O duque apenas revirou os olhos, com ar enfadonho. Adiantaria dizer não? Caso o fizesse, teria que aguentar a companhia de sua irmã, a nobre condessa de Henlein, a falar e falar aos seus ouvidos e acompanhar ela mesma, seus exercícios.

— Acho desnecessário, mal o suporto uma vez por semana — disse e sequer olhou para o médico.

— Talvez... — começou Armstrong, tirando os olhos da bolsa sobre a mesinha. — Se fosse um paciente mais obediente, já estaria livre de mim, pois caso fizesse caminhadas e exercícios constantes, já estaria sem dor ou sinais de atrofia. É então, como vê, responsável por minhas visitas.

— Voltarei a andar sem essa bengala, se o fizer? — disse e dessa vez olhou com desdém egoísta para o médico.

— Não, mas...

— Ao inferno, Armstrong, você e seus exercícios.

O duque tinha sorte, o médico em questão não levava a sério suas ofensas.

— O que acha de um xarope também para dormir, doutor Armstrong? — Claro que essa frase não saiu da boca do duque, não, essa frase veio do seu ansioso e preocupado valete, parado ao lado da porta, como uma estátua.

O duque quase gemeu em desgosto, olhando por sobre o ombro para o homem e desta vez, sim, o fez encolher-se em seu lugar.

— Perdão, milorde, pediu para que não lhe deixasse esquecer disso, se lembra? — Tentou Oswald.

— Anda com perda de sono, Austen? — perguntou o médico, bastou uma frase do valete para aguçar sua curiosidade. Mas a pergunta viera tardia, afinal, quando foi que ele teve realmente uma longa e boa noite de sono?

— Apenas em algumas noites, não é nada de mais — mentiu ele, travando o maxilar ao sentar-se em uma cadeira que fora colocada ao seu lado.

— Claro, claro, ainda assim, vou lhe receitar um xarope. E, por hoje, creio que seja isso, tenha um bom dia, Austen!

Hunter dispensou-o com um aceno de mão, sem um segundo olhar, voltando seu rosto para a janela ao lado.

Obviamente que em seguida o médico voltou-se para arrumar suas coisas, acompanhado por um simpático e satisfeito Oswald. Armstrong era um homem ainda jovem, um médico respeitável que herdou a vocação do pai e seu legado. Os cabelos, loiros e lisos, se mantinham em tamanho médio e ele sempre trazia consigo uma expressão profissional e sorriso gentil.

Armstrong tratava-o há algum tempo e o duque não era conhecido por ser educado, por gostar de pessoas ou qualquer coisa parecida e, por isso mesmo, o doutor não esperava nada mais educado vindo dele, após seu bondoso e cuidadoso atendimento. Contando bem a verdade, aquele, foi o único médico que se prestava a vir consultar o duque nos últimos dois anos, pois os outros oito anteriores, foram embora para nunca mais voltar. Só ficara ele, por respeito e estima, estudaram juntos algumas décadas atrás e pouco se importava com o mau humor do cão que o duque carregava consigo. Sem falar que, para ele, o duque também era uma cobaia para seus estudos, afinal, nunca viu alguém com um ferimento como aquele que tivesse sobrevivido.

O duque levantou o rosto de súbito, lembrou-se de algo.

— Armstrong, espere. — Hunter quase precisou gritar para que fosse ouvido, mas teve o efeito esperado, o médico, que tinha acabado de sair, voltou ao quarto. — Diga-me, pode dar uma olhada em Masmorra?

— Como? — perguntou o homem de olhos castanhos e sobancelhas espessas, sem entender o que o duque lhe dizia.

— Meu cachorro, Nelson esteve comigo ontem, disse que o cão não vai bem e acabou por me preocupar.

Ali estava, uma prova de que em algum lugar dentro daquele homem, havia um coração ou, ao menos, algo lhe era precioso no mundo, ainda.

— Entendo, eu não sou médico de cachorro, como sabe, Vossa Graça. — Por instantes, ambos se entreolharam, ele estava mesmo dizendo *não* a um duque? Hunter levantou a mão, em um gesto de desdém, era a deixa para o médico sair, mas ele tornou a falar: — Mas Nelson falou comigo sobre isso, assim que cheguei e, primeiro fui ver o outro cão, antes de ter com você.

Uma ofensa velada, era claro. O outro cão, obviamente... era ele mesmo.

Hunter apertou os olhos em direção ao médico e viu um quase sorriso de satisfação no canto de seus lábios.

— Não é minha especialidade, como bem sabe, mas devo pontuar que o cão não me pareceu realmente doente, me pareceu saudoso, triste, apenas. Creio que o que lhe falta é cuidado, carinho, o animal sente falta de alguém para bajular, brincar, correr. — Ele parou de súbito, vendo o duque abaixar os olhos. — Você pode fazer isso, Austen, pode sair para caminhar, obrigar seus músculos a funcionarem além dessas paredes. Na verdade, venho dizendo-lhe isso há tempos e sendo ignorado por você. Imagine só, ainda conseguir andar é um milagre, deveria se esforçar para conseguir mais. Saia um pouco, claro, desde que alguém o acompanhe. Assim, seu cachorro poderia ter uma boa caminhada e um pouco do seu dono.

— Besteira, isso pouco me importa. O cão deve estar apenas velho demais. Agora vá, Armstrong, ou vou me esquecer que nos conhecemos há duas décadas e mandá-lo realmente ao inferno com suas indicações.

Caminhar, caminhar... seu cão? O cão nem era dele. Já bastara usurpar o ducado do irmão, usurparia também seu cão?

Masmorra... Inferno de nome, inferno de cão, inferno de vida!



CAPÍTULO 03

— Anne, aonde vai? — perguntou a senhora Muller, sentada em sua confortável poltrona próximo à janela.

Anne parou ao pé da escada, queria muito sair às escondidas, aproveitar a brisa leve daquela tarde sem ser vista ou dar explicações. Na verdade, a saudade do que vivera a estava deixando deveras triste, um tanto melancólica naquele dia. Olhou para a viúva que tinha uma visão privilegiada da rua — porque não dizer *de seus vizinhos* — dando-lhe um sorriso.

— Ah, pensei em dar um passeio esta tarde. O sol saiu, creio que o início da primavera já está nos brindando. Acho que uma caminhada me faria bem, se a senhora não precisar de minha companhia.

— Minha querida, creio que está certa, deve aproveitar o pouco de sol que saiu. Eu lhe acompanharia, se meus ossos não estivessem tão doloridos — disse a senhora Muller, esfregando a saia do vestido de cor preta. — Mas ainda que o tempo esteja bom, eu poderia escorregar, não é?

Sim, ela poderia. A senhora Muller já tinha idade avançada, além de uma silhueta larga e pesada, e andava um tanto debilitada ultimamente, usava até mesmo a ajuda de sua velha bengala para conseguir apoiar-se bem e Anne precisava de um par de horas sozinha.

— Eu adoraria sua companhia, Sra. Muller, mas acredito que seja melhor ficar aqui dentro próximo à lareira, em segurança. O fim do inverno às vezes é imprevisível. — Tentou Anne, fazendo com que a senhora de cabelos grisalhos, presos em um penteado no alto da cabeça, buscasse olhar o clima lá fora.

— Sim, melhor esperar de vez esse tempo úmido em demasia passar, você está certa, menina — concordou a viúva,

voltando a olhar para Anne com um sorriso gentil. — Mary irá com você, querida? Uma dama não pode andar sozinha.

E ali estava. Talvez tenha sido essa sensação que fazia Anne se sentir enjaulada, que a lembrava a todo o momento que estava sozinha com Mary no mundo, sem seu pai, sem sua liberdade. Ela abaixou o olhar, prendendo sua atenção na barra rendada do vestido cinza, de babado modesto.

— Ah, temo que não. Adelayde não se recuperou da gripe ainda, Mary ficará em casa, com a senhora... e ela também não pode andar muito. — Seu olhar cruzou com o da sra. Muller, que já não sorria. — Contudo, não se preocupe, pensei em seguir a alameda por trás da casa, assim não corro o risco de ser vista sozinha. Claro, se a senhora não se importar. — A velha senhora fez um gesto de desdém com a mão.

— Claro que não me importo, menina, vá, pode ir. Só tenha cuidado e cubra os cabelos. Sua mãe deu sorte de achar um pretendente, tendo o cabelo de cor tão viva, você aparentemente não teve a mesma sorte ou desenvoltura, Anne, e não podemos deixar que manche sua reputação sendo vista por aí sozinha. Na sua idade, sua mãe já tinha você. Mas vamos mudar isso, tenho esperanças de que ainda arrume um casamento pelo condado.

Anne sentiu o coração parar. Desenvoltura? O que era mesmo isso? Ah, se a senhora Muller soubesse que ela nunca quisera se casar e o pai apenas aceitara seu pedido de não ir para a temporada de Londres... Anne estaria em maus lençóis

De fato, não tivera a mesma sorte que a mãe e acreditava que continuaria assim.

— Sim, senhora. — Anne puxou o xale e enrolou em seu pescoço, pegando a touca verde, a única que trouxera, e escondendo seu cabelo, em grossos cachos embaixo dela.

— E, querida, não vá longe, tampouco entre nas terras do duque de Austen.

Anne anuiu, saindo em seguida.

Não ousaria entrar nas terras de Green Hall, sabia bem da fama do tal duque citado, ele era o assunto favorito de todo o vilarejo, apesar de nunca aparecer em público. Para Anne, ainda que não o conhecesse, sabia que ele era o típico aristocrata do qual o pai dela falava com certo escárnio, daqueles que se julgavam superiores por ser da nobreza. Para o pai, o caráter valia mais do que qualquer título.

Ela acreditava nisso, fora criada pela mãe com esses valores e, por mais que Elisa, sua tia, tentasse mudá-la ao ir morar com seu pai, anos depois da morte da mãe, ela jamais esqueceria as lições de sua mãe. Para Anne, o duque de Austen, que residia ali próximo, era apenas isso, um homem sem escrúpulos, educação ou modéstia que não se misturava com os demais, sequer era visto pelos seus arrendatários, pelo que soubera. Apesar de residir no vilarejo há pouco tempo, ela já tinha ouvido diversas especulações sobre ele.

Que vivia em cima de uma cama. Doente e inválido.

Que enlouqueceu e vivia trancado no castelo.

Que era um lobisomem ou uma fera do tipo...

A última não tinha qualquer fundamento, até mesmo para a mente criativa de Anne, pensou ao tomar a alameda um tanto enlameada. Acreditava que o homem era apenas enfadonho e miserável.

Mas os boatos surgiram quando, estranhamente, alguém invadiu as terras do duque certa vez, sabe-se lá para quê. Acharam o intruso morto, próximo ao riacho da propriedade, diziam que com mordidas no pescoço. Desde então, o boato sobre o duque ser uma fera cresceu. Se era verdade ou não as tais mordidas, Anne nunca saberia.

Fosse o que fosse, uma coisa era certa, Anne odiaria encontrar com o homem. Ela sentiu um tremelique subir por sua espinha ao pensar nisso, enquanto deixava o minúsculo jardim da senhora Muller.

Não deveria gastar seu tempo com tal pensamento. Olhou para os lados e imaginou o quanto o pequeno lugar se tornaria belo, caso houvesse algumas rosas ali plantadas. Talvez, pensou ela, a sra. Muller não se importasse, caso ela quisesse aventurar-se em plantar algumas flores quando o inverno se fosse de vez.

Anne continuou andando rumo ao bosque que sabia ficar ali próximo, quase nos limites das terras do duque de Austen. Ela não poderia entrar ali, mas desde que estivesse nos limiares de CountyHam, ninguém poderia culpá-la.

Continuou sua caminhada e dera mesmo sorte, não encontrara ninguém pelo caminho. Sua companhia foi o canto de uma coruja ao longe e o barulho de seus passos ao pisar na grama molhada.

Sentiu uma brisa tocar seu rosto, o que lhe causou um arrepio gostoso na pele, por conta do frescor bem-vindo. Olhou para os lados, conferindo se não tinha ninguém. Sorriu ao constatar estar realmente sozinha e resolveu tirar o xale. Além disso, puxou a touca e liberou os cabelos dos grampos. Quase conseguiu sentir o peso que ele fez em suas costas, por conta das mechas ruivas que iam até abaixo de sua cintura.

Ah, como era bom sentir-se livre, nem que fosse por poucos minutos. Lembrou-se dos momentos de cavalgadas em Vale Verde e como era bom sentir o vento banhar seu rosto. O pensamento a encorajou e Anne abriu os braços, começando a girar sem sair do lugar, os olhos fechados e a alma coletando leveza.

Deixou, então, a imaginação fluir: poderia até jurar que o sol havia ganhado intensidade. A grama seca e solta, flores a decorar o bosque e o barulho de água corrente no lago. Foi impossível não

imaginar seu antigo lar, com o pai a esperá-la, parado na soleira todo fim de tarde. Pôde até sentir o cheiro de casa, do doce aconchego. Mas com isso também veio a tristeza que a dominou por inteiro, seu mundo imaginário tão alegre desapareceu na dor pungente da saudade.

O grito, que estivera preso em sua garganta durante meses de saudade, finalmente escapou, liberando o profundo desespero da perda. Não apenas de seu pai, mas de tudo aquilo que lhe fora arrancado. Os braços caíram rente ao corpo, lágrimas descendo com a fluidez de uma cachoeira. Tão intensas, que nem percebeu o barulho alto vindo do bosque.

Quando Anne abriu os olhos, era tarde demais, os galopes foram substituídos pelo grito de um homem. Não houve tempo para correr, sequer sair do lugar, e o garanhão preto já estava praticamente em cima dela, relinchando e levantando as duas patas dianteiras de forma selvagem. Paralisada, encarava os olhos negros e aterrorizados do cavalo empinado. Não sabia quem estava mais assustado, ele ou ela, e percebeu que alguém o montava.

A senhorita Craw encolheu-se.

Houve um barulho.

Um gemido.

Um estrondo.

Fora tudo tão rápido, que mal entendeu o que havia, de fato, acontecido. Ao olhar atentamente, percebeu que o barulho havia sido de um homem caindo, assim como o gemido. E o estrondo vinha do impacto das patas do cavalo retornando ao chão, que agora trotava para longe, na direção do vilarejo.

Seu coração não conseguia voltar ao ritmo normal, tão intenso fora o susto. Porém a preocupação com o corpo imóvel à sua frente só fez com que ele batesse ainda mais frenético. Será que estava morto?

Deu um passo adiante, mas antes de dar o segundo, notou que o homem se mexia. Estava de bruços e logo impulsionou seu corpo, virando o tronco para cima. Anne viu pouco dele, mas o suficiente para querer afastar-se. Aquele senhor ao chão era assustador: cabeludo em demasia e com uma barba espessa que a impedia de ver seu rosto.

A imaginação fértil de Anne a fez questionar se ele era um pirata, um ladrão, talvez?

Não esperaria nem pagaria para ver, virou-se sobre os calcanhares e se pôs a correr. Queria sair dali, voltar para a segurança da casa Muller.

“De qual inferno aquele homem havia saído, de onde o animal viera, e para que aquele cabelo todo?”, eram muitas as dúvidas que tinha, algumas insanas.

Porém gemidos de dor a fizeram hesitar. Olhou sobre o ombro e percebeu que o homem continuava no chão. Anne poderia até estar com medo dele, mas uma coisa era certa, não era uma covarde.

Deixar alguém ferido para trás era algo impensável para ela, ainda que fosse uma fera, não lhe negaria socorro. Afinal, a queda fora brusca e ele poderia estar muito ferido.

Puxou o ar com força, criou coragem e marchou de volta em sua direção. Quando parou ao seu lado, ainda de pé, a primeira coisa que fez foi buscar indícios de sangue na camisa branca que ele vestia. Ficou chocada com a falta de decoro do homem; com certeza não era um cavalheiro, pois não usava gravata e vestia apenas um casaco negro sobre a camisa que tinha os primeiros botões abertos, mostrando poucos pelos em seu peito. Os olhos do homem estavam fechados enquanto gemia. Isso fez com que ela inclinasse ligeiramente o corpo para frente, a fim de observar melhor aquele rosto descuidado. Foi então que sentiu uma mão grande

agarrar seu calcanhar, puxando-o com força e a derrubando no chão.

— Ai!

Mal pôde compreender o que havia acontecido. O medo florescendo e espalhando-se por seu corpo como erva daninha. Sentia apenas uma dor aguda. Será que quebrara o traseiro? Poderia alguém quebrar os ossos do traseiro?

— No que diabos estava pensando? O que queria em meio à estrada, gritando como louca? — Se ele não tivesse dito isso aos berros, ela sequer teria prestado atenção, pois a intensa dor da queda a dominava por completo.

Forçou-se a abrir os olhos, porém, apenas um obedeceu ao comando. Na mesma hora, Anne arrependeu-se de ter pensado em ajudá-lo. A arrogância no modo como ele a encarava, fez com que o medo de antes desse lugar à revolta. Além de tê-la assustado, ele a ofendeu chamando-a de louca, e ainda havia tocado seu tornozelo. Um tremendo disparate! Será que não havia percebido que ela era uma dama? Que tal gesto impensado seria capaz de arruinar sua reputação?

Passando por cima de todo este incômodo, ela se esforçou para sentar e o encarou de volta, em afronta. Porém o ar lhe faltou ao ver os mais belos olhos verdes destacando-se na carranca marcada por uma profunda ira. O homem permanecia estancado no lugar, agora com o tronco a meio caminho da grama, enquanto apoiava-se nos antebraços.

— Por mil infernos! Louca, eu? Como se atreve? — devolvendo a ofensa, Anne põe-se de pé, passando por cima da dor, com as mãos na cintura, olhando para baixo em direção a ele. Suas palavras foram suficientes para fazê-lo calar-se. E ela não se deteve: — O senhor é um mal-agradecido. Estava pronta para deixá-lo aqui sozinho, mas voltei ao ouvi-lo gemer como um bebê indefeso. Seu... seu... seu brutamontes.

Apesar de estar deitado, ele era mesmo imponente. Com aqueles olhos bestiais sobre Anne, sentiu-se impedida de aumentar a distância entre os dois. Apenas desceu o olhar pelo corpo musculoso, notando ombros largos e o torso firme que se evidenciava na camisa branca. Havia nele uma selvageria que Anne jamais tinha visto, que transformava sua apreensão em algo que ela não conseguia discernir. Aquele rosto assustador, com a cicatriz que vinha da sobrancelha e descia pela bochecha, perdendo-se entre a barba, fez com que seu coração batesse com ferocidade. Mordeu o lábio inferior, tremendo com um misto de raiva e curiosidade, enquanto ele a analisava de maneira indecifrável.

O silêncio estridente tomou o lugar e o único movimento que se percebia era o subir e descer acelerado do peito de Anne. Sua respiração estava ofegante e ela não saberia dizer se por conta daquela beleza indomável à sua frente ou pelo susto de minutos atrás. Ele nem sequer havia levantado, o que a fez indagar se havia passado dos limites com a ofensa deferida. Contudo, a última coisa que ela esperava aconteceu: ele pôs-se a rir. Riu com gosto, riu de verdade, a ponto de gargalhar. Estaria zombando dela?

Quem era ele, afinal? Anne não conseguia entender a controvérsia que o homem demonstrava. Alisando a saia amassada de seu vestido, decidiu que iria embora imediatamente e deu-lhe as costas.

— Espere, *nobre alma bondosa* — disse com ironia, ainda tentando controlar o riso. — Quem é a senhora?

A bela, porém, nada polida jovem, fitou-o por cima do ombro e notou que o homem a estava apreciando da cabeça aos pés. Haveria algo de errado com ela? Levando a mão à cabeça, ao mesmo tempo que ruborizava com a vergonha de ter-se enfiado naquela situação, deu-se conta de que estava com os cabelos completamente soltos. Concluiu, então, que aquele deveria ser o único motivo para receber seus olhares inquisitivos, a cor do cabelo.

Procurou a touca pela grama, notando que estava jogada junto ao xale. Foi até seus pertences e logo começou a prender as madeixas. O que diria a sra. Muller se a visse agora?

O estranho continuava lá, acompanhando cada passo de Anne, entretanto, não se levantou em momento algum.

— E então, senhora?

— Sou uma senhorita, srta. Craw. Não que seja necessário que saiba.

Anne terminou de arrumar os cabelos e jogou o xale sobre os ombros com o corpo aprumado e pronta para ir embora. Porém, mais uma vez, foi impedida de se afastar.

— Sendo assim, a senhorita tem razão. — A voz grossa e aveludada proibia suas pernas de moverem-se. — De fato, não é mesmo necessário que eu saiba quem és. Agora, trate de me ajudar. Acredito que minha perna esteja machucada.

Anne limitou-se a erguer a sobrancelha diante daquela ordem velada.

— Isso depende... — falou com o sangue fervendo.

O homem a olhou com o cenho franzido, um vinco fundo se formando ali, parecendo indeciso e até mesmo bravo.

— Depende? — perguntou de forma arbitrária.

— Sim, o senhor irá me dizer quem é e pedir-me desculpas. — Cruzou os braços em frente ao corpo, sem medo do desafio.

Santo Deus, a senhora Muller teria um infarto se ouvisse tamanha empáfia.



CAPÍTULO 04

Naqueles últimos anos, Austen tinha permitido muitos sentimentos em seu coração, mas nenhum deles lhe fizera sorrir desde que voltara para Green Hall, como aquela inesperada criatura. Quem era aquela mulher? A julgar por seus modos e suas vestes simples, ela deveria trabalhar na vila, afinal, a forma com que o tratara indicava que passava longe de ser uma dama, apesar de insistir ser uma.

— Então, não sabe quem sou? — Ele a observou.

— Nunca vi tal ser mais descuidado, senhor — disse, ainda com aquele ar superior, desafiador e impetuoso.

A jovem o desafiara e Hunter percebeu que ela não fazia ideia de que bem à sua frente estava o duque de Austen. Como saberia? Estava esfarrapado, sem a bengala com o selo ducal e o cavalo mal tinha uma cela. Onde ele estava com a cabeça para tal teimosia? Sair assim, às escondidas, tudo porque queria provar para si mesmo que ainda era capaz.

Um inferno que era, na primeira distração fora ao chão. Primeira distração não, por conta de uma louca gritando em meio ao bosque. Mulher maluca, ainda assim, ali estava ela, olhando-lhe de nariz em pé, altiva. E daquele ângulo, a dama parecia alta e esguia em demasia, ainda assim, bela.

Quis rir, há quanto tempo alguém não o tratava de igual para igual? Sem pena, medo de um título, sem rodeios. E a sensação o encantou, na mesma medida que o chocou. Estava deveras se sentindo ele mesmo e não por conseguir cavalgar novamente, mas por ter, após anos, alguém à sua frente que não sentia medo dele ou quisesse fazer uma profunda reverência.

E lá estava ela, de braços cruzados, exigindo saber quem Hunter era, que tivesse bons modos para consigo e afirmando ser

uma senhorita. Craw, ela dissera e jamais ouvira esse nome. Decidiu então ceder ao seu pedido.

— Nobre dama, poderia perdoar-me? E agora, também, por gentileza, ajudar-me a sentar? — Ele mudou o tom de voz ou, no mínimo, tentou fingir, dado o tom de ironia com que falava.

Hunter sentia dor e não era pouca, porém, aquele era o menor de seus problemas. Santo Deus, ele rira... na verdade, ele quase gargalhou em frente àquela dama e se perguntava como diabos voltaria para casa.

A senhorita Craw mediu-o e bufou em resposta, soltando o ar pela boca, em total falta de decoro. A jovem não poderia ser mesmo uma dama, definitivamente.

— Farei por educação, mas sei que zombas de mim, senhor. Se fosse um cavalheiro, saberia que não é digno fazer isso.

— Oh, então falo mesmo com uma dama?

— Sim, é claro, senhor *sei lá o quê*. Sou uma dama de nascimento. Meu pai era um cavalheiro.

Era...

A mão pequena e um tanto áspera tocou a sua e Hunter quase se afastou com o frisson que percorreu sua pele. Ainda assim, deixou que ela o ajudasse, constatando uma físgada no quadril ao sentar-se. Ele já estava mais do que acostumado a isso, com a dor, estava sempre na escala de 5 a 6, mas aparentemente não machucara ainda mais sua perna, apenas mexeu demais com o músculo. A dor era sua companheira corriqueira, nada além disso.

— Apenas se sentar — pediu quando a jovem fez menção de ajudar a levantá-lo também. — Deixe-me sentar por alguns segundos, por favor.

Dissera “por favor”?

Sim, ele dissera. Talvez a mulher louca, que afirmava ser uma dama, tenha lhe trazido um toque de bom humor.

— Por quê? Não consegue se levantar e ficar de pé? — perguntou a senhorita Craw, curiosa, com um olhar realmente preocupado presente em seu rosto.

Hunter ficou mudo, olhando o rosto corado da mulher à sua frente. Notou então que ela não deveria ser tão jovem, apesar de magra, seus traços já não eram pubescentes e tinha olhos marcantes, austeros de um tom azul quente que combinava bem com os cabelos. Hunter percebeu que aquela era, de fato, uma criatura bela.

— Quantos anos tem? — questionou em um arroubo, ignorando sua pergunta.

Ela o olhou e fez um biquinho, parecia em dúvida ao passar a mão na touca verde-musgo em sua cabeça, um modelo bem fora de moda, acreditava. Se bem lembrava, sua mãe tinha uma igual.

— Não lhe ensinaram que é falta de educação perguntar a idade de uma jovem?

— Sim, mas como encontrei a jovem a perambular sozinha, e a julgar por sua pele e rosto, a jovem não é mais tão jovem assim.

Naquele momento, ele mesmo parecia ter enterrado seus modos. Talvez os últimos anos presos em casa lhe tenha feito esquecer como devia tratar uma dama.

— O senhor é um bruto — acusou-o.

— E a senhorita sequer parece uma dama.

Ela o olhou, de início, perplexa, mas sorriu, de lado. Hunter não sabia por que suas reações eram tão controversas e a contemplou enquanto ria, embora não parecesse mais tão jovem, era belíssima.

— Tenho quase vinte e cinco anos, senhor... como é mesmo seu nome?

“Ah e era isso, ela estava sorrindo para saber seu nome?”, presumira.

— Alford — optou por mentir, não seria uma mentira tão grande assim, só mudara suas letras, optando por deixar seu título de lado.

— Hum, nunca ouvi falar.

— Então estamos empatados nisso, senhorita Craw, também nunca ouvi falar na senhorita ou em sua família. — Usou de sarcasmo e ela voltou a bufar.

— Tampouco poderia, já que não sou deste condado, senhor.

— Entendo, e por que veio? Para casar-se? Ou viera com seu pai? — Ele estava confuso, não com a moça, mas consigo mesmo. Por que queria saber mais dela?

— Nem um, nem outro — disse ela, olhando para o chão. — Diga-me, o senhor quer ajuda para levantar-se? Machucou, de fato? — Ela parecia decidida a mudar de assunto, enquanto ele estava interessado em saber mais.

Sim, ele precisava de ajuda, precisava de muletas e de sua carruagem, com toda certeza.

— Bom, acho que não dei sorte de sair dessa enrascada na qual me colocou, gozando de perfeita saúde como a senhorita. Vê? Minha perna já estava machucada antes e parece que com a queda, a piorei ainda mais.

Viu a moça franzir o cenho, notando as sardas em seu rosto, assim como as várias pintinhas marrons na parte que o vestido deixava exposto a pele de seu colo.

— Se estava machucado, por que saiu para cavalgar?

— Creio que o dia, que estava muito bonito, me persuadiu a fazer isso, senhorita.

— Homens, quão teimosos podem ser? Deveria estar em casa, pois embora o dia esteja realmente bonito, poderia ter acontecido o pior com o senhor.

— Em parte, a senhorita está certa, devo concordar, porém, gostaria de lembrá-la de quem assustou meu cavalo? — disse Hunter com enfado calculado, levantando a grossa sobrancelha. Talvez esperasse intimidá-la com isso. — Contudo, assumo que em partes, fui descuidado, deixei para trás minha bengala.

— Oh, usa bengala? — perguntou com certo espanto. — Então, deixe-me ver...

A animosidade, tanto em sua expressão quanto em sua voz, tinha passado, ele percebeu, e a senhorita levou a mão ao queixo, olhando ao redor. O que estaria ela procurando?

— Ah, ali está. — Observou, com curiosidade, a mulher dar um pequeno gritinho e um pulinho contente ao olhar o nada. Ele deveria abominar tal gesto, mas achou adorável sua alegria quase infantil.

Quanta falta de tato social, poucas palavras com a dama e estava achando, até mesmo, um grito, adorável. Quão ridículo poderia ser? Se o pai o visse agora, estaria ele se remexendo no caixão, ou até mesmo a duquesa.

Viu a srta. Craw marchar em direção a um pequeno grupo de galhos secos, se abaixar e, com muito esforço, quebrar um deles. Hunter queria dizer que estava preso na ação de suas mãos, porém, observava de forma descarada como a bela silhueta se movia escondida pelo vestido. Ela se virou, abanou a vareta no alto e sorriu para ele, vitoriosa. Ah, ela estava improvisando um apoio, uma bengala, Hunter percebeu.

Parou um instante, entretida no feito recente, limpou-o e foi em sua direção, colocando ao seu alcance o pedaço de madeira.

— Aqui, creio que isto seja suficiente. Além do mais, a vila é perto, eu posso acompanhá-lo. — Ela parou de falar, ficou vermelha em demasia novamente e baixou o olhar. — Perdão, não devo ser vista a sós com o senhor.

Por fim, ali estava, um traço de que realmente era uma dama e tivera educação como tal.

— Creio que não tenha problema — disse Hunter, estendendo a mão para que ela o ajudasse novamente. — Não vou para a vila, moro na propriedade de Austen. — Ela o olhou, espantada, e Hunter imaginou que fora descoberto e que, agora sim, a jovem se distanciaria.

— No castelo? Com o duque? O senhor trabalha para ele?

A inocência da jovem o pegou de surpresa, e Hunter decidiu não a desmentir. O que ela faria se soubesse que, na verdade, ele é o próprio duque? Provavelmente, correria na direção oposta, como todas as pessoas ali próximas.

— Sim, acho que se pode dizer isso. Mas creio que não chega a ser um castelo e, sim, uma bela mansão.

— Que sorte a sua, senhor. E ele não se importa? — perguntou, segurando sua mão e o puxando. Ele fez uma careta de dor ao pôr-se de pé.

— Importa-se com o quê? — perguntou em meio a uma careta, tentando disfarçar a dor que sentia.

— Com sua apresentação. Pelo que sei, um cavalheiro a trabalhar para alguém tão importante, deve sempre cuidar de sua aparência, certo?

— Desaprova minha aparência, senhorita Craw? — Hunter achou que ela pediria desculpas de imediato, mas não o fez, pelo contrário.

— O cabelo e a barba? Não sei bem, apenas o comparo com o que já vi e vi poucos criados do duque até agora, mas todos muito bem-apresentados, senhor.

Papas na língua ou um coador, agora sabia ele, que a mulher não tinha. Ela não conhecia limites?

— Refere-se a isso? — perguntou ele, apontando para o próprio rosto, enquanto testava se o pedaço de madeira iria resistir com seu peso. — Desde que eu lhe faça um trabalho bem-feito, creio que não importará os pelos que me crescem no rosto.

Ela anuiu, olhou para o caminho do qual viera e, em seguida, para o caminho pelo qual o estranho veio.

— Eu posso lhe acompanhar, caso queira. Ninguém assume o risco de embrenhar-se na propriedade de Green Hall, então, creio eu que não seremos vistos.

— E sua reputação continuará intacta?

— Sim... é o que espero, já tenho problemas demais para achar mais um. Acredita que encontraremos alguém? — perguntou, curiosa, estava claro que a intenção dela já não era somente acompanhá-lo, mas poder espiar a propriedade de perto.

— Não, não acho — negou Hunter, por algum motivo querendo agradá-la. Sabia que muitos ali queriam observar a construção em pedra de sua propriedade, contudo, sua fama e suas ordens explícitas não deixava que estranhos se aproximassem. Nem mesmo seus arrendatários.

— Bom, então se o senhor não contar, eu não conto.

Hunter sorriu, um esticar tímido de lábios.

— Eu não conto se me ajudar, basta me deixar segurar seu ombro com a outra mão livre, prometo jogar o peso maior no apoio que fez para mim. A propósito, obrigado, senhorita.

Ela anuiu e o duque notou que apesar de ser apenas um graveto, fora feito com muita boa vontade. Hunter a havia assustado, mesmo que tenha sido ela a causadora do acidente. E o que mais o espantou na situação foi que a senhorita Craw permanecera ao seu lado, apesar de tudo. Imaginou que como qualquer outra dama, ela ia correr em disparada, mas decidiu prestar socorro ao estranho caído na relva. Além do mais, em um gesto nada cavalheiresco, ele a havia derrubado. Fora uma atitude impensada, usada apenas para aplacar sua raiva e frustração por ter sido jogado ao chão. Afinal, quando segurou seu tornozelo, Hunter sequer percebera que era uma dama ao seu lado, como poderia, estava de olhos fechados, agiu por impulso ao sentir a sombra de alguém pairando sobre seu corpo. Foi instintivo e apenas partiu para o ataque, como já havia feito vezes a fio em campo de batalha.

— Então vamos logo, não poderei me demorar.

Anne se posicionou ao seu lado, perto, muito perto. Ele pôde sentir seu perfume, algo parecido com rosas, o cheiro do seu jardim... não, melhor, ela tinha cheiro de manhã fresca. Inspirou fundo e a olhou, mas ela mal o olhava de volta. Prestava toda sua atenção no apoio que dera a ele, com medo de que o graveto não aguentasse.

— Está confortável?

— Sim, bastante, senhorita.

Ele tocou o ombro dela, por cima do xale puído, e começaram a andar, um tanto calados, talvez a contemplar a paisagem.

— Diga-me, o que fazia ali, sozinha? E por que gritava? — Hunter viu-se no dever de falar algo.

— Ah, aquilo... sabe quando você fecha os olhos e imagina estar em seu lugar favorito? Apenas em espírito, já que seu corpo está preso à realidade? — Ele sabia, fazia isso vezes demais em um único dia. — Quando isso acontece, então consegue sentir paz, harmonia, prazer, mas ao abrir os olhos e se dar conta da realidade... tudo o que quer é gritar. — Aquela sensação lhe era familiar, porém seu lugar favorito em nada lhe trazia paz. — A propósito, desculpe por assustar seu cavalo.

— E não era aqui que queria estar? — perguntou Hunter, sem dar ênfase ao pedido de desculpas dela.

— Hum... não. Além do mais, esta não é a minha estação do ano favorita.

— Deixe-me adivinhar, Londres é seu lugar favorito e não pode ir para a próxima temporada, estou certo?

A senhorita Craw sorriu em resposta, olhando à frente, parecia admirar cada detalhe da paisagem pela qual passavam.

— Oh, não, nunca fui a Londres.

Hunter parou de andar, fazendo-a estacar no lugar e a olhou.

— Como não? Não é uma dama?

— Sou... em nome. Mas minha mãe morreu quando eu era muito jovem, meu pai quem me criou sozinho e quando chegou a época de ir para Londres... ele não podia deixar a propriedade, e minha tia, bem, ela tinha sua família para cuidar, suponho que ele decidiu que era melhor me deixar em casa. — A frase poderia passar despercebida aos ouvidos de qualquer outro estranho, mas Hunter sabia reconhecer bem a tristeza na voz da moça. Era a mesma que ele sentia ao se lembrar de tudo que havia perdido.

— Então essa tia mora em Londres... Quem é ela? — Agora Hunter estava curioso demais a respeito da dama e voltaram a andar.

— Ela é a baroneta de Edwin, lady Elisa Byron, casou-se com um baronete, há alguns anos.

Edwin. O título não era estranho para Hunter, nem o sobrenome.

— Espere, seria ela esposa de Joseph Byron?

— Não, não. Ela casou-se com o segundo filho do baronete, o sr. Paul Byron. Mas o primeiro filho que herdou o título após a morte de seu pai, também morreu, acredito que acometido por uma febre, segundo boatos. Então, como segundo filho, o marido de minha tia herdou o título, tornando-a uma baroneta.

— Joseph, ao herdar o título, não tivera filhos?

— Acredito que não era casado.

“Que infelicidade”, pensou Hunter.

A situação lembrava a ele mesmo. Ele também herdou o título do irmão. Mas caso morresse, quem herdaria o seu título? Afinal, Hunter não tinha filhos, sequer era casado, apesar dos esforços de sua irmã em arranjar-lo uma esposa. Claro, tinha George, o mais novo dos irmãos Malford. Contudo, duvidava que o caçula assumiria tal responsabilidade. Para ser sincero, sequer sabia se o irmão estava vivo ou morto, já que fazia meses que não lhe mandava notícias. O jovem infeliz sumira no mundo, assim que Hunter voltara da guerra.

— Bom, penso eu, que já devo ter visto sua tia. Mas se bem me lembro, ela não tinha cabelos vermelhos como os seus — comentou, levando seus pensamentos para outras bandas que não aquelas e a viu corar.

— Não, ela não os tem... são castanho-claros, perfeitos, assim como os de papai. Eu sempre quis ter aquele tom de cabelo, sabe? Acho-o belíssimo, mas não fui abençoada, herdei os cabelos de mamãe, com um pouco menos de sorte, os dela eram mais escuros.

— Ah, entendi. Não gosta dos seus cabelos?

— A cor... chamativa demais e parece deixar minhas sardas mais à mostra. Sem falar que pessoas falam e julgam pela aparência.

— E cabelos vermelhos tão vivos não são bem-vistos, suponho.

— Exatamente isso — concordou ela, sem emoção alguma.

— Ainda assim, não são menos bonitos, senhorita, não para mim — disse e, em seguida, perguntou-se se estava mesmo a elogiando. Notou que o jovem sequer o olhou, mudando a direção de seu rosto. — Desculpe, não quis constrangê-la.

— Mas como conhece minha tia? — A senhorita mudou de assunto, voltando a um lugar seguro e ele agradeceu. Acabara por desconcertar os dois. Ele a olhou, procurou o que falar, não achou uma mentira razoável, nem precisou, ela se encarregou disso. — Já sei, deve ter ido com o duque a Londres.

E a cada momento, ficava mais fácil ser outro alguém que não um duque, ao estar ao lado de Anne. Além do mais, ela falava pelos dois.

— De fato, senhorita.

— E como é? — perguntou com curiosidade genuína, o olhando fixamente, em expectativa. Aquela senhorita parecia alguém fácil de agradar.

A conversa se tornara razoável e Hunter esqueceu até mesmo da pequena dor que sentia a cada passo, ainda que devagar e cuidadoso.

— A capital é luxuosa e...

— Não, senhor, não Londres, como é o duque?

Ele a olhou e quase parou novamente de andar. Odiava mentiras, mas nesse caso era algo bom, não era? Sem falar que, se dependesse dele, ela não descobriria a verdade ou o veria novamente, então... por que não?

— Nunca o viu? — Uma pergunta estúpida, dado que ele mesmo não saía de casa há anos.

— Oh não, não, não pertenço a este condado, como já lhe disse, estou aqui há pouco tempo.

— Diga-me, onde está hospedada? — Tentou outra pergunta, não queria dizer como era a si mesmo.

— Com a senhora Muller. Ela foi uma amiga querida de minha mãe e caridosamente me acolheu.

— Sei, sei... — Ao longe, já podiam ver a enorme casa, assim como uma movimentação atípica na frente dela, que logo ele ignorou. — Ela a convidou, então?

A jovem mulher ficou muda por instantes, olhando a mansão que se avolumava ao longe, que mais parecia um castelo, porém sua paralisia não demorou muito a passar.

— Não — disse apenas e ele a olhou, com curiosidade, querendo saber mais sobre sua vida.

O que ela fazia ali?

Por que sozinha?

Por que gritava?

E por que não procurou a tia?

Não teve tempo para perguntar mais nada, pois avistara seu valete, que também o viu e vinha marchando em sua direção apressadamente. Já haviam descoberto sua fuga.

— Bom... acredito que eu consiga seguir sozinho daqui, veja, aquele é Oswald e está vindo me ajudar, sem dúvida.

Ela seguiu seu olhar.

— Ele parece apressado e está trazendo algo.

— Minha bengala — afirmou ele, queria se despedir antes que Oswald chegasse perto demais e jogasse por terra sua mentira. Mas no que isso importava? Não mais a veria, não é mesmo?

— Então... foi um prazer lhe conhecer, sr. Alford. — Fez ela uma mesura, um tanto desajeitada.

— Igualmente, senhorita.

— Adeus, senhor.

Ele anuiu, mas subitamente se ouviu dizer:

— Diga-me uma coisa, a senhorita vai muito àquele local?

— Às vezes, quando o sol parece querer me ver.

— Sei, e é sempre a essa hora? — Hunter não entendia a curiosidade desmedida por aquela dama, ainda assim, sorriu por dentro ao ouvir cada uma de suas respostas.

— Às vezes.

— Oh sim... só tome cuidado da próxima vez.

— Tenha certeza de que tomarei. Adeus, senhor.

Hunter ficou parado, observando aos poucos a srta. Craw se afastar. Ela ainda olhou para trás e sorriu. Claro que seu sorriso não

foi retribuído, Hunter permaneceu apenas impassível, escorando todo seu peso agora no pedaço de galho malfeito que lhe fora entregue minutos antes. Queria saber mais dela e, curiosamente, sentiu falta do seu calor ou do seu cheiro, não sabia dizer.

Ele a viu se distanciar. Deveria ser ele a acompanhá-la, não ela. Os papéis foram invertidos e Anne fizera até mesmo um encosto para ele, já que não poderia chamar aquilo de bengala.

— Vossa Graça, aonde foi sozinho e quem era aquela? — Ouviu a voz do valete às suas costas e sequer se virou para olhá-lo.

— Tenha mais modos, Oswald, aquela é uma dama que gentilmente me acompanhou até aqui — respondeu, por fim, voltando-se para Oswald quando Anne sumiu do alcance de suas vistas. — Fiquei enfadado após o almoço, achei que poderia cavalgar e não me olhe assim, não sou uma criança.

— Às vezes, duvido disso, milorde, me lembro bem do doutor dizer que poderia caminhar, de preferência com alguém ao seu lado, não cavalgar... — O valete não tinha mesmo papas e isso lhe lembrou alguém.

— Vou fingir que não escutei, Oswald, pois estou de bom humor. Peça para irem atrás de Diamante, ele saiu em disparada rumo à vila, precisamos resgatá-lo. E acho que vou querer aquele banho quente junto ao unguento do doutor. Caí do infeliz — falou o duque com normalidade e calma em excesso, horrorizando o valete.

— O que disse? Vossa Graça caiu?

— Sim, uma queda boba. Fui longe até, estou destreinado, mas acredito que caso controle a dor, com o tempo eu consiga me manter em cima do cavalo por mais tempo do que imaginei, sem quebrar o pescoço, é claro.

Hunter olhou para o valete, que o fitava como se visse um dragão de duas cabeças.

— O que foi?

— Nada, milorde. Venha, me dê esse graveto e pegue sua bengala — ofereceu o valete um pouco assustado.

— Sim, aqui está. Mas não o jogue fora. Guarde — interrompeu, quando o valete fez menção de jogar o pedaço de madeira fora.

— Mas por quê?

— Porque estou mandando, apenas isso, ora essa. Está estragando meu bom humor, Oswald. Agora venha, me ajude antes que eu dê com esse graveto em sua cabeça.

Estava mesmo de bom humor. Começara o dia mal, acordando de mais um dos muitos pesadelos que o perseguia. Seu mau humor acabou o levando a montar, talvez no fundo querendo realmente cair e quebrar o pescoço. Mas tudo acabara bem, aquela breve caminhada ao lado da dama tinha colocado um pouco de açúcar no amargor do seu coração.

E não era pela senhorita Craw, tampouco pela forma desinibida dela falar, era pelo modo com que foi tratado por ela. Por breves momentos, esqueceu quem era, seu título e fortuna, era só... o senhor Alford. Que pouca criatividade para inventar um nome.

— Diga-me, Oswald... já ouviu falar na família Craw?

— Não, senhor... de fato, não.

— Bom... bom... — Chegou a respirar audivelmente.

Como era bom ser ele mesmo outra vez, nem que fosse por poucos minutos.



CAPÍTULO 05

Naquela tarde, Anne tinha ido à casa de costura da senhora Rochester, buscar uma encomenda para a sra. Muller. E quem melhor do que a costureira de um pequeno vilarejo para saber de todas as fofocas e boatos?

Ninguém poderia saber tanto, não era por menos que Anne saíra do lugar com os ouvidos cheios, dentre as fofocas do dia, uma que lhe chamou atenção. Segundo a sra. Rochester, um dos cavaleiros de Green Hall estivera no dia anterior nos estábulos do marido da costureira e contado ao senhor barrigudo e baixinho, que o duque estava à procura de alguém tão bom com cachorros que pudesse cuidar do seu labrador.

“Pobre animalzinho, deve sofrer com os rompantes da fera que o duque de Austen se tornou.”

Essas foram as palavras da senhora Rochester, e parecia terem grudado na cabeça da senhorita Craw, que agora estava sentada em sua cama, sobre uma almofada, já que seu traseiro doía bastante, fruto da queda que certo cavalheiro lhe dera no dia de ontem, repassando as informações que lhe foram dadas enquanto escovava os cabelos.

Anne não poderia negar que após passar o susto e voltar para casa, ela viu-se rir ao repassar toda a cena em sua mente de tal situação inusitada, assim como ficou bastante curiosa sobre tal cavalheiro. Chegou a aproveitar-se da costureira para perguntar sobre o sr. Alford, apenas para ver a mulher franzir as sobrancelhas e lhe garantir que nas redondezas não havia ninguém com esse nome.

Isso a deixou ainda mais interessada, afinal, não poderia ser mentira, o levou até Green Hall. Talvez, a sra. Rochester não conhecia todos do vilarejo como imaginava.

Naquele momento, o que estava cutucando sua mente foi o que a costureira lhe disse sobre o duque precisar de alguém para trabalhar, pois ela era boa com cachorros, na verdade, Anne adorava animais. Além do mais, poderia descobrir mais sobre o sr. Alford, não que realmente estivesse interessada no homem em questão, mas se interessava por saber sua história de vida, como se feriu ao ponto de precisar de bengalas e por que morava ali, na propriedade de um duque que há anos não era visto.

O que era, no mínimo, contraditório. Afinal, diziam que o duque se tornara uma alma atordoada, cruel e reclusa, mas ainda assim deixara que um cavalheiro que utilizava muletas e de aparência estranha, trabalhasse e morasse em suas terras. Ainda por cima, o homem se preocupava tanto com o cachorro, ao ponto de contratar alguém para cuidar do seu animal de estimação. Isso a fazia pensar que talvez o duque não estivesse com a alma deveras perdida.

— O que está passando por sua cabeça, menina? — Mary a chamou, entrando em seu quarto. Trazia nas mãos uma xícara com chá.

— Nada de mais...

— Não seja mentirosa, sua cabeça está quente, e sei que está maquinando algo. Conheço bem esse olhar.

Anne sorriu, jamais conseguiu mentir ou esconder algo dela. Também pudera, Mary praticamente a criara e, por muitas vezes, a ajudou a esconder suas traquinagens quando criança, para não ser castigada pelo pai. Tal relação culminou em muito amor e carinho entre as duas. Anne virou-se para a governanta e ampliou o sorriso.

— Mary, ainda não sabemos até quando a senhora Muller permitirá nossa presença aqui — começou com cautela. — Eu sei que em algum momento ela notará o infortúnio que é nos ter sob seu teto. Fofocas podem surgir, não é?

— Que tipo de fofoca? A que um primo sem-vergonha a agarrou, após herdar sua propriedade? Aquele que lhe ofereceu ajuda tentou...

As faces da senhora ficaram rubras e Anne a puxou para si, para que se sentasse ao seu lado, encostando a cabeça no ombro de Mary.

— Hoje, ouvi um boato, que pode nos servir...

Mary a afastou, olhando seu rosto. Para ela, não havia criatura mais bela no mundo, assim como não havia criatura com mais astúcia e ideias malucas.

— Que boatos, menina?

— Disseram que em Green Hall estão à procura de alguém que possa passar algumas horas com o cão do duque, passear, dar banho e cuidados, pois aparentemente o animal precisa de certo amparo.

— Um animal? E como isso pode nos servir? — perguntou, mas sabia exatamente aonde a jovem queria chegar.

— Pelo que ouvi, o cão tem um valor inestimável para o duque, então me dei conta de que sou boa com animais, Mary, e sra. Rochester disse que o duque pagará muito bem.

Anne ficou em expectativa, à espera de uma resposta de Mary, mas por alguns instantes, a governanta apenas a fitou.

— Menina, sabe o que dizem desse lugar.

— Ah, não deve ser tão ruim assim, Mary. É apenas um homem e, pelo que soube, ninguém o vê, nem mesmo os empregados da mansão — disse, não revelando que no dia anterior havia conversado com um deles, um cavalheiro que arrancava dela curiosidade. — Além do mais, é passageiro, pois pensei em mandar uma carta para minha tia.

Mary arregalou os olhos, tudo o que a governanta não queria era ter que entregar a carta, que o sr. Craw lhe pediu para guardar, à Anne.

— Anne, querida, já falamos sobre isso.

— Na verdade, não falamos muito, você sempre foge do assunto. Tem medo de que tia Elisa não a aceite, é isso? — perguntou com inocência. — Pois digo que é bobagem, não ficaria em um lugar onde não a aceitassem — disse, beijando o alto da cabeça de Mary.

— Você é bondosa, menina. Merece tanto, Anne, merecia que, no mínimo, o mundo fosse gentil para contigo.

Anne sorriu, não tinha muitos motivos para isso, mas não poderia chorar o tempo todo. Já fizera muito isso, às escondidas. Precisava de uma saída.

— Imagino que, talvez, não tenha recebido a carta que mandei avisando a ela que papai morreu. Ou talvez sua resposta tenha se perdido. Sei que nunca fomos tão próximas, mas ela não seria tão dura a ponto de me negar uma resposta, não é?

— Ah, menina...

— Ou, talvez, o duque pague realmente bem e possamos, não sei, comprar uma pequena propriedade aqui perto e não nos importarmos mais se um dia o primo Butter nos alcance ou não.

Mary negou. Como Anne sonhava acordada, queria que o mundo fosse tão fácil quanto ela imaginava. Também pudera, toda a vida passara no campo e tudo o que sabia da vida era o que seu pai lhe ensinara, o que não era muito, já que, na maioria das vezes, ele a tratava como a um garoto.

— Menina, não seja ingênua, imagine só, comprar uma propriedade? — repreendeu ela e viu Anne abaixar o olhar, os cabelos ficavam ainda mais vivos com a luz tremulante da vela.

— Estou com medo, Mary... — confessou baixinho.

— Pois, não fique.

— E se ele nos alcançar?

— Esqueça-o, não vale a pena viver com medo do que pode acontecer. Lide com o que tem agora. Viva um dia por vez, por enquanto tenho trabalho e você faz companhia à senhora Muller, isso já basta!

— Isso já basta... — repetiu o final da frase, soltando o ar preso em seus pulmões, sentindo-se cansada da impotência.

— Agora durma, amanhã é outro dia.

Anne anuiu, se deitando e cobrindo seu corpo com o cobertor, mas a ideia não deixou sua mente, pois sabia que o que tinham no momento não bastaria por muito tempo. Além do mais, era uma coincidência ter ouvido sobre o trabalho, era algo que ela poderia fazer e não se importava nem um pouco. Tinha até mesmo um pressentimento de que o primo que conheceu em outrora, não deixaria barato o que aconteceu naquela madrugada. O primo poderia arruinar sua reputação para toda a vida, caso mudasse os fatos do que aconteceu.

Uma mulher sem dinheiro, ainda tem salvação, já uma mulher sem honra...



No dia seguinte, lá estava ela, batendo a aldrava na porta da mansão ducal. Olhou para os lados, após bater três vezes, já que não aparecera ninguém. Se perguntou se havia outra entrada, mas não viu porta alguma além daquela, sem falar que era difícil ver algo, já que a mansão tinha três partes. Resolveu continuar ali, teve medo de dar a volta na grande propriedade sozinha. Sequer viu

qualquer empregado e se perguntou se podia estar batendo na porta de entrada.

Bom, não era uma camponesa, ainda era uma dama, mesmo estando atrás de um emprego para cuidar de um cão, sendo assim, continuaria ali mesmo.

Bateu a aldrava novamente e desta vez alguém a abriu. Uma senhora, governanta, talvez? Robusta, com cabelos grisalhos bem presos, em um vestido preto e avental branco como algodão, além de mal-encarada. A mulher a olhou dos pés à cabeça, como se ela fosse a pior das criaturas e Anne teve vontade de se encolher.

— A porta das encomendas fica do lado leste, pode deixar o que quer que seja lá.

— Oh não, não vim deixar nada, senhora — explicou e a mulher levantou uma sobrancelha, se tornando ainda mais carrancuda.

— Então o que quer?

— Eu sou a senhorita Craw, fiquei sabendo que estão à procura de alguém para passear com o cão do duque... pensei que...

— A senhorita quer o emprego, é isso o que está tentando dizer? — A mulher à sua frente parecia incrédula.

— Sim, senhora, sou ótima com animais e, como pode ver, não sou pequena.

A governanta riu, riu com vontade e sarcasmo, e voltou a olhar a jovem mulher dos pés à cabeça.

— Não apareceu ninguém querendo o trabalho, garota, presumo que saiba o porquê. Mas entre, não que eu ache que ganhará a vaga, é muito magricela para isso — observou, ainda risonha, dando as costas à Anne. — Venha, deveria ir para a

entrada dos empregados, mas o duque ainda não se levantou e é o sr. Barn que virá ter com você.

— Sr. Barn? — perguntou, seguindo a mulher para dentro.

— O valete do duque. Sua Graça o deixou encarregado de encontrar alguém para a tarefa. Tenho muito a fazer, então vou deixá-la na pequena sala próxima à ala de serviço.

Por segundos, Anne viu-se muda, era estranho a forma que fora recebida. Aquela seria a governanta do duque? E por que o valete viria atendê-la e não um mordomo ou administrador?

— Sim, senhora. — Anne engoliu em seco, tinha ambas as mãos juntas frente ao corpo, as apertando, e percebeu que elas suavam.

Seguiu-a, sentindo um certo furor em seu peito. Estava contente, sim, pois se pagassem tão bem quanto ouvira, ela poderia ter um pé de meia. Poderia ganhar tempo e confiança, falar com a tia, ou talvez dar o braço a torcer e procurar um casamento... O pensamento trouxe o sr. Alford para seus pensamentos e ela negou com veemência.

Estava tão absorta aos detalhes, que quase bateu nas costas da governanta que parou de pronto, e levantou o rosto ao ouvir passos, dando de cara com um homem, alto, negro, e bem-vestido, vindo em sua direção.

— Oswald, aí está você. Esta é a senhorita...

— Craw — ela completou com rapidez e a mulher a olhou feio.

— Isso. Acredite, se quiser, a senhorita magricela veio a fim de ter o trabalho para cuidar de Masmorra. — A senhora que a atendeu deu uma risadinha, deixando claro o humor que via na situação.

Já o valete, quase sorriu abertamente, mas isso não lhe era permitido, apenas a mediu discretamente. Provavelmente, tentando imaginar uma senhorita, tão franzina, a cuidar de um cão.

— O que faz a jovem achar que é capaz de cumprir tal tarefa? — perguntou ele. — A proposta é para um homem, ou um rapaz que tenha força nos braços, senhorita. O cão que precisa de cuidados é um labrador sem adestramento algum.

Ela engoliu em seco e o viu passar por elas, as ignorando sem olhá-la uma segunda vez. Já a senhora, que imaginava ser a governanta da casa, sumiu corredor adentro.

— Necessidade, senhor. — Ela quase gritou ao se virar e se arrependeu em seguida, tornando a falar mais baixo. — Por necessidade. Posso parecer indefesa, de fato, mas isso não me faz inferior. Levo jeito com animais e posso ajudar, lhe garanto — disse com propriedade e o homem voltou a olhá-la com mais interesse.

— Já disse, o cão é um labrador de grande porte, como imagina segurá-lo?

— Pela coleira, senhor — respondeu rápido demais e sentiu o rosto corar quando o homem riu.

— Imagino que pode tentar, senhorita. Mas o que quis dizer, é que parece franzina demais para o cão.

— Tenho o costume de trabalhar, senhor, não parece, mas tenho força.

— Boa tentativa, senhorita. Mas a vaga é destinada a um rapaz, de preferência.

— Julga-me apenas por eu ser mulher, senhor? O senhor prefere alguém pequeno, que queira e goste de trabalhar com animais, ou alguém preguiçoso que mal se esforça para o trabalho?

Viu o valete cruzar os braços frente ao corpo, parecendo uma figura feroz em tamanho. Notou o sorriso preguiçoso que o homem deu a ela.

— Qual é mesmo o seu nome?

— Senhorita Anne Craw, senhor.

— Srta. Craw?

— Sim, senhor. Algum problema com meu nome? — perguntou, sentindo as mãos gelar. Teria ele sabido de algo?

— Nenhum, um bonito nome, apenas — disse ele, fazendo com que voltasse a respirar. — Então, quer mesmo a vaga?

— Sim, senhor. Prometo que, caso me contrate, não irá se arrepender. Posso lhe mostrar que lido bem com cães, senhor Barn, sei que posso fazer o trabalho — ela dizia tudo com o coração aos saltos, enquanto o valete apenas confirmava cada palavra.

— Bom, muito bom. Convinceu-me, senhorita — disse, lhe estendendo a mão. — Façamos uma experiência, caso se saia bem, o trabalho permanente é seu.

Anne sorriu abertamente, exultante. Agora, só precisava achar um jeito de dar essa notícia para Mary e à senhora Muller. Teria que arrumar uma forma de servir a viúva e cuidar do cão. Daria um jeito, só precisava saber dos pormenores.

— Quando começo?

— Se possível, agora mesmo, senhorita. Venha comigo!



CAPÍTULO 06

A luz da lua cheia adentrava pela janela, criando uma aura noturna agradável. O duque estava de pé, próximo à lareira de pedra, olhando pela janela. Do seu quarto, era possível ver o jardim da propriedade, embora ainda fosse inverno, era belo, e na primavera chegava a ser a imagem do paraíso. Aquele era um dos lugares ao qual amava, pois lembrava-lhe sua mãe.

Hunter então deixou seus pensamentos irem para longe, ainda que seu corpo estivesse bem ali. O jardim trazia imagens vivas do que fora sua mãe, fazia-o se lembrar de quando era um garoto, cheio de anseios e perspectivas. Sempre agarrado às saias dela. Poderia até mesmo vê-lo ali, agora, sentado no banco de pedra próximo ao caramanchão. Enquanto ela, com as mãos sujas de terra, lhe ensinava a importância de ter um belo jardim. Explicando a Hunter o motivo de adorar estar entre as flores, cuidando, assim, ela mesma do que lhe era precioso. Ele tinha devoção pela duquesa e aquele passou a ser também o seu lugar preferido na propriedade, mesmo que já tivesse anos que não pisasse nele.

Perguntava-se em que havia se transformado, no que deixou que fizessem dele, em como não se reconhecia mais.

— Presumi que pretende jantar no quarto, Vossa Graça, e lhe trouxe o jantar — disse o valete, fazendo-se ouvir, deixando a bandeja na mesinha de estudos no canto quarto.

Em decoração provençal, o lugar era minimalista, apenas uma cama com dossel, uma poltrona próxima da janela e a mesinha. Ao lado, uma porta adjacente para suas vestes.

Hunter deixou seus pensamentos de lado e se virou para o valete, se apoiando em sua bengala.

— Não tenho fome, Oswald.

— Ainda assim, milorde, penso que é melhor comer algo, ou acabará como Masmorra. — O cão, ao ouvir seu nome, levantou a cabeça, gemendo tristonho ao lado da lareira, sua condição começava realmente a preocupar o duque.

Depois do que o médico dissera, Hunter pediu a Oswald que trouxesse o cão ao seu quarto à noite, para passar algum tempo com seu velho amigo, já que não pretendia sair do quarto para caminhar ou dar outra cavalgada.

— É sempre bom ser comparado a um cão e venho perguntando-me, com muita frequência, se o tenho para pensar por mim, Oswald — disse, sentando-se à mesinha, no canto do seu quarto, onde uma sopa o esperava. Pois se negava a ir para a sala de refeições sozinho. A grande mesa também lhe trazia lembranças, algumas não tão boas.

— Perdoe-me, milorde.

O duque apenas anuiu, soltando o ar preso em seus pulmões. Naquela noite, estava sentindo-se particularmente sozinho. Com frequência sentia solidão, mas não se tratava apenas do ato de estar só, mas do vazio que pesava em seu peito e esfriava o seu estômago em muitos momentos, tornando o sentimento ainda pior.

— Conseguimos alguém para cuidar de Masmorra, a propósito?

Ele olhou o labrador de cor caramelo, que voltara a dormir no canto do quarto. O cão foi de William, seu irmão mais velho, porém William pouco se importava com animais, chegando quase a ser cruel com eles. Com isso, Hunter dera mais atenção ao animal do que seu dono lhe dera e, mesmo que, o agora duque, dissesse que o cão não era seu, para o pobre Masmorra, ele pertencia inegavelmente a Hunter.

— Sim, milorde, ainda essa manhã.

— Verdade? Achei que acabaria sobrando para você essa missão, dado que os demais moradores da vila não se atrevem a se aproximar da propriedade.

— Confesso, milorde, que tive a mesma impressão. Mas uma senhorita, aparentemente destemida, apareceu aqui ainda hoje, pedindo o trabalho. — Com essas palavras, Oswald ganhou a atenção de Hunter.

— Uma senhorita? — O duque franziu as sobrancelhas, levando uma colher de sopa à boca. — Ora, e a contratou? — perguntou, após engolir com certa dificuldade o caldo bem temperado.

De fato, não tinha fome e se esforçava para comer, para completar seu desalento, tentava lidar com a dor que a queda recente lhe causara. Tinha que admitir que seu valete estava certo quanto à sua comparação com o cão.

— Em um primeiro momento, neguei firmemente, milorde. Mas a jovem não só é destemida como astuciosa e fiquei com pena de sua condição.

O duque o olhou, pegando o guardanapo e levando-o aos lábios. Estava intrigado, uma jovem...

— Que condição?

— A de órfã, milorde. — O valete mantinha-se parado ao lado da mesa, impecavelmente solícito. — Não quis entrar em detalhes, mas antes de sair, perguntei o motivo de insistir tanto no trabalho e ela confidenciou que perdeu o pai.

De imediato o duque lembrou-se de uma certa senhorita de cabelos vermelhos e rosto cheios de sardas. Ela era impetuosa e astuciosa.

— E quando ela começa?

— Ela já começou, senhor.

— Não a contratou hoje? — Não queria parecer tão preocupado com assuntos tolos como aquele, mas estava incrivelmente interessado. Desconfiava que talvez a jovem poderia ser a senhorita Craw, ela tinha audácia e coragem para isso.

— Sim, milorde. Hoje mesmo, ela não teve problemas em fazer seu primeiro teste ainda essa tarde. Precisava me certificar de que ela daria conta do trabalho, sem sair ferida.

Hunter sabia que o valete fazia aquilo de propósito, ao lhe falar apenas o que lhe perguntava, sem os pormenores, induzindo-lhe a perguntar mais e mais, tornando aquilo uma conversa longa.

— Fale de uma vez, Oswald, a moça deu conta do trabalho?
— O duque pôde ver um resquício de sorriso nos lábios grossos de Oswald.

— Sim, milorde. A dama conseguiu segurá-lo, porém, ele não quis andar.

— A dama?

— Sim, senhor. — Agora não restava dúvidas.

O duque olhou o cão por sobre o ombro, sentiu pena do que um dia o pobre Masmorra fora, mas era o que acontecia com todos, aparentemente. Veja só seu próprio exemplo, nem ele era mais o mesmo.

— Posso me retirar, milorde?

O duque hesitou, queria saber mais, porém não daria o gosto de perguntar quem era a jovem para o seu valete. Maldita hora que perguntou a ele sobre o sobrenome da dama em outra tarde.

— Sim, pode se retirar.

Tomou mais uma colher de ensopado, observando seu valete sair em seguida. Hunter sabia exatamente para onde Oswald estava indo. Iria buscar um pouco de diversão. Sabia que à noite os poucos criados da casa se reuniam na copa para jogarem cartas.

Suspirou, sentia falta do clube em Londres, fora lá que perdeu tempo demais na juventude com os colegas, sonhando em servir o exército. Sentia falta dos bordéis, de sua amante... Sentia falta até mesmo da guerra, ainda em seus sonhos poderia ouvir os canhões, poderia sentir a adrenalina em seu corpo, o cheiro de pólvora, poeira e morte no campo de batalha.

Deixou a colher cair no prato, já não conseguia mais comer e agora... a existência lhe era vazia, parecia oco, sem um caminho a percorrer, um propósito. Deveria ter sido ele a morrer naquele campo de batalha e não William, acometido por tuberculose. Jogou a cabeça para o alto e ficou ali a olhar o teto. Sim, deveria ter sido ele a morrer, pois o irmão mais velho, sim, preparou-se a vida inteira para ser um duque e prosperar.

Querido irmão...

Espero que esteja muitíssimo bem, mas devo dizer-te o quanto estou decepcionada com o modo ao qual parece ter deixado de importar-se para com os seus?

Hunter mal começou a ler e foi acometido por mais solidão ao contemplar aquelas primeiras linhas. Ele achava que mantendo distância, estaria fazendo um favor a ela, não queria impor a ninguém sua presença, ele já não era o irmão que ela amou. Mas a mágoa naquelas palavras escritas era quase palpável e fez sua ferida sangrar. Ele continuou:

Ainda que não se importe e pareça querer esquecer quem tanto o ama, deixe-me colocar-te a par de tudo. Seus sobrinhos vão muito bem, cheios de saúde e traquinagens. Ah, meu caro, agora entendo bem nossa mãe e até compadeço-me de tudo que a fizemos passar quando crianças.

Naquele instante, o duque levou a mão ao lado esquerdo do peito como se pudesse aplacar o buraco que a irmã parecia ter aberto com aquela carta. Negou o sentimento e até riu ao se lembrar de como faziam a duquesa arrancar os cabelos quando arrastavam a pequena Kathe com eles para as suas traquinagens. E agora, tinha certeza de que Katherine era tão boa mãe quanto a duquesa um dia fora para eles. William, George, a irmã e ele eram crianças felizes. Mesmo que em dado momento William fora separado deles, para cumprir seus deveres como herdeiro legítimo do ducado.

Seus sobrinhos não veem a hora de conhecê-lo. Assim como eu, ambos estão ansiosos e desejando ver o tio que jamais fizera questão alguma de os conhecer. Sabe o quanto me machuca com isso, Hunter?

Austen engoliu em seco, ele sabia, estava ele mesmo tão decepcionado quanto poderia consigo mesmo. Carregando nos ombros a sensação de que há anos vinha fazendo tudo de forma errada, em principal ao escolher se isolar do mundo. Contudo, duvidava que os dois sobrinhos estivessem curiosos por vê-lo, se bem sabia, o mais novo tinha sequer três anos. Sentiu vontade de rir, pois lá estava a dramática Kathe.

Quanto a mim, sigo muito feliz, consegui um casamento tranquilo, que me deu filhos perfeitos e me traz satisfação. Oliver, seu querido cunhado, também espera ansioso por encontrá-lo. Ele se lembra de ti, porém, muito pouco e gostaria de estreitar laços, já que somos uma família. Família, Hunter, ainda te lembra o que é isso? Pois bem, eu como sua família, digo a ti que está na hora de deixar o exílio de lado e sair para o sol. Quero que sejas tão feliz quanto eu sou, querido irmão.

Claro, ela tinha que começar a tentar trazê-lo de volta para o mundo. E, por instantes, Hunter levantou os olhos do papel, observando a parede à sua frente. Perguntou-se se Kate dizia-lhe a verdade, se realmente estava feliz e se amava o marido. Mas isso importava?

Negou o pensamento e voltou a ler, se arrependendo em seguida.

Mas acredito que para que possa ser feliz, preciso interferir. Afinal, se não me falha a memória, meu caro, está quase a completar trinta e quatro anos. Com isso, já passa da idade de casar-se, na verdade, a essa altura já deveria ter filhos, Hunter. Um duque precisa de herdeiros, ou prefere que nosso nome morra contigo?

Peço desculpas se o chateio por me intrometer, mas vejo-me no dever de fazer isso, para o teu próprio bem e o de nosso nome. Já busquei entendê-lo e já dei-te tempo demais para recuperar-se, quero meu irmão de volta, quero o direito de amá-lo e não pode me tirar isso. Perdi William, quase te perdi e não sei por onde andas George, então basta. O seu tempo acabou, Hunter. Volte para nós.

“O que diabos ela queria dizer com seu tempo acabou?”, perguntou-se, sentindo o coração acelerar em seu peito.

Segundo o próprio doutor Armstrong, já está em perfeitas condições físicas, inclusive, andando muito bem. Com isso, querido irmão, não vejo motivos de continuar a esconder-se, fugindo das suas obrigações.

Inferno de médico da língua solta... ele estava a dar detalhes de sua saúde para a irmã?

Aviso-te que estou a separar alguns nomes de belas damas que estão à espera de um casamento. Para ti, separei apenas as melhores, com nome e reputação impecáveis, damas que nasceram para ser duquesas e ascender na sociedade londrina. Cada uma honraria o teu título e, também, à nossa mãe. Além, claro, de sentirem-se honradas em se casar com o duque de Austen.

Fecharei a lista assim que receber uma resposta tua e então enviarei convites a essas damas para uma temporada em Green Hall, claro, com o único intuito de que escolha uma delas para casar-se.

Não se preocupe com nada, estou a cuidar de tudo e isso não é um pedido de permissão, Hunter, o farei de um jeito ou de outro.

Da sua amada irmã,

Kathe.

O duque terminou de ler a carta, estarrecido, e amassou com força o pedaço de papel, jogando ao lado, em sua mente ficara a rondar a frase: *honradas em se casar com o duque de Austen.*

Sentiriam honra em se casar com um título e não com ele?

Perguntou-se como tal dama gritaria na noite de núpcias ao ver suas cicatrizes, ao tocar seu rosto e notar a irregularidade do corte em sua bochecha. Elas o repudiariam, com toda certeza e, ainda assim, teriam de aceitá-lo em seu leito por obrigação.

Aquela ideia lhe doía os ossos, lhe causava arrepios. Maldita fosse Kathe e maldito fosse seu irmão mais novo, que fugira da Inglaterra com a menção de que Hunter, ao voltar ferido da guerra, fosse abdicar do título após a morte de William. George fora um infeliz... se tivesse ficado, Hunter poderia tê-lo como herdeiro.

Inferno de vida. Ele não permitiria que Kathe viesse, faria algo para impedi-la. Nem que para isso precisasse ir a Londres, apenas para frustrar as esperanças da irmã. Não, melhor, iria para Bath e passaria a temporada lá.

Seria uma afronta e tanto e ele pouco se importava, a irmã o afrontou primeiro quando mandou aquela carta. Que fosse ao inferno.

Contudo, no fundo, preocupava-se, pois tinha honra correndo em suas veias. Ele poderia ficar preso naquela mansão por mais um ou dois anos, mas chegaria o momento que teria que voltar a Londres, voltar para suas obrigações na câmara de lordes, sua obrigação com o nome de sua família e, finalmente, casar-se, por mais que abominasse a ideia.

Isso ele sabia... porém, não daria o poder a ninguém de brincar com sua vida, de escolher por si uma esposa. Quando chegasse o momento, e chegaria, Hunter iria, ele mesmo, escolher sua noiva.

Agarrou a bengala e se levantou com certa pressa, ainda que o ato doesse mais que o comum, dado a queda que levara há dois dias. Deixou seus aposentos a passos curtos, saindo pelo corredor social e entrando onde um dia fora a alegre sala particular da

duquesa, que agora perdera a vida, passando a ser apenas um lugar empoeirado. Era apenas um cômodo escuro, com móveis luxuosos escondidos por panos brancos. Ordens suas, pois todo aquele lugar lhe trazia lembranças e dor.

Hunter passou nove anos servindo o exército britânico. Quando fora a primeira vez, se juntou a Wellington e seu batalhão, um mês após a morte do seu pai, o velho duque de Austen. Dizia a si mesmo que estava indo para a guerra para honrar suas calças, pois era inaceitável que homens estivessem morrendo, enquanto ele se escondia atrás de um bom nome, podendo escolher o que fazer de sua existência. Mas a verdade era que a guerra também lhe servira como escape, uma forma de fugir de sua casa, de Londres, dos olhos tristonhos de sua mãe após perder seu cônjuge.

E a ideia romântica do que era servir o seu rei em um campo de batalha, vestir a casaca escarlate guiou-o em sua decisão em ir para guerra, há treze anos. Mas ao estar em um campo de batalha, deu-se conta de que não havia romantismo algum em matar. Não havia beleza no cheiro agri-doce que permeava o campo de batalha, manchado pelo sangue de bravos homens a desfalecer por um rei que não conheciam.

Poderia não ter ido para a guerra propriamente por honra, mas ficara por ela. Pois se tornara bom no que fazia, se tornou temido.

Naquele momento, enquanto vagava por sua história, Hunter apenas observava o lugar perdido na escuridão, apenas a luz da lua se fazia presente. Sequer trouxera uma vela, tudo o que tinha era a fraca luz da noite que entrava pela janela. Sabia que poderia facilmente esbarrar em um móvel e acabar se machucando ainda mais, então tomou certo cuidado, até tocar o piano particular de sua mãe, no canto oeste da sala.

Chegou a sorrir, puxando o pano que o cobria e se sentando no banco. Ali, protagonizou belos duetos com a mãe. Não era

comum um menino aprender piano, mas ele gostava de ver a duquesa tocar e ela o adorava o bastante para ensiná-lo, mesmo contra a vontade do temível duque de Austen. Mas enquanto seu pai estava mais preocupado com a educação do seu sucessor, era permissivo em demasia com Hunter, fazendo vista grossa para as fugas de suas aulas com seus tutores.

Quanta saudade da época em que sua maior preocupação era a de fugir às escondidas para perto de sua mãe, sem ser pego. Tocou as teclas brancas do instrumento, em um primeiro momento de forma suave, reconhecendo-as, até que teve coragem para emitir som, uma sinfonia de Mozart, sua favorita. Fechou os olhos, limpou a mente e se entregou à melodia suave que ecoava no cômodo. Tocou inspirado pela saudade que há muito sentia, tocou com a frustração da vida, tocou para aplacar seu desespero jamais esquecido, tocou para dispersar a solidão mal vinda.

Perguntava-se por que diabos essa solidão desmedida o acometera agora? E, de repente, a senhorita Craw voltara à sua mente. Seus olhos, pôde vislumbrar até mesmo as manchinhas marrons em seu nariz, a forma como o encarou em afronta e as covinhas que se formavam em suas bochechas ao sorrir. E assim a srta. Craw permitiu que Hunter tivesse uma bela visão em meio à solidão do momento.

Há quanto tempo não pensava em uma mulher dessa forma, como alguém para ser admirada?

Hunter voltou a abrir os olhos e, aos poucos, foi dedilhando as últimas notas no piano, terminando a canção.

A verdade era que nada nem ninguém deveria importar, o resto dos seus dias seriam assim, escuros, presos em lembranças...



Naquela manhã, lá estava ele, de pé a olhar pela janela do seu quarto, como sempre fazia, já que quase nunca saía de lá. Desta vez, mantinha-se confortavelmente em uma poltrona de couro marrom, com a bengala descansando ao seu lado. Passou por uma noite bastante agitada, um pesadelo lhe acordou e não mais conseguiu dormir em dado momento da madrugada.

Após o desjejum, se sentou ali para tentar ler um livro, sem sucesso algum. Já tinha perdido as contas de quantas vezes lera o mesmo parágrafo de Romeu e Julieta sem conseguir de fato prestar atenção para que a frase lhe fizesse sentido. Desde então, estava a observar o mundo através daquela janela.

Talvez, sua falta de atenção não se devia apenas pela noite mal dormida e, sim, porque passou os últimos dois dias controlando-se para não ir ao vale, no intuito de ver a dama que estava rondando seus pensamentos, pois também não tinha dado o braço a torcer e perguntado a Oswald o nome da nova babá do cão, ainda tentava se convencer de que isso não importava para ele.

Deixou o livro aberto sobre sua perna, enfim, de lado, foi quando algo, ou melhor, alguém, sendo arrastada por seu cachorro lhe chamou atenção.

Talvez o fato lhe tivesse passado despercebido, se não fossem os cabelos ruivos, trançados, balançando conforme ela corria ao tentar acompanhar o cão. O duque chegou a se levantar para enxergar melhor, foi quando o valete entrou em seu aposento naquele mesmo instante.

— Vossa Graça, Edith virá tirar a mesa do café, em alguns instantes — avisou, mas o duque sequer deu-lhe ouvidos.

— Oswald, aproxime-se — pediu com interesse. — Aquela é a moça que contratou? — O valete olhou para onde o duque apontava e sorriu com o que viu.

— Sim, é a senhorita Craw, chegou um pouco atrasada, mas veio. E, veja só, parece ter conquistado a confiança do maldito cão, depois de tanto tentar. Ao menos, ele parece gostar dela, milorde.

E quem não gostaria?

— Pegue roupas mais velhas para mim, irei ao jardim.



CAPÍTULO 07

— Masmorra, não faça... — A voz lhe faltou quando o cachorro pulou em uma poça de lama, sujando a saia do seu vestido e, até mesmo, o seu casaco.

Santo Deus, aquele era um dos seus melhores vestidos e agora, *olhe só para ele...* onde tinha se metido? Ainda assim, Anne se recriminou com o pensamento, embora estivesse suja, não poderia reclamar, pois realmente pagariam bem pelo trabalho. Além do mais, ela adorava animais e Masmorra havia conquistado sua afeição.

— Seu danado, vou ter que lhe dar um banho, ou o senhor Barn irá me mandar embora para nunca mais voltar, viu só o que fez?

— Acho que ele, o cão, não liga para isso, senhorita. — Aquela voz fizera com que deixasse o cão de lado e procurasse o dono do timbre grosso e rouco às suas costas. Anne sentiu o coração saltar, era o senhor Alford logo ali, agora, usando uma bengala de verdade.

— Oh, o senhor — disse apenas, passando o dorso de uma das mãos na testa, afastando do rosto uma mecha de cabelo que se desprende da trança.

No dia anterior, após estar há três dias consecutivos em Green Hall, sem encontrá-lo sequer uma vez, Anne viu-se perguntando a uma das empregadas, que encontrara próximo aos estábulos, pelo o sr. Alford. A empregada em questão disse a ela que não conhecia ninguém com esse nome que trabalhasse na propriedade, o que a deixou confusa e intrigada, agora ali estava ele.

Até então, Anne achava que tinha sido enganada por ele e que aquele homem poderia mesmo ser um malfeitor, dado o que a empregada lhe dissera, mas ali estava ele.

— Eu mesmo, srta. Craw. — Ele a olhou de forma apreciativa, ao menos ao que parecia. — A menos que tenha visões com o irreal e, imagino eu, que este não é o caso, sou de carne e osso.

Ela apenas sorriu, recuperando a postura, ainda que estivesse coberta de lama. O cão grunhiu ao se dar conta de quem estava ali, indo de encontro ao homem parado a meia distância. Anne observou com apreensão quando o viu pular no senhor Alford, enlameando sua calça um tanto surrada de cor marrom.

— Masmorra! — a senhorita Craw ralhou e viu homem aparentemente não se importar com as investidas do cão, levar um joelho ao chão com certa dificuldade e fazer carinho na cabeça peluda do labrador.

— Está se divertindo, não está, garoto? — disse ele e o cão soltou um latido, como se confirmasse aquela afirmação, e Anne sentiu que o sr. Alford se regozijou com a felicidade do animal. Claro que o cão o conhecia e estava óbvio que aquele senhor falava a verdade, trabalhava mesmo para o duque, ou não estaria ali. — Bom menino, seja gentil com a srta. Craw, garoto.

Anne estava sorrindo ao observar a cena, notando que, com dificuldade, Hunter apoiou a bengala a fim de levantar-se. Anne se viu aproximar-se dele, prestativa para ajudá-lo, mas o homem a parou, levantando uma mão, uma carranca tomava seu rosto, um vinco estava em meio a suas sobrancelhas. Ela paralisou como estátua diante da negativa, sem ação. Ficou sem jeito e olhou para os lados, enquanto, com dificuldade, o cavalheiro se levantava sem aceitar que o ajudasse.

Por outro lado, Hunter não voltou a olhá-la, indo até o banco próximo e se sentando. Anne aproximou-se, sem ser impedida desta vez e sentou-se ao seu lado, vidrada no cão que voltava sua atenção para a poça de água que agora era apenas lama. Perguntava-se internamente por que não permitiu que o ajudasse

se, na primeira vez que o encontrou, após a queda, ele chegou a pedir ajuda.

— Oswald ficará louco quando o vir.

— Oswald? — perguntou, curiosa

— Sim, deve conhecê-lo por sr. Barn — enquanto dizia, ele não a encarava. Permanecia ali sentado, olhando para o cão, ambas as mãos a apoiarem na bengala.

— Oh, claro... e talvez eu perca o emprego, recém-concedido, se o duque visse seu cão também. Um desastre, não é mesmo?

Hunter a observou por fim, uma sobrancelha erguida, imponente... e sorriu de canto.

— Talvez, sim... — Ele parecia estar adorando zombar dela.

— Masmorra é muito grande, sabe? Às vezes, não consigo segurá-lo, mas lhe banharei antes de levá-lo para dentro, esteja certo.

— Tenho certeza disso, senhorita — falou ele. Anne tinha os olhos no cão, já ele, observava-a atentamente.

— Não deveria estar trabalhando, sr. Alford? — Olhou-o com atenção e, por instantes, se sentiu desconcertada ao se dar conta de que o cavalheiro ao seu lado a encarava de forma fixa, com aqueles olhos belos a varrer seu rosto.

— Está reclamando de minha companhia, senhorita? — Ela corou e notou que ele parecia deliciado com o que lhe causou.

— Oh, não, de forma alguma. Gosto do senhor — apressou-se em dizer, ficando nervosa em seguida, chegando a sorrir nervosamente e mudando seu olhar, estando ainda mais vermelha. — Digo, não que eu o conheça o suficiente para isso, mas... bem, eu... — Ela estava em puro embaraço.

Hunter sentiu vontade de perguntar por qual motivo gostava dele, até onde se lembrava, não havia feito nada para conseguir tal afeto, pelo contrário. Mas poderia deixá-la ainda mais desconfortável, caso perguntasse, portanto, viu-se na obrigação de acalmá-la.

— Eu entendi, senhorita, fique tranquila. Mas o que me intriga, é a senhorita aqui, trabalhando. Por quê? — Observou-a fitar o chão, as mãos presas em um botão qualquer em seu casaco, apenas para ter com o que ocupá-las.

— O destino de nós, mulheres solteiras e filhas únicas, quando perdem o pai é cruel, senhor Alford — confessou e chegou a suspirar. — O meu fora, ao menos...

— Seu pai morreu há muito tempo? — insistiu.

— Pouco mais de um ano. Como filha única, não herdei a propriedade que foi passada para um primo distante, que sequer conhecíamos. Fui obrigada a deixar minha casa, meu lar, e cá estou, sem dinheiro e uma solteirona, como pode ver.

Ele apenas a olhou. Sim, com vinte e cinco anos ela realmente era considerada uma solteirona. Dificilmente uma jovem conseguiria um bom casamento nesta idade, ainda mais estando no lugar dela, sem família ou dote.

— Entendo. Seu pai não lhe deixou nada?

— Não teve tempo, foi tudo tão rápido — explicou, o olhar parecia perdido enquanto falava.

— E quanto ao casamento, senhorita Craw? Por que não se casou ainda? — Deveria se conter, afinal, no que isso deveria lhe interessar?

— O tempo passou, eu não tinha interesse em me casar, meu pai não demonstrou interesse em obrigar-me a tal enlace e as coisas só aconteceram. Não esperávamos que papai se fosse tão

logo, nem mesmo ele, já que não pôde concluir seus planos de me deixar um dote ou economias.

— Eu sinto muito, srta. Craw — lamentou, imaginando como deveria ser difícil tal situação.

— Não sinta, estou bem, apesar de tudo. Mas agora preciso cuidar de mim, não posso acreditar que a senhora Muller me acolherá por muito tempo, apesar de sua boa vontade, devo cuidar para fazer meu próprio pé de meia. Sendo assim, aqui estou eu, pronta para fazer o melhor trabalho que puder. — Sorriu, após aquele relato ela sorriu para ele.

O duque a olhava de forma profunda, admirado talvez, com a determinação daquela jovem, que teve um destino infeliz. Imagine só, ser despejada de sua própria casa. Pensou em Kathe, a colocando no lugar da srta. Craw.

— Entendo... Barn está lhe pagando bem, senhorita? — preocupou-se.

— Creio que mais do que eu mereça, por passar apenas poucas horas pela manhã com um cão tão carinhoso.

— Claro — assentiu, abaixando o olhar.

— Mas agora, já contei muito sobre mim. Me diga o senhor, como se machucou? Lembro-me de dizer que já usava uma bengala antes de cair do cavalo. — A pergunta o incomodou, não negaria.

Anne notou tal descontentamento, vendo-o levantar-se enquanto ela permanecia ali, olhando-o. Talvez tivesse falado demais, por vezes não conseguia controlar a língua, não conseguia pensar antes de dizer.

— Vamos caminhar, senhorita? — perguntou ele, surpreendendo-a, as sobancelhas levantadas, à espera de uma resposta um tanto tardia.

— Sim, deixe-me apenas pegar Masmorra, ou ele pode acabar com o belo jardim do duque.

Anne foi até o cão, pegando a coleira e, mesmo de costas, sentia-se ser observada, e a sensação fazia suas costas queimarem. Preocupou-se então com sua aparência, como deveria estar?

Santo Deus, ao menos estava com os cabelos bem trançados, o que era bom. Apesar de ele ter elogiado seu cabelo em outra ocasião, não se orgulhava da cor e preferia prendê-lo. Estava parada ao lado do cão, que agora a olhava, e prendeu suas tranças com certo esforço, as escondendo embaixo da touca que trazia na mão.

Virou-se, trazendo o cão pela coleira, indo para próximo do cavaleiro que se pôs a andar devagar. Os dois então puseram-se a andar lado a lado, ambos calados.

— Sabe, senhorita — ele foi o primeiro a dizer —, a guerra não escolhe a quem machucar, mas escolhê-la é um ato honrado, não me arrependo, embora hoje esteja inválido.

Anne imaginou que ele não mais responderia sua pergunta e ela chegou a parar ao ouvi-lo.

Ele foi para a guerra?

Ao estancar no lugar, ela obrigou-o a fazer o mesmo. Contudo, o cavaleiro não a esperou por muito tempo, não teve essa delicadeza, e logo Anne voltou a andar, acompanhando-o.

— O senhor foi para a guerra... — era uma afirmação.

— Sim, senhorita, cheguei a ser coronel, tive meu batalhão. Também conquistei honras e fui condecorado algumas vezes, mas isso não me livrou dos estilhaços vindo de um tiro de canhão que me deixou assim. Hoje, como pode ver, me tornei um homem inválido.

Ao ouvir aquilo, Anne sentiu o coração se apertar, não acreditando no que ouvia, não aceitando que ele pensasse tão pouco de si.

— Ora, não diga isso. — Desta vez, foi ele a parar de andar e olhá-la, levantando uma sobrancelha. A forma com que a observava era tão severa, que Anne perguntou a si mesma se tinha nascido uma segunda cabeça em seu pescoço. — Não me olhe assim, pois se o senhor acredita mesmo nisso, que está inválido, está muito enganado — foi enérgica ao afirmar isso e viu o vinco voltar às sobrancelhas do homem à sua frente e, por segundos, viu-se dizendo a si mesma que a aparência dele, agora, não lhe parecia tão selvagem. — O senhor tem um problema, isso é claro, e eu não sei o tamanho de tal infortúnio, é verdade, ainda assim, o senhor consegue andar, montar a cavalo, eu mesma o vi. Não seja tolo ao dizer isso, senhor Alford, não é um inválido, pelo amor de Deus. E é jovem, acredito eu, tem uma vida que pode ser plena e uma história de bravura a contar, sobreviveu, senhor, agradeça por isso.

— Não sabe o que diz, senhorita... — ele começou a dizer, mas Anne não deixou que terminasse.

— Eu sei, senhor — respondeu, com o nariz em pé. — Já vi famílias chorarem, sem ter um corpo para enterrar, de filhos que morreram na guerra e não voltaram de jeito algum. Esses, sim, senhor, são inválidos, perderam a vida, uma família, um futuro no ato da guerra. Houve coragem, senhor, mas não houve glória para esses homens que perderam suas vidas, ou para aquelas famílias que até hoje choram a perda de um ente querido, sem ter ao menos um corpo para velar. O senhor está vivo e isso deveria bastar — disse com sagacidade e veracidade, voltando os olhos para o horizonte, incrivelmente tocada por ouvir alguém amaldiçoar-se, ainda que estivesse ali, vivo.

— Fala com propriedade, senhorita.

— Com a propriedade do que vi, senhor. Agradeço aos céus por nunca precisar sentir tal perda.

O senhor ao seu lado nada mais dissera e voltaram a andar pela estrada ladeada de carvalho. Olhou de esguelha para ele, que tinha o olhar perdido e não parecia inclinado a voltar a falar.

Anne permitiu-se admirar a propriedade nos momentos de silêncio que se seguiram. A construção de pedra, avermelhada, era belíssima e fora levantada na forma quase perfeita de um triângulo. Uma construção medieval que permitia ter uma frente ampla, com uma fonte a se avolumar e embelezar a entrada.

O jardim seguia por todas as três laterais do lugar, com a estrada ladeada de carvalho a cortá-lo.

— Tem parentes, senhor Alford? — disse, quando sentiu que ele nada mais diria. Teria o ofendido?

— Sim, tenho uma irmã. Hoje, casada e com dois filhos pequenos.

— Verdade? Ela fizera um bom casamento?

— Creio que sim, se casou com um conde, parece levar uma vida feliz. É o que dizem.

Anne estranhou o que disse. Como dizem? Ele não tinha contato com a irmã?

— Não a vê há muito tempo?

— Apenas uma vez, após voltar da guerra. Na ocasião, ela viera me visitar, não foi um encontro feliz, dado minhas condições. Ainda estava muito debilitado quando voltei. Portanto, só sei sobre sua união o que ela me escreve, pois não estive presente em seu casamento, estava na guerra, sendo assim, não conheço bem seu marido. Nós nos falamos por cartas, mas em cartas contamos apenas o que nos convém, concorda?

A jovem o olhou, estava estarelecida com o que ouviu.

— Sim, mas...

— Sendo assim, não posso afirmar se Katherine é realmente feliz.

— Espere, e quem cuidou do senhor ao voltar? Como... como... como não deixou que ela o fizesse?

— Quando voltei, senhorita, eu estava... — Ele estava visivelmente desconfortável ao falar, Anne notou, ainda assim, não conseguia segurar sua curiosidade.

— Não tinham uma boa relação, era isso? — Anne tentava entender.

— Tínhamos a melhor das relações, creio eu...

— Ora, então... se considera alguém orgulhoso, senhor? Foi por orgulho? Estar assim, fere sua masculinidade? — disse em um arroubo mal contido.

Anne tinha ido longe demais, percebeu. O vinco em meio às sobrancelhas do duque ficou ainda mais profundo, sua expressão mais rude e, sem dizer uma palavra, o homem ao seu lado deu meia-volta e se pôs a andar em direção contrária à sua.

— Senhor, me desculpe... eu...

— Não conhece limites, senhorita, tampouco etiqueta! — bradou, ainda de costas.

Anne sentiu-se mal, fora como receber uma bofetada em sua face e não teve o que responder, pela primeira vez, em muito tempo. Ficou apenas calada, sentindo o rosto queimar de vergonha, vendo-o se afastar. Negou e levou uma mão à fronte, dando pequenos tapinhas.

— Maldita boca, Anne, maldita seja! — praguejou, enquanto via o senhor Alford, sumir de suas vistas.

Sentiu-se mal, teria ela magoado ou ferido seu orgulho? Esperava que não, afinal, não fora sua intenção. Esperava que ele a perdoasse, pois tentaria manter a boca fechada dali em diante.



CAPÍTULO 08

— A jovem já foi embora, milorde. Talvez queira dar uma volta no jardim esta tarde...

Hunter olhou o valete por cima do ombro, o que tinha a ver a jovem ir embora, com uma volta no jardim, ou melhor, o que ele sabia sobre a jovem que nem era tão jovem assim?

— Estou tentando entender o que está insinuando com isso, Oswald. Mas posso apostar minha perna ruim que irá me explicar — disse com enfado óbvio.

Há dois dias, ao deixá-la sozinha no jardim, de uma forma nada cavalheiresca, o duque não mais a vira, também não se esforçou para sair de casa, caminhar ou nada parecido, como o doutor Armstrong indicou. Chegou a sentir uma pequena coceira em sair para o jardim ao ouvir a voz dela chamando o cão naquela manhã, contudo não se dignou a sequer olhar em sua direção.

Naquele momento, seu olhar estava preso no valete, esperando uma resposta. O duque permaneceu sentado na poltrona, a coluna ereta, as mãos juntas sobre o brasão da bengala, vestido impecavelmente.

Ao ver o valete procurar palavras, voltou sua atenção para os papéis ao lado, que o administrador lhe tinha trazido mais cedo.

— Peço desculpas, milorde, mas acabei por vê-los anteontem no jardim. Não que eu estivesse bisbilhotando, apenas procurei pelo senhor. Quando os vi, pela janela, tive a impressão de que pareciam bastante próximos.

— Oh, isso? — desdenhou, como se pouco importasse o que ouvia. — Eu a conheci na tarde em que saí a cavalo, Oswald.

— Então, era ela que o acompanhou naquele dia. Por isso, perguntou-me pelo sobrenome da jovem — Oswald especulou.

— Sim, de fato. Uma senhorita energética — concluiu Hunter, por fim, achou que aquilo bastaria, mas o valete voltou a falar:

— Devo concordar, senhor. Um tanto diferente, não é?

Hunter sabia, o valete sempre queria chegar a algum lugar e poderia apostar, novamente, sua perna ruim, que Oswald o contratou apenas por reconhecer o sobrenome. Parou o que estava fazendo, deixando outra vez os papéis de lado.

— Quer dizer realmente algo com isso, Oswald? Se quer, aconselho que seja direto e pare de rodeios, homem! — Observou o valete, que sorriu.

O fato de ter os serviços do valete por tanto tempo, talvez tivesse trazido a intimidade incomum entre patrão e um empregado. Contudo, Hunter gostava de olhá-lo como um amigo, não o reprimia ou exigia mais respeito dele, não como deveria.

— Não, milorde, não ousaria. Mas gostaria de ressaltar; há muito tempo o senhor não conhece uma dama, tampouco troca palavras com uma.

O duque levantou as sobrancelhas, não queria admitir, mas as palavras que a senhorita Craw lhe dissera, mexeram com ele e ainda não tinha decidido se fora de forma boa ou ruim. Mas ao falar de sua masculinidade... nesse momento, sim, Hunter a sentiu acertá-lo no peito.

— Acredite, aquela mulher não é uma dama. Pode ter o sobrenome de uma, mas berço e educação... — deixou as palavras no ar.

Ela tinha ferido seu orgulho? Sim, fora longe demais em suas palavras, ela tinha feito-o pensar. Mexido com tudo que acreditava e mais, Anne o reprimiu com veemência e paixão. Sim, usou a paixão pelas palavras, a paixão por acreditar realmente no que dizia para convencê-lo a mudar toda a ideia que construiu nos últimos anos. O pior era a confusão que isso causava em seu âmago, pois ao tempo

que a maneira como falou o incomodava de forma feroz, também causava em seu coração algo bom. Pois ela não o considerava um inválido, não o via assim.

Desde que a deixou sozinha no jardim, lutava para organizar seus pensamentos, sua incoerência e não conseguia.

“Teve sorte, está aqui, vivo, agradeça...”

Agradecer? Ele não sabia o que era isso, a amargura do abandono, de suas perdas e escolhas não lhe deixavam saber o que era isso.

— Notei também, milorde, a forma como se despediu dela...

— Oswald parou de falar quando o duque o olhou, carrancudo.

— Então, estava mesmo me espionando?

— De forma alguma, milorde. Mas poderia facilmente lhe dizer, pelo pouco que observei, que a jovem o irritou. Estou certo?

O duque então explodiu:

— Irritou-me, irritou-me? Não, ela, ela... aquela senhorita é a encarnação da irritação em pessoa, um demônio carregado de sinceridade. Aquela dama consegue enredar qualquer um em uma teia de gentileza, para, em seguida, dar o bote. Uma dama curiosa e com pouca educação. É o que ela é — finalizou, notando pela expressão do seu valete, que sua explosão o agradou.

Mas Hunter deveria ser justo. No fundo, ele sabia que a senhorita não tinha feito por mal, não teve a intenção de soltar seus improperios e magoá-lo, foi só... ela quis ajudar e, depois, bem, não conteve a língua. A senhorita Craw só parecia querer, de fato, demovê-lo da ideia de invalidez. No fim das contas, o que realmente poderia o incomodar era o fato dela ter razão sobre ele próprio.

— Vejo que a dama parece tê-lo ofendido, Vossa Graça.

— Ora, Oswald, não seja tolo. Como alguém como ela poderia ofender-me? — ralhou, odiava demonstrar emoções.

— Se é o que diz, milorde. Penso que devo demiti-la, então...

— Não se atreva, Oswald — Hunter quase rugiu aquela ordem. Para, em seguida, sentir-se desconcertado com a rapidez de sua negativa. — Digo, quero deixar claro que independente do que viu no jardim, a senhorita Craw não é ninguém para mim, então não é necessário prejudicá-la.

Inválido... se colocara realmente neste lugar, pior, deixara que o colocassem nesse lugar, escondendo-se, não impedindo os boatos insanos que rondavam sua escolha de recolher-se. Acomodou-se, essa era verdade, a senhorita Craw estava certa. Ele se entregou à dor e à comiseração. Inferno.

— Agora, vá, deixe-me sozinho. — Hunter voltou sua atenção para a janela, dispensando o valete com um aceno.

— Como quiser, milorde. — Mas Oswald não saiu. — Devo lembrá-lo que chegou, ainda essa manhã, uma carta da duquesa viúva, senhor.

Hunter sentiu o coração bater mais forte ao ouvi-lo, fechou os olhos, apertando o alto do nariz.

— Sarah? O que diabos ela quer?

— Não sei, milorde. — E como poderia? A carta era para o duque.

— Queime-a, e pode fazer isso agora mesmo. Vá — ordenou.

Tudo o que não precisava naquele momento, ou qualquer outro, era saber de Sarah, fosse lá o que ela quisesse. Tratou de deixá-la muito bem abastada, não tinha motivos para que fizesse qualquer contato. Queria que a mulher que um dia destroçou seus sentimentos fosse para o inferno.

Ao ver-se sozinho no quarto, levantou-se com a ajuda da bengala, pegou a pesada capa e saiu do quarto.

Seus aposentos ficavam no primeiro andar da mansão, fora especialmente adaptado para ele, um quarto de fácil acesso. Afinal, subir as escadas era inacessível na época em que voltara para casa. Desde então, os andares superiores da mansão foram esquecidos, abandonados, assim como os demais do primeiro andar, os que ele não mais usava. Na verdade, Hunter tinha abandonado sua vida, uma vida que lhe deu um lugar no alto escalão da sociedade, uma posição que ele não pediu, um legado que lhe fora herdado.

Saiu pela grande porta da mansão, querendo acalmar a confusão que a senhorita Craw havia colocado em sua cabeça, com todas aquelas palavras e veracidade. Em nenhum momento, sem abaixar o olhar, ao lhe contradizer, não fingia falsa modéstia, tampouco era inibida ao sorrir para ele. De fato, não se comportava como uma dama.

Pegou-se a andar pelo lado leste da propriedade, onde sabia que acabaria no lago, que àquela altura já estava descongelado. Já tinha feito misérias naquele lugar, era deveras traquino quando criança. Por muito tempo, o lago foi o pesadelo particular da duquesa, pois seus filhos não conheciam limites e estavam sempre desobedecendo às suas ordens e nadando pelados no lago. Deram trabalho, isso reconhecia.

Na ocasião, William era um garoto de alma travessa, que sonhava alto e fazia planos para quando herdasse o ducado. George era o pior de todos, aquele que dava as piores ideias, de alma leve, despretensioso e incontrolável. Já Kathe, a mais nova dos irmãos Malford, era impetuosa e delicada, excessivamente dramática, porém amava estar junto aos irmãos. E tinha Hunter, o mais cuidadoso, comparado aos quatro, apaixonado por aquelas terras, com sonhos grandiosos de feitos enaltecedores.

Hunter chegou a suspirar com as lembranças, dando-se conta do quanto aquele lugar mudara após anos.

Eram um quarteto e tanto, contudo, agora era apenas ele. William se fora, acometido por uma maldita tuberculose. Kate se casara e George, não sabia onde irmão estava.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma voz suave, de tom quase lírico. Hunter parou, olhando para os lados, tentando achar quem estava invadindo suas terras. Poderia ouvir também a água correndo, e se aproximou com cautela das árvores que serpenteavam o lago.

Ao estar próximo o bastante, o duque viu uma silhueta feminina e cabelos vermelhos compridos a caírem por suas costas, lisos de início para, depois, ondular nas pontas. Era ela, a mulher de língua afiada que tinha lhe tirado o sossego nos últimos dois dias.

Hunter soltou o ar e olhou para os lados. Ela não o viu ali, era só dar meia-volta e sair para o aconchego do anonimato. Assim, a senhorita Craw não o veria. Era o melhor a se fazer, sem dúvida. Afinal, Hunter não tinha interesse algum em falar com ela.

Mas, aparentemente, isso não era verdade, já que em vez de dar meia-volta, Hunter, de forma barulhenta, se aproximou, assustando a pobre dama que estava em um estado lamentável ao segurar a barra do vestido para cima, deixando belos tornozelos à mostra.

— Quem está aí? — perguntou ela, levantando-se. O semblante se mantendo entre o embaraço e o medo.

— Sou eu, senhorita. — Ouviu-se dizer. O que estava fazendo?

— Oh! Parece que tem a mania de assustar-me, senhor Alford — disse ela, mas não tinha aquela face receptiva como no outro dia em seus jardins.

— O que faz aqui? Não está muito longe de onde mora, senhorita? — Conseguiu deixá-la desconfortável, percebeu.

— Sim, e, por favor, não conte a ninguém que me viu aqui — pediu no mais puro dos embaraços, arrumando a saia do vestido. — Não me entenda mal, encontrei o lago hoje pela manhã, ao andar com Masmorra e...

— Achou que não faria mal invadir a propriedade logo mais à tardinha, para usufruir de sua beleza — completou Hunter.

Viu a senhorita Craw abrir a boca para falar algo, mas voltou a fechar e a abri-la novamente, parecia não saber o que dizer. Por fim, empinou o nariz, altiva. Parecia ser um tipo de defesa ao ver-se encurralada.

— Eu não estou invadindo, senhor.

— Oh, não?

— Não... e o senhor, o que faz aqui?

Hunter quis rir, ela estava mesmo perguntando isso? Perguntou-se por que a dama não se intimidava ao seu lado. Em toda sua vida, tinha o costume de ser intimidador, na guerra, na vida, bastava um simples olhar... era parecido com o pai nesse aspecto. Mas ela não, a senhorita Craw o olhava de cima e ele perguntava-se o que aconteceria se dissesse a ela que era um duque. Se ainda o olharia da mesma forma, como igual.

Alguns clamavam por fama, fortuna, poder, já ele... clamava por sentir-se alguém comum entre os seus, como ela o fazia sentir.

— Bom, como pode ver, ao contrário de alguns, não estou invadindo. Moro aqui.

Segundos desconcertantes se seguiram. Talvez desconcertantes para ela, já para o duque, estava sentindo-se muito

bem ao vê-la em embaraço óbvio. Estava adorando deixá-la sem palavras.

— Devo-lhe desculpas, senhor — falou ela de súbito e o pegou de surpresa, não estava pronto para voltar àquele assunto, mas deveria imaginar que ela faria. Deveria ter ouvido seu bom senso e dado meia-volta. — O senhor estava certo, passei dos limites aceitáveis, peço que me perdoe. Às vezes, me esqueço que sou uma dama, não deveria, mas acontece mais do que eu gostaria. Quero que saiba que não quis magoá-lo.

A senhorita olhava para o fundo do lago enquanto falava, segurando com firmeza uma pequena pedra nas mãos.

— Não me magoou, senhorita — respondeu, por fim, compadecido de seu embaraço, dando um passo cauteloso à frente. O chão ali era irregular e tinha raízes, poderia facilmente cair.

— Não?

— Não, talvez me desconcertou, acredito — admitiu ele, por fim, sentando-se em um tronco caído, que um dia deveria ter sido uma belíssima árvore.

Olhou, então, para Anne, que continuava do mesmo jeito, e como estava bonita de uma forma única. Deu-se conta de que ela conseguia o impensado, ser de uma beleza ímpar, ainda que tão simples e até mesmo desleixada, bela como uma ninfa. Os cabelos de cor viva lhe caíam pelas costas e ombros, em perfeita cascata, e Hunter desconfiava que ela sequer notava o quão linda e tentadora era.

— E já que estamos aqui, faça-me companhia — pediu com a voz mansa, mal reconhecendo-se, deveria prezar pela honra da dama, não podiam ser vistos sozinhos. Mas a verdade é que ele não se importava, queria permanecer ali, na companhia dela.

Não muito tempo, ele chegou a imaginar que jamais sentiria atração por alguma mulher, mas a senhorita Craw foi capaz de

despertar em si os seus mais selvagens desejos, fazê-lo sentir-se um homem vivo novamente.



CAPÍTULO 09

Anne sentia coração bater com ferocidade em seu peito e engoliu em seco, sendo pega no flagra. Solto a pequena pedrinha no lago e tratou de prender os cabelos em um coque na nuca, indo em direção onde o sr. Alford estava sentado. Deveria ouvir mais a senhora Muller, deveria se comportar mais como uma dama, ir para casa e não se render ao pedido de um cavalheiro, em estar sozinha com ele. Aquilo poderia arruiná-la.

— Acho que... se nos víssemos aqui... — começou a dizer.

— Eu teria que me casar com a senhorita — completou ele, fazendo com que ela arregalasse os olhos. — Mas acalme-se, ninguém vem aqui a essa hora.

Anne voltou a respirar, por segundos chegou a imaginar tal loucura.

— E o que pode o senhor pensar de mim?

— Que é uma amiga, que tenho alguém com quem conversar em momentos de solidão. — Ele quis mesmo dizer aquilo?

— Se prometer não me julgar, posso ficar por pouco tempo.

— Apenas um jardim de minuto, senhorita — disse e Anne sorriu. — Poderia me contar mais sobre a senhorita, do lugar onde morava?

Ela poderia, adorava falar do seu lar, era uma forma de afastar a saudade que sentia. Sentou-se no tronco da árvore, tomando certa distância dele. Anne acreditou que o homem nunca mais olharia em sua cara e ali estava ele, bem-vestido, mas ainda assim, continuava a passar a impressão de descuido com sua aparência, pois estava com o mesmo corte de cabelo, ou melhor, a inexistência de um corte, assim como a barba.

— Onde morava... — começou Anne e, por instantes, sua voz ficou em suspenso e sua mente viajou, depressa, para as lembranças de dias ensolarados em que passara frente ao lago de sua antiga propriedade, fosse com seu pai ou sozinha. — Tínhamos um lago, um pouco menor que este em tamanho, é verdade, mas era o meu lugar favorito em todo Vale Verde. O prado era belo e me fazia ter a sensação de voar ao cavalgar — disse e soltou um suspiro cheio de saudade. — Sinto falta de casa, sinto falta de tudo naquele lugar, do meu... pai.

Anne sorriu, talvez para impedir um bolo choroso se formar em sua garganta, ao se lembrar do homem que foi para si o melhor pai que poderia ser para uma filha.

— E achou que poderia aplacar um pouco dessa saudade vindo até aqui, estou certo?

— Sim, acho que o senhor tem razão quanto a isso — interpôs. — E de fato estou invadindo, achei que ninguém me veria aqui. Dizem que o duque é um homem recluso, que se comporta como uma fera enjaulada e que não sai de casa. Com isso, imaginei que a essa hora, ninguém viria aqui e meu ato impensado passaria despercebido... peço desculpas.

Hunter estava olhando-a, sério. Mas ele sempre era sério, sempre com essa carranca estampada na cara.

— Ora, então o duque de Austen é uma fera... é o que dizem? — perguntou com aparente curiosidade.

Em silêncio, Anne olhou para o chão e pegou uma pedrinha que descansava ali, limpando-a e a apertando em sua mão.

— Para ser justa, senhor, eu nunca o vi. Com isso, não poderia fazer tal afirmação, mas, é o que dizem em todo o condado. Dizem que, após... — Ela parou de falar e o olhou.

— Após? — insistiu ele.

— Não sei todos os detalhes...Ora essa! — exclamou, pegando o cavalheiro ao seu lado de surpresa. — Veio-me agora à mente, certa vez falaram que o duque fora para a guerra, duques não vão para guerra, não é?

— Nisso, está certa. Duques não vão para a guerra, devem manter-se em segurança e assegurar sua linhagem. Mas Austen ainda não era duque quando foi.

Anne não entendeu bem o que aquilo queria dizer.

— Como assim? — Estava novamente curiosa.

— Ele era o segundo filho de um duque, não o herdeiro de um ducado. Então o irmão morreu e foi ele a herdar o título.

Anne arregalou os olhos, então era isso... nunca tinha realmente perguntado a fundo sobre a história do duque de Austen, guardava na mente apenas os relatos mais chocantes em sua mente e, claro, que eram pura fantasia. Algo lhe ocorreu e ela se voltou para Hunter, o olhando fixamente.

— Então foi isso? O senhor foi para a guerra com o duque? Ou o conheceu depois?

O senhor Alford a olhou fixamente e nenhum dos dois teve a decência de abaixar o olhar, encarando-se. Anne ávida por saber mais.

— Sim, fui para a guerra com o duque. — E lá estava, Anne achou que acabara de matar a charada.

— O acompanhou como seu valete? — Anne quis saber. — Bom..., mas não é mais um valete, não é? — indagou e, em seguida, desmentiu-se. — Oh, disse que chegou a lutar na guerra... me deixa confusa, senhor.

Ao olhá-lo, percebeu que ele *quase* sorriu.

— Bom...

— Até porque, se fosse um valete, como teria sido ferido, não é mesmo? — continuou ela, o atropelando conforme sua cabeça trabalhava com rapidez.

— A senhorita sempre faz tantas perguntas assim?

Anne corou e, por fim, baixou o olhar, voltando-se para a água cristalina à sua frente.

— Devo dizer que sempre fui acusada de falar demais. Sou curiosa em demasia.

— Isso é fácil de perceber, senhorita. E, sim, lutei na guerra — por fim, disse, aplacando brevemente sua curiosidade.

— Oh, como imaginei.

— Falou-me do seu pai, senhorita, mas não disse nada sobre sua mãe — foi a vez dele perguntar.

— Minha mãe morreu jovem, bem jovem... eu tinha apenas treze anos. Ela era uma mulher alegre, quando me lembro dela, é de seu sorriso.

— Presumo que seu pai não voltou a se casar?

— Oh, não... acho que jamais conseguiria. Ele a amava com devoção, foi ele quem criou-me.

— Então, isso explica sua língua afiada, senhorita.

Anne o olhou, *era uma ofensa?*, perguntou-se, mas o senhor Alford a escrutinava como se esperasse uma afirmação.

— Minha educação não foi ruim, mas não aprendi bem a como portar-me, devo dizer. Acredito que o fato de papai ter sido permissivo comigo, possa ter atrapalhado minha educação. Ao menos, é o que minha tia dizia.

— De fato, a senhorita em nada se parece como uma dama.

Anne se levantou, não para ir embora, mas para tomar certa distância. Aquilo fora um insulto e ele não parecia inclinado a pedir desculpas.

— Eu nunca quis ser uma, senhor. Deveria me sentir insultada com tal afirmação, mas... não consigo, pois não é uma mentira. Acho que meu pai queria um menino e acabou tendo apenas a mim. Acho que nem me via como uma dama, me tratava mais como um garoto, deixando até mesmo que o ajudasse no campo. — Ela sorriu com a lembrança. — Às vezes, ele recebia amigos em nossa casa e se punham a jogar cartas, conversar e eu... me escondia embaixo da mesa e ficava quietinha, invisível, ouvindo suas histórias. De fato, não sou uma dama, não em educação. — A última frase foi dita com pesar.

— Perdoe-me, senhorita, fui rude em demasia. Leva o nome de um cavalheiro, é sim, uma dama de nascimento.

Anne sorriu, mas não era algo bonito ou verdadeiro.

— Por muito pouco, senhor. Meu pai era o segundo filho de um barão e deveria se comportar bem, deveria servir ao exército, se bem sei. É o que os segundos filhos geralmente fazem, mas apaixonou-se por minha mãe e ambos fugiram às vésperas de sua partida, causando uma grande confusão. — Parou de falar de súbito. O que estava a dizer? Iria falar da origem cigana de sua mãe? Não, não ia. — Casaram-se na Escócia, escondidos de tudo e de todos. Ao voltarem, meu avô tratou de abafar os boatos e de mandá-lo para longe, para morar em Vale Verde.

O duque ouvia tudo com atenção, Anne notara.

— Não é só filha de um cavalheiro, é a neta de um barão?

— Sim, parece que sim. Mas nunca os vi, sou o fruto da vergonha dos Hamufh, como pode ver.

— Admira-me muito não estar casada ou amparada pela família de seu pai.

Temia por essa pergunta, abaixou o olhar para a pedra esverdeada em sua mão e a apertou mais, deixando os nós dos dedos brancos. Anne voltou a se sentar, deixando o cavalheiro um tanto fora do prumo.

— Aparentemente, eu deveria ter me casado há uns seis anos. Mas nunca tive tal inclinação, não por...

— Conveniência? — perguntou, parecendo interessado.

— Exatamente. Cresci ouvindo sobre minha mãe e meu pai que se conheceram em um baile e se apaixonaram perdidamente, o quanto foram felizes, mesmo contra tudo e todos, até... que ela fora tirada de nós e cresci desejando algo assim. Se não fosse por amor, amor verdadeiro, não me casaria, não por livre vontade.

— Mas seus planos foram estragados, imagino. A essa altura, uma união a salvaria, estou certo?

— Sim. Mas como isso poderia acontecer, se não me resta um dote? Não fui a Londres em busca de um bom casamento, não conheci um bom cavalheiro em um baile e não... me apaixonei.

— E o que espera para a vida, senhorita?

Anne sorriu e sentiu os olhos úmidos. O que esperava para a vida? Não queria muito... apenas um lar que fosse seu, que lhe garantisse proteção, poderia trabalhar em qualquer coisa, desde que pudesse sustentar a si e a Mary. Porém como obter isso?

— Ainda não sei, por ora sou acolhida pela senhora Muller, mas logo terei que arrumar um novo caminho que me traga amparo e segurança.

— Longe do casamento, suponho?

Anne suspirou, parecia vencida.

— Se eu disser que não pensei em casamento como uma salvação, senhor, estaria mentindo. Venho pensando bastante nisso

no último mês. Seria minha salvação, me daria um lar, porém, e se for infeliz em tal inconveniente? Como... viver com um homem, em uma casa sem que... haja afeição?

— A senhorita, de certo, deve saber, dada a sua idade, que pessoas como seu pai e sua mãe são a exceção em nosso meio, não o contrário.

Sim, ele estava certo. Talvez tenha errado em não dar atenção ao que a tia lhe dizia, ao não deixar o pai lhe tentar arrumar um casamento com um bom fazendeiro, ou um reverendo qualquer.

— Sim... esperava amor, por isso o casamento sempre ficou distante para mim e acabei aqui.

— Talvez tenha enfeitado demais sobre isso, senhorita. Poderia, até mesmo, arriscar que leu romances demasiadamente para ter tais sonhos. Meus pais, por exemplo... não se uniram por amor e, sim, por conveniência e tiveram uma boa convivência, até onde me lembro, chegaram bem perto de amarem-se.

— Mas foram felizes, senhor?

— A felicidade, por vezes, é subestimada e relativa, senhorita. Acha que não pode ser feliz em um casamento por conveniência, mas... é feliz agora?

Anne o encarou, um tanto surpresa, mudando seu olhar de volta ao lago, pensando em uma resposta. Era feliz? Por certo, tentava no mínimo não ser infeliz, dado sua sorte.

— Não, mas tenho liberdade, senhor, por ora me basta.

— Por ora...

— E o senhor, é feliz?

Viu o homem apertar a bengala nas mãos, agora sem mais olhar para seu rosto, tendo uma expressão sombria com a menção do enlace. Tinha passado dos limites novamente, sabia ela.

— Tenho mais do que necessito para viver, talvez isso seja suficiente. Como eu disse, a felicidade é relativa e, por vezes, irrelevante. Agora diga-me, senhorita, por que ri tanto, se não é feliz?

— Chorar não melhoraria minha vida, não traria meu pai de volta, tampouco me levaria de volta ao meu lar. Então, eu sorrio, senhor, mesmo que seja passageiro.

O cavalheiro olhou para frente, mas não parecia ver nada em especial, estando um tanto perdido.

— Faz sentido.

— E o senhor... pensa em se casar?

— Não — ele foi incisivo, seco. — O casamento não é algo para mim, ao menos, não no momento.

— Por quê? — quis saber ela.

Anne viu aquele vinco, que já fazia parte de sua carranca, aprofundar-se mais entre suas sobrancelhas ao ouvi-la.

— A senhorita é um tanto enxerida.

Anne deveria levar aquilo para si como uma ofensa, dar um basta naquela conversa, naquela... afinidade estranha que tinham. Estavam ao ponto do indecoroso ali. Sim, ela deveria levantar-se e ir embora, mas, pela primeira vez, achara alguém que conversasse com ela sem se importar com convenções, como seu pai fazia quando era vivo. Tratava-a como igual... sem etiquetas e deveres, algo verdadeiro, mesmo que a chamasse de enxerida.

— Já me acusaram disso antes, senhor. Muitas vezes até, não me intimida, se é essa a tua intenção... — disse, como se falasse uma amenidade qualquer, sobre o tempo, por exemplo. — O senhor não sorri, não é mesmo?

— Não, não sorrio. É uma frivolidade, não tenho motivos para isso.

— Parece alguém triste e...

— E? — perguntou ele, queria saber mais o que a senhorita Craw pensava sobre si.

— Amargurado.

— Talvez seja verdade — concordou e tentou levantar-se.

Anne notou sua dificuldade em fazer isso e, sem demora, levantou-se, o ajudando, sem antes lhe pedir permissão, por mais que ele parecesse incomodado com tal ação.

— Aceitar uma gentileza não o torna menos capaz, senhor Alford.

— Como disse?

— Eu o ajudei a se levantar... poderia... me agradecer, mas em vez disso, o senhor franziu as sobrancelhas e apertou os lábios em reprovação. Incomodou-se. Então, me vejo inclinada a dizer que aceitar ajuda não o torna menos digno, apenas... gentil, diferente de como se comportou no jardim no outro dia. — Ele a olhava, paralisado. — E se quiser fazer como anteontem e sair andando, dando-me as costas, fique à vontade, não me importo. Porém devo dizer que vamos na mesma direção e que tenho duas pernas boas e o senhor, bem, ficaria para trás. Ou podemos ir juntos, fazendo companhia um ao outro e conversando, devo dizer que me sinto à vontade em conversar com o senhor. Embora deva achar isso um incômodo. Caso prefira, podemos apenas ficar calados, o senhor escolhe.

— Não conhece mesmo limites, não é, senhorita?

— A essa altura, já deveria saber que não... vamos? — Ofereceu o braço a ele.

Hunter negou. Não por orgulho, mas daquela vez, queria ele oferecer-lhe o braço e o fez. Anne sorriu ao aceitar a cortesia sem demora, pondo-se a andar junto a ele. Hunter nada mais disse e Anne achou que era hora de ficar calada, ao menos por ora. Aquele homem sisudo chamava sua atenção, a amargura presa naquele olhar apertava seu coração de uma forma que não entendia, como se ela quisesse resgatá-lo de algo.

Imagine só como ele deveria sofrer em silêncio. Fora lutar pelo seu país, em uma guerra, e voltou... não, não diria inválido, apenas, manco. Queria entender o homem ao seu lado, seus medos, anseios e o que o deixava, por vezes, amargo. Queria também, compreender o motivo em sentir-se tão livre ao seu lado, sem precisar fingir cordialidade ou afetação desnecessária. Por que logo com ele, alguém um tanto mal-educado, irônico e grosseiro?

Não tinha resposta para aquela pergunta e, talvez, não queria achar uma.



CAPÍTULO 10

Anne estava com a sensação de coração leve ao ir sozinha de volta para casa, após o sr. Alford seguir seu caminho. Não sabia dizer por que exatamente sentia-se assim, mas gostava do sentimento. E mesmo ao sentir-se culpada por passar tempo demais sozinha na companhia de um cavalheiro, Anne não conseguia arrepender-se de tal feito. Talvez o fizesse se fosse pega por alguém, mas não fora o caso.

Contudo, ele parecia alguém a quem confiar. Parecia um bom homem, apesar de em seu olhar brilhar uma aura escura e até mesmo mórbida. Sentia-se como se devesse salvá-lo de algo, mas do quê? Essa era uma resposta difícil de obter, imaginava que ele não lhe diria de livre e espontânea vontade, ao menos, não antes de chamá-la de enxerida.

Riu consigo mesma. Talvez seu olhar tristonho se devesse à guerra, ao ferimento que o deixara manco e fazia com que considerasse a si próprio um inválido. Ou talvez tivesse algo mais e seria uma junção de muitos acontecimentos.

Ele chegou a perguntar se ela era feliz, ao tentar fugir da mesma pergunta... era certo que a infelicidade rondava a vida daquele homem.

Sentiu alívio ao avistar a casa da senhora Muller, começava a se cansar da caminhada e tinha planos para o jantar. Iria perguntar à viúva sobre Green Hall, sobre o duque e seus empregados, descobrir se ela conhecia o sr. Alford. Não quis perguntar diretamente para ele, mas chegou a pensar se o duque de Austen não lhe dera o trabalho por pena de sua condição. Talvez se conheceram na guerra e Sua Graça quis dar a ele um propósito de vida, já que homens feridos na guerra eram considerados inúteis aos olhos da sociedade, quando não voltavam intactos e com glórias.

Entrou pela porta dos fundos, na cozinha simples da casa Muller, cantarolando uma canção qualquer. Quando sentiu ser puxada pelo braço, assustando-se e voltando a respirar ao ver Mary.

— Santo Deus, Mary... pretendia matar-me?

— Por onde andou, Anne? Já está quase a escurecer. Perdeu o juízo? — Mary ralhou, baixo, talvez para não ser ouvida pela senhora Muller.

Anne olhou para os lados da cozinha, constatando que estavam sozinhas e então, permitiu-se sentir culpa. Não por estar com o cavalheiro, mas por não prestar atenção ao horário e suas responsabilidades.

— Oh... eu estava no bosque, eu...

— Anne — Mary tornou a falar, chegando a comprimir os lábios. Estava realmente chateada com sua demora. — Deve se ater, não estamos mais em Vale Verde, não temos mais liberdade para ir e vir quando puder, menina. Estava eu à tua espera e quase a ir atrás de ti.

— Peço desculpas, Mary. Não era a minha intenção causar preocupação. Acabei por distrair-me. — O pedido de desculpas era verdadeiro, deveria ter passado menos tempo a jogar conversa fora com o sr. Alford.

Porém acreditou que tinha ferido profundamente o ego do cavalheiro dias atrás e quando o viu, aberto a uma conversa, não pensou em mais nada. Apenas sentiu-se agradecida por não o ter magoado.

— A sra. Muller perguntou por você três vezes e eu disse que tinha ido pegar sementes para mim, pois não estava a passar bem e precisava de um bom chá. Trate de concordar, caso ela pergunte.

— Sim, obrigada, e me desculpe, Mary — pediu com certo pesar, odiava ver Mary aflita por sua culpa. — Vou me lavar antes

que a senhora Muller me veja — explicou, em seu rosto uma expressão culpada por também tê-la feito mentir.

Mas antes que pudesse seguir adiante, Mary a parou ao falar:

— Espere, Anne, ele passou por Countyham. — A governanta chegou a abaixar ainda mais o tom de voz.

Anne sentiu seu coração falhar uma batida para, em seguida, voltar a bater com tamanha força que achou que sairia pela boca. Segurou-se em uma mesinha ao lado, para não cair ao sentir as pernas lhe faltarem. Olhou para Mary em completo desalento, desacreditada.

— O primo Butter? Chegou a vir aqui?

— Não, não... tivemos sorte, Anne. Aparentemente, não estava à nossa procura, estava de passagem. Ainda assim, não hesitou em perguntar por ti.

— Mas... como não veio até aqui?

— Por sorte, ou minhas orações foram ouvidas. — Anne, naquele instante, imaginou que valera a pena suas idas à igreja aos domingos. — O sr. Butter passara pela estalagem principal e sua pergunta foi direcionada para o sr. Wilson, que pouco se importa com quem chega ou sai do condado, não se lembrou de ti, afinal pouco a viu ou nunca a viu.

— Se ele não sabe quem sou eu, como a senhora soube que era mesmo o primo Butter?

— A sra. Wilson é bem diferente do marido, presumo, pois bastou o homem comentar que um senhor com as mesmas feições daquele infeliz, passara pela estalagem procurando uma jovem com sua aparência, que ela logo reprimiu o marido, dizendo ser você a jovem que o homem procurava. Mas a essa altura, o sr. Butter já tinha partido.

— Céus, estou perdida — disse, sentando-se na cadeira próximo a uma mesa velha, Anne já não sentia mais força nas pernas. — Ele está à minha procura...

— Ou apenas passou pelo condado por outro motivo e perguntou por... curiosidade. Afinal, ele deve imaginar que viesse para perto da tua família.

— Mary, o que será de mim? — Anne estava preocupada, não acreditava ser apenas curiosidade.

— Não se preocupe assim, respire, pelos céus. Ele já se foi, parecia a caminho de Windside e tinha pressa. Portanto, podemos supor que ele não voltará a passar por aqui tão logo.

— Tivemos sorte, então — presumiu o óbvio, mas isso não a deixava menos preocupada. — Mas até quando?

— Até quando pudermos, minha menina. Acalme-se, encontraremos uma saída — disse de forma conciliadora, passando as mãos no avental que um dia fora branco e viu Anne bufar com impaciência.

— Um casamento, por exemplo? — Tentou, com exasperação. — Pois se o sr. Butter foi de encontro ao meu tio, ele...

— Não ousaria fazer isso, Anne. Não é possível. Teria que ir a Londres para isso, seu tio já deve estar lá para a temporada.

— Ainda assim, ele deve saber que não tenho laços com o barão. Pois sabe minha linhagem, fez questão de esfregar isso em minha cara, naquela noite.

Anne tentava não pensar no que aconteceu em seu quarto, na sensação que sentiu, no pavor, o horror..., mas às vezes era impossível. O cheiro daquele homem ainda estava vivo em sua mente.

— Ainda assim... Não sei, minha menina, apenas acredite que daremos um jeito dele nunca te encontrar. Acredite.

— Sim, podemos tentar.

— Este homem não a procurará para sempre, estou certa disso, Anne. Logo seu orgulho esquecerá a agressão e estaremos livres de qualquer perseguição. Pois imagino que, caso ele tivesse feito algum escândalo, acusando-a de algo, já teríamos sabido alguma informação.

— Sim, isso é verdade. — Mordeu o canto da unha, tentando acalmar seu coração.

Anne pedia em seu íntimo que Mary tivesse razão, do contrário, ele jogaria sua honra na lama. De certo, não estava à sua procura por nada, queria algo, mas o quê? Ele já lhe tinha tomado tudo e ainda a queria como amante... homem sujo. Poderia ele mandá-la à corte por agressão?

Deus do céu, o homem lhe tirara tudo, deixara lembranças que jamais esqueceria e, ainda assim, não estava satisfeito com o estrago feito.

— Ei... — Anne sentiu as mãos calejadas da governanta tocar seu rosto. — Agora suba e arrume-se. Ao terminar, desça para me ajudar a pôr a mesa para o jantar.

— Tudo bem... — assentiu, levantando-se.

— E não esqueça, estava a procurar sementes. Sementes.

Anne apenas confirmou, saindo em seguida. Seu corpo estava em estado de choque. Parecia que tinha levado uma surra.

De certo, levava uma grande surra da vida.



Não eram muitos os dias em que Anne sentia-se com o coração pesado, por mais difícil que fosse seu dia e os acontecimentos, ela tentava sempre não deixar abater-se pela tristeza. Odiava tal sentimento. Mas aquele era um dia no qual não pôde controlar o peso de suas perdas em seu íntimo.

A noite não fora tranquila, mal dormiu, por isso levantou-se mais cedo naquela manhã. Tinha ajudado Mary com os deveres, também a sra. Muller, e seguido para Green Hall, para mais um dia com o cão. Mas nem mesmo Masmorra com seu humor brincalhão causou nela o efeito esperado. Continuava como se uma nuvem estranha e cinzenta a perseguisse para onde quer que fosse.

A notícia do dia anterior deixou-a em alerta, sentia que algo estava para acontecer e nada poderia fazer. Olhou para o céu, nuvens em aberto, era um belo dia para cultivar esperança e alegria, mas seu jardim estava seco e sem vida para isso. Nem mesmo a ideia de talvez ver o sr. Alford e poder conversar, lhe trouxera consolo. Sequer pôde fazer as perguntas que queria para a sra. Muller. Estava aérea, tristonha.

— Ah, Masmorra, a vida não é fácil, sabia? — disse, abaixada perto do cão, afagando sua cabeça. — Talvez seja melhor ser um cachorro. — Desta vez sorriu ao imaginar tal coisa.

Era ridículo tal pensamento ou conjectura. O cachorro apenas grunhiu, como se realmente a ouvisse ou sentisse seu estado lastimável de espírito. Estava sozinha nos estábulos com o cão e aproveitava para conversar com ele. Sempre o fazia quando não tinha ninguém por perto, Masmorra era um bom ouvinte, apesar de velho e cansado.

— Ao menos, não precisa se preocupar, Masmorra. Precisa apenas comer, beber, latir e brincar — disse novamente, estava

quase no horário de despedir-se do cão. — O me diz, bonitão? — prosseguiu, segurando a cabeça grande do cão entre as mãos, a balançando.

Distraiu-se ao ouvir um cavalo relinchar ao fundo do estábulo, preso em uma das baias. Geralmente, aquele era um horário em que as baias estavam vazias.

Abandonou o cão deitado entre o feno seco e foi para o fundo do estábulo, parando em frente à baia em que o cavalo branco e muito bem-dotado em tamanho e músculos estava preso. Ele era belíssimo e não demorou a notar que era uma égua e não um cavalo.

— Olá, garota... estava a te incomodar? — perguntou, esticando a mão, tentando contato. A égua se aproximou da portinhola, deixando que Anne a acariciasse, parecia acostumada com pessoas. — Você é tão linda.

As baias estavam limpas como de costume e Anne se permitiu passar algum tempo a fazer carinho na égua, divertir-se com o animal dócil e carinhoso que ela se mostrou ser. Ali, sentiu falta do seu cavalo, mas já sentia falta de tanta coisa.

— Não irá querer o emprego de cavalaria também, irá? — Aquela voz a fez sorrir, ainda que estivesse de costas para a entrada do lugar, sabia exatamente quem estava ali.

— Não ousaria — disse ao virar-se e o encarar. O sr. Alford estava sem casaco, apenas com a camisa e gravata e Anne permitiu deixar o olhar vagar pelo homem. Ainda que o cabelo e a barba o deixassem descuidado, não escondia a beleza selvagem do cavalheiro. — Edgar já faz um excelente trabalho.

— Edgar? — perguntou ele, as mãos estavam atrás das costas com a bengala em mãos, pernas separadas e sobancelhas juntas.

Naquele instante, ele parecia de fato um militar em postura rígida, e deu-se conta que o cavalheiro tinha um porte e altura invejável para muitos. Aquela foi a primeira vez que Anne notou que ele conseguia manter-se de pé sem a ajuda da bengala.

— O cavaliço responsável pelos cavalos, ora. O senhor deveria saber.

— É esse o seu nome? — indagou, levantando as sobrancelhas. — A senhorita tem razão, eu deveria saber

— Como está? — perguntou, apontando para suas pernas, de forma inconsciente.

Anne viu Hunter aprumar-se, voltando a usar a bengala e indo em sua direção. Parando em frente à baia, ao seu lado.

— Bem, eu diria. Tenho me movimentado mais, como o médico pediu e, com isso, sentido menos incômodo, talvez.

— Pode um dia livrar-se do uso da bengala? — perguntou Anne e o sr. Alford olhou do objeto para ela.

— Não, infelizmente não. — Sua voz não carregava nenhum tipo de emoção evidente.

— Tem sorte, é um adereço de fato garboso. — Tentou e até deu um sorriso, mas o sorriso não alcançou seus olhos.

— Sorte?

— Sim, muita, já lhe disse isso.

— A coisa de agradecer por estar vivo e tudo o mais? — Ela assentiu, sabia que o homem estava a troçar dela. — Se continuar a dizer, talvez eu acredite.

Anne ampliou o sorriso e se voltou para a égua, a acariciando. Ambos ficaram em silêncio por alguns segundos. Segundos em que sentia ser observada por ele.

— Um animal espetacular, não é?

— Sim, é belíssima. Tem nome? — Anne quis saber, um animal como aquele merecia um nome.

— Milady. — Alford sorriu ao dizer, fazendo-a o olhar de forma interrogativa. — Pertencia à Ka... — Parou abruptamente o que ia dizer, voltando em seguida: — A irmã do duque. Foi ela quem a batizou assim, ainda jovem.

— Oh, uma brincadeira, suponho.

— Um carinho. Mas não aproveitou muito tempo com o animal, se casou pouco depois de ganhá-la.

Ouviu com atenção, e que lástima deveria ser não aproveitar um bem tão precioso, perguntava-se por que a dama não a levou. Optou por manter-se calada, perdida em pensamentos que foram para lados distantes, em nada envolvia o homem ou a égua ao seu lado.

— Está calada demais esta manhã, senhorita Craw. Posso presumir que aconteceu algo?

Anne chegou a balançar a cabeça, dissipando os pensamentos, esforçando-se para se manter no momento.

— Não, de forma alguma — mentiu, ao menos em partes. — Apenas... há dias bons, outros nem tanto.

— É apenas um dia não tão bom, presumo.

— Talvez. Meu coração está mais pesado que o comum, acho que é isso — confessou, por fim, jamais teria a coragem de contar os pormenores de sua história, ele poderia não acreditar nela.

— Sem um motivo especial?

Anne o olhou, deveria estar mesmo abatida para que ele notasse algo.

— Um motivo ou todos os motivos. Não sei bem. — Sua mão continuava a acariciar o animal.

— Ora, posso dizer que essa é a primeira vez que a encontro e que não fala como uma matraca, nem cantarola ou sorri a cada palavra. — disse, por fim, e Anne continuava a olhá-lo, assim como ele fazia. Seria aquela ofensa uma tentativa de fazê-la falar?

— Acho que encontrei o motivo pelo qual gosto do senhor — foi o que disse, vendo as sobrancelhas do homem se juntarem, formando um vinco entre elas.

— Devo dizer que não entendi o que quis dizer, senhorita.

— Sua falta de gentileza comigo faz com que me sinta eu mesma, que não precise fingir ser uma dama recatada e esnobe, assim posso responder-lhe à altura, ter a sensação de escolha e liberdade. Muitas damas não a têm.

— Ora... verdade?

— Acredito que sim. Posso chamá-lo, por exemplo, de mal-humorado e de brutamontes, sem me sentir culpada em seguida. Vê o que digo?

Ela o fez rir, pôde ver os dentes alinhados e bonitos à mostra.

— E presumo que isso seja culpa da liberdade que dou para a senhorita ao não ser nenhum pouco educado como manda a etiqueta.

— De fato. Podemos conversar de igual para igual. Isso é bom, ao menos considero assim.

— Sim, creio que sim, senhorita. — Ele se calou e, desta vez, Anne viu diversão nos olhos verdes, um brilho quase travesso. —

Talvez, há algo que eu possa fazer para trazer o seu bonito sorriso de volta.

Aquele era um elogio? De certo, poderia presumir que ele gostava do seu sorriso.

— Achei que gostasse do fato de me manter calada, senhor, e que não sorrisse tanto.

— Devo confessar que enganei até a mim mesmo, sinto-me incomodado com a falta de suas frases inteligentes e inapropriadas. E, claro, do seu sorriso.

— Verdade? — Começou a se divertir em sua companhia. — E o que me faria sorrir, na sua opinião, senhor Alford.

— Deixe-me ver... Uma volta com Milady por Green Hall, por exemplo — disse, de forma desapaixonada, como se não fosse nada de mais.

A simples menção a fez rir, desacreditada, chegando a dar um passo para trás. Ele só poderia estar brincando consigo.

— Jamais aceitaria, sr. Alford, ou melhor, creio que nem precise, pois deve estar brincando comigo. Seria até cruel, pois amo andar a cavalo.

— Sei disso, lembro-me do que me disse certa vez e não estou brincando, não faria isso. — Sua frase foi dita com verdade. — A égua precisa exercitar-se, estaria a senhorita fazendo um favor a ela. E não se preocupe, Milady é adestrada.

Os lábios de Anne se abriram, de surpresa e euforia mal contida, ainda que soubesse que não poderia aceitar tal loucura. Era loucura, não era?

— Fala sério? Mas isso seria um despropósito e se o sr. Barn vir, ou pior, se o próprio duque vir? — Sua voz estava mais alta.

— Caso aconteça, direi que é minha total responsabilidade — garanti e, ainda assim, Anne não aceitou, ficou ali, apenas a fitá-lo, incrédula. — Não me diga que é medo o que vejo?

— Do animal? Claro que não, mas...

— Vamos, senhorita, tenha coragem. É um animal dócil e de trote gentil. — Ele não mais esperou, abrindo a baia e puxando o cavalo pelo cabresto. — Presumo que quer uma sela lateral? — perguntou, deixando o animal em meio ao estábulo e indo em direção onde as celas ficavam guardadas. — Terá que dizer algo, senhorita, ou no mínimo me ajudar. Não conseguiria levantar a sela com uma única mão.

— Mas, senhor, eu... — Não sabia o que dizer, mas em um misto de coragem e animação, marchou em direção ao homem. Seu desejo era uma sela comum, odiava selas laterais, pois não lhe permitiam correr. Mas como poderia escolher uma sela diferente, se estava apenas de vestido? — Sim, lateral.

Viu o homem estreitar os olhos em sua direção, analisando-a.

— Uma sela comum, então — decidiu ele, por fim, parecendo ler seus pensamentos.

— O senhor perdeu o juízo!

— E coloquei um sorriso em teu rosto, estou bem satisfeito com isso.

Ela realmente ria, seu coração acelerado em seu peito, observando o cavalheiro escolher a menor sela dentre todas. Anne precisou apenas ajudá-lo a colocar o adereço sobre as costas do animal. Em seu íntimo, havia um misto de incredulidade enquanto assistia-o preparar a égua com maestria.

— Pronto, quer ajuda para montar?

— Não, não preciso — disse, colocando o pé no estribo, segurando a rédea e impulsionando seu corpo para cima da égua.

Notou que o cavaleiro teve o bom senso de virar o rosto para o lado, para não ver demais. Se bem que, ao montar, seus tornozelos ficaram à mostra.

— Uma amazona, pelo visto — constatou ele, mal terminando a frase e batendo nas ancas da égua, fazendo-a disparar.

Anne sorriu, na verdade gargalhou ao sair em pleno galope, ao sentir o vento banhar sua face. Olhou para trás, por cima do ombro, e o viu acenar, em deleite. Ela não desperdiçaria tal chance, tinha tanta saudade de montar, que se entregou ao momento de forma única. Limpou sua mente, livrando-se de qualquer preocupação momentânea e apenas sentiu o vento e os leves raios de sol que tocavam sua pele. Teve a sensação, naquele instante, de poder voar.

Oh, céus, a sensação era gloriosa, fazendo seu coração bater em compasso com os trotes do cavalo. Segurou-se mais, entrando em sintonia com o animal, com o movimento e o impulsionou a ir além, mais rápido.

A sensação de liberdade viera, por pouco tempo, mas estava ali, enquanto ela, a galope solto, dava a volta na propriedade, podendo ver toda Green Hall e guardando cada pedacinho daquele lugar esplêndido em sua mente. Como o duque poderia estar recluso, tendo um lugar como aquele para si? Não entendia.

Livrou-se depressa do pensamento, estando de volta e entregue ao momento, aos minutos que pôde desfrutar de tal dádiva, pois tinha que voltar. Respirou fundo antes de ir, adorava o cheiro de campo e cavalo, tinham uma sintonia perfeita e a remetia ao lar. Guiou Milady de volta ao estábulo, desta vez perdendo velocidade para que pudesse aproveitar cada segundo até lá.

Ao longe, pôde avistar o senhor Alford no mesmo lugar, em frente ao estábulo, assim como pôde ver também que o sr. Barn falava com ele. Anne sentiu o coração disparar em apreensão, vendo o homem de confiança do duque a olhar e, em seguida, sair, voltando para dentro da mansão.

Em curtos galopes, alcançou o estábulo, parando próximo a quem a esperava ali. Anne desceu da égua e olhou para o cavalheiro com uma expressão preocupada.

— Estamos demitidos? — perguntou com medo e fez o sr. Alford rir, rir com gosto. — Fico contente em saber que meu desespero o diverte, senhor.

— E eu, em dizer que não, temos emprego — disse, por fim, em meio ao riso. — A senhorita de fato não é comum.

Anne deu de ombros, tocando o focinho da égua. Não perguntaria o que ele queria dizer com aquilo, poderia não gostar da resposta. Apenas tomaria como um elogio.

— Então, o que o sr. Barn queria?

— Nada de mais. Até agradeceu a senhorita montar a égua, como eu disse, o animal precisava exercitar-se.

Foi a vez dela estreitar os olhos, não acreditava muito no que ele dizia.

— Verdade?

— Sim, com toda certeza.

Anne sorriu, seus olhos acompanhando o gesto, iluminando-se. Entregou as rédeas para ele, e sentiu a mão grande e áspera cobrir a sua. Foi algo impensado para os dois, ambos se entreolharam e nenhum deles ousou se mover, quebrar o contato. Não era algo aleatório, aquele causou em Anne uma reação, um

arrepio. Algo como... não saberia explicar nem se quisesse. Voltou a si e puxou a mão depressa, alisando ambos os lados da saia.

— Então acertei, a fiz rir novamente — exaltou a si mesmo, quebrando o silêncio que seguiu o momento, fazendo com que a animação voltasse para Anne.

— Deu-me o melhor dos presentes, senhor. — Notou que precisava de um banho, estava a sentir o suor escorrer por entre o vestido. Ah, se a tia pudesse vê-la agora.

— Ótimo, isso me deixa deveras aliviado, senhorita, Craw. Prefiro quando fala e sorri demais.

— Eu discordo que prefira isso, mas se o senhor diz... Agora devo ir.

— Tão logo? — disse e Anne o observou, estranhando sua reação, vendo-o pigarrear, parecendo sem jeito.

— Minha demora não tem agradado muito a senhora Muller, não devo demorar-me.

— Claro, entendo perfeitamente. Chegou a comentar sobre mim?

Anne abriu a boca para falar, mas tornou a fechar. Por que ele faria tal pergunta?

— Não, acreditei não ser necessário. Deveria falar?

— Creio que não, nem deveria fazer tal pergunta. Desculpe-me — pediu, os olhos presos nela, em sua boca.

— Antes de ir, gostaria ajudá-lo a guardar tudo, senhor. — Ele negou de pronto, parecia até mesmo ofendido.

— De forma alguma, jamais permitiria algo assim. Não se preocupe quanto a isso.

— Tem certeza? — Sentiu murchar e descobriu que, na verdade, a intenção não era tanto ajudá-lo, mas protelar a hora de ir embora.

— Sim, senhorita.

— Pois bem, obrigada — despediu-se, não se esquecendo da égua. — Você é excepcional, Milady. — Chegou a beijar a pelagem do animal. — Obrigada novamente, senhor Alford.

— Foi um prazer, senhorita. — Iria começar a andar, mas parou, olhando-o meio de lado. Ali parado, estava uma incógnita.

— Deveria tirar a máscara mais vezes e baixar a guarda, senhor. Isso lhe faria bem.

— Como disse? — Ouviu-o, mas não lhe deu mais atenção, não queria explicar. Na verdade, não teria sequer falado se fosse mais esperta. Apenas virou-se, iniciando sua caminhada de volta.

Como era bom sentir na pele a leveza da liberdade, pensou. Estava mesmo agradecida e, ao mesmo tempo, preocupada em como demonstrava sua falta de decoro com frequência demais ao lado do cavalheiro com quem estava há pouco. Ainda podia sentir seu olhar em suas costas, o que fez um arrepio percorrer sua pele, o mesmo arrepio que acompanhou seu toque. Ainda podia sentir sua mão formigar, como se sua pele não esquecesse o calor da mão dele.

Estava ficando louca, por fim, deveria ser isso.



CAPÍTULO 11

Naquele momento, o duque estava em sua biblioteca e escritório. Fazia tempo que não usava aquele cômodo, mas, por algum motivo — que não sabia qual —, tinha pedido a Oswald que na manhã anterior arejasse e limpasse o lugar. Enfim voltaria a usá-lo. Seu valete, na ocasião, o olhou em espanto e Hunter fingiu não notar, não queria dar nomes à faísca que começava a queimar dentro de si para voltar à vida. Em especial, não queria dizer quem acendeu essa faísca ao obrigá-lo a enxergar que o primeiro a ver a si próprio como um inválido fora ele mesmo. Não poderia esperar algo diferente de outros.

Desde que voltou, aquele foi o único lugar na mansão que ele não visitou. As últimas lembranças dali eram de uma discussão com William, seu irmão mais velho. Foi quando, ao voltar para cumprir sua primeira licença do exército, deu-se com o irmão casado com Sarah. A mulher que prometeu esperar-lhe e que, na primeira oportunidade, se casou com o duque de Austen, marcando seu coração para sempre.

Com isso, de fato, as memórias não eram boas e talvez, por esse motivo, ao decidir fazer uso do lugar, Hunter tenha pedido a Oswald que recolhesse todo e qualquer pertence que fora de William dali, até mesmo a mesa de carvalho.

Assim fizera seu valete e o que restou no cômodo foram as grandes prateleiras repletas de livros, que um dia pertenceram ao seu pai. Uma mesa redonda com quatro cadeiras que fora trazida da antiga sala da duquesa, sua mãe, e a velha mesa de carvalho de seu pai, antes de William a substituir. Era menor que a outra, mas iria melhor atender-lhe.

Talvez assim, não se sentiria usurpando o lugar do irmão. Jamais esqueceria que ao voltar da guerra ferido, ouviu que poderia ter sido ele a morrer. Afinal, ninguém espera que um duque,

gozando de boa saúde, morra na segurança de seu lar, após pegar uma leve chuva. Já um coronel ferido...

Aquilo o machucou de forma profunda ao ser dito por Sarah em completo desespero e ele deixou que aquelas palavras marcassem sua alma, passou a acreditar nelas. Castigando a si próprio por ter sobrevivido quando o irmão não conseguiu. Tudo pelo qual passou e tal recepção ao seu regresso, o deixou amargo, sem vida ou esperanças. Colocando-se como alguém não merecedor de nada do que foi herdado.

Deixou que outros ditassem como viver... por medo do que diriam, de como o olhariam, fechou-se em proteção. Mas proteção exatamente do quê? Já que não poderia fugir de si próprio, que era o seu pior carrasco. E pensar que toda essa conclusão e clareza viera das palavras que a desamparada srta. Craw lhe dissera.

Armstrong sempre lhe dissera que o seu pior inimigo era ele mesmo, ao recusar-se cumprir suas exigências médicas, e era verdade. Não lutava contra ninguém, no fim das contas, apenas com ele mesmo. Mas mudaria isso.

Pedi também que todos os quadros do irmão fossem tirados do cômodo e reservados em outro lugar qualquer, especialmente a pintura dele e de Sarah, restando apenas dois quadros para seu uso. Um deles era de Green Hall em toda sua esplendorosa glória medieval e o outro era de seus pais. Neste, a duquesa estava sentada em uma poltrona alta e o duque ao seu lado, a olhando. Parecia deveras apaixonado por aquela bela mulher e a pintura parecia espetacularmente realista, transmitia o exato sentimento de paixão e cumplicidade. Hunter poderia quase sentir o cheiro da mãe ao olhar aquele quadro, adornado com uma moldura dourada.

Remodelou todo o local. Trouxera até mesmo sua poltrona favorita, que ficava em seu quarto. Deixando-a ao lado da janela. Próximo a uma elegante e pequena mesinha redonda. A vista da biblioteca dava de frente para o jardim, pois era do lado dos seus

aposentos e Hunter muito gostava disso. Inclusive, desconfiava que seu pai havia feito tal mudança de cômodos apenas para observar sua mãe, que passava parte dos seus dias nos jardins de Green Hall.

“Meu pai a amou?”, viu-se de repente perguntar a si mesmo.

Sim, Hunter deu-se conta de que sim. O duque nunca admitiu tal sentimento, não era permitido a homens demonstrar esse tipo de fraqueza e seu pai era bom em esconder sentimentos. Contudo, Hunter tinha a mais absoluta certeza de que a mãe sabia do amor do marido por ela e que, também, o amava de todo o coração.

Olhou através das janelas, para os jardins e quase conseguiu imaginar Anne ali, com Masmorra, e quase, quase, sorriu. Naquele dia sabia que ela não viria, era seu dia de folga. E por mais que não quisesse admitir, sentia sua falta, sentia a necessidade de conversar com alguém que não tivesse medo de expor suas opiniões, que o tratasse de igual para igual, como ela fazia. Talvez iria ao bosque mais tarde, quem sabe a veria.

Ora... que loucura.

“Deveria tirar a máscara mais vezes e baixar a guarda, senhor. Isso faria lhe faria bem.” Poderia até mesmo ouvi-la dizer aquela frase. O que tinha feito com que se perguntasse se havia, realmente, criado uma armadura para si.

Esticou o corpo e tocou o sino ao lado, sentia-se diferente e não de uma forma ruim, não. Tinha... a carência de voltar a ser ele mesmo. Assim como a necessidade de assumir um papel que não o de um homem inválido. Estava na hora de reinventar-se.

Não demorou muito para que o valete entrasse pela porta, pronto para lhe atender. Hunter o fitou e ali estava, seu fiel e inseparável escudeiro. Poderia ter no mundo uma pessoa mais leal? O duque então empertigou-se, apoiando ambas as mãos no alto da bengala.

— Pois não, Vossa Graça?

Claro, imaginou Hunter, ele pagava seu salário. Mas havia algo mais naquela relação, algo como amizade. Oswald aguentou tanto e nunca o abandonou ou dera indícios de que o faria.

— Estive pensando, Oswald — disse e fez uma pausa, quase teatral —, faz três anos que Eustáquio não está mais entre nós. — Hunter engoliu a saliva, enquanto o valete olhava-o com atenção. Eustáquio fora o mordomo da mansão, que morreu há três anos, por velhice, deixando um buraco naquele lugar. O mordomo em questão servira o avô, seu pai, o irmão e até mesmo ele. Todos pareciam ir embora, menos Hunter... — E claro, diminuímos a quantidade de empregados, mas creio que talvez eu precise voltar a usar alguns cômodos a mais da casa, talvez abrir toda Green Hall.

— Milorde? — Sim, estava assustando o seu valete. Não demoraria e Oswald correria a fim de chamar o médico, pensando que talvez o duque tenha enlouquecido de vez.

— Acalme-se, homem. Não bati com a cabeça, apenas me ocorreu que talvez esteja na hora de voltar, ou começar a voltar, aos poucos. Ouviu Armstrong, já estou bem, não há mais desculpas. — disse, não que aquilo fizesse sentido para o valete, afinal, fazia tempo que o médico vinha dizendo que o duque estava bem.

Houve uma pausa longa, Hunter pensou em dizer: *além do mais, minha irmã quer me casar com urgência e eu nego-me a dar-lhe tal gosto.*

— Entendo, milorde. Quer que eu busque novos funcionários, como um mordomo e todo o resto ao qual tínhamos antes?

— Na verdade, penso que poderia buscar-me um valete no momento. Alguém que não seja tão jovem quanto você era ao servir-me e que já tenha alguma experiência — disse ele, erguendo a sobrancelha esquerda. Suas palavras fazendo a cor sumir do rosto do valete.

Não abriria mão de trocar de Oswald, amanhecera de bom humor. Talvez devesse a isso a uma noite bem-dormida, sem pesadelos ou insônia.

— Milorde, peço perdão se em algum momento fui desrespeitoso para com o senhor, não foi minha intenção e prometo...

— Não faça promessas que não pode cumprir, Oswald. Jamais conseguiria guardar a língua na boca e eu já deveria tê-la cortado, é verdade, mas às vezes você me diverte.

— Milorde? — Estava deixando o pobre valete confuso e com medo de perder o emprego.

— Anime-se, homem, estou te promovendo, não demitindo-o — esclareceu logo, teve medo de acabar matando-o de infarto com tal brincadeira. — Acompanha-me há tempo demais, sabe melhor do que eu o que gosto, Oswald. Na verdade, já está, inclusive, fazendo o trabalho de um mordomo, ainda que não receba por isso. Então por que não ter o título? É agora o mordomo de Green Hall, Oswald. Comporte-se e vista-se como tal, a partir de agora.

— Mas eu, senhor?

— Por que não? Não confiaria em mais ninguém para tal façanha. Agora trate de me arrumar um valete tão bom quanto é. Claro, um que fale pouco ou, quem sabe, um que não fale? Muito agrada-me essa ideia.

Talvez só então o sr. Barn deu-se conta de que o duque estava mesmo falando sério. O que as pessoas diriam ao ver alguém de sua cor como o mordomo do duque? Céus, um mordomo. Ninguém de sua família jamais fora tão longe. Já foram escravos, varredores de rua, serventes, cozinheiros, mas mordomos? E de um duque... Santo Deus.

O duque o olhava, esperando uma reação que demorou a vir. O valete, ou melhor, seu antigo valete lhe fez uma mesura e Hunter

poderia jurar ver lágrimas brilhando nos cantos de seus olhos. O que era de fato estranho, dado o tamanho e a dura expressão que Oswald carregava sempre em sua face.

— Devo toda minha gratidão, milorde. Não irei decepcioná-lo.

— Claro que não irá. Agora vá e peça para que me tragam um chá, sim?

— Agora mesmo, milorde.

O valete voltou a fazer outra medida e saiu da sala. Hunter sentiu vontade de rir e deu-se conta de que nos últimos dias isso acontecia em demasia. Recostou-se em sua poltrona, encostando na lateral do móvel sua bengala. O chá com certeza iria demorar, imaginava que Oswald tão cedo não voltaria a si após a promoção recente.

Sim, já estava na hora de iniciar sua volta, talvez assim, a irmã o deixasse em paz.



Hunter estava naquele momento tomando uma taça de blend, deliciando-se com o sabor da bebida. Tinha voltado para a biblioteca após a refeição, estava começando, deveras, a gostar do lugar. Agora, tinha uma função a fazer ali, dar atenção para alguns papéis que seu administrador lhe havia deixado.

Mas antes mesmo de terminar sua bebida, fora interrompido por batidas apressadas na porta. Oswald não esperou uma ordem para que entrasse, apressado, como se corresse de algo, o homem passou pela porta com uma expressão bastante assustada. O que estava acontecendo?

— Milorde, devo dizer que tentei impedi-la, mas... — A culpa se fazia presente no rosto do, agora então, mordomo.

Hunter não teve tempo de processar a informação ou pedir uma explicação, pôde ouvir ele mesmo saltos a baterem no chão, vindo pelo corredor principal.

Seria Kathe? Mas a irmã não viria apenas ao final da primavera? Sequer deu tempo de fazer uma pergunta ou melhor, uma recusa em receber Kathe, na companhia de qualquer dama de Londres a tiracolo.

Foi então que uma figura feminina, esguia, de cabelo loiro e expressão delicada, bem diferente de sua irmã, surgiu em seu campo de visão. Emoldurada por um vestido de cor amarelo, com adornos laranja e muitas rendas em suas saias. De fato, Sarah estava em um belo e elegante vestido, apesar da cor ser um tanto chamativa para os olhos do duque. Com certeza, aquele modelo correspondia à última moda em Londres.

Hunter ficou perplexo por instantes e inconscientemente a sobrancelha direita subiu, era uma ameaça, seu bom humor acabara de esvair-se. Soltou o ar de forma enfadonha e então voltou a recostar-se na poltrona, levando a taça à boca, calculadamente devagar. Quem o olhasse, não suporia toda a confusão que tomava conta de seu corpo naquele maldito momento ao ver sua cunhada, a duquesa viúva que um dia fora o grande amor de sua vida.

— Ah, meu querido, duque. — A duquesa fez uma medida profunda, digna da corte e aproximou-se dele. — Viajei assim que soube.

Soube do quê? Ele queria muito saber, no entanto, esculpiu em seu rosto um desinteresse óbvio.

— Olá, Sarah, não perguntarei como está, pois posso ver que está muito bem. Contudo, não imagino o que possa ter sabido — disse ele, tinha certeza de que ela explicaria com todo o prazer.

Há quanto tempo não a via? Há alguns anos, desde que ordenou que se acomodasse em outra propriedade, distante o

bastante dele e perto o suficiente de Londres, para que pudesse manter seus luxos e seu padrão de vida. Agora ali estava Sarah e não imaginava o motivo, já que em todo aquele tempo ele se negou a ler suas cartas ou respondê-las. Aquela era a última pessoa do mundo que queria rever naquele momento, logo quando pensava em reerguer-se.

— Mas ora... de sua melhora, obviamente. Sua irmã gentilmente escreveu-me — começou a explicar e Hunter teve vontade de amaldiçoar sua sorte em ter uma irmã com a língua maior que toda a capital. — Contou-me de seus planos para a primavera e de como estava tão bem recuperado. Claro, que estou aqui para prestar-lhe a ajuda necessária. — Ela parou por instantes, fazendo um biquinho. Tal gesto lembrou a Hunter que em outra época, o acharia adorável. — Devo imaginar que logo irá livrar-se de tal aparência medonha, presumo... — disse ela com delicadeza e um sorriso perfeito nos lábios carnudos e rosados. Porém o observava minuciosamente, tentando esconder seu horror ao vê-lo em tamanho desmazelo.

Ainda que nutrisse por ela grande desprezo, Hunter não poderia negar que Sarah continuava bela, constatou. Todavia, amaldiçoava-se, pelo maldito momento que deixou seu coração apaixonar-se por ela na juventude.

— Entendo... ainda assim, querida cunhada — a última palavra veio carregada de rancor —, não imagino o motivo pelo qual Kathe ou eu, precisaremos de sua ajuda.

Não poderia imaginar mesmo. Anos atrás, quando Hunter afirmou a ela que não tinha presunção em abdicar do título — após a fuga desmedida e impensada de George — Sarah ofereceu-se para ele, para unir-se em matrimônio. Na ocasião, a duquesa viúva tornara a machucar Hunter ao dizer: *Sacrifico-me, Hunter. Caso-me contigo mesmo com tal aparência, para que eu não fique à deriva e tua linhagem não morra contigo.*

Sacrifico-me, foi o que dissera. Claro, tinha-o como um fardo e agora ali estava ela, bela como uma rosa, mas com um plano em mente, sabia Hunter. Sarah jamais desistiria do título de duquesa, descobriu tarde demais que a mulher era interesseira, mesquinha e esnobe. Mas deveria admitir, ela sabia fingir bem, a dissimulação era uma arte que Sarah dominava, descobriu ele com o tempo.

— Não seja tolo, meu caro. As intenções de tua irmã são claras... — disse e olhou por cima do ombro, Oswald ainda estava na sala. Talvez esperando para ter certeza de que o duque estava seguro na presença da então *serpente*. Ao menos, era assim que a criadagem a chamavam.

— Pode ir, Oswald — pediu Hunter, após ver para onde Sarah olhava.

— Milorde. Milady... — disse, dirigindo uma mesura à Sarah e em seguida a Hunter, deixando os aposentos.

— Vê, como precisa de mim? Seu valete se comporta como um mordomo, ou até mais, como se fosse um cão feroz a protegerte. Como se precisasse defender-te de mim. Isso é intolerável.

— O que é tolerável ou não dentro destas paredes, Sarah, sou eu quem dito. Não torne a falar esse tipo de bobagens para mim e, sim, Oswald agora é o mordomo de Green Hall — disse, agora não mais tão calmo.

Sarah deu um passo atrás, quase ofendida, ainda assim, tentou manter a máscara de passividade e bondade.

— Oh... perdoe se o ofendi. — Ela arranhou a garganta, olhando para a parede ao lado, onde antes estava uma pintura sua com William. — Fato é que deve, por certo, saber que Kathe tem o intuito de casar-te. É para isso que ela está a vir logo ao final da primavera para o Green Hall.

— E você, está aqui porque...

— Ora essa, eu vim livrar-te de tal infortúnio.

Hunter a olhou, devagar, quase de forma perversa e irônica em demasia e notou com deleite as bochechas da mulher corarem.

— Livrar-me? — Deu-lhe confiança ao perguntar e a cunhada voltou a aproximar-se dois passos.

— Anos antes, você não estava bem e eu dei-te tempo para recuperar-se, pensar com coerência na proposta que te fiz, e agora, aqui estou. Pois creio que o tempo acabou. Escreva à tua irmã, Hunter, diga a ela que nos casaremos, que nada mudou com relação ao sentimento que nutria por mim. Que retomaremos o planejado de anos atrás — Sarah falava com tanta desenvoltura e segurança, que parecia mesmo convencida de estar lhe fazendo algum tipo de favor.

— E quanto a ser isso um sacrifício, Sarah? Lembro que usou uma expressão parecida no passado — perguntou, apertando com demasiada força a haste de ouro de sua bengala, os nós dos dedos a ficarem brancos.

— Não deveria levar tais palavras a sério, foi em um momento de luto. Você estava debilitado, ferido e eu, amedrontada.

— Espere... quando supôs que eu deveria dar meu título a George, foi por estar amedrontada também? Afinal, queria se casar com o próximo duque de Austen e, claro, preferia que fosse alguém que não estivesse... qual foi a palavra que usou certa vez ao me descrever? — Pausou, como se tentasse realmente lembrar. Uma palavra que nunca esqueceu. — Oh, deformado.

— Já lhe disse, estava incerta sobre meu futuro... e claro, que tinha medo. — A mulher chegou a parecer realmente arrependida do que dissera. — Não foi minha intenção de fato ir contra teu direito de herança.

— Claro, entendo perfeitamente — disse, mantendo em seu rosto uma máscara impassível.

— Mas agora, Hunter... devemos ser práticos, meu caro. Na época em que nos conhecemos, éramos jovens, tolos e nos comprometemos pelos motivos errados, por amor. — Hunter quis rir. Ele entregou a ela seu coração, mas Sarah não fizera o mesmo. — Mas hoje... sou a duquesa viúva, não tenho filhos e você... — Ela o olhou e, por instantes, a face de boa moça deu lugar à repugnância, que ela logo escondeu. — Quem diria, recuperou-se bem, não é? Não será mais um sacrifício, desde que corte esse cabelo horrendo e essa barba. Assim, faremos um favor a ambos. Terá uma esposa e sequer precisará voltar a Londres, e eu continuarei sendo a duquesa de Austen. Sabe que não há dama melhor em toda a corte para isso.

Quem era aquela mulher à sua frente? Será que Sarah sempre fora tão soberba, esnobe e apenas o enganara no passado? Não a reconhecia, não via nela a mulher por quem se apaixonou. Talvez ela estivesse certa, eram jovens demais.

— Será um enlace perfeito, não? — perguntou ele e a viu sorrir, vitoriosa.

— Uma conveniência esplêndida, para nós dois. Sim, um enlace perfeito. Imagino que possa... ter filhos ainda? — disse com sua face a corar.

Hunter não mudou o olhar e talvez, por isso, Sarah abaixou o seu, não conseguindo manter a altivez mediante seu escrutínio sagaz. Filhos... ele teria que os ter, não? Estilhaços do tiro de um canhão quase o deixou sem uma perna, mas sua virilidade continuava intacta, assim imaginava.

— Acredito que sim, Sarah.

— Perfeito. Nos deitaremos algumas vezes, até que eu pegue barriga, ainda gozo de boa saúde para isso. Dois ou três filhos. Após tudo... se vier mais de um menino, teremos garantido uma ótima linhagem. — Ela o olhou de cima, arrogante, prepotente,

ainda que sua face estivesse rubra ao falar de tal assunto com tanta ousadia.

Hunter apoiou-se na bengala e levantou-se, indo em sua direção, ficando bons centímetros mais alto que ela e Sarah deu um passo atrás. Comedida, talvez sequer deu-se conta de que se sentia naquele momento, intimidada. O duque deu dois passos à frente, ficando muito, muito perto dela e a olhando nos olhos. Olhos tão azuis quanto os de um certo alguém, porém, sem alegria e sagacidade a brilhar e envolvê-lo. Viu a mulher encolher-se, pavor ao encará-lo banhar sua face. Ela o abominava. Não era diferente dele, que agora, também tinha nojo dela.

Hunter imaginou que ao vê-la novamente, após a mágoa cicatrizar, poderia sentir algo diferente, aquela paixão do passado. Por isso a mandara para tão longe. Mas agora deu-se conta de que não sentia absolutamente nada de bom por aquela criatura. Ela realmente havia ferido seu coração de forma profunda.

— Eu devo agradecer sua bondade em oferecer-se, mais uma vez, em sacrifício. Mas devo liberar-lhe de tal infortúnio — disse o duque, notando que a expressão de Sarah fora de medo para espanto.

— Prefere que tua irmã venha, então?

— Não, não... na verdade, irei para Londres em breve, Kathe sequer precisará vir. Sendo assim, não se preocupe com meu desconforto em aguentar que a condessa arrume um enlace para mim, afinal, ela também não deve preocupar-se com isso, eu mesmo o farei. Na verdade, já estou fazendo. — Era mentira, mas não diria isso a ela.

Sarah sorriu, algo irônico, esnobe.

— E onde irá procurar? Aqui, entre teus arrendatários?

— Isso importa-te? — Viu então a mulher perder a compostura.

— Eu o esperei, Hunter. Eu o esperei até agora, até estar bem.

— Não seja tola, Sarah. Ou melhor, não me tenha como um tolo. Levei um tiro na perna e não na cabeça. Não me esperou, só não quis e não pretende abrir mão da posição de duquesa de Austen, apenas isso. Sinto em frustrá-la, minha querida cunhada, mas tal posição em breve será tomada, mas não por ti.

Hunter ficou satisfeito ao ver a cor sumir da face da criatura à sua frente, passou por ela e saiu pela porta, deixando-a sozinha.

Até aquele momento não tinha tomado nenhuma decisão, deveria ser sincero. Pretendia ir para Bath e não para Londres, apenas para fugir do intuito casamenteiro da irmã. Mas ver Sarah... e ouvir dela tais impropérios fez com que se desse conta de que mesmo sendo ele a procurar uma esposa, sempre encontraria os mesmos problemas. Jovens que só queriam seu título, que o repudiariam por sua imagem e condição.

Inferno... o que faria, no fim das contas?



CAPÍTULO 12

Sentada próximo à pequena mesinha provençal do seu quarto, Anne tentava escrever algo para sua tia Elisa e para seu tio, o barão. Ocorreu-lhe após a conversa com o senhor Alford, no lago, que talvez seu tio, estando ele em tal posição social de um barão, não queria estar ligado a uma solteirona com o risco de passar por algum escândalo.

O que se solidificou ainda mais ao saber que o senhor Butter andava a perguntar por ela por onde passava. Pensou que, caso o senhor Butter não tivesse dito nada ao barão ou à tia, eles poderiam ajudá-la para evitar escândalos. Mas caso o sr. Butter tivesse soltado aos quatro ventos mentiras sobre sua honra, os tios iriam querer abafar tal escândalo. Ajudando-a a sumir para nunca mais aparecer. No fim das contas, isso não era ruim.

Anne não queria, de forma alguma, ir para Londres, também não se regozijava de viver junto à tia que nunca gostou dela, menos ainda com o barão. Um tio que nem mesmo conhecia. Neste caso, se ela estivesse certa, poderia conseguir ajuda de um modo ou de outro e se manter distante da alta sociedade, que tanto fez mal à sua mãe um dia.

Tais pensamentos lhe trouxera certa esperança, afinal de contas, deveriam a considerar um risco pior estando sem dinheiro ou sem para onde ir, certo? Então, talvez devesse apelar para a tia e para o tio neste sentido, descobrir até onde sabiam e, quem sabe, conseguir ajuda.

Era um caminho, mas até o momento não tinha ido muito além do que algumas palavras rabiscadas, alguns papéis amassados jogados no chão e nada que pudesse ser proveitoso. Contudo, continuava debruçada sobre um novo pedaço de papel, este estando em branco.

Como deveria começar...

“Dei-me abrigo, por favor, ou corro o risco de manchar o nome da família como meu pai fez.”

Levar pedras logo de cara não era um bom caminho. Talvez fosse melhor apelar para a bondade do barão, se é que existisse alguma. Mas Anne nunca sequer o vira. Sabia pouco dele, apenas o que seu pai lhe contou, o que não era nada bom. Mas que azar o seu.

De repente, o senhor Alford voltou à sua mente. Na verdade, se lembrou do exato momento em que ele falou em casamento por conveniência, que isso poderia dar certo, desde que os envolvidos não criassem muitas expectativas ao redor do enlace. Segundo ele, o casamento de seus pais foi assim e foram bem.

Pensar nisso lhe causava um frio na barriga, não poderia negar. Pensou então que pudesse pedir ao tio que arrumasse um marido para si. Mas como poderia ser de bom proveito para qualquer cavalheiro? Já era uma solteirona e, pior, sem nenhum dote. Melhor esquecer o barão e tentar algo, primeiro, com sua tia. A mulher sempre mostrou interesse genuíno em vê-la casada, em transformá-la em uma dama, talvez, se mostrasse real interesse no matrimônio, a tia a acolheria e a ajudaria.

“Não, não casa-se... não sem amor. Que inferno, Anne!”, pensou, mas foi interrompida de continuar seu intento.

— Menina... — Mary entrou apressada no quarto de Anne e parou, ao olhar o chão cheio de papéis amassados. — O que é isso, Anne?

A governanta tinha a ponta do avental amarelado nas mãos, as enxugando e olhou fixamente para a jovem, esperando uma explicação para tal bagunça e desperdício.

— Ah, Mary... isso é o fim de minhas esperanças, é isso. — Não queria parecer tão dramática, mas era como se sentia. — Estava fazendo algumas contas mais cedo e ainda que eu trabalhe

para o duque por um ano, demoraríamos tempo demais para ter dinheiro suficiente para comprar sequer um casebre sem teto e paredes. Além do mais, me ocorreu também que... como nos manteríamos?

— E o que tem a ver o que acaba de dizer, com essa extravagância de papel e tinta? Anne, pelo amor de Deus, não abuse da boa vontade da sra. Muller, por favor. — Apontou e a jovem ao menos mostrou dignidade de parecer envergonhada.

— Tem razão, minha querida Mary — concordou, fizera uma verdadeira extravagância, além de uma bagunça sem fim. — Mas estou escrevendo para tia Elisa, ou para meu tio, ainda não decidi. A verdade é que estou disposta a qualquer coisa, Mary, desde que isso nos traga uma visão de futuro melhor do que a que temos hoje.

— O que disse? Está louca, é isso? — Anne percebeu o esforço que Mary fazia para não gritar.

— De forma alguma. Escreverei amenidades e falarei as novidades, sobre ter perdido a propriedade de papai. Após isso, esperarei por uma resposta sua, assim saberemos se o sr. Butter deu ou não com as línguas nos dentes — explicou, mas a governanta não parecia nada convencida de tal disparate. — Nas duas opções que temos, acredito que ela prefira ajudar-me e manter-me o mais longe possível dela e da sociedade. O pior que pode acontecer é... — A ideia esfriou seu estômago e ela quase encolheu-se ao pensar que poderiam negar ajuda e parentesco para com ela. — Todavia, caso obtenha dela alguma recusa, irei apelar para meu tio Samuel, talvez?

— O barão?

— Sim, eu...

— Ora, criança, que ideia mais tola é essa?

Anne levantou-se ao notar o desespero da velha senhora e segurou suas mãos, notando-as frias.

— Mary... eu sei que não quer admitir, talvez para poupar-me, mas está na hora de parar de enganar-me. Preciso encarar os fatos. Se minha tia...

— Ela não a quer, nenhum deles a quer, nunca a quiseram — Mary disse em um arroubo mal contido, puxando suas mãos das de Anne.

Por segundos, a jovem mulher ficou em suspenso, com a boca aberta, sem entender o que Mary dizia. As palavras criando eco em sua mente. Como não a queriam... Fechou a boca e sentiu um gosto amargo tomar-lhe, como se quisesse pôr para fora sua última refeição.

— O que disse?

— Ah, Anne, eu quis tanto que esse dia não chegasse. Espere-me aqui, sim? — A governanta voltou a sair do quarto, sem esperar resposta alguma, deixando Anne ainda mais confusa.

Mary teria escrito para a tia? Como poderia sem a ajuda de Anne, se ela não sabia ler ou escrever?

Anne parecia estar em suspenso. Estática, tentando entender o significado daquelas palavras. Ao voltar, a mulher tirou Anne de um tipo de transe e a moça notou que ela trouxera consigo um envelope amassado e amarelado nas mãos. Não passou despercebido pela jovem o olhar pesaroso, de pena que Mary direcionou a ela.

— Seu pai, quando se viu entregue à doença, um dia antes de deixar-nos, me deu isso e pediu-me que só entregasse a ti em caso de muita necessidade — Mary falava de forma envergonhada, sequer olhava para a Anne à sua frente. — Esta foi uma carta de tua tia, uma resposta a um pedido do sr. Craw. Na ocasião, teu pai pedira para que ela cuidasse de ti, caso ele viesse a faltar. Ela era sua única esperança, jamais a mandaria para o irmão cuidar. O barão abomina tua linhagem, você sabe e...

— Mas... por que não me deu antes? — Anne perguntou em um fio de voz.

— Ah, menina... tua tia não fora gentil com as palavras. Tome, deixarei que leia e, por Deus, não te desespere. Independentemente do que sentir, daremos um jeito — disse, por fim, entregando a carta para Anne, segurando suas mãos unidas e só então a olhando. Em seguida, a governanta depositou um beijo na bochecha de Anne, deixando-a a sós.

Anne olhou o papel, engolindo em seco ao ver-se tão apreensiva com o que acabou de acontecer. O que haveria ali? Ela teria coragem de ler aquele pedaço de papel?

“Nunca fora covarde...” disse a si mesma.

Anne abriu aquele pedaço amarelado e mesmo sem ler, deixou uma lágrima escorrer. Seu pai houvera tentado... Correu então os olhos pelas linhas de caligrafia fina, levemente acentuada para a esquerda.

Caro Edwards...

Estou bem, assim como todos em meu lar e fico triste em saber que está mal de saúde e, caso haja algo que eu possa fazer para contribuir com tua melhora, diga-me e o farei.

Anne sorriu, aquele era um bom prenúncio, não era? Não entendia então por que Mary parecia tão aflita? Parou de divagar e voltou os olhos já molhados para a carta. Sentiu então os pelos do seu corpo arrepiarem-se, sua dignidade sendo levada para a lama, junto com suas esperanças.

Mas isso é apenas o que posso fazer por ti. Há muito tempo, eu tentei fazer de tua filha uma dama, para que, ao chegar o momento — esse momento — ela arrumasse um bom casamento, ou que arrumasse apenas um casamento qualquer. Mas você fora permissivo demais e o infame sangue cigano que corre nas veias de tua filha não permitiu que ela se dobrasse às regras e o que a sociedade espera de uma dama de bom nome.

Estou agora casada, irmão, com um baronete e como bem sabe, tenho filhos aos quais devo me dedicar e não poderia, em hipótese alguma, tomar para mim uma missão tão árdua como cuidar de tua filha. Ela poderia arruinar meu nome, o nome de meu marido e de meus filhos como bem sabe. Anne é uma criatura incontrolável e sem escrúpulos.

Tudo deveria ter sido diferente, meu querido. Deveria ter ouvido nosso pai no momento certo, desistido daquela paixão clandestina por Jane que, cedo ou tarde, iria arruinar-te. E foi o que aconteceu, não?

Arruinou a ti, quase arruinou a nós, tua família e, por descendência, arruinou a sorte de tua filha e de tua geração. Anne deveria ter aceitado o cabresto, ser domada, agora não há mais jeito. Como tal criatura poderia arrumar um bom marido ou sequer servir-me de algum modo?

Ah, Edwards, como gostaria de poder ajudar-te, mas culpo somente a ti e tua imprudência por tamanho infortúnio. Após tuas más escolhas, se tivesse usado uma boa vara no momento certo, teria educado tua filha melhor e Anne estaria até mesmo casada a essa altura. Quão triste fico em não poder ajudar-te, mas espero que entenda, caro e amado irmão, que nem eu, nem Samuel queremos Anne próximo à nossa família.

Mande meus cumprimentos à tua filha e espero que para o bem dela, você melhore...

Adeus, Edwards.

“E, por favor, não deixe que Anne me importune, caso venha a faltar ou não serei gentil como estou sendo contigo, caso ela o faça.”

A essa altura, lágrimas pesadas já escorriam pela face de Anne, lágrimas da mais pura vergonha, envolvida em pesar. Era alguém tão ruim assim, um fardo? Perguntava-se agora se em algum momento o pai sentira vergonha dela e de seu infame sangue cigano, ou de sua mãe.

“Por Deus, como palavras poderiam magoar tanto?”, pensou, pois era como se a tia a tivesse acertado com uma bofetada. Levou a mão aos lábios, segurando um soluço, tentando não sucumbir àquela emoção tão destrutiva, mas como poderia?

Teve vontade de soltar o grito preso em sua garganta, que ardia ao tentar conter o choro. Era como se, no fim, Anne pertencesse apenas à mãe, como se apenas o sangue cigano corresse em suas veias. Largou a pena sobre a mesinha e amassou o papel entre os dedos, segurando-o com força e saindo em disparada pela porta do quarto.

— Menina...

Ouviu Mary chamar-lhe ao descer as escadas, mas não parou sequer para pegar o casaco, seguindo em direção à porta dos fundos da casa da senhora Muller. Anne correu para longe, para qualquer lugar que permitisse extravasar seus sentimentos, sua amargura sem que ninguém tentasse contê-los. A jovem precisava de um momento a sós.

O pai pensara em si, tanto ao ponto de pedir ajuda para a tia em seu leito de morte. Não poderia imaginar quão magoado ficara ao ler aquelas palavras maculadas, velando uma ofensa sincera a ele, à sua mãe e a ela. Uma reprimenda.

Até mesmo em sua doença, o pai fora obrigado a pensar no passado, em suas escolhas ruins.

Ruins...

O vento frio banhava sua face, suas lágrimas agora escorrendo livres por seu rosto como uma cachoeira selvagem.

Poderia ela culpar a mãe por seu temperamento intempestivo? Poderia, sim. O pai dizia sempre que Anne puxara a ela, mas ao fazer isso, lembrava-se do doce sorriso de sua progenitora, do seu afago e do amor sincero. Dos cabelos vermelhos como os seus e do rosto cheio de sardas. Lembrava-se até mesmo do seu cheiro de rosas. Anne era o espelho de sua mãe em tudo e não poderia, não iria, envergonhar-se disso, não poderia culpá-la por se entregar ao amor, ao seu pai.

A culpa não poderia ser de sua mãe ou do pai... apenas sua.

Anne corria sem destino, não pensara para onde ir, mas deu-se conta de que fora para o bosque, para o mesmo lugar que, semanas antes, encontrara o sr. Alford. Correu para o seu refúgio particular. Parou em meio à relva, esbaforida, sentindo o peito queimar, o coração a querer saltar por sua boca. Levou as mãos aos joelhos, impulsionando o corpo a curvar-se e se deu conta de que ainda segurava a maldita carta em suas mãos.

A jovem passou a mão livre no rosto, tentando conter as lágrimas, mas elas não paravam, sua dor não passava. Suas vistas estavam embaçadas, o corpo queimava e odiou-se. Sim, odiou-se. Pois se fosse, no mínimo, inteligente, teria dado valor aos ensinamentos da tia ou deixado que o pai lhe arrumasse um marido. Como pudera imaginar que ela, como mulher, herdaria uma propriedade? Que o pai duraria para sempre... Quão burra e ingrata fora, a tia tinha razão, no fim das contas. Não poderia culpar ninguém, ninguém, a não ser a si mesma.

— Oh, Deus, como dói! — deixou escapar em sussurro, junto a uma lufada de ar dolorosa.

Até mesmo algo simples como respirar estava lhe doendo. Algo a fez parar, suspender todo e qualquer pensamento ao ouvir passos. Procurou de onde vinha o barulho, aprumando o corpo e não muito distante de onde estava o avistou, sr. Alford, vindo em sua direção. Olhos presos nela.

Anne virou-se de costas para ele, limpando resquícios de suas lágrimas e escondendo entre as mãos o pedaço de papel. Aquela situação poderia ficar ainda pior, só precisava de um momento a sós, apenas isso.

— Céus, senhorita Craw, o que faz aqui sem casaco? — Ouviu-o dizer e nem mesmo frio sentia.

Anne engoliu em seco, tentando controlar o choro e se virou. A jovem tentou segurar sua amargura apenas para si, mas não pôde conter-se. Trouxe a mão de forma apressada aos lábios, mas não conseguiu abafar o soluço que escapou de seu peito ao contemplar os olhos verdes e luminosos que a fitavam com preocupação.

Observou com os olhos embaçados o homem apressar-se em sua direção, com a bengala a tiracolo. Alford tirou o próprio casaco e cobriu os ombros de Anne, que só percebeu estar gelada ao sentir o negro e grosso tecido a envolver. Sentiu mãos grandes segurar seus ombros, como se quisesse, com o gesto, arrancar o que a fazia chorar.

— Diga-me, senhorita, o que fizeram contigo? Diga-me e juro que darei um jeito, seja o que for, apenas para não a ver chorar. — Tamanha bondade na voz rouca fez com que Anne apenas chorasse ainda mais, sem controle. Não conseguia falar, o choro não deixaria, então ofereceu a ele o pedaço de papel em sua mão.

Alford a fitou, sem entender ao certo o que Anne queria, e ela empurrou o papel em sua direção. Ele demorou alguns segundos,

mas o pegou e abriu devagar o papel embolado. Esperou uma reação vinda dele, mas em nenhum momento o homem deixou de olhá-la, enquanto abria a maldita carta.

Alford prendeu a atenção nas palavras ali escritas e Anne tentou se recompor, controlar seus sentimentos e lágrimas. Sentiu vergonha, imaginando como conseguiria olhar para aquele homem após deixá-lo ler aquele pedaço de papel, ao deixá-lo saber a opinião que sua própria família tinha sobre ela.

Usou então o tempo em que Alford levou lendo a carta para limpar as lágrimas, engolir o bolo de choro na garganta e parecer o mínimo apresentável possível, após aquela cena horrenda que protagonizou em sua frente. Ela era mesmo um desastre.

Para completar, mais uma vez estava ali, sozinha com um homem. Saiu tão apressada que sequer se lembrou do seu próprio casaco, de proteger-se do frio, vestia ainda seu avental. Observou-o, notando o vinco em meio às sobancelhas ficar ainda mais profundo, o pomo de adão subir e descer depressa em sua garganta até que, enfim, seus olhos voltaram a fitá-la.

Dessa vez, Anne não conseguiu sustentar seu olhar, abaixando-o, fitando as botas bem engraxadas que ele tinha nos pés. Estavam tão próximos que Anne pôde sentir seu cheiro, ou talvez, o cheiro estava vindo do casaco em seus ombros. Algo como madeira, álcool e... algo mais, um odor másculo que imaginou ser o cheiro de sua pele.

— Sua tia lhe escreveu isso? — perguntou ele, tirando sua atenção do cheiro que a circundava.

— Não, escreveu para o meu pai — disse, ainda olhando o chão. Levando o pé à frente e amassando um pedaço de grama, apenas para aplacar o nervosismo. — Quando vim para cá... trouxe comigo minha governanta, ela também não tinha para onde ir. Essa carta estava com Mary, meu pai confiou a ela para me entregar, caso eu tentasse procurar minha tia após sua morte.

— Por mil demônios! — ele rugiu e a assustou, só então fazendo com que o fitasse, com olhos vermelhos e arregalados. — Que tipo de família é a família Craw, senhorita?

Anne não poderia dizer o que via nos olhos dele, que agora pareciam mais escuros e... perigosos. Ele cresceu de tamanho? Pois parecia avolumar-se sobre ela.

— Acredito que a família Craw seja o que a alta sociedade espera dela. — Sua voz saiu quase amarga e deu um passo para trás. — Como vê, agora não tenho mais o que esconder do senhor. Minha tia deixa claro a repugnância dela pela linhagem cigana de minha mãe. É isso, sr. Alford, sou uma dama, mas também tenho o infame sangue cigano correndo em minhas veias — ao dizer isso, Anne levantou mais o nariz, em desafio. Não sabia o que esperar dele, se concordaria com sua tia ou se reprovaria tais palavras.

Imaginou que ao ouvi-la, o homem também sentiria repugnância do seu sangue, não esperava nada além de preconceito. Mas Alford a olhava como se não entendesse absolutamente nada. Mantendo ainda a expressão dura em seu rosto. O homem agora parecia esculpido em pedra.

— E o que diabos isso tem a ver? Ao casar-se com seu pai, ela não se tornou uma Craw? E a senhorita, não é uma Craw? Isso... isso... — disse, projetando os lábios para frente e Anne pôde notar que ele sentia raiva. — Isso sim é repugnante e infame, senhorita. Como podem?

Ele a entendia.

— Eu ia escrever para ela e para meu tio... pedir ajuda, sequer sabia ao certo como começar. Mas como pôde ler, sequer precisarei, não poderei mais fazer isso. — Poderia aproveitar e falar do senhor Butter, mas não o faria.

— Não mesmo. A senhorita é maior do que qualquer coisa e expectativa. Quem diabos essa mulher pensa que é? — ele falava

tudo alto demais, com rancor demais. — Pelo que vejo, ela é uma baroneta que acha ser uma duquesa, ou a própria rainha.

Anne então sorriu, sim, riu em meio à angústia de seu pranto. Ele a estava defendendo de forma feroz, quase selvagem e isso era algo que ela não esperava ou compreendia. Hunter a olhou, sem entender do que ria.

— Ora essa, do que diabos está rindo? — perguntou ele, e Anne tentou controlar os lábios.

— Do senhor, estou rindo do senhor — viu-se impelida a explicar.

— Acho pouco provável, senhorita. Lendo isso, imagino que o que menos tenha agora sejam motivos para sorrir.

Isso era verdade, imaginou Anne, porém se deixou levar por ver alguém a defender de modo tão empolgado.

— Não me leve a mal, senhor. Foi sua defesa que se parece muito com meu pai e sua pungente decepção com a aristocracia e todas as suas regras ao tentar sempre defender-me. Sequer me conhece e defende-me assim... — explicou e viu condescendência nos olhos verdes escurecidos de revolta. Notou que ele abaixou o olhar para o papel ainda em sua mão. — Obrigada, senhor Alford. Eu... — Engasgou, pois em seu coração tinha a incerteza a respeito do seu futuro pairando sobre sua cabeça.

— Como não a conheço? — perguntou ele de súbito, mas não parecia esperar de fato uma resposta. — A senhorita é o ser humano mais implicante e incrivelmente verdadeiro com quem pude travar uma conversa, sem falar em sua perspicácia e inteligência. O que faço agora, é o que sua família deveria estar fazendo pela senhorita, a protegendo. Ora essa, claro que a conheço e não podemos deixar essa ofensa barata, tampouco aceitar tal destino para a senhorita — disse, se aproximando mais dela, perto, muito perto, tomando as mãos delicadas entre as suas. — É uma Craw,

senhorita, filha de um cavalheiro, neta de um barão, sobrinha de um barão. Portanto, senhorita, é com prazer que devo perguntar-te: me daria a honra de casar-se comigo?

Anne paralisou. O que ele dissera?

Casar... ele falou em casar.

Casar-se com ela.

O que estava acontecendo?

O mundo saiu do eixo, para Anne Craw ser pedida em casamento?

Seu coração parecia a ponto de sair pela boca e então... a realidade caiu sobre si.



CAPÍTULO 13

Hunter a olhava em expectativa e surpreso consigo mesmo e, por Deus, estava escolhendo a próxima duquesa de Austen, a mãe dos seus filhos, deveria, no mínimo, ter cautela. Ele quase gemeu com o último pensamento. Mas a verdade era que ali estava ele, de forma impulsiva, levado por pena... pedindo a srta. Craw em casamento.

Viu a mulher à sua frente ficar branca como algodão. Parecia até mesmo que vira um fantasma e, por instantes, ele sentiu-se mal, sim. Seria horror o que ela sentia? Horror por cogitar passar os dias ao lado de um homem nas condições dele?

Santo Deus, se até uma dama em desespero sentia-se assim, o que poderia esperar do futuro?

— Senhorita...

— Tem pena de mim, é isso, senhor?

— Não — negou, mas queria dizer sim, ainda que sentisse no fundo do coração que não era, em hipótese alguma, por pena que lhe fazia tal proposta. — Eu só pensei que...

— Que estaria me fazendo um favor? Afinal, por que iria querer alguém como eu, após ler esta carta, exceto por pena? Sabe no que isso — ela gesticulou entre ambos apressadamente — implica? — Hunter a estava olhando, pasmo. Àquela altura do campeonato, Anne estava preocupada com seus motivos? Que mulher tola. Espere, então não era repugnância... — O senhor pode encontrar uma mulher que ame, sabia? É um homem, parece ser jovem ainda, deve aproveitar essa dádiva, deve buscar amor.

E ali estava a srta. Craw, desmoronando à sua frente, com o coração em frangalhos, o rosto agora tomando cor, tão vermelho como seus cabelos. Ainda assim, ela falava de amor, que ele deveria buscar amor. E ela não? Estava sem palavras.

Hunter não errou ao ser tão impulsivo, no fim das contas, aquela sim era uma criatura pura de alma, ainda que sem muita educação e, por vezes, irritante, como agora. Sabia bem como as regras da sociedade funcionavam, mas em alguns pontos Anne estava certa, como casar-se com alguém apenas por um título? Sem ao menos conhecer aquela pessoa. Mas não se referia ao amor com esta indagação, mas de caráter e isso Anne tinha de sobra.

— Eu acho que não, certamente não.

— Ora, não seja impulsivo. Eu não preciso de alguém que me salve, não preciso mesmo. Irei salvar a mim mesma, senhor, sem que precise sacrificar ninguém para estar ao meu lado. Não lhe mostrei isso para que sentisse pena de mim, mostrei porque o considero um... amigo — disse e novamente estava empinando aquele narizinho teimoso e vermelho em sua direção, audaciosa. — Irei dar um jeito, não se preocupe. Conseguirei algo que não envolva prendê-lo em matrimônio.

Hunter suspirou audivelmente e sentia aquela teimosa veia saltar em sua testa, algo que só acontecia quando ele estava muito, muito contrariado.

— Penso que está fora de si, senhorita, e em momento algum a julguei mal, cogitando que poderia estar a tentar uma cilada contra mim, ao mostrar-me isso. — Levantou o papel em sua mão, o balançando como um troféu. Mas suas palavras em nada pareceram mudar os pensamentos dela.

— Tem honra, senhor, disso eu sei. E está agora me vendo como alguém frágil, que precisa de... socorro e está pronto a sacrificar-se por mim, mas eu não permitirei. O senhor mesmo disse, dias atrás, que não queria amar, não pensava tão cedo em casar-se e agora está aqui, me pedindo para unir-me a ti, dois dias após estas palavras?

Bem, ela estava certa, no fim das contas, ele realmente dissera. Mas já tinha decidido e um duque não voltava atrás em sua palavra. Além do mais, tentou pensar com coerência, dando-se conta de que Anne não deveria estar pensando bem. Só poderia ser isso. Ele estava dando a ela a chance de livrar-se de todas as incertezas, de ter um lar só seu, de passar o resto dos seus dias em paz e lá estava ela, negando-se a aceitar ajuda.

O que ela não sabia era que não era somente ela que sairia lucrando com isso, não mesmo. O duque agora tinha dois cachorros ferozes e loucos à espreita, querendo casá-lo a todo custo e ele não permitiria que ninguém impusesse algo para sua vida. Caso decidisse fazer tal enlace, seria Hunter a escolher sua dama e Anne... Anne seria a melhor para o papel. Pois se pensasse bem, ela o conhecia e nunca mostrou ter reservas quanto à sua aparência e limitações. Pelo contrário, fizera-o ver o quanto era ridículo seu discurso de invalidez, já que estava vivo e em casa, enquanto outros... sequer tiveram essa chance. Ah, e mais, o considerava um amigo, ela mesma dissera.

Não poderia ser mais perfeito, a não ser... pelos modos inexistentes na dama.

Hunter puxou o ar e o soltou com calma, apoiando-se mais em sua bengala, já Anne parecia nervosa, esperando uma resposta. Fato era que ele estava tendo a chance de unir-se a alguém que não se casaria com ele por seu título. A srta. Craw sequer sabia quem ele realmente era e seria um bônus para ela quando soubesse que, além de amparo, teria o título de duquesa e para ele, teria a segurança de ter alguém que não se uniu a ele por interesse. O pensamento trouxe calma e consolo para si.

— Acredite, não tem nada a ver com honra. Estaria eu a fazer-te um favor, assim como faria por mim.

Anne negou e pôs-se a andar de um lado para outro, balançando as mãos em revolta, faria um bicho enjaulado.

— O senhor só pode ter perdido o juízo. Viu o que tem nesta carta, viu o que falam de mim, como pode querer... oh, céus! — falou ela mais alto, levando a mão à boca, o choro rompendo seu peito novamente.

Sim, Hunter sentia pena. Não, pena não, na verdade, ele sentia raiva, uma revolta sem fim pela família da dama.

Tinha agora ódio da tia maldita, do tal barão e até mesmo do pai de Anne, por não ter garantido seu futuro antes de sua morte. Sim, não tinha a mínima pena, mas sim empatia. Seu rancor agora estava estendido para a família Craw.

— De certo que vi, eu li cada linha e a conheço bem para saber que isso é infundado.

— Infundado? O senhor bateu a cabeça?

— Por lhe propor casamento?

— Por que mais seria? Eu não tenho dote, o senhor não me conhece e quer casar-se, ainda assim?

— Tenho muito mais interesses neste casamento do que a senhorita poderia supor, acredite. O maior beneficiado seria eu mesmo. — E tinha razão, era ele sim.

Livrar-se-ia de Kathe, de Sarah e do infortúnio de um dia ir para Londres em busca de uma esposa.

— Isso... — Ela apontou para ele, sem conseguir terminar a frase. Seus lábios estavam brancos, as mãos trêmulas e Hunter pensou que talvez fosse melhor retroceder, sim. Deixar que Anne se acalmasse e então, conversar depois.

Desta forma, ele também iria pensar melhor na sua proposta. Pois, de algum modo, Anne tinha uma certa razão em chamá-lo de impulsivo, ainda que não soubesse o real título de Hunter. Afinal,

caso ela o aceitasse, a futura duquesa de Austen teria descendência cigana... e o que toda a sociedade diria disso?

O pensamento quase o fez sorrir. Ele se importava com a sociedade? Deu-se conta que não. Tudo que queria era livrar-se da indulgência de Kate, das garras de Sarah e da recente recusa de Anne.

— Senhorita Craw... ouça-me, quero propor algo para a senhorita, algo novo.

— Desde que não repita tamanha tolice — disse Anne, parando de andar e o fitando.

— Não irei, não agora. Façamos o seguinte: volte para casa, aparentemente uma chuva se aproxima e não seria bom que a senhorita pegasse um resfriado. Tome um chá, aproveite o restante do seu dia de folga e amanhã nos encontramos e voltamos a conversar sobre nossa união.

— Nossa união?

— Certamente. No momento, vejo que uma união seria proveitosa para nós dois. Já disse, não busco amor. Para mim, um casamento por conveniência pode ser proveitoso e, até mesmo, feliz como o dos meus pais foram. Também tenho segredos que devo esclarecer e, então, mais calma, voltamos a conversar e a senhorita poderá entender meus motivos.

Anne o olhava, a cabeça meio de lado, os dentes superiores a espremerem o lábio inferior, indecisa. O gesto dela lhe causou certa quentura em lugares que, até então, estavam gelados, e quase pediu que parasse de morder os lábios. Não precisou chegar a tanto, controlando a temperatura do próprio corpo quando, por fim, viu-a concordar com um aceno, soltando o lábio marcado pelos dentes.

— Isso eu posso fazer, pois acredito que quando pensar melhor, o senhor mesmo irá se arrepender de tal proposta.

— Veremos, senhorita — disse e a viu entregar-lhe o seu casaco. — Não precisa, leve-o.

Anne olhou para os lados, para ele e para o casaco.

— Melhor não, ou teria que explicar de onde o tirei. — O duque entendeu o que ela queria dizer, e segurou a peça, mas Anne não o soltou, só então observando-o com cautela. — O senhor irá viajar?

— De forma alguma, senhorita. Acabo de marcar um compromisso com a senhorita para amanhã, como poderia viajar?

— Suas vestes... não são de viagem? — Hunter viu-se desconfortável ao ter que explicar-se, ou melhor, mentir. Estava realmente arrumado em demasia para ser apenas um empregado. Antes que pudesse pensar em algo, como sempre, Anne voltou a falar e dar ela mesma uma história para ele contar. — Deveria estar em um compromisso com o duque, imagino.

— Isso mesmo, isso mesmo — confirmou de forma apressada. — Quanto amanhã, senhorita, eu preferiria que nos víssemos à beira do lago, se não se importar. Irá à Green Hall amanhã, penso que teremos mais privacidade no lago.

— Santo Deus... — disse, parecia assustada ao olhar para os lados e verificar se tinha alguém à espreita. — Sim, sim, até amanhã e, pense bem, sr. Alford, não repita essa tolice para mim. Darei um jeito em minha própria situação e o senhor, aproveite seu livre arbítrio e procure alguém que possa amar.

Hunter negou ao vê-la dar-lhe as costas após um cumprimento malfeito e sair a passos compridos, quase correndo em direção oposta a ele.

O duque poderia ter imaginado muitas coisas para aquele momento, após estar livre das garras amoladas de Sarah. Contudo, em nenhum momento poderia imaginar que pediria Anne Craw em casamento logo ali. Foi impensado, mas estava feito.

Anne poderia não ter a criação de uma dama, era verdade, mas ele a ajudaria, Kathe também poderia ajudar. A irmã concordaria com sua escolha? Talvez não seria alguém que ela escolheria, porém, isso não cabia a ela.

Os modos de Anne não iam importar tanto, no fim das contas, pois Hunter não pretendia estar tão presente em Londres dali em diante, só quando fosse estritamente necessário. Caso se casassem, iriam passar a maior parte do tempo no campo, em Green Hall. Ou melhor, se Anne preferisse, ele poderia até mesmo mudar-se para outra propriedade e deixá-la ali, se a ideia a agradasse. Poderiam viver separados, ainda que casados, seu compromisso com o matrimônio seria apenas para obter um herdeiro.

O pensamento o deixou confuso, seria capaz de casar-se e viver separado da esposa?

Responderia isso depois. Pois agora não estava mais mentindo para Sarah, tinha mesmo alguém em vista para casar-se e seria Anne Craw. Ao menos com ela, não precisaria preocupar-se com aceitação pelas aparências. A peça estava saindo melhor que o soneto. Claro, se ela o aceitasse.

Lembrou-se então do que ela lhe dissera. Será que iria arrepender-se no dia seguinte de sua impulsividade?

Talvez sim... pois naquele momento, estava pensando apenas em questões benéficas. Na prática, poderia ser bem diferente.



CAPÍTULO 14

O duque sentia a perna doer ao voltar para a mansão após a caminhada. Mas o que o incomodava não era apenas seus músculos, era algo em seu peito, uma inquietação sem tamanho. Não sabia ele se era pelo recente pedido de casamento que fez à Anne Craw, sua recusa ou por saber que ao voltar, poderia encontrar sua cunhada. Pois a fumaça que via em uma das chaminés, indicava que a ala norte estava sendo usada.

Inferno de mulher.

— Milorde... devo informá-lo que a duquesa o espera para o chá, na sala de estar, senhor — Oswald o avisou com receio, assim que o recebeu ainda no vestíbulo.

Hunter chegou a coçar a sobrancelha, impaciente. Claro que ela ficaria ali e não daria a ele paz.

— Ela se hospedou aqui? — perguntou, o tom de voz sugerindo rudeza e pouca paciência.

— Sim, milorde. Tentei sondar sobre a possibilidade de que ocupasse a propriedade ao lado, porém... foi inútil tentar.

Hunter negou, apertando o alto do nariz. A propriedade ao lado era, no caso, a mansão destinada à viúva de Austen, caso a duquesa anterior ainda permanecesse viva quando o herdeiro de um ducado tomasse posse do seu título de direito. Sua mãe, por exemplo, passou os últimos anos de viuvez nesta mesma mansão, após William juntar-se em matrimônio com Sarah. Mas sua cunhada viera de fato decidida a tirá-lo do sério ao hospedar-se sobre o mesmo teto que ele.

Ele tinha feito de tudo para mantê-la longe, até mesmo cedido uma das melhores propriedades em seu nome o mais longe que tinha de Green Hall. Isso não foi claro o bastante?

— Tudo bem, lidarei eu mesmo com ela. — Hunter passou por Oswald e o mordomo adiantou-se.

— Devo avisá-lo, que a dama...

— Eu sei, eu sei. — Hunter estava com pouca paciência, o mordomo sequer precisava continuar.

— Milorde, chegou também uma carta.

— Outra? Só falta ser mais alguém querendo casar-me. — Bufou, estava à beira da loucura àquela altura.

— Não, senhor. Essa vem da França, milorde, e é de lorde Malford.

Por segundos, Hunter paralisou e olhou depressa, por sobre o ombro, para seu mordomo.

— George? — disse, surpreso. Havia quase um ano que George tinha escrito algo para ele e, ainda assim, não deixou endereço para que pudesse respondê-lo, pois estava de partida para outro continente.

— Sim, milorde.

— Diga-me, Oswald, alguma chance de ser uma má notícia? — perguntou, o coração estava a apertar em seu peito.

O duque engoliu em seco. Poderia ser alguém trazendo a ele mais uma infiel tristeza sobre a perda de mais um membro da família Malford? Claro, se fosse esse o caso, o mordomo saberia. Notícias como essas vinham escritas em um papel diferente, com bordas de cor negra e espessura mais densa.

— Creio que não, milorde. A letra no envelope é de lorde Malford. — Com apenas aquelas palavras, o mordomo trouxe ar novamente para os pulmões de Hunter. — O senhor irá para seu quarto?

— Não, antes irei ter com Sarah. Peça que providenciem todo o preparo para a residência da viúva, ela irá para lá logo pela manhã. Quanto à carta, deixe-a em meu quarto, logo irei para lá.

— Sim, milorde.

Hunter seguiu pelo vestíbulo, passando pela sala de entrada e indo ao encontro da mulher que agora sentia como se nunca a conhecesse. Entrou na sala comum e lá estava ela, vestida em um novo modelo azul-claro, mas não menos luxuoso. Assim que ela o viu, se levantou apressada e sorriu com gentileza forçada, fazendo uma mesura.

— Achei que não voltaria mais. Deixe-me servir-te um chá — falou apressada, pegando o bule sobre a mesinha redonda, ao lado do sofá.

— Não é necessário — disse em tom severo, quase tão severo quanto sua carranca, apertando com mais força a haste da bengala. — Vim dar-te apenas um aviso.

— Ah, Hunter, não me trate com tanta formalidade e não seja deselegante. Sabe que viajei toda essa distância por ti e, claro, não me faria tal ofensa — disse, continuando seu intuito de servir chá ao duque.

— Uma viagem que não pedi que a fizesse — interpelou ele e a fez parar e prestar total atenção ao que ele dizia. — Minha intenção não é ofender-te, apenas pô-la em teu lugar. Hoje irá pernoitar aqui, na mansão, pois já é tarde. Porém, saiba que pedi a Oswald que cuidasse para que a residência adjacente, seja preparada para tua estadia. Uma estadia que espero, seja curta.

Isso a assustou. Talvez só ali, Sarah dera-se conta de que não era só o rancor falando e que Hunter nunca mais seria seu, menos ainda o título de duquesa de Austen, por muito mais tempo.

— Ora... por que isso? Posso muito bem ficar aqui mesmo.

Hunter a olhou por segundos sem dizer nada, mostrando a ela seu ar de desgosto com tal pensamento. Era mestre em fazer isso, ficar calado por tempo demasiado apenas encarando o alvo de seu desprezo. Sabia o efeito que isso fazia em sua vítima. Homens já tremeram sobre aquele olhar no passado.

— Não, não pode — voltou a falar, enquanto Sarah já não conseguia sustentar seu olhar. — Na verdade, eu não quero. A casa adjacente seria de minha mãe, caso ela estivesse viva, pois então seria ela a duquesa viúva, se William não estivesse morto, mas esse não é o caso. Como você é a viúva de Austen, peço que prepare-se para, logo cedo, ocupar a outra residência. É bem menor que esta, porém, irá atender bem tudo o que precisa.

Sarah o olhava com espanto, estupefata, e Hunter achou que sentiria satisfação com isso, ao frustrá-la em seus planos. Mas no fim, não sentia mais nada por aquela mulher. Será que no passado imaginou apenas tê-la amado ou será que tudo o que sofrera soterrou todo aquele sentimento?

— Não me diga que falou sério mais cedo?

— Dei-te motivos para duvidar?

— Não seja tolo. Achei que era uma forma de punir-me, mas que após uma caminhada, colocaria tua cabeça no lugar e veria que tenho razão, que tudo o que te propus é o melhor a ser feito.

Hunter negou e buscou ar, calmo.

— Não me aborreça com tal suposição, milady. Tudo o que eu disse mais cedo, continua valendo. Não me casaria contigo ou com qualquer outra mulher que não seja de minha própria escolha e isso vale para ti e para Kathe. Sempre terá um lugar na família e nunca desonraria meu irmão ao não te dar o suporte necessário, mas jamais me casaria contigo.

— Só pode estar louco — esbravejou ela, soltando o ar com certo desespero. O rosto vermelho como brasa, contrastando com a

cor loira do cabelo.

— Creio que ainda não — disse e deu meia-volta para sair, mas antes tornou a falar: — E não me espere para o jantar, milady.

Hunter deixou os aposentos o mais rápido que conseguiu, em seguida fora em direção ao seu quarto. Só faltava essa, ter que suportar a presença de Sarah em sua própria casa.



O jantar seguia seu rumo, mas os pensamentos de Anne não estavam realmente ali. Sua mente vagava entre o passado, o dia em que perdeu tudo, sua vinda para Countyham, as incertezas do futuro sobre sua família e seu recente pedido de casamento. Este último, só de pensar um frio tomava ser estômago e não era, de certo modo, por medo.

— Está mesmo aqui, querida? — Anne ouviu a voz da senhora Muller, e levantou o olhar do prato intocado, sem ouvir realmente o que tinha lhe dito.

— Senhora?

— Perguntei se está mesmo aqui... parece meio distraída. — A sra. Muller sorriu, mas Anne já conhecia aquele sorriso, não era dos melhores.

— Oh não, apenas... pensando no que preciso fazer amanhã.

— Anne, ainda que estar em Green Hall me cause grande preocupação, concordei que tirasse algumas horas do dia para que pudesse ganhar seu sustento — começou a senhora, enquanto mastigava um pedaço de pernil. — Porém, lembro-me de dizer-te e frisar com demasiado entusiasmo, que poderia sim ir, desde que fizesse antes seus afazeres nesta casa para comigo, como minha dama de companhia. — E ali estava, o descontentamento a que

Mary se referiu, certa vez. — Mas parece que vem se distraíndo com frequência na última semana, e peço que trate de voltar a pôr os pés no chão o quanto antes, para que acidentes como o que aconteceu há pouco, não volte a se repetir. — Era uma reprimenda e Anne sentiu a cor sumir. O episódio a que se referia era o fato de Anne, naquela tarde, ter derramado chá sobre ela e de deixar seu penteado torto para o jantar.

— Sim, senhora. Prometo que não vai mais acontecer.

— Espero de fato que não. Minha dama de companhia deve saber como fazer um penteado ou para que eu iria querer uma, não é? — A senhora riu alto, algo quase estrondoso, mas Anne não viu graça naquela frase. Pelo contrário, sentiu-se ameaçada.

Afinal de contas, se não tivesse serventia, a sra. Muller não teria por que gastar seu tempo com ela.

— Sim, senhora — concordou, olhando para Mary, que estava parada à meia distância e a olhava com certa compaixão.

— Recebi uma carta essa manhã, de Victoria, ah, minha querida Vic — contou, enquanto cortava outro pedaço de carne. — Está vindo visitar-me, deve chegar por esses dias, suponho. Espero que não se incomode de ajudá-la também, Anne, caso precise. — A velha senhora olhou para Anne de sobranceiras levantadas, como se a ameaçasse a contrariá-la.

— Será uma honra. — Victoria era a filha da senhora Muller, a única filha entre cinco filhos homens.

Anne suspirou, teria mais trabalho, mas não poderia reclamar. Daria conta de tudo, ou tentaria, sem cometer nenhuma infração. Bebeu ela um gole do copo à sua frente e se levantou.

— A senhora se importa se eu me retirar?

— Sente algo, querida?

— Sim, parece que algo fez mal ao meu estômago. — Levou a mão à barriga e a senhora Muller fez uma careta, balançando a mão.

— Vá, pode ir e, Mary, leve um chá para ela depois do jantar.

— Claro, senhora.

— Peço desculpas por não poder acompanhá-la após o jantar — disse em cumprimento, saindo em seguida.

Anne não sentia nada, não na barriga. Aquela tinha sido a primeira vez que recebera uma reprimenda tão severa da nobre senhora e não poderia dizer o quanto aquilo a desconcertou. Estava com a cabeça cheia, por isso tantos malfeitos. O chá derramando, o penteado torto... quanto mais a senhora Muller aguentaria?

Tinha vontade de voltar a chorar. O pranto que derramou o resto da tarde ao ver-se sozinha no quarto, não foi o suficiente. Sentia o coração pesado, a alma sombria com a indecisão que pairava sobre si. Fora pedida em casamento, naquela tarde, e por um senhor bom. Se tivesse juízo, teria aceitado, pois seria sua salvação. Mas como poderia enredar o homem em seus problemas?

A tia estava certa, ela era uma decepção. Certamente causaria um escândalo para a sua família, mais cedo ou mais tarde, caso eles a acolhessem. Respirou fundo ao sentar-se na cama. Tentava imaginar o que diria ao sr. Alford no dia seguinte, isso, se ele insistisse naquele pedido.

Claro que diria não.

Sendo sincera, acreditava piamente que sequer precisaria dizer algo, pois imaginava que ele iria arrepender-se de ter feito-lhe tal proposta, com toda certeza que iria. Foi apenas compaixão, um ato nobre, mas a conta poderia chegar depois. Pois o real medo, era o de aceitar aquele pedido e ele viesse a arrepender-se depois.

Unir-se em matrimônio com o sr. Alford?

Contudo, deveria pensar também... e se ele não se arrependesse e mantivesse tal pedido?

Então ela diria sim?

Estava abraçando os joelhos quando Mary entrou no quarto, com um sorriso singelo e uma bandeja. Era sua xícara de chá. Anne tentou sorrir, mas teve que engolir o bolo que se formou em sua garganta apenas em vê-la, com aquele olhar preocupado e piedoso direcionado a ela.

— Não é dor de barriga, isso eu sei. Mas trouxe um chá que pode ajudá-la a dormir.

— Obrigada, Mary. — Anne pegou a xícara, o coração aquecido por ter Mary ao seu lado.

Ao voltar essa tarde, a encontrou esperando-a na porta dos fundos, preocupada, enrolando nas mãos a barra do avental. Anne apenas a abraçou, ficando por alguns minutos junto à Mary, sem nada a dizer, apenas precisando de afago.

— Beba tudo e vá para cama — disse, indo em direção à porta.

— Mary — Anne chamou e a mulher a olhou. — Na sua experiência, alguém pode ser feliz em um casamento de conveniência, sem amor?

— Ora, Anne... depende. Há pessoas de bom coração que se casam com outras de bom coração. No fim, acabam tendo uma boa convivência, se tornam amigos, parceiros ou até mesmo... passam a sentir amor um pelo outro. — A governanta a olhava, sabia que tinha algo mais. — Por que a pergunta?

— Se eu encontrasse um cavalheiro, um homem bom, honrado, que me pedisse em casamento, eu deveria aceitar, não é? — respondeu com outra pergunta, ela precisava de um conselho, de um norte.

— Acredito... bom, não acredito que ninguém a mereça, Anne, sendo sincera. É boa demais para o mundo, criança. Porém isso é muito mais do que muitas jovens podem ter, imagino — disse e franziu as sobrancelhas. — Anne, alguém a pediu em casamento? — Mary chegou a subir o tom de voz com tal constatação.

— Oh não... não — apressou-se em dizer, não queria falar sobre o sr. Alford ainda, afinal, amanhã mesmo ele poderia retirar tal pedido feito de modo impulsivo. — Mas em breve terá um baile público na estalagem, não é? Imagino que possa haver um cavalheiro bom por lá — mentiu, jamais cogitou tal questão. Ficou sabendo do baile ainda no jantar.

— Talvez possa... — divagou Mary, abraçando a bandeja. — Sempre sonhou com amor, Anne, se entregaria sem senti-lo?

— Seria nossa salvação, não é?

Mary ponderou e se aproximou, tocando o rosto da jovem.

— Preocupe-se com você, menina, essa velha aqui pode se virar. Aja com o coração, se encontrar um bom homem e sentir por ele carinho... ou, o mínimo sentimento que seja, talvez possa ser feliz. Mas só o faça se for realmente o que quer. Entendeu-me?

— Certo — disse apenas.

— E não leve a sério o que a sra. Muller disse, ela está nervosa com a chegada da filha.

— Não levarei, obrigada, Mary.

— Durma bem, minha menina.

Anne assistiu a governanta sair, tomando um gole do chá em suas mãos. Acreditava que já tinha encontrado o tal homem que Mary se referiu.

Talvez devesse aceitar... era sua chance, sua salvação. Mas caso aceitasse, estaria sendo egoísta ao privá-lo de buscar amor.

Todavia, foi o próprio senhor Alford que disse certa vez que casamentos por conveniência poderiam prosperar e, segundo ele, seria uma troca. O cavalheiro oferecia a ela amparo e o que Anne poderia oferecer a ele?

O homem tinha a proteção do duque de Austen, até onde sabia, era mais do que ela poderia esperar. Estava decidido.

Poderia até ser egoísta, porém, caso ele voltasse a insistir naquela loucura de pedido, Anne aceitaria tal impropério e salvaria a si e a Mary de acabar seus dias embaixo de uma latrina qualquer.

Sim, era sua decisão final. Anne se casaria com o sr. Alford, isso, se ele ainda a quisesse. Chegou a soltar uma lufada de ar de forma audível, algo como alívio por chegar a uma conclusão. Só pedia aos céus que, caso não chegasse a amar, que ao menos fossem felizes juntos.



CAPÍTULO 15

— Como eu disse, Vossa Graça, esses são os rendimentos...
— Ali, na biblioteca estavam Hunter e seu administrador, Andrews Ortis. Na verdade, o duque estava presente apenas em corpo, pois sua mente vagava para bem longe dali. — Vossa Graça, milorde...
— Tentou Andrews mais uma vez, conseguindo só assim a atenção de Hunter.

O duque sequer tinha ouvido uma palavra de toda sua explicação sobre os rendimentos e lucros de suas propriedades. Voltando a si, olhou para o senhor Ortis, um homem humilde, de expressão cansada e corpo magro. Os cabelos pretos estavam grudados na testa enquanto esperava uma resposta. O homem era seu administrador há quatro anos e vinha fazendo um bom trabalho. Era inteiramente fiel a ele e à sua propriedade e observava-o, curioso.

— Andrews, voltaremos a falar amanhã. Deixe os documentos, irei verificar cada um deles e debateremos sobre o que fazer no próximo encontro.

Já que, no momento, tinham pessoas demais em sua mente, pensou ele, ainda que não externasse isso em palavras.

— Como quiser, Vossa Graça — apenas concordou, pegando o chapéu que descansava na cadeira ao lado e saindo em seguida.

Hunter pôde então respirar. Pois não bastasse sua cunhada, ao qual teve que impor limites não a deixando ficar na mansão, ainda tinha que lidar com a carta que recebera de George, seu irmão mais novo.

Na carta em questão, o jovem e imprudente Malford, pedia a Hunter dinheiro, pois sua impulsividade o levava a gastar toda sua fortuna em jogos e prostíbulos até ali. O duque não poderia narrar o que sentiu no momento que leu aquelas malditas linhas, o sentimento mais próximo que conseguiria dar nome àquilo, fora

ódio. Porque todos o procuravam com o mesmo intuito, de pedir algo?

George sumiu há anos, sem uma despedida ou permissão para que fosse. Deixando para trás o início de um escândalo amoroso que Hunter tivera que mandar alguém apagar.

Imaginava que talvez, o irmão lhe escrevera por ter tomado juízo e pedia permissão para enfim retornar. Mas não, era apenas alguém que esperava algo dele, algo que o favorecesse como fazia todos que o conheciam. Maldito fosse George e sua impetuosidade. Agora, Hunter acreditava que sua fuga fora uma benção. Afinal, caso tivesse Hunter abdicado do título para que George o tivesse herdado, imaginava que não demoraria nada para que o irmão arrastasse na lama a família Malford e o legado de Austen, assim como toda a sua fortuna.

Para completar, em poucas horas teria que lidar com uma questão ainda mais importante. Anne Craw. Isso era o que mais o preocupava.

Com Sarah, ele conseguiria lidar, a deixando bem longe. Com George, iria mandar uma resposta, com dinheiro e uma ordem explícita para que retornasse à Green Hall, pois tinha planos para ele, já que não pretendia sustentar os vícios do irmão, tampouco compactuar com sua ruína. Mas o que faria com Anne e sua recusa?

Pois não voltaria atrás em sua decisão. Iria casar-se com ela.

Suas reservas com relação a isso eram apenas pelas questões óbvias de educação e etiqueta. Afinal, a jovem falava demais, ria demais e apesar de ser um traço ao qual ele gostasse bastante, como seria ela em meio à sociedade? Tinha que fazer-se essa pergunta, afinal, era um duque e, após o casamento, de assumir o lugar que lhe cabia, haveria compromissos em que não poderia se ausentar e a duquesa teria que acompanhá-lo. Por isso,

se perguntou por bastante tempo se a srta. Craw se comportaria da mesma forma com todos ou era tão falastrona apenas com ele?

Hunter queria vê-la tendo contato com outras pessoas, saber como se comportava, observá-la em público. Pois lhe ocorrera: e se a jovem andasse tendo encontros a sós com outros cavalheiros que não ele?

Sabia que era um impropério pensar isso dela, sentia-se até mesmo culpado com a suposição, mas precisava averiguar, não podia se esquecer que fosse o que fosse, estava escolhendo alguém para levar o título que um dia fora de sua mãe e não a desonraria.

Com esse pensamento, ainda naquela manhã, tinha sucumbido à necessidade de uma resposta. Pediu a Oswald que mandassem preparar sua carruagem, iria ao vilarejo. Tivera sorte ao fazer isso, pois não demorou muito tempo para vê-la sair pelos portões da casa Muller. Andava de forma apressada, cumprimentando com delicadeza e compostura algumas pessoas que passavam por ela na rua.

Seguiu-a e a esperou entrar e sair de uma casa de costura, voltando ainda mais apressada para casa. Aquilo não era muito ou suficiente para aplacar suas dúvidas, sabia ele, porém, em momento algum, Anne perdeu a compostura frente a outras pessoas. Em especial, com um jovem que a parou, tentando enredá-la em uma conversa mais longa.

O intuito dele não parecia a agradar muito, mesmo cheio de galanteios e sorrisos gentis, pois logo se despediu, sem conversas ou sorrisos. Quem diabos era aquele? Não viu muito, mas foi o bastante. E apesar de não admitir, Hunter ficou encantado ao vê-la alimentar um pobre cão que era só pele e osso em meio à rua enlameada, sendo afagado com carinho por ela. Cão que agora, por culpa dela, estava em seu celeiro, sendo alimentado e bem-cuidado por Edgar.

Sim, ele colocara o cão na carruagem e o trouxera para Green Hall, após ver Anne entrar pelos portões da casa Muller. O que chamou sua atenção foi a forma como a tratavam ao vê-la, com respeito e afeto. Foi então, ao observá-la em anonimato, que Hunter deu-se conta de algo, que Anne lembrava sua mãe em um aspecto, na bondade e gentileza.

Esse fora o fato predominante em sua decisão em manter seu pedido e fazer dela sua duquesa. Hunter não errou em seu primeiro julgamento e realmente viu-se arrependido em espioná-la. Deveria acreditar em seu senso crítico, nunca errava sobre o caráter de ninguém. Menos... Sarah. Essa lhe enganou bem.

Agora estava ali, dispensando seu administrador por não conseguir concentrar-se em nada que não fosse a loucura recente que fizera e todos os problemas que o rondavam. Contudo, não se arrependeu em momento algum de sua decisão, teve dúvidas, mas não arrependimento. Lembrou como se sentiu ao vê-la chorar, desamparada e sem saída. Quis ser mais, quis ser para ela seu porto seguro e por mais que nunca fosse amá-la, tinha carinho por ela e o enlace poderia funcionar muito bem. Estava mais decidido que nunca.

Olhou no relógio de bolso, assustando-se. Ficou tão absorto em problemas que sequer deu-se conta do seu atraso. Pois àquela hora, Anne já poderia estar esperando-lhe no lugar combinado.

Levantou-se e desta vez não teve cuidado em trocar sua bengala ou seu casaco por algo menos pomposo. Pois diria a ela quem era, lhe contaria a verdade. Deixou a biblioteca e saiu da mansão, cruzando o terreno e alcançando o caminho que queria.

Ajoelharia ao pedi-la novamente? Não, era desnecessário e seria doloroso em demasia para ele. Mas a questão era... Anne aceitaria? Estava certo de que sim, afinal, se ela tivesse juízo, a essa altura teria pensado melhor e visto que seria a solução para sua vida. Pois caso se casassem, Hunter poderia colocar a maldita

tia em seu lugar, não deixaria passar tal ofensa descrita naquela carta.

Era isso. Caso ela dissesse não, Hunter contaria quem era e, após isso, claro, Anne não se negaria a casar-se com ele. A jovem com certeza se sentiria até mesmo honrada após saber que seria uma duquesa com tal enlace, já que suas perspectivas eram péssimas. Oh sim, ela ficaria. Tinha certeza disso.

Mas chegando ao lugar combinado, não encontrou a senhorita Craw como imaginou e sentiu a decepção fazer seu coração bater mais rápido. Ela não viria? Buscou controle sobre suas emoções, estranhando sua reação, claro que Anne viria, teria ela apenas se atrasado.

Hunter desceu para perto do lago, usando de todo o cuidado que poderia ter para não cair e sentou-se no tronco onde estivera dias atrás a conversar com Anne. Negou a lembrança de que naquele dia ela lhe dera uma pequena lição de moral, algo que funcionou bem. A lembrança não foi suficiente para acalmá-lo, batendo o pé no chão de forma impaciente e inquieto. Em seguida, alisou a barba e depois, procurou pedrinhas que tivesse ao seu alcance para jogar no lago, tentando fazê-las quicarem sobre a água.

Assim Hunter esperou, com certa ansiedade. Queria dizer que tal inquietude era apenas pelo atraso da dama, mas seria mesmo?

Continuou a fazer as pedrinhas pularem sobre a água até ouvir passos quebrando o silêncio. Olhou por cima do ombro, a tempo de ver a senhorita Craw aproximar-se, vestindo a mesma peça que a viu mais cedo, nas ruas do vilarejo. Ele fez menção de levantar, mas ela o parou, esticando a mão.

— Não se levante, por favor, não há necessidade — pediu ela, para só então, o cumprimentar. — Senhor Alford.

Hunter não respondeu, apenas a olhou. Estava pálida e apertava as mãos uma na outra, como se, com isso, pudesse acalmar-se. Ao menos, não estava nervoso sozinho.

— Como vai, senhorita Craw?

— Bem, senhor, na medida do possível, como pode supor.

— Está atrasada, achei que não viria. — Com essa frase, ele capturou seu olhar e ela não fez menção de sentar. Na verdade, parecia que a qualquer momento correria para longe dele.

Começou então a imaginar que a resposta dela seria não e estava disposto a fazê-la mudar de ideia.

— Sim, me desculpe por isso. Acabei me atrasando ao cumprir algumas ordens da senhora Muller. Mas isso não importa, aqui estou eu.

— Sim, aqui está a senhorita — constatou o óbvio e sentiu a garganta secar em expectativa do que viria a seguir.

Hunter a inspecionou e deu-se conta de que apesar de continuar com o mesmo vestido, Anne tinha mudado o penteado. Quando a viu, mais cedo, estava com um coque baixo, simples e agora, as madeixas vermelhas estavam presas no alto de sua cabeça, em um penteado feito com tranças. Dois cachinhos estavam soltos perto das orelhas, dando ao seu rosto o arremate final.

Ela fizera aquilo para ele? Por instantes, Hunter sentiu seu coração aquecer com a suposição.

— Espero que tenha pensado bem — disse ela sorrindo, nervosa, olhando para o alto das árvores, evitando o encarar.

— Sente-se, senhorita, e vamos deixar a estranheza longe, sim?

Anne já não era mais a mesma com ele, Hunter percebeu. Estava nervosa, ansiosa e sequer o olhava. Ele poderia entender seus motivos, porém, queria que resolvessem as coisas com a mesma leveza que levavam sua relação antes.

— Desculpe, senhor, presumo que não sei bem como agir nessa situação. — Anne se aproximou, sentando-se no tronco, ao seu lado.

— Imagino que deva se portar como sempre agiu junto a mim. Não espero que mude, senhorita. — Ele queria que ela estivesse à vontade e Anne sorriu, mas foi algo irônico, Hunter percebeu e decidiu entender melhor a situação. — Imagina ser alguém inferior? — Tentou ele, pois via na forma com que Anne enxergava a sociedade, um escape, uma desculpa para ela se manter distante. Mas, na verdade, Hunter acreditava que, no fim das contas, Anne sentia-se de fato inferior, acreditando no que a tia falava sobre si própria. Talvez, seu horror para com a sociedade era por medo. Medo de ser rejeitada como a mãe foi.

— Eu sempre disse a mim mesma que não. Tentei me convencer de que não importava a opinião dos outros.

— E isso mudou por que... — perguntou, quando Anne ficou segundos demais calada, olhando para o chão.

— Percebi que estava errada. Que afirmava isso a mim mesma por rebeldia a tudo que fizeram para minha mãe e meu pai. Mas, em principal, dizia isso por estar sob a proteção de papai. Mas agora... vejo que opiniões alheias importam. Na verdade, senhor, o que realmente importa é o que acham que faz e não o que realmente faz. Consegue entender o que digo?

Hunter conseguia entender a fundo o que ela dizia e, no fim, estava certo. Mas percebeu naquele instante o quanto queria estar errado, o quanto gostaria que ela visse a si mesma como ele a via: uma bela mulher, impetuosa, ativa e determinada. Uma pedra de carvão pronta a ser transformada em um diamante.

— Sim e devo dizer também que concordo com a senhorita sobre a opinião da sociedade importar até certo ponto. Assim como devo dizer que não irei retirar nada o que disse no dia de ontem. Ainda mantenho meu pedido de casamento e estou disposto a persuadi-la, caso diga-me não. — Com essa frase, Hunter conseguiu capturar novamente o olhar de Anne.

Ali havia sentimentos demais presos nas íris azuis. Algo como reticência, medo e... aceitação.

— Mas...

— Deixe que eu fale, senhorita, e, depois, pode dizer sim ou não, como achar melhor — pediu ele, as sobrancelhas juntas, uma mão a descansar sobre a perna e a outra a segurar a bengala. — Veja bem, para mim o casamento é uma conveniência, é como vejo. Não espero encontrar o amor, se é essa sua preocupação para comigo. Estou ficando velho e preciso ter uma esposa, perpetuar meu nome e tudo mais o que já deve saber. Então, não é só a senhorita que está lucrando com tal enlace, na verdade, estará me salvando.

— Estarei? — perguntou com certo espanto.

— Sim, de certa forma. — Em contrapartida, Hunter a estava colocando na boca do dragão. Ele era um duque e não poderia apenas esconder sua esposa da corte para sempre. Porém, se iria retornar, que fosse com alguém confiável ao seu lado.

— Claro. Dou-lhe proteção e a senhorita me dará sua companhia, um lar, uma família. — Família... Hunter havia perdido quase toda a sua família e tinha a chance bem ali, de construir uma para si e Anne. — Então, o que me diz?

Silêncio...

Uma lufada de ar deixando os lábios de Anne.

Uma respiração pesada vindo dele.

Mais silêncio...

— Eu esperava amar... — disse Anne, por fim. — Mas como o senhor mesmo disse-me, dias atrás, é loucura esperar algo assim em um mundo como o nosso. Olhe para mim, é ridículo até mesmo falar tal loucura. Não é? — Ela o olhou e parecia ter esperanças de que ele negasse seu pensamento. Hunter, por sua vez, nada dissera e Anne fitou as mãos, unidas em seu colo. — E, de certo, estive pensando e por mais que ache egoísta de minha parte aceitar seu pedido, devo dizer sim ao senhor.

— Egoísta?

— Sim, pois não importa o que diga, sempre irei parecer estar entre o senhor e sua felicidade, o amor. Porém, ao casar-me com o senhor ou com quem quer que seja, livrarei a mim e a Mary de um destino certo. — Na voz doce e baixa, ele podia capturar o pesar.

— Garanto, mais uma vez, senhorita, não está a me privar de nada, sequer acredito em tal sentimento irracional. Contudo, devo acreditar que isso é um sim. Então aceita casar-se comigo? — perguntou e aquela sobancelha, divertida, ergueu-se.

Em seguida, houve apenas silêncio... e, por fim, uma resposta:

— Sim, senhor, eu aceito.

— Pois bem. — Hunter então levantou-se, satisfeito.

Colocou-se de frente para Anne e esticou a mão em direção a ela. A jovem, por sua vez, ficou apenas olhando para sua mão, resistindo tocá-lo por alguns segundos, mas aceitou a gentileza. Hunter pôde sentir a palma delicada tocar a sua, e sentiu, com o contato, uma leve eletricidade perpassar sua pele e atingir o alto de sua coluna quando ele a puxou, impelindo-a a pôr-se de pé, perto demais, aquele cheiro, de rosas, atingindo suas narinas. Seu coração acelerou, seu corpo reagiu.

— Sendo assim, não iremos nos demorar com os preparativos, tenho pressa. Amanhã mesmo iremos para Londres — disse, por fim. Quebrou o contato de forma abrupta, pelo bem da compostura, para negar o desejo inesperado que teve de beijá-la, deixando Anne com uma expressão um tanto tonta.

Hunter afastou-se depressa demais, confuso com o que sentiu e a olhava de forma quase travesso. Percebeu só então que estava curioso para ver como Anne se comportaria ao descobrir que seria a próxima duquesa de Austen. Viu a jovem negar rapidamente, perdida na mais pura das confusões, como se, com isso, pudesse voltar ao momento.

— Londres? O que precisaríamos fazer em Londres? — indagou com os olhos opacos.

— Veja, senhorita... devo dizer que menti. Não, na verdade, eu não menti — consertou, depressa. — Afinal, a senhorita criou uma história como resposta para cada uma de suas perguntas e eu apenas compactuei com elas ao concordar que eu era apenas um empregado do duque.

— Eu não entendo... como assim? — Anne sentia que algo ruim estava prestes a acontecer, enquanto Hunter parecia muito feliz com toda aquela situação.

— Meu primeiro nome é Hunter, madame. Sou o lorde coronel Hunter Malford, duque de Austen — falou, dando uma pequena pausa, algo quase teatral. — E como pode ver, a senhorita em breve será minha duquesa.

Austen a olhava com travessura, mas aos poucos, seu ar zombeteiro foi esvaindo-se ao notar que Anne continuava paralisada e sem palavras. Afinal, nunca a viu sem palavras, a não ser ontem, enquanto derramava-se em pranto.

— Um duque?

— Sim. Pronto para servi-la, senhorita, é claro.

Anne então perscrutou cada centímetro do rosto de Hunter, deixando-o sem jeito, esperando por tempo demais algo que ela pudesse lhe dizer. Ele notou a dificuldade com que Anne engoliu a saliva, parecia esperar que ele negasse o fato. Após isso, a jovem abriu e fechou a boca para dizer algo, mas nada lhe saiu. Por alguns segundos, Hunter achou que ela desmaiaria.

A surpresa era óbvia em seus olhos e o duque soube o exato momento em que a ficha lhe caiu.

— O senhor sempre está tão disponível — disse, não era uma pergunta e ela pôs-se a andar de um lado para outro, nervosamente.

— Sim...

— Sempre bem-vestido, mesmo que com aparência rude.

— Sim...

— Sempre arrogante e conhecedor de coisas demais...

— S... sim — concordou, balançando a cabeça de um lado para o outro, ponderando. Ele era arrogante?

— Santo Deus, como eu não vi? — Ela parou de andar, chamando a atenção dele. Hunter agradeceu, estava começando a ficar tonto, mas a forma com que Anne o olhava, não era algo bom. — É o duque... — soltou em um rompante. — Diga-me, senhor, divertiu-se?

— O que disse? — Hunter não entendeu bem em que sentido ela se referia.

— Divertiu-se muito à minha custa, enquanto eu, ingênua, lhe fazia perguntas sobre sua vida, e o senhor... mentia para mim? Como pôde? — Ela estava ofendida e os olhos brilhavam, mas eram de lágrimas não derramadas.

— Ora, senhorita... isso faz diferença?

— Eu confiei no senhor! — acusou.

— E eu confiei na senhorita, ao ponto de estar disposto a fazê-la minha duquesa. Isso não é o suficiente? — Hunter elevou o braço, dando mais ênfase ao que dizia, e parecia mais um pavão ao querer aparecer, notou.

— Sua arrogância e presunção lhe dá mesmo tal certeza de que eu aceitaria essa loucura? O senhor acaba de jogar por terra tudo o que achei saber de ti, acaba de quebrar a minha confiança e a fé que eu tinha em pensar que era um homem bom.

— Não, eu não o fiz — negou de pronto. Estava ele agora confuso.

— Fez sim e desde o início, o senhor chegou a mentir seu nome. Tratando a mim como uma tola. Confiou em mim? Confiou? Quando? — a essa altura, Anne gritava. — Desde o início mentiu, deixou que eu acreditasse que... que... que... — Ela não terminou a frase, apenas fitou-o, súplica salpicava seus olhos, o rosto vermelho como brasa viva. — Diga, diga que está brincando comigo, senhor. Por Deus!

Hunter começava a ter a dimensão de seus atos pela forma com que ela falava e agia. Tinha ferido Anne, ainda que nunca a tivesse tocado, ainda que não tivesse tal intenção.

— Eu não menti. Omiti, talvez, e foi a senhorita quem inventou toda uma história para mim. Isso não pode negar — defendeu-se, mas estava em um caminho sem volta, percebeu.

— E o senhor não a desmentiu. Como pôde? — perguntou novamente, mas ele não tinha uma resposta.

— Acusa-se como se eu tivesse cometido um crime contra ti.

— E não o fez?

— De forma alguma. Estou, na verdade, a amparando, disposto a te dar meu sobrenome, meu título. É mais do que qualquer jovem dama gostaria de ter — disse, aumentando também seu tom de voz, como se quisesse enfiar aquilo na mente de Anne.

Aquela era sua defesa? Notou que talvez as palavras não tenham soado bem aos ouvidos dela, quando Anne deixou os braços caírem rente ao corpo, o rosto bonito, mostrando-se derrotado. Suas narinas estavam dilatadas, o rosto vermelho e o queixo tremia, ainda que ela fizesse força para não derramar nenhuma lágrima.

— Quando pude cogitar casar-me com um homem tão arrogante? Não quero um título, senhor, eu quero paz... — ela gritou, parecia colocar toda a sua revolta e agonia para fora naquela frase. — Acha mesmo que pode me comprar com um ducado? Acha que ser duquesa para mim é um favor? É o meu mais sincero pavor. Imagina, a mim, em meio à sociedade, em meio àqueles a quem abomino... Quer me ridicularizar ainda mais?

— Senhorita Craw... — começou ele, com cautela.

— Não. Minha resposta é não, senhor. Ou devo chamá-lo de Vossa Graça? — Hunter então viu-se em um *déjà vu*, perguntando a mesma coisa para Sarah, anos atrás. Ele precisou se esforçar para focar no momento com Anne, não voltar ao passado.

— A senhora diz não mais conhecer-me, mas sou o mesmo. Presume que mudei apenas por saber que tenho um título? Então prefere acreditar no que dizem sobre mim? — Tentou mais uma vez, contudo, sabia reconhecer uma derrota. Tinha errado com ela, consigo.

Ele a julgou premeditadamente, achou que caso dissesse quem era desde o início, ela poderia agir diferente, como todos e, até mesmo, mostrar interesse. Como pôde pensar algo assim?

— Não acredito no que dizem, Vossa Graça, e sim no que acaba de mostrar-me. Agradeço sua oferta, milorde, mas devo recusar — continuou Anne, de forma altiva. — Eu poderia voltar à mansão e apresentar ao sr. Barn minha demissão, mas... olhe só, estou de frente para o temível duque de Austen, imagino que não precise procurar seu mordomo. — Ela sorriu de forma irônica e Hunter viu uma lágrima deixar seus olhos e amaldiçoou a si mesmo. — Saiba que o que o senhor acredita ser para qualquer dama uma benção, para mim seria um martírio. Como pode ver, não sou qualquer uma, milorde. — Atônito, ele pôde apenas observá-la dar-lhe as costas e se afastar.

Ele ficou paralisado enquanto Anne cuspiu cada palavra, vendo, só agora, como foi terrível as palavras que decidiu usar para com ela. Qualquer uma... Claro que ela não era qualquer uma. E, ao contrário de como imaginou que terminaria aquela conversa, ali estava ele, contando quem era e sendo abominado justamente por seu título.

Anne se casaria, caso fosse apenas o senhor Alford, um trabalhador qualquer e honesto, mas não ousaria casar-se com um duque. Seria a oportunidade perfeita dela ressurgir como uma fênix, como duquesa e vingar-se da maldita sociedade que tanto a repudiava pelas origens da mãe. Contudo, Anne só queria paz.

Percebeu que não sabia o que fazer. Ofereceu tudo a ela, sua propriedade, sua fortuna, o título de duquesa e ela dissera não, por paz?

O que diabos acabara de acontecer?, perguntou-se, ao ouvir o farfalhar da barra do vestido arrastar folhas secas pelo caminho. O som a ficar cada vez mais distante, com uma rapidez chocante, e Hunter sequer conseguiria alcançá-la, caso quisesse.

Mas a principal pergunta após a surpresa inicial era: quem diabos ela pensava que era para dizer-lhe não?

Anne Craw disse não a ele. Não, para um ducado e toda a pompa que aquele pedido poderia lhe trazer. Aquela mulher só poderia ser louca e ele não iria querer uma louca como esposa ou pior, como sua duquesa, iria?

Em meio ao pensamento, Hunter sorriu, sim, ele sorriu com escárnio. Afinal, enquanto Sarah tentava a todo custo prender-lhe em um casamento por conta de um título, Anne fugira de tal enlace e suas vantagens. E pelo quê?

Eram perguntas demais para um Hunter extremamente desconcertado e perturbado achar uma resposta aceitável. Mas uma coisa era certa... a recusa da dama conseguiu inflamar algo em seu âmago, algo que ele não saberia ainda dar nomes.



CAPÍTULO 16

Anne corria como se sua vida dependesse disso, como se a distância pudesse aplacar o sentimento em seu coração. Porém, por mais que tentasse, por mais rápido que fosse, ela não poderia jogar fora seu coração. Estava decepcionada, sentindo-se tola por acreditar naquele homem, um homem que claramente não conhecia. Por confiar em alguém, mais uma vez, e ser feita de capacho. Todos achavam que poderiam fazer o que queriam com ela, apenas por não ter expectativas com relação ao futuro?

A pior parte era que ele parecia não a ter realmente entendido, sua vontade em manter-se longe da alta sociedade. Como um duque pôde pensar que ela poderia ser para ele uma boa duquesa? Logo ela...

Não, não... ele só poderia ter caído e batido a cabeça. Talvez as pessoas estivessem certas. Ele era louco, um atormentado. Anne parou de correr ao se aproximar dos fundos da propriedade da sra. Muller. Soltou o ar e voltou a puxá-lo com força, lembrando os momentos que passara com ele.

Não foram de todos ruins, na verdade, alguns foram agradáveis, chegou a ser gentil ao permitir que ela montasse Milady, tomou suas dores ao vê-la chorar e não parecia realmente louco. Então por que mentiu?

Sentiu uma gota de água pingar em seu braço e olhou para o céu, em busca de chuva a cair. Com decepção, Anne percebeu que era ela quem chorava.

“É mais do que qualquer jovem dama gostaria de ter.”

Por que ela, dentre todas, não conseguia ver toda essa sorte? Estaria com medo da sociedade, do destino, dele ou estava ofendida demais com sua mentira para ver uma vantagem em tudo isso?

O último pensamento fez seu coração apertar. Estava ofendida, sim, ele mentiu, quebrou sua confiança e seus sentimentos. Como poderia unir-se a um homem em matrimônio, pelo resto da vida, sem que pudesse confiar nele.

Estava confusa, mais perdida do que nunca. Acabara de dizer não a um duque. A um duque. Anne sorriu, em meio a lágrimas. Nunca pensara em tal coisa... já imaginou ser pedida em casamento por um fazendeiro, um vigário, um cavalheiro, mas um duque? Não, isso jamais. Com o pensamento, Anne permitiu-se rir, gargalhar, na verdade, e no fundo sequer entendia do que exatamente ria.

Talvez fosse uma defesa só sua. Usar o riso para espantar as lágrimas.

Aprumou o corpo, tomou o controle do seu corpo e coração, limpou o rosto e marchou em direção às portas do fundo da casa modesta. Ao entrar, dera de cara com Mary, que parecia pronta para sair.

— Santo Deus, por onde se meteu, Anne? — perguntou ela, segurando as mãos dela entre as suas, a olhando com espanto e preocupação.

— Oh... eu... eu... — Queria ela dar as boas novas para Mary. Ao sair de casa mais cedo, Anne imaginou que traria uma ótima notícia ao voltar, mas não tinha nada, a não ser decepção. Ao sentir as mãos quentes tão conhecidas, as lágrimas ameaçaram a tomá-lhe novamente. — Eu me atrasei um pouco, o cão estava mal.

— Imagino o quanto. Eu já estava indo à sua procura.

— Não se preocupe. Eu não vou mais — disse, mas não esperava ter que lidar com o nó que subiu à sua garganta ao dizer essas palavras.

Não se despediu do cão, do sr. Barn, tampouco de Edgar, que era um senhor realmente simpático e bondoso consigo. Sentiria

falta até mesmo da cozinheira mal-encarada que certa vez confundiu com uma governanta. Ela sempre levava um pedaço de torta e chá para Anne nos estábulos. E o pior... nunca mais veria o sr. Alford... que o tempo todo só existiu em sua mente.

— O pobre cão morreu? — Mary perguntou com compaixão.

— Oh não, não. Ele apenas... eu só... ele está bem o suficiente. Não precisa mais de mim. — Mas ela precisava dele e não estava falando só de Masmorra.

— Mas acaba de dizer que se atrasou porque o cão estava mal... — ponderou, Mary.

— Bom, mal de uma coisa, bom de outra. — Anne passou por Mary, tirando o xale dos ombros. — A sra. Muller disse algo?

— Sim e muito. Está insatisfeita com sua falta de atenção na última semana, também preocupada com o trabalho recém-adquirido e não poupou palavras para expressar seu desgosto esta tarde. Penso que é ruim o fato de não ter mais emprego, mas penso que, caso continuasse, a sra. Muller logo nos dispensaria.

— Sim... tem razão, Mary.

— Com a chegada da filha, ela anda a ponto de um ataque apoplético, minha querida. Quer fazer algumas mudanças na casa, preparar planos para a chegada da moça amanhã e precisa de ti. Vá até ela e conte de uma vez que não irá mais para Green Hall.

Anne anuiu, mas pouco ouviu realmente, seu peito estava esmagando seu coração à medida que a preocupação em ser despejada, aumentava com as palavras de Mary.

— Tudo bem... irei ver o que ela quer. — Anne estava a ponto de sair, mas Mary a parou.

— Andou chorando de novo, Anne?

A jovem sorriu, e não poderia narrar o esforço que fizera para tal ato.

— Não, claro que não. Logo volto, estou faminta — disse apenas, indo em direção à sala de estar, deixando Mary para trás.

Se pudesse, correria para o quarto e só sairia de lá na manhã seguinte. Queria ter tempo apenas para chorar, para pensar, para... nada. Afinal, nada mais poderia fazer.



— Vossa Graça, o sr. Armstrong está aqui para vê-lo. — Oswald estava parado na soleira da porta da biblioteca e não soube ao certo o que fazer com o que via à sua frente. Pigarreou e dessa vez voltou a falar mais alto: — Milorde, o sr. Armstrong está aqui para vê-lo.

Hunter então abriu os olhos, estava mesmo dormindo, sentado em sua poltrona.

— Oswald... meu caro Oswald — cantarolou, a voz arrastada conforme falava. — Como pode ver, tem feito um péssimo trabalho. Olhe meu estado? Estou fedendo como um gambá e incapaz de ter qualquer consulta com o doutor. Mande-o voltar outro dia — falou, trôpego.

Aquela condição era pela duquesa viúva?, queria Oswald perguntar, mas achou melhor não o fazer no estado em o duque se encontrava.

Desde que voltou da caminhada, ontem à tarde, já quase noite, o duque trancou-se na biblioteca e sequer quis jantar ou trocar de roupa e pelo que Oswald via, ele bebeu uma garrafa de licor e estava indo para a segunda.

— Vejo que andou bebendo, Austen.

Hunter focou sua atenção no indivíduo dono daquela voz e teve vontade de jogar o copo em sua mão, na cabeça do médico, que contra toda a etiqueta, acabara de entrar em sua biblioteca sem sua ordem.

Espere, ele não tinha trancado a porta ontem? Teria Oswald arrombado?, estava confuso.

— Como pode ver, Armstrong, estou inapto para qualquer consulta, ou exercício que seja.

— Céus, não só andou bebendo, secou a garrafa — disse, buscando Oswald com os olhos.

O pobre homem, agora, mordomo, olhou-o, culpado. Mas o que poderia fazer, já que ao tentar entrar na biblioteca ontem, o duque rugiu impróprios, pedindo para ficar sozinho? Já bastava ter descumprido ordens e usado a chave mestra para abrir a porta naquela manhã.

— Não julgue a mim ou ao meu mordomo, Armstrong, não lhe pago uma fortuna para isso. E já que está aqui, sente-se — pediu, com os olhos cerrados e semblante cansado. — Oswald, sirva um licor para nosso jovem e dedicado médico.

— Você é inacreditável, Austen, por Deus. Tudo isso para fugir de uma consulta rápida? — perguntou, sentando-se na poltrona ao lado, colocando a maleta de couro preta no chão.

Hunter negou e trouxe o cálice aos lábios, dando um grande gole na bebida, esperando com calma Oswald servir o médico, que o olhava com reprovação evidente. O gesto doce da bebida o fez se lembrar de Anne. O que ela diria se o visse naquela situação? Não importava, ela era uma ingrata e não merecia que ele pensasse nela um segundo sequer.

Mas ele pensara... oh sim, e pensara por tempo demais. Ora inconformado, ora com raiva e em outros momentos, apenas tristeza por imaginar a distância que ela colocaria entre ambos e que

poderia até estar odiando-o. E imaginar que chegou a aparar a barba para vê-la no dia anterior.

Com quem mais poderia travar uma conversa inteligente e divertida?

Encontraria alguém, afinal, era um duque. Olhou para o médico à sua frente, porém, ele não tinha os cabelos vermelhos e longos, os olhos azuis, aquele sorriso perfeito e menos ainda a sagacidade de Anne para uma conversa. O que diabos estava acontecendo com ele?

— Pode sair, Oswald, e obrigado. — O mordomo estranhou tal agradecimento, assim como Armstrong.

O médico então o mediu. Hunter estava mais desgrenhado que nunca. Jogado de qualquer jeito na poltrona. Ainda que a barba estivesse aparada, os cabelos continuavam grandes e fora do lugar, o colete azul estava aberto, a gravata folgada e a camisa branca, amassada. Fazia anos que não o pegava assim, bêbado e perdido em completo desalinho. Na verdade, Armstrong o proibiu de beber há muito tempo.

— Achei que tínhamos um acordo sobre a bebida, Austen.

— É verdade — confirmou, erguendo a taça como em um brinde. — Mas é uma ocasião especial, eu precisava brindar.

— Brindar ao que, exatamente?

O duque parou, com o cálice a meio caminho da boca, olhando a parede à sua frente, perdendo o humor de segundos atrás.

— Livrei-me de um casamento, isso é algo que precisa ser comemorado, imagino eu.

O médico quase cuspiu o gole de licor que acabara de tomar, sendo pego desprevenido com tal notícia.

— Como assim? A duquesa? — perguntou. Naqueles anos, Armstrong ouvira boatos sobre o passado de Hunter com a viúva do irmão e soube que a duquesa estava na propriedade.

Hunter bufou ao ouvi-lo. Todos pareciam esperar que ele acabasse por se casar com Sarah?

— Não. Tratei eu mesmo de arrumar outra noiva, uma que consiga olhar para mim sem sentir horror — explicou, não queria dar detalhes, mas bêbado como estava, era fácil falar.

Encostou a cabeça na poltrona e fechou os olhos, lembrando-se do exato momento que Anne o tratou com indiferença, dizendo-lhe um grandioso não.

— Arrumou?

— Quase consegui. Mas a diaba disse não — disse, por fim, voltando a fitar o médico, vendo-o rir de sua desgraça.

— Com tamanha arrogância com que fala, não imagino o motivo que ela tenha dito não — zombou, mas no momento o duque estava lerdo demais para qualquer reação.

— Primeiro ela disse sim. Mas quando contei a ela quem eu era, um duque, ela disse não.

Não tinha a mínima intenção de contar aquilo a alguém, caso não tivesse perdido a razão junto à bebida, levaria tudo o que aconteceu no dia anterior para o túmulo. Mas já não estava em seu juízo perfeito.

— Como é? Mentiu quem era para a dama? Está me deixando confuso e até mesmo preocupado.

— Não menti, omiti, apenas. Mandou-me caminhar e eu fui. Encontrei a infeliz em uma dessas caminhadas. E talvez a dama tenha me chamado atenção por ser... diferente, eu diria. Ela não achou que eu era um duque ou alguém importante e eu não disse a

ela quem era realmente — explicou, suspirando. — Quando contei, a ingrata disse não ao meu pedido de casamento. Veja só...

Hunter fechou os olhos, a cabeça, que começava a doer, cumpriu a ameaça e passou a latejar. Voltou a abrir os olhos ao assustar-se com o som alto e melodioso da gargalhada de Armstrong. O duque o encarou com raiva, mas o homem não se intimidou e continuou a rir, de modo que precisou segurar a barriga para se conter.

— Céus... eu preciso conhecer essa jovem, preciso parabenizá-la — disse, tentando conter-se.

Hunter não sabia o que sentiu com aquela afirmação, era uma brincadeira, mas as palavras inflamaram algo em seu coração.

— Não ouse. Anne não é para o seu bico sujo.

— Nem para o seu, meu amigo, pelo que vejo — Armstrong ainda ria ao dizer tal coisa.

O pior é que ao comparar-se com o médico, Hunter via um desastre iminente. Afinal, Anne não se casaria com um duque, mas com um médico... o que diabos era aquele sentimento queimando em seu peito?

— Fique longe da minha Anne, Armstrong, é um aviso! — rosnou e só então o médico viu a seriedade da situação.

Hunter estava triste... triste por receber um não. Espere, era pior, ele gostava da tal senhorita. O riso sumiu do rosto do doutor, que aprumou o corpo.

— Por mil demônios, gosta dela, Austen, é isso?

Hunter bufou e foi sua vez de rir. Tal afirmação era ridícula. Não gostava dela, só estava... a protegendo.

— Ora, não seja louco, homem. Apenas perdi meu tempo, achei que estava ajudando a ingrata, que se encontrava em ruína,

mas ela praticamente cuspiu escárnio sobre mim. Qual dama negaria um ducado, Armstrong?

— Ah... é isso então? — Armstrong tentava identificar o que via, se era orgulho ferido ou paixão.

Quem sabe, fossem os dois!

— E o que mais seria?

— Bom, é realmente estranho. Até então, nunca soube de tal feito.

— Exatamente. Uma criatura delicada, mas sem escrúpulos, isso é o que ela é. — Soava confuso, sabia, e pouco se importava.

— Bom, nisso eu não acredito, já que a pediu em casamento.

Hunter pensou sobre isso. De fato, ela não era inescrupulosa. Era ele quem estava com o ego ferido. Tinha que admitir que o fato de Anne negar seu pedido ao saber de sua fortuna, apenas mostrava o quão preciosa ela era. Segundos de silêncio se estenderam, um silêncio incômodo.

— Eu errei — admitiu, por fim. — Mentir, omitir, seja lá o que seja. Errei com ela e admito, quebrei sua confiança. — Bebeu o resto do licor em sua taça, buscando por mais, a fim de enchê-lo novamente. Mas Armstrong foi mais rápido ao levantar-se e afastar dele o decanter.

— E por que diabos mentiu? — perguntou, enfrentando a carranca de Hunter ao negar a ele a bebida.

— Parecia fácil conversar com ela sem o peso de um título. Ela me tratou como igual, chegou a xingar-me, veja bem — contou e sorriu ao se lembrar do primeiro encontro. — Achei que, caso contasse quem era, ela fugiria ou se aproximaria pelos motivos errados. Estraguei tudo com isso.

Armstrong compreendeu a situação. Acompanhou o duque por bastante tempo para entender seu paciente, o quanto as cicatrizes e dores lhe traziam traumas e o quanto o ducado pesava em suas costas. A guerra muda homens e, por vezes, os estragam, tanto por fora quanto por dentro.

— Então mude isso. Pare de beber e tome um banho, está fedendo. Amanhã, quando estiver totalmente descansado, volte a procurar a dama e torne a mostrar suas intenções.

— Não seja louco, homem. Não irei rastejar aos pés de dama alguma — rosnou ele, mesmo que da boca para fora.

— Você a quer, isso está claro. Sendo assim, penso que caso possa explicar a ela o motivo de suas mentiras, a dama possa perdoar-te.

— Tolice. Não irei ao vilarejo bater à porta da senhora Muller.

— Então não vá. Talvez se continuar a beber como está, pode ter alucinações com ela — ironizou, voltando a pousar o decanter na mesa e pegando sua maleta. — A propósito, terá um baile público, na estalagem, amanhã. Talvez possa encontrar a dama por lá, sem que precise bater em sua porta. Acredito ser o ambiente perfeito para um encontro ao acaso.

— Está louco. Imagine todas aquelas pessoas ao me verem em um baile... me olhando e... — Ele parou de falar quando alguém, sem bater, empurrou a porta do cômodo.

Radiante, Sarah adentrou o cômodo, com um sorriso quase angelical nos lábios ao cumprimentar os dois cavalheiros.

— Ah, doutor. Vi sua charrete e não poderia negar a mim de vê-lo. Poder perguntar pessoalmente sobre a recuperação do duque. Nosso querido Austen está bem, não está? — Hunter podia jurar que as bochechas da mulher travariam de tanto que ela sorria.

Ali estava ela, o completo oposto de sua Anne. Sarah com certeza tinha um laço imaginário nas mãos, pronta para lançá-lo e levá-lo ao altar, sem qualquer cerimônia. Ultrapassando até mesmo as barreiras da etiqueta. Ainda assim, ela era considerada uma dama perfeita aos olhos da sociedade. Quanta baboseira. Anne poderia não ter fortuna ou linhagem, mas era superior em coração, índole e caráter.

O médico falava com Sarah, Hunter sequer se importou em ouvir, buscando sua bengala com o olhar.

— Armstrong, deixe de baboseira e venha cá, ajude-me a levantar. Tomei uma decisão.

Anne aceitaria casar-se com ele, pois Hunter estava disposto a dar a volta ao mundo para que ela o aceitasse, mesmo que negasse o real motivo que o induzia a isso.



CAPÍTULO 17

Era como pisar em ovos, assim Anne estava se sentindo desde o sermão levado pela senhora Muller. A todo momento, era como se a mulher estivesse com olhos sobre ela, à espreita de um erro, de uma desculpa para livrar-se dela. Ou talvez, fosse só sua impressão e o medo de ir morar na sarjeta, levando Mary consigo.

Esperava que agora, com a chegada da filha e sua saída permanente de Green Hall, a sra. Muller esquecesse os recentes atrasos e desastres de Anne. Por ora, mantinha-se quieta e calada ao lado de Victoria Smith, enquanto tomavam o chá em companhia da sra. Muller, que parecia radiante com a convidada. A mulher, por sua vez, não deixava a desejar, mostrando-se educada e gentil para com Anne. Uma jovem bonita, com poucos traços da mãe, que estava grávida de dois meses do seu primeiro filho.

— Victoria, minha querida. Cheguei a dizer à Anne que caso Omar ainda fosse solteiro, insistiria que ele se casasse com ela — falou a senhora Muller, enquanto levava um biscoito à boca.

— A senhora disse? — Anne deixou escapar rápido demais, saiu de forma quase automática. — Ah sim, sim, ela disse — confirmou, abaixando o olhar a tempo de ver cumplicidade nos olhos negros da sra. Smith.

Omar, a quem a sra. Muller se referia era seu filho do meio. Mas claro que ela jamais o casaria com Anne. Omar era reverendo em um vilarejo próximo e conseguiu a paróquia somente por se casar com a filha de um rico fazendeiro, com um dote de dez mil libras. O jovem Omar, como o terceiro filho de um cavalheiro, não tinha muitas escolhas, exceto casar-se com uma dama com um bom dote a tiracolo. Dera sorte.

— Eu tenho certeza de que disse, mamãe, e sinto muito por ti, Anne. Mamãe me contou os motivos que a trouxe até aqui — ao dizer isso, Victoria tocou a mão de Anne, que a olhou e pôde ver carinho para com ela.

— Foi uma sucessão de erros, querida — a senhora Muller se interpôs, sem que Anne nada pudesse dizer. — O pai de Anne era um homem muito sossegado e devagar. Anne é um ano mais velha que você e já deveria estar casada há muito tempo. Quem sabe, já com dois rebentos a correr pela casa. Mas olhe onde veio parar...

— Mamãe, não é culpa de Anne ou do sr. Craw — Victoria tentou trazer razão à sua mãe. Não que tenha surtido muito efeito.

— Oh não... eu não disse isso. Mas ela teve sorte, no fim das contas, tem a mim. Não é, Anne, querida? — Enquanto bebia um gole do chá, olhou para Anne e o que ela poderia dizer? Tinha mesmo sorte, àquela altura só lhe restava a sra. Muller.

— Sim, sou muito grata por tudo que faz por mim, sra. Muller.

— Claro que é, querida — concordou, modéstia não era bem o seu forte. — Mas sabe, Victoria, Anne chegou a arrumou um trabalho. A menina é esforçada.

— Verdade? — Talvez, ao perguntar isso, Victoria queria que Anne contasse sua versão, mas aparentemente sua mãe não estava disposta a deixar.

— Sim, verdade. Um trabalho bem abaixo de sua posição, é claro, mas eu não quis palpar na ocasião, contudo, agradeço imensamente que tenha deixado aquela ideia tola de trabalho, Anne. Me preocupava tê-la em Green Hall.

— Green Hall? — Victoria perguntou com um interesse divino, olhando diretamente para Anne.

— Sim...

— E cuidando de um cão, acredite se quiser — a sra. Muller interrompeu, sua voz saindo um tom mais alto, talvez para deixar mesmo claro todo seu descontentamento.

Anne sentiu suas bochechas corarem ao se lembrar de como tudo havia acabado, de como se sentia com relação àquilo. Já fazia um dia e ele não mais a procurou, não quis dar uma explicação, não mandou um recado, um criado, nada. Sentia como se tivesse apenas sonhado com tudo o que viveu desde que pisou em Green Hall.

— Masmorra?

— Conhece-o? — Anne ouviu-se dizer apressadamente. Sentia falta do pobre cão.

— Claro que sim. Um cão muito danado e arteiro. Vivia nos enlameando. Mas isso já faz tanto tempo... suponho, inclusive, que ele já esteja bem velho, não?

— Sim, ele está. Mas continua com bastante energia.

— Victoria vivia por Green Hall, Anne — gabou-se a sra. Muller. — Isso, quando o pai do duque atual ainda estava vivo. Eram todos moleques franzinos e cheios de energia.

— Imagino... — deixou escapar, dando-se conta de que aquilo queria dizer que Victoria conhecia o duque.

— Então diga-me, viu Hunter enquanto esteve por lá? — perguntou Victoria, curiosa.

— Claro que não, menina. Anne não chegou a entrar na mansão ou tomar maiores liberdades, era apenas uma empregada qualquer. — Anne olhou para a senhora, as últimas palavras a rondarem sua mente. — Além do mais, dizem que o duque não põe o nariz fora do quarto. Que se tornou um homem horroroso e amargo. Mas já era de se imaginar, era o pior de todos na infância e...

— Não é verdade. — Anne sentiu vontade de tapar a boca com as mãos ao se pôr em defesa de Hunter. Arregalando os olhos ao dar-se conta de que aquelas palavras saíram em voz alta.

— Como assim, Anne? Você o viu? — a sra. Muller perguntou, agora imensamente curiosa.

Anne deixou a xícara na mesinha de centro, voltando a aprumar o corpo e alisando a saia do vestido verde-água. Pensando no que poderia dizer. Ali à sua frente estava uma senhora que farejava a mentira de longe e tudo que ela queria, naquele momento, era livrar-se das duas damas.

— Não, não, mas os criados falam, não é mesmo?! — Sequer levantou o olhar ao dizer isso.

— E o que disseram?

— Não muito. Mas que ele não é tão recluso assim. Só isso. — Anne tentou controlar o que sentia ao falar de Hunter, olhando então para a senhora Muller.

Ao olhar para Victoria, deu-se conta de que a jovem dama a olhava com atenção, como se soubesse de seus sentimentos e tudo o que tinha acontecido entre eles, como se pudesse enxergar através dela.

— Ora essa... acredito que ele esteja bem, suponho.

— Sim, acho que sim. — Tornou a confirmar, para não correr o risco de falar mais alguma tolice.

— Isso é bom, muito bom.

Anne ficou em silêncio, enquanto a sra. Muller mudava de assunto, mas todo o tempo ela sentia que o olhar de Victoria estava sobre ela, em escrutínio. Fingiu não notar, estando nada à vontade naquele momento. Deveria ter ficado calada, mas não, tinha que defendê-lo. E por que o fizera? Não sabia. Afinal, ele era sim uma alma enjaulada, fadada à infelicidade, um mentiroso, inescrupuloso, querendo companhia para sua escuridão.

Ela recriminou-se com o pensamento, poderia estar com raiva, magoada, mas o duque não era um homem ruim. Não conseguia entendê-lo, mas isso era culpa dele mesmo e da máscara que insistia em usar. E apesar de querer conhecer quem realmente habitava aquele corpo, desistira de tal intuito quando ele mentiu para ela.

— Estive pensando, desde que conheci Anne, mamãe. — Victoria voltou a falar e Anne a olhou. — Que ao ir para Londres, eu poderia levá-la comigo, claro, se a senhora concordar. — Anne queria ter ouvido errado e seu coração acelerou em seu peito. — A temporada já começou e poderei ainda aproveitar um pouco, já que logo minha barriga aparecerá. Quem sabe, assim, Anne não tenha chance de encontrar um cavalheiro na capital. Nada melhor que uma boa temporada em Londres para tal intuito, não é?

— Ah não, com certeza, não tenho chances — recusou, passou a vida fugindo de Londres e da aristocracia, por que diabos iria agora para uma temporada?

— Como não? Olhe para si. Tem beleza em abundância para isso.

Anne negou, ainda que tentou colocar um sorriso gentil nos lábios, para não ofender a dama que a convidava, nem à sua mãe.

— Sou velha demais, Victoria, não conseguiria...

— Um bom marido? Ah, bobagem. Deixe isso comigo.

Anne sentiu o estômago esfriar e olhou para a senhora Muller, carregando no olhar um pedido mudo de que negasse tal coisa para a filha. Pois mesmo que um casamento pudesse ser a sua salvação, ela não iria para Londres, de forma alguma, buscar este enlace.

— Sim, uma bobagem — concordou a senhora mais velha. — Esteja livre para fazer uso da companhia de Anne, querida, caso ela queira, é claro. — Então o olhar de ambas as senhoras se voltaram

para Anne. — Será bom para ti, menina, conhecer novos ares, pessoas, jovens garbosos e interessados em casamento. Além do mais, seria bom para minha Vic ter você com ela, já que Harold está viajando. E então, quer ir, Anne?

— Eu... adoraria, mas e a senhora? — Era sua última carta.

— Não se preocupe comigo. Adelaide já está de volta à cozinha e Mary pode me ajudar enquanto estiver fora. Não é, Mary?
— Anne procurou a governanta com o olhar, como se pedisse socorro.

— Claro, senhora. Estou a seu dispor.

— Pronto, caso decida ir, já está tudo arrumado. Ficaremos bem.

Estava? Anne não poderia dizer não, poderia? Victoria estava sendo gentil, querendo ajudá-la. E ao negar o convite, Anne poderia ofender a filha, também a mãe. Mas ao ir para Londres... e só de pensar em enfrentar a mesma rejeição que a mãe sofrera no passado, causava-lhe enjoos.

Além do mais, caso fosse, não veria mais o duque...

— Dê tempo para que decida, mamãe, ainda temos dois dias.
— Anne quase soltou o ar audivelmente ao ouvir Victoria.

— Pois bem, temos tempo — disse a senhora Muller com certa euforia, batendo palmas. — Mas não demore a se resolver, sim? Precisa de roupas, caso for. Pois não pode usar aqueles trapos nos bailes de Londres.

Anne mal a olhava. Estava naquele momento tentando arrumar uma desculpa para não acompanhar Victoria a Londres.

— Não se preocupe, mamãe. Com a gravidez, tenho muitos vestidos que já não me servem, creio que com o ajuste certo, ficará

perfeito em Anne — determinou, arrumando-se na poltrona. Anne sequer levantou o olhar.

— Pois bem. Só me deixa triste que tua partida seja em dois dias, não pode passar mais um dia comigo?

— Infelizmente não, mamãe, tenho alguns compromissos.

— Entendo, claro. Victoria fez um ótimo casamento, Anne, um comerciante de muito talento e herdeiro de uma grande fortuna — gabou-se. Isso era algo que a senhora Muller gostava de fazer, gabar-se das conquistas de sua prole.

Anne imaginou que Victoria deveria ser vítima de preconceito em alguns lugares. Sabia bem que independente da riqueza de um homem, ele não valia muito sem um título em Londres.

— Isso é ótimo — Anne apenas concordou, não tinha mais nada a dizer.

— Acho que agora podemos subir, sim? Temos um baile para ir, o primeiro desta primavera. Ah, como estou animada.

Anne também poderia estar, mas não era o caso. Gostava de dançar. Sempre que podia, acompanhava seu pai aos festejos em Windside, mas naquele dia nada poderia realmente animá-la.

— Vou fazer isso agora mesmo. — Anne se pôs de pé, queria fugir o mais depressa possível daquela sala.

Cumprimentou a dama que continuava sentada no sofá e subiu as escadas quase correndo, sem olhar para mais ninguém. Não iria para Londres, só precisava arrumar um jeito de negar o convite, sem magoar Victoria ou a sra. Muller.



Em busca de um arranjo de casamento...

Foi o que a sra. Muller comentou ao saírem de casa para o primeiro baile público daquela estação. Ainda que tivesse a possível perspectiva de Anne ir para Londres e arrumar um marido por lá, a velha senhora aconselhou-a a não jogar fora nenhuma chance. Pois em bailes como esses, muitos bons rapazes das redondezas estariam presentes e poderiam ser ótimos partidos para solteironas como ela.

Poderia soar ofensivo, mas Anne já estava acostumada com as indelicadezas da sra. Muller. E agradecia por ela não ter comentado nada sobre sua tia, tampouco de seu tio, para Victoria. Perguntava-se se Mary haveria dito algo sobre aquela maldita carta para a senhora, e acreditava que sim e há bastante tempo.

— Eu amo bailes. — Victoria parou ao seu lado, esbaforida, acabara de dançar uma quadrilha com o filho do meio da sra. Rochester. — Não a vi dançar ainda, Anne.

A jovem sorriu, de fato ainda não havia dançado. Tinha sido convidada, mas acabou por dar uma desculpa a Charles, que acabara de dançar com Victoria. Em partes, negou porque não queria festejar naquela noite, sequer queria estar ali, mas em principal, não queria dançar com ele. O rapaz era jovem demais e adorava gastar seu tempo ao lado dela em galanteios, mostrando-se como um pavão. Anne sabia que no fundo o que Charles queria era se casar com uma dama que tivesse dote, o que deixava claro suas verdadeiras intenções para com ela.

— Estou com um desconforto no pé, não sei bem o que é. Pode ser o sapato — mentiu, talvez assim pudesse ficar ali no canto, apenas observando.

— Uma pena, logo hoje?

— Sim, sra. Smith, uma lástima.

— Ah, pare já com isso, me chame apenas de Vic. — A música alta impelia que Victoria praticamente gritasse e Anne sorriu,

agradecida pelo carinho que ela vinha mostrando para consigo desde que chegou.

O salão de bailes esculpido em madeira não era pequeno, mas com toda certeza se chegasse mais alguém, perderiam o espaço para dançar, pois o local começara a lotar. Apesar de modesto, tinha sido bem-arrumado, com flores a decorar as paredes, rendas e fitas que anunciavam a primavera. A banda ficava no extremo sul do salão, onde não havia janelas e o calor começava a deixar o local abafado. Àquela altura o burburinho estava inflamado junto à música e risadas.

— Obrigada, está sendo muito gentil comigo. Não o fiz mais cedo, mas devo agradecer o convite. Sou grata por querer ajudar-me — disse, apesar de imaginar que, caso encontrasse o sr. Butter novamente, ninguém poderia ajudá-la.

— Você que me ajudará. — Ouviu e no mesmo instante lembrou-se do sr. Alford. Ou melhor, do duque ao dizer a mesma coisa. Seu coração, por instantes, apertou-se. — Imagine só, Harold voltará para casa só em vinte dias. Seria um tédio o esperar sozinha, me fará companhia — Victoria voltou a falar.

— Obri-iii-ga... — Anne queria não ter gaguejado. Mas como todos ali, ela tinha parado de falar ao notar que até a música, já não tocava mais.

E antes mesmo de seguir o olhar da multidão para a entrada do salão da estalagem, Anne sabia quem estava ali e, ainda assim, ao olhar, não acreditava no que via. Hunter, o duque de Austen, saíra das sombras para a surpresa de todos os presentes. Inclusive, a dela.

As pessoas estavam mudas, olhando-o, a música tinha parado e os casais que dançavam estavam agora separados, todos perdidos em sua imagem, que ainda que precisasse de uma bengala, era imponente. Anne engoliu em seco quando o homem

adentrou o salão, olhando a todos com altivez exagerada, enfado até. Seria essa sua arma contra a opinião de todos?

No fim, não importava quem o observava, pois quando Hunter vagou o olhar pelo salão, as esferas verdes escurecidas cravaram-se nela. A jovem pôde sentir um arrepio, desta vez, delicioso, subir por sua espinha à medida que Hunter se aproximava dela e de Victoria, em um canto do salão.

Ele estava de preto novamente, apenas a camisa era branca junto à gravata e tinha na mão direita uma bengala dourada.

— Senhorita Craw, senhora Smith — as cumprimentou. Victoria fez uma reverência no mesmo instante, já Anne, se passou alguns segundos até que ela pudesse reagir.

— Vossa Graça.

— É um prazer vê-las, especialmente a senhora Smith. Quanto tempo faz? — disse ele de forma contente.

Victoria sorriu afável em resposta, enquanto Anne tentava controlar o coração que estava quase a pular nas mãos de Hunter.

— Desde que foi para a guerra pela primeira vez, creio eu.

— Ah, então faz muito tempo mesmo.

— E fico feliz por vê-lo tão bem, Vossa Graça.

— Diferente dos boatos, não é? — Chegou a inclinar a cabeça na direção de Vic, fazendo-a rir. — Não desmentiu os boatos, senhorita Craw? — Os olhos dele cravaram-se em Anne e ela sentiu o rosto queimar. Todos os olhares estavam sobre eles.

— S-sim. Digo... eu...

— Sim, ela falou — Victoria foi em seu socorro, enfiando o braço no de Anne.

A jovem quase gemeu em agradecimento. Ele a pegara de surpresa e não entendia o que diabos sentia agora, afinal, deveria ter raiva dele, mas estava ocupada demais admirando a beleza rústica daquele homem, ainda que insistisse em usar toda aquela barba e cabelo.

— Espero que tenha sido bondosa, senhorita.

Anne queria usar sua perspicácia, queria ser ligeira em suas respostas, mas algo parecia travá-la. Ainda mais, ao sentir que Victoria observava a ambos atentamente.

A música voltou a tocar, o salão voltou a movimentar-se e o burburinho? Bem, agora estava maior.

— Claro, milorde — disse e o viu apertar os olhos em sua direção ao dizer a última palavra.

— Fico feliz em saber e...

— Vossa Graça — Hunter foi interrompido por um homem alto e bem apessoado, que Anne não conhecia, e ela agradeceu a intromissão. Precisava retomar o controle de si.

Nem sabia como, mas agora estava de braços dados com Victoria, que a olhava de forma enigmática. O que acabara de acontecer? Os olhos de todos estavam sobre ele, e sobre ela. O que o duque fazia ali?

— Espero que agora aceite dançar comigo, srta. Craw? — O filho da sra. Rochester, que há pouco dançou com Victoria, a convidou, e Anne aceitou sem pestanejar, desta vez.

— Claro, eu adoraria.

O jovem ofereceu a mão a ela, que aceitou sem demora, ainda que sentisse que algo a queimava. Ao olhar para trás, se deu conta que era o olhar do duque, que mesmo ao conversar com outro alguém, estava sobre ela.



CAPÍTULO 18

— Fico feliz que esteja bem, Vossa Graça — o sr. Rochester, pelo que lembrava Hunter, falava enquanto ele mal prestava atenção.

Sabia que poderia se arrepender em ir àquele baile, mas não imaginou que seria tão rápido. Viera para falar com Anne, para vê-la, porém não teve tempo de conversar com a dama, mal trocou cumprimento e a viu ser levada para longe dele. Para completar seu tormento, Anne estava tão linda quanto quando lhe dissera *não*, de forma tão ofendida, para seu pedido de casamento.

Estava amaldiçoando Armstrong neste mesmo instante por tamanha ideia estapafúrdia. Pois começava a achar que aquele era o pior lugar para uma conversa. Pior, era obrigado a vê-la dançar, conversar e rir com outros que não ele, que tanto precisava de um jardim de minuto com ela. Não conseguia tirar os olhos de Anne, enquanto a dama rodopiava pelo salão com um franguinho que mal saiu dos cueiros, o mesmo que outro dia a abordou em meio à rua.

Hunter conhecia interesse masculino quando via um, e o rapaz tinha um claro declínio por Anne.

Já estavam duas músicas a dançarem, enquanto conversavam e sorriam. Ela parecia estar gostando, estava até mesmo radiante enquanto ele estava sendo monopolizado por pessoas demais querendo dar-lhe boas-vindas. Deveria ter esperado o dia seguinte para falar com Anne.

— Sim, sim — disse, sequer ouviu realmente o que lhe foi dito. — Quem é o cavalheiro que está dançando com a srta. Craw? — perguntou, interessado demais no que via.

— Aquele rapagão é o meu garoto — disse o sr. Rochester e Hunter o olhou.

— Sei. Me deem licença por um momento, sim? — pediu, assim que a música cessou, se dirigindo na direção a que Anne

agora estava, tentando aplacar o calor ao abanar o rosto corado.

O duque queria ser mais rápido, queria alcançá-la antes que alguém a chamasse novamente para dançar, mas era difícil com tantas pessoas juntas e o agravante de depender de uma bengala. Estava quase a ponto de sentir alívio ao se aproximar, quando a senhorita lhe viu e ia afastar-se de propósito.

— Não ouse fingir que não me vê, srta. Craw, pare fugir de mim. Não irá funcionar — praticamente gritou, enfim a alcançando.

— Eu não ia fugir.

— Espero mesmo que não, afinal de contas, sabe que vim aqui hoje por tua causa.

— Minha causa? — perguntou, com aquele ar de empáfia a tomar conta dela.

— Decerto. Eu disse que caso dissesse não, eu estaria disposto a persuadi-la, e aqui estou eu.

Ele estava mesmo disposto a convencê-la e mesmo após queimar seus neurônios ao tentar pensar o porquê de tamanho interesse, não achava algo realmente satisfatório. Então, convenceu-se, por fim, de que ela era a jovem certa justamente por dizer-lhe não. Com isso, ela se mostrou alguém digna, com caráter.

— Se bem me lembro, Vossa Graça, eu disse sim e só depois, ao descobrir suas mentiras, eu disse não. O senhor não é confiável. — Era certo de que ela queria ofendê-lo, ainda tinha raiva dele.

Contudo, o que o alegrava era o fato de que mesmo sabendo sua posição social, ela continuou a mesma, sem papas na língua, sem falsa afetação. Pois no fundo, era esse o seu medo, que Anne mudasse para com ele. Hunter riu, minimamente, mas riu.

— Está debochando de mim, senhor?

— Não, não estou. Pelo contrário. É exatamente por isso que escolhi a senhorita para ser minha esposa.

— Escolheu-me? Acha que estou à venda em uma loja, para ser escolhida? Ou talvez ache que está acima do bem e do mal e que, apenas por querer algo, deva ter.

Não foi isso o que quis dizer, jamais pensaria tal coisa. Estava ali, pronto para explicar-se por um único motivo: porque Anne tinha dito sim pela pessoa que ele era, o que dava esperanças de que poderiam resolver facilmente o mal-entendido que fizera também, no mesmo dia, ela dizer-lhe não.

— Não deveria ver minha vinda até aqui como uma ofensa, tampouco minha escolha.

— Ah, perdão — disse com sarcasmo. — Eu me esqueci como sou sortuda por ser escolhida pelo senhor, não é? Obviamente, qualquer jovem cortaria um braço para estar em meu lugar.

— Agora está sendo irônica e pouco elegante — repreendeu e estava consciente do quanto chamavam a atenção de todos ali.

— Sim, eu estou, milorde. Mas minha deselegância não deveria ser nenhuma surpresa.

Hunter parou de sorrir. Ele a magoou e ela parecia disposta a não o perdoar. Poderia entendê-la, Anne era sincera com toda sua alma e coração, não merecia ser tratada diferente. Como poderia querer alguém íntegro, que o quisesse por quem era, quando mentia daquela forma?

— Estava linda há pouco, dançando... leve como uma pluma e se eu pudesse, tiraria a senhorita para dançar. — Era uma verdade. Quando podia, não era dado a dança, mas naquele instante, seu único desejo era poder direcioná-la ao salão e bailar, sentir seu cheiro doce novamente.

— Mas não pode — Anne disse, seca.

— Não, não posso. Mas posso dar um baile em sua homenagem, abrir Green Hall, enfim. Não vejo melhor motivo e tudo para ver o sorriso que vi há pouco na senhorita. Ainda que não possa dançar comigo.

O que diabos estava dizendo? Não saberia explicar, mas conseguiu o que queria com o que disse, a deixou sem palavras, poderia ver. Anne ficou em silêncio, apenas olhando-o, o busto subindo e descendo, coberto por um vestido azul-clarinho, com alguns bordados delicados.

— Não seja tolo e se me der licença, Vossa Graça — disse, aprumando o corpo. A forma com que usava seu título, parecia uma ofensa. — O salão está quente e eu preciso de ar.

— Senhorita C-raw... — ele quis gritar com ela, dar uma ordem para que ficasse e o ouvisse, segurá-la, mas Anne saiu em disparada, para longe de seu alcance.

Hunter apoiou ambas as mãos na bengala e agora sozinho, os olhares o incomodaram. Tentou encontrar alguém conhecido, mas aparentemente Armstrong ainda não chegara e Victoria estava a dançar. Anne poderia ser, no mínimo, razoável.

Já estava há quanto tempo ali? Uma hora, talvez? Viera por ela, e a senhorita Anne não pareceu nenhum pouco se importar com isso ou estar interessada no que tinha a dizer. O que deveria fazer para que ela aceitasse ao menos ouvi-lo?

Imaginou que ali Anne não fugiria dele, mas olhe só, ela conseguiu. Estava na hora de voltar para a mansão. Amanhã, veria o que poderia fazer e, se fosse necessário, bateria na porta da sra. Muller.

Aprumou o corpo, se recompôs e após alguns minutos, seguiu para fora do salão. Demorou um pouco para conseguir sair, parando para cumprimentar algumas pessoas que iam em sua

direção. Estava realmente arrependido de ter ido. O ar frio o brindou assim que deixou o salão, a música e vozes ficando cada vez mais distantes. No fim das contas, proporcionou um belo show ali, disso bem sabia. Seria o assunto do condado pelo resto da semana e, quem sabe, até do mês.

Sua carruagem estava parada a certa distância, junto a muitas outras menos pomposas. Hunter marchou em direção à sua condução, quando sussurros lhe chamaram atenção. Ao parar, decidiu seguir aquela voz baixa, o duque se esgueirou dentre os cavalos e carruagens, dando de cara com quem ele tanto queria, Anne. Sozinha.

Ela estava aparentemente furiosa, andando de um lado a outro, em meio ao escuro, falando muitas coisas, que ele pouco entendia.

— Ele acha o quê? Só por que é um duque? Dançar... dançar... dançar... ele que vá dançar no inferno.

Hunter não aguentou observar das sombras, também não pôde manter seriedade e, pela segunda vez desde que se lembrava, ele gargalhou. Não foi algo irônico, na defensiva, nada disso. Foi de verdade, livre. Era o efeito que ela tinha sobre ele e maldita fosse a senhorita Craw.

— O senhor? Como ousa?

— Ora... — disse, se recompondo. — Senti-me no direito de participar da conversa, já que estava a falar de mim.

— É de fato inoportuno, milorde, e arrogante.

— O que preciso fazer? — disse e a parou. Talvez ela esperasse uma troca de ofensas, mas não era isso que ele queria.

— Como?

— Para que me desculpe. O que preciso fazer? — Ele a deixou sem palavras. Anne o olhava, assustada, olhos abertos como pratos. — Quer desculpas pelo que, srta. Craw? Quer que eu diga o quê? Que eu estava errado? Sim, eu estava, não deveria ter mentido para a senhorita e falo de todo o meu coração, pois agora sei que não merecia. Mas não queira que eu me arrependa de nada mais além disso, eu não o farei.

Hunter se aproximou, perto, muito perto e a viu dar dois passos trôpegos para trás.

— O que quer de mim, Vossa Graça? — A voz agora perdera o tom de ofensa, saiu baixa, ofegante.

— Uma chance. Uma conversa. Não menti hoje, vim pela senhorita.

— Não direi sim.

— É uma escolha sua, mas eu não prometo que não continuarei tentando. Meu único erro foi mentir sobre meu título, o resto foi tudo verdade. Quem viu, com quem conversou, é quem eu realmente sou. — Tentou, queria apenas tempo. Tanto para que ela deixasse de lado a mágoa, quanto para que pudesse se explicar. — Posso lhe fazer uma visita amanhã?

— O senhor é... louco, só pode ser. Para quê?

— Para vê-la. Me desculpar de forma adequada, contar os meus motivos.

— Eu não direi sim.

O duque chegou mais perto, um passo à frente, e inspirou fundo, queria sentir aquele perfume outra vez. Anne não se afastou, ficou ali, olhando-o de forma profunda, indecisa do que faria. Seus olhos varreram seu rosto e fitou sua boca. Ele iria queimar no fogo do inferno, pois quando a jovem abriu os lábios minimamente,

Hunter foi arrebatado pelo desejo de beijá-la, de tê-la em seus braços, sem importar-se com mais nada.

— Eu ainda não pedi que diga — disse, juntando qualquer resquício de juízo para se afastar. Hunter deu as costas à Anne, sem esperar uma resposta e apenas partiu, não poderia controlar a si, caso ficasse.



Anne sentia-se cansada e não era para menos. Tinha tomado um grande susto ao ver Hunter e se isso não bastasse, após sua ida, teve que voltar para o salão e fingir sorrisos, além de dançar. Estava exausta.

— Até agora, minha querida Anne, não entendi o motivo do duque ter lhe dedicado tanta atenção. Afinal, disse que não o conhecia — a senhora Muller pontuou assim que entrou em sua sala, sentando-se no sofá e se livrando das sapatilhas. Chegou a gemer com alívio.

— Ora, mamãe, as pessoas se conhecem em bailes. É assim que muitas damas arrumam casamento — Victoria falou, mas o que disse causou na senhora mais velha uma crise de risos que Anne não entendeu. — Mamãe...

— Não seja tola, Victoria... homem como um duque não se interessa por jovens como... — A mulher olhou para Anne e a mediu —... Anne. Não falo por você querida, apesar da cor dos cabelos e das sardas, é linda, mas por seu nome. Falta-lhe berço para laçar um duque.

— Ora, mamãe, que tolice. Talvez por ser um duque, poderia se interessar por Anne, afinal, certamente não estaria atrás de um dote.

— Vocês ainda são jovens... homem como aquele, só querem damas como Anne para uma coisa e não é o matrimônio.

Anne sentiu o rosto corar e teve vontade de gritar. De esfregar na cara da sra. Muller que ela estava errada, que ele queria casar-se com ela. A menos que... estaria ele a enganando? Claro que não. Engoliu em seco e pôs a cabeça para funcionar.

— Encontrei-o uma vez na propriedade, mas com aquela aparência, não pensei que ele pudesse ser o duque. Trocamos uma ou duas palavras, apenas. — De fato, ela não estava mentindo, não em tudo.

— Como é ingênua, criança, estive na boca do lobo e sequer se deu conta... espero que tenha se comportado como uma dama na ocasião, sim?

— Claro... — afirmou e não ousou sentar-se como as outras duas damas.

A sra. Muller não parecia desconfiar do que dizia, já Victoria a olhava com um misto de mistério e incredulidade, como se soubesse exatamente o que estava acontecendo entre ela e o duque.

— Caso não precise de mim, sra. Muller, irei me retirar. Estou com um pouco de dor de cabeça. — pediu, queria dar aquela conversa por encerrada.

— Vá, vá... descanse.

— Obrigada e boa noite.

Anne não perdera tempo, refugiando-se em seu quarto. Odiou o que ouviu há pouco, sabia que a sra. Muller não queria a rebaixar, ainda assim o fizera. E era aquele tipo de opinião que iria segui-la para onde quer que fosse, caso o tivesse aceitado. Ele viria mesmo vê-la?

Sentou-se sobre o baú de madeira próximo à janela, olhando a noite lá fora, abraçando aos joelhos. De onde estava, poderia imaginar flores lindas para aquele jardim logo abaixo do seu quarto, assim, como poderia imaginá-la sentada no banco ali próximo, com o duque ajoelhado à sua frente, jurando-lhe amor eterno. Mas ele não acreditava em amor... O próprio duque dissera.

Por anos, fugiu da ideia de um casamento arranjado e sonhou com um enlace por amor. Como foi burra em esperar algo assim. Agora, estava ela a cogitar tal união para salvar a si do pior. Porém casar-se com um duque?

Seria esperar demais dela. Caso o fizesse, teria então que enfrentar seus piores medos, a sociedade londrina. E se tivesse filhos, bom, ela teria que ensiná-los, certo? Mas o que ensinaria a eles?

Santo Deus!

Precisava parar de sonhar e cogitar algo que jamais aconteceria, ao menos um dos dois deveria dar-se conta do desastre que seria uma união de um duque com uma dama como ela. Anne não aceitaria o pedido de Hunter, ainda que ele viesse no dia seguinte. Não nasceu para ser uma dama, menos ainda uma duquesa.



CAPÍTULO 19

— Aí vem uma carruagem — a sra. Muller anunciou e o coração de Anne palpitou, como fez nas últimas horas sempre ao ouvir o barulho de carruagens pela rua, com medo que fosse ele.

Anne paralisou em frente à prateleira que limpava, o frio a espalhar-se por seu corpo apenas com um simples barulho. Tentou acalmar-se, não deveria ser o duque, já era tarde demais para uma visita. Tentou respirar e deixar a curiosidade para a sra. Muller, sentada confortavelmente em sua poltrona próximo à janela apenas para espiar. Mal o pensamento se formou e foi jogado por terra.

— Santo Deus, é o duque e parou aqui em frente! — Aparentemente Anne estava errada desta vez, Austen cumpriu sua promessa. — Ande, Anne, ande. Me dê umas fitas para arrumar e... vá, diga que preparem uma bandeja de chá e chame Mary para abrir a porta. Céus, o que ele faz aqui?

Anne ouvira cada comando, mas não conseguiu mover-se de imediato, sentia apenas o olhar de Victoria sobre si e era aterrador. Instigou-se a cumprir as ordens que recebera, sabendo exatamente o que aquele homem fazia ali, sem entender por que diabos não a deixava em paz. Pegou a caixa de fitas e deu à sra. Muller, a tempo de ver através da janela um rapaz magricela pular da carruagem que trazia o selo ducal na porta e abri-la para ele.

Anne não esperou ver mais nada, queria esconder-se, o que era estúpido. Aparentemente, não podia fugir do seu destino, ainda não encontrara uma forma de negar o convite de Victoria e não conseguiria fugir de Hunter. Correu para a cozinha e queria poder ir para mais longe ainda.

— O que houve? — Mary indagou ao vê-la branca como papel, trazendo-a de volta ao momento. — Viu um fantasma?

— Ah, Mary, eu estou perdida... de verdade. — Mary a olhou, estarecida.

— O que fez desta vez, menina?

Nada, não fizera nada. Ainda assim, a conta estava batendo à sua porta.

— O duque de Austen está aí e a sra. Muller pede que vá abrir a porta para ele.

— E o isso tem a ver com você estar perdida? — Mary estava em confusão. Sabia ter algo errado com Anne desde aquela carta, mas a jovem estava fechada como uma concha e nada lhe contava, ainda assim, ela sabia que algo não ia bem e temia por ela.

— Se eu tivesse contado, Mary... céus, eu deveria ter contado. — Seu olhar era suplicante; seu rosto, arrependido.

— Anne, o que fez? Ele fez algo a ti?

— Não, não, isso não... — negou com veemência. — É que... depois eu conto, só vá e o anuncie — pediu, quase em súplica e após aquele momento, teria mesmo que contar tudo à Mary.

— Sim, eu irei, mas... me contará o que está acontecendo quando eu voltar!

Mary não esperou uma resposta, saindo em direção à sala, deixando Anne a sós. Ele viera como disse que faria. Mas, o que ela faria agora? Como se portaria? Se pôs a andar de um lado para o outro, incapaz de controlar seu coração e mente. Estava uma bagunça dentro de si. Pois ao tempo que imaginava deixar o orgulho de lado e aceitar o pedido de um homem que estava disposto a casar-se com ela, Anne lembrava que não implicaria só o casamento.

Implicaria mais, teria responsabilidades com a sociedade, com a aristocracia. No fundo, queria casar-se com o sr. Alford por achar que poderia esconder-se no campo e permanecer sob sua proteção. Assim a família não temeria tê-la por perto, nem ela temeria reencontrar o sr. Butter. Mas caso se casasse com Austen,

como poderia esconder-se? Mal ela dissera sim e a primeira coisa a fazer era ir para Londres sem demora, segundo ele mesmo.

Sem falar que... ela não confiava mais nele, não é?

Soube o exato momento em que ele pôs os pés na pequena sala da sra. Muller, pois ouvira sua voz e seus cumprimentos. Queria encontrar um buraco e enfiar-se. Ele a pediria em casamento outra vez, certamente, pois foi o que ele disse que faria, não foi?

E ela diria sim?

A verdade é que sentia saudade de poder andar por Green Hall, saudade do cão e dele... o infeliz rabugento com quem conversava como se o conhecesse a vida inteira.

Não demorou para Mary voltar à cozinha, agora era ela que tinha o rosto branco. A velha senhora veio em sua direção e segurou suas mãos entre as suas, olhando fundo em seus olhos.

— Diga-me a verdade, o que você fez para aquele homem?
— A sinceridade da pergunta deixou Anne sem saber como agir.

— Por que diz isso?

— Porque é você quem tem culpa no olhar e parece querer fugir para longe. Além do mais, ele quer vê-la.

Anne franziu os lábios, com expressão culpada e olhou para os pés.

— Ah, Mary... ele pediu-me em casamento, três dias atrás —
derramou, por fim.

— Pediu? Um duque? — A voz de Mary subiu uma nota e ela trouxe as mãos aos lábios, calando-se.

— Sim... mas... — Fora por pena. Anne só não entendia por que diabos ele continuava a insistir em um enlace com ela.

— Não tem “mas”. Vá e não o deixe esperando, tampouco a sra. Muller. Meu Deus... um duque, Anne! — A governanta parecia exultante. Então ela não via o ridículo da situação?

— Mas, Mary...

— Tudo bem, eu entendo. Depois falaremos tudo o que há para falar. Por ora, vá ver seu noivo. — Mary sorria ao dizer, a cor voltando a sua face.

— Mas eu não disse sim.

— Não disse? — Mary indagou e Anne engoliu em seco. — Mas...

— Ah, Mary... com licença — pediu e sequer se lembrou de tirar o avental diário, indo a passos curtos até a sala, a fim de protelar o encontro.

Anne apertava as mãos em frente ao corpo quando aparecera na sala, os olhos baixos. Sequer precisava levantá-los para saber que todos a olhavam. Apenas fez uma reverência e, só então, tomou coragem para encarar a todos. Sentia-se cansada, não só fisicamente.

— Vossa Graça — disse e seu olhar cruzou com o dele.

Anne viu tudo e nada ao mesmo tempo naqueles olhos escurecidos. Era como se ao tempo que ele mostrava seus sentimentos, ele os recolhia e recobrava aquele olhar opaco, sem nada a dizer. A sala seguia em um silêncio descomunal, enervante.

— Anne, querida, o duque veio ver-lhe. Veja só que surpresa, não é? — A sra. Muller se fez ouvir.

— S-sim... muito.

— E gostaria de ter com a senhorita Craw um momento a sós, claro, se a senhora Muller e Smith não se importarem. —

Naquela fala gentil não havia traço algum do homem que conheceu de forma tão inesperada.

— Oh, que bobagem. Use o tempo que quiser. Anne, querida, mostre os jardins a ele, o que acha?

— Sim, claro — confirmou, precisava mesmo de ar, fugir do olhar curioso da senhora Muller e o aguçado da sra. Smith.

Percebeu então que não tinha ninguém por ela, não se a pessoa entre ela e outros, fosse um duque, pois ninguém ousou perguntar se ela queria falar com ele. Agora entendia o motivo pelo qual ele nunca parecera pedir algo e, sim, ordenar. Um duque não estava acostumado a pedir, apenas a dar ordens.

— Então mexa-se, querida. Não fique aí parada como uma estátua, sim?

— Claro, desculpe. Vossa Graça? — chamou, indo em direção à porta.

— Peço licença a damas — disse, galante, e antes que Anne pudesse passar por ele em disparada, o duque a impediu, oferecendo a ela seu braço.

Segundos foram perdidos até que ela o aceitasse e, juntos, saíram pela porta frontal, seguindo pela lateral da propriedade até chegarem ao que deveria ser um jardim. Anne logo se desvencilhou de seu braço, desconfortável em demasia com a proximidade, com seu toque, com seu calor. Não demorou em sentar-se no banco de mármore, olhando o chão, ciente de que ele estava de pé à sua frente e não ousaria ser ela a falar primeiro.

— Não me esperava. — Ouviu-o dizer, não era uma pergunta.

— Não.

— Mas eu disse que viria.

— Sim — disse, apenas.

— Será assim então, senhorita?

Ela o olhou, ali à sua frente, grande e imponente a apoiar-se em sua bengala. O que ele queria dela, o que esperava?

— O que quer que eu diga? Vê essa situação... o que direi depois?

— A verdade. Não tem por que mentir.

— Não deveria ser aqui, não deveria ser assim.

— Ah... — disse ele com calma calculada. — Seria melhor nos escondermos?

— Não direi que sim. O melhor seria apenas fingirmos que nada nunca aconteceu — disse, por fim, mesmo sabendo que seria incapaz de fazer aquilo. Como poderia? O homem habitou seus pensamentos desde o primeiro instante.

— E continuará aqui, como uma empregada? — disse e Anne abriu a boca para falar algo, mas se calou. — Já olhou para si hoje, senhorita?

Anne então o fez, pela primeira vez naquela manhã. As mãos estavam manchadas, assim como o avental e como deveria estar seu cabelo? Sequer preocupou-se com sua aparência, até aquele instante.

— Não sou uma empregada aqui.

— Não? O que a sra. Muller pediu que fizesse quando me viu pela janela? — Anne não teve o que dizer. — Mandou buscar o chá?

— É o mínimo que posso fazer ao estar de favor em sua casa — pontuou, talvez acreditasse nisso.

— E é esse o ponto, srta. Não é um deles, não é como a veem, será sempre alguém que aquela senhora teve pena e a abrigou e piorará com o tempo, caso continue aqui. É como quer levar a vida até que ela morra?

Anne engoliu em seco e teve vontade de chorar. Um futuro incerto, era o que tinha.

— Está sendo cruel. Era o que pretendia?

— Estou sendo realista. Nunca prometi romantismo. Disso não pode me acusar e não prometerei agora.

— Por que mentiu? — perguntou com resiliência e coragem, observando com demasiado interesse. Talvez por isso, só então, notou que ele trazia um pequeno arranjo de flores em uma das mãos. — São para mim? — perguntou, esquecendo por instantes quem os segurava. Ainda não tinha visto flores naquela estação.

E até mesmo ele parecia ter se esquecido das flores, olhando de Anne para sua mão.

— Sim, temo que sim. — Estendeu o arranjo e Anne sorriu para elas, as pegando e levando ao nariz, inspirando fundo. Um ato instintivo. — Lembro que disse amar flores, então trouxe-lhe as primeiras que saíram em meus jardins. Não são as mais bonitas, mas têm perfume.

— São perfeitas... obrigada. — Ela desenterrou o nariz das pétalas e o olhou, as flores causando algo em seu coração, talvez rachando a barreira que ela tinha imposto. O homem continuava ali, a olhando, prometendo sinceridade ao dizer que não prometia romance, ainda assim, lembrara que ela gostava de flores, e as trouxera. Ali à sua frente estava o duque de Austen em pompa e circunstâncias. Com uma mão a segurar-se na bengala e a outra agora às suas costas, parecia indiferente a qualquer emoção. Com isso, Anne voltou a perguntar:

— Não me respondeu, por que mentiu?



CAPÍTULO 20

Era uma boa indagação, Hunter deveria admitir e ele lhe devia algo, no mínimo, satisfatório. E, por algum motivo desconhecido, seu coração estava agora batendo descompassado, enquanto olhava para Anne. Talvez o motivo se deva que após explicar-se, e ainda assim ela continuasse a dizer-lhe não, ele já não teria mais o que fazer.

Gastou tempo demais apenas a observando e ainda que uma de suas bochechas estivesse com uma mancha marrom, ela estava bela de uma forma que ele não poderia definir. Talvez a achasse bela apenas por ser ela, Anne Craw. Hunter apertou a haste da bengala e olhou para ambos os lados e o lugar de repente lhe conferiu tristeza e abandono.

— Passei os últimos cinco anos preso entre as paredes da minha casa, sem uma saída, senhorita — disse e quando viu as sobrancelhas de Anne subir, ele se corrigiu abruptamente. — Eu não via saída, não queria uma, deixei que o desespero e a dor tomassem conta de mim, me dominassem. Então a encontrei, naquela alameda, gritando como louca. Há de concordar que foi um encontro inusitado.

— Para dizer o mínimo — Anne concordou, talvez não entendesse aonde ele queria chegar.

— Eu estava com vestes simples, sem minha bengala pomposa e a senhorita em momento algum presumiu que eu poderia ser um duque e isso foi a melhor coisa que me aconteceu, em anos — assumiu e viu o rosto de Anne se transformar, cheio de confusão. — Eu nunca quis esse título. Não nasci para ele e tudo que conheci até meu acidente foi lutar em uma guerra que sequer era minha.

— O senhor não queria ir?

Ele a olhou, de forma emproada, sua face coberta por uma máscara de enfado, como se quisesse esconder o que aquelas palavras realmente causavam dentro de si. Pela sua expressão, ninguém diria que naquele momento, Hunter poderia estar falando de seus sentimentos mais íntimos.

— De forma alguma, eu quis estar lá puramente por honra. Contudo, nos dizem pelo que lutar quando nos mandam para o inferno da guerra, mas não o que iremos perder ou esquecer no processo. Ver seu reflexo e não reconhecer a si próprio é o pior castigo que alguém pode suportar, senhorita.

— Esse é o seu castigo?

Era? Talvez por isso sentia-se tão perdido. Não sabia como deveria se comportar em seu novo papel, não sabia como voltar a ser ele próprio. Era como se aqueles estilhaços que o atingiram tivessem levado sua alma.

— Não sou mais o mesmo há muito tempo e não falo apenas fisicamente, perdi um pedaço de mim e nem sei ao certo quando — falou com pesar, olhando para algo atrás de Anne, qualquer coisa que não fossem aqueles olhos azuis cheios de pena. — Consegui voltar para casa quando, na verdade, achavam que eu tinha morrido em batalha e isso deveria bastar. Mas não bastou, pois ao voltar, me vi herdar e assumir um ducado que não deveria ser meu, mas o aceitei, ainda que me considerasse inválido e...

— O senhor não é — defendeu Anne, chamando sua atenção para si novamente. Ali já não tinha pena, apenas... condescendência e defesa, seu rosto tomando um tom rubro. Hunter acreditava que caso negasse tal afirmação, ela abriria sua cabeça e enfiaria essa afirmação nela com toda a certeza. Teve vontade de rir.

— Sim, é verdade, senhorita. E sabe como me dei conta disso? — Anne não ousou falar nada, apenas confirmou com um aceno. — Pela senhorita.

— Eu? — perguntou, um tanto alto demais.

— Sim, a ti. Posso dizer que a senhorita é a única que em muito tempo foi sincera comigo e tratou-me de igual para igual e, pela primeira vez, fez com que eu quisesse ser eu mesmo outra vez. Nunca se escondeu, nunca fingiu afetação, sorrisos ou nada parecido.

— Tudo porque achei que não era um duque.

— Mas não agiu diferente ao saber que eu era um, pelo contrário, quase me jogou no rio, se bem me lembro. — Hunter viu um resquício de sorriso nos lábios dela, que estavam brancos, talvez por nervosismo, cogitou ele.

— Talvez o fizesse, se não fosse sua perna. Teve sorte...

— Tenho certeza que sim. — Por instante, teve esperança, parecia enfim ter quebrado a primeira barreira que ela impusera. — Consegue entender agora?

— Esclareça-me melhor sobre o que deveria entender, senhor — pediu, ela não facilitaria para ele.

— De início, omiti fatos por gostar de como me tratou, por me sentir bem ao conversar com alguém que não fosse Oswald ou o meu médico. Depois deixe-me levar, já estava feito, além de que, caso revelasse a verdade, poderia perdê-la — contou e por segundos aquela frase soou errada, mas não menos verdadeiro. — Digo, sua amizade. Medo de que mudasse para comigo, a forma de tratar-me, de agir. A subestimei, desculpe-me — pediu, mas não conseguia se arrepender realmente. Ao menos, não no início. — Mas diga-me, teria feito diferente, caso soubesse quem eu realmente era, não teria?

Hunter esperou uma resposta que não veio, ela apenas abaixou o olhar, para as mãos juntas sobre o avental.

— Falavam coisas do senhor. Eu imaginava coisas... e sim, está certo. Ao menos no primeiro encontro. Após isso...

— Após isso?

— Enxerguei além. Além das máscaras que usa. Acredito que não teria feito nada diferente, caso tivesse me contado em nosso segundo contato. — A sinceridade dela era cortante e disso sim arrependia-se.

— Então uso máscaras?

— Sim e uma delas é exatamente essa, sua arrogância. — Hunter olhou para o alto, aquele era um dia de clima ameno. Confirmou, por fim, e mexeu-se, sentando-se ao lado de Anne.

— Hum... a senhorita pode estar certa.

— Não concorde comigo, não irei aceitar me casar com o senhor apenas por dizer que estou certa. Chega a ser ridículo, dado que sempre diz que estou errada.

A seriedade com o que disse o fez rir. Talvez fosse essa impetuosidade que ele queria para si, alguém que o desafiasse a ser melhor ou não abaixasse a cabeça a cada mero olhar seu. Uma vida ao lado dela jamais seria enfadonha.

— Nem sempre — disse e a olhou. — Diga-me, ao menos entende por que menti ou por que a pedi em casamento?

— Talvez...

— Veja por outro ângulo, senhorita, deixe o orgulho de lado, perdoe-me por mentir e procure as vantagens que viu desde o início. — Ela o olhou e Hunter explicou: — Veja de forma simples. Nós nos conhecemos, gostamos de conversar um com o outro, nos damos bem, eu diria. E tenho certeza de que um relacionamento entre nós não seria nada monótono. — Ela riu, talvez concordasse. — É mais do que muitos podem ter.

— O senhor é um duque — disse, apenas.

— E me desculpe se isso a ofende, mas esse fato não posso mudar.

— Esse é o ponto. O senhor não vê, milorde?

Não, não via. A única coisa que enxergava era irritação tomar seu corpo pouco a pouco cada vez que a palavra milorde aparecia entre eles.

— Pare de me chamar de senhor, milorde ou Vossa Graça com tamanha indiferença calculada. Começa a me irritar verdadeiramente com tal ato.

— É o que o senhor é. Como poderia chamá-lo?

— Pode ser Hunter, é o meu nome. Ou pode ser meu noivo, se disser sim. — Tentou, de forma dissimulada a dar leveza à conversa, mas ela negou.

— Não direi, e não o chamarei pelo primeiro nome, Vossa Graça.

— Quer mesmo me irritar, é isso?

— Não, estou tentando abrir seus olhos. Como acha que vou me sair em meio à alta sociedade?

— Como se sai em qualquer lugar. Você encanta por ser quem é, não ver?

— O senhor bateu a cabeça?

— Expresse suas preocupações, senhorita, e irei elucidar cada uma delas — pediu e a viu bufar, praticamente em desespero.

— Viu aquela carta e não era uma pessoa estranha que usava de tal crueldade, era minha família. Como acha que outros verão? — Hunter sequer gostava de se lembrar daquele pedaço de papel. — Tenho horror à alta sociedade, senhor, pois desde que me

entendo por gente, sou conhecedora do preconceito pelo qual minha mãe passou. De como a alta sociedade londrina é cruel com aqueles que destoam do esperado. — Então esse era o ponto. — Não quero entrar para a alta sociedade, não quero chegar perto da alta sociedade e caso diga sim, eu seria uma duquesa. Uma duquesa. Não tenho berço ou criação para isso. Iria, no mínimo, manchar seu nome com minha linhagem cigana e minha inexistente educação. Como imagina que eu conseguiria educar nossos filhos?

Nossos filhos...

Nossos filhos...

Nossos filhos.

Essas palavras passaram a rodar na cabeça de Hunter, parecia algo bom e familiar a ele, algo que ele queria e com ela. Nossos filhos... dele e de Anne. Teriam aqueles lindos cabelos ruivos? Não conseguiu impedir o riso.

— Do que ri, senhor? Pelos céus — exasperou-se.

— Percebe? Sempre rio com a senhorita, só com a senhorita. Sabe qual a última vez que sorri antes de conhecê-la? — Ela negou. — Eu não me lembro. — Viu-a negar, talvez não acreditasse nele, ou em si. — Não quero uma duquesa, quero uma companheira. Alguém que me faça sentir-me um homem, além de um título. Não sou só um título e foi a senhorita mesmo que fez com que eu me enxergasse assim. Não viveremos em Londres, viveremos aqui. Iremos a Londres nos casar, talvez tenhamos que comparecer a um ou dois bailes, para apresentá-la como minha duquesa, claro. Mas nada mais. Não irei obrigá-la a nada que não queira.

— Irão falar...

— E isso não importará, pois será uma duquesa. Entenda que tampouco tenho intenção em viver em Londres.

— Quer dizer que...

— Podemos viver no campo. Teremos que comparecer a Londres ao início da temporada, com a abertura da câmara dos lordes, mas isso não quer dizer que precisemos permanecer ali por toda temporada, tampouco nos render ao enfado da aristocracia — explicou. — Odeio Londres e a alta sociedade tanto quanto a senhorita, acredite. Sobre nossos filhos... se for menino, ele terá tutores para ensinar-lhes tudo e se for menina... terão preceptoras. Mas não precisarão de nenhum, pois terá o mais importante em você, que é amor. Quanto à linhagem... eu não conto, se você não contar.

— Às vezes acho que todos estão certos e o senhor é louco.

— Eu discordo, acho, inclusive, que talvez seja a senhorita a louca da relação.

— Como disse? — A mulher o olhou com espanto.

Fora grosso, sabia disso, mas não retiraria uma palavra.

— Dias atrás, disse que estava em desespero, sem família, perspectivas ou um lar. Então eu lhe ofereço um e a senhorita nega. Quem está louco, no fim das contas? — perguntou, deixando-a sem palavras. — Entendo que no primeiro momento ofendeu-se porque menti e aceitei meu erro. Mas agora não entendo a senhorita, apesar de levar em consideração suas ressalvas. Diga-me: do que realmente tem medo?

Hunter esperou uma resposta que não veio, pois Anne voltou a olhar as mãos e o silêncio reinou por alguns instantes, dando-lhe tempo de olhar para os lados e ouvir vozes sussurradas vindas de algum lugar. Deveriam estar dando um show bem ali, nos jardins da senhora Muller. Anne voltou a chamar sua atenção quando se levantou de súbito.

— Minha resposta é...

— Que irá pensar — a interrompeu, colocando-se de pé. Por um gesto impulsivo, levou o dorso da mão até as bochechas

coradas de Anne, onde havia uma pequena mancha, a tirando dali.

Hunter a observava com atenção. A respiração acelerada, o peito a subir e descer, bochechas ainda mais vermelhas, os lábios entreabertos enquanto sentia a maciez de sua pele. Por segundos, a viu fechar os belos olhos, parecia querer guardar o momento, assim como ele. Chegou a deitar, levemente, a cabeça para o lado, apoiando-se minimamente em sua mão. O que estava acontecendo com ele?

— Talvez — disse, limpando a garganta e recolhendo sua mão —, seja melhor entrar e colocar as flores em um vaso. — Hunter deu um passo atrás e viu quando, confusa, Anne voltou a abrir os olhos.

— Eu...

— Prometa-me que irá pensar e que amanhã me dará uma resposta, senhorita. Não peço muito, não irei obrigá-la a conviver com quem não queira e prometo que estarei sempre presente quando precisar de mim.

— Mas...

— Só prometa que irá pensar. Todo o resto, podemos dar um jeito. É sozinha e eu também sou, mas não precisamos continuar assim.

— O que acontece se eu disser não? — perguntou, e o que ele deveria dizer? Que passaria o resto da vida sem ninguém? Pois era como se sentia, caso ela não o aceitasse. Não encontraria ninguém como ela e desconfiava que após conhecê-la, não se contentaria com menos.

— Não tenho esposa e preciso de uma... se não me aceitar...

— Buscará outra — ela terminou sua frase, ainda que soasse uma mentira.

— Preciso de herdeiros. — Isso era verdade, precisava.

— Claro... eu... prometo pensar, preciso de um lar.

— Vê, no fim me fará um favor tanto quanto eu a senhorita. Não é por amor ou fantasia, senhorita, será uma conveniência que beneficiará a nós dois. Apenas seja gentil ao pensar sobre tudo o que conversamos.

— Eu serei.

— Obrigado por tudo — disse, a cumprimentando e a deixando para trás ao dar-lhe as costas e voltar pelo caminho que viera junto a ela.

Hunter achou que ao voltar para casa teria esperanças, mas não era isso o que sentia naquele momento. Estava sentindo o gosto de despedida e não entendia o porquê, afinal, ela prometeu pensar. Mas o sentimento estava presente e era algo que ele não estava sabendo lidar ou organizar dentro de si.

Poderia lidar com sua mentira, pedir desculpas quantos vezes fosse necessário, mas não poderia apagar o preconceito enraizado dentro dela. Não era só a tia que tinha vergonha dela, Anne parecia acreditar que realmente era inferior, o que não era verdade. Não era a mãe, tampouco deveria esconder-se de quem um dia a maltratara, pois jamais isso a ajudaria a superar sua história. Afinal, era sua linhagem, sua vida.



Anne observou as costas largas moverem-se de forma majestosa enquanto o duque tomava distância de si. Só então viu-se, novamente, sozinha. Voltou a sentar-se, olhando o ramo de flores em suas mãos. Gentileza... ela seria gentil com aquele pedido?

A quem estava querendo enganar?

Estava prestes a dizer sim, mesmo que o não rondasse sua mente. Estava confusa e dividida, sua razão gritando para que dissesse não, enquanto seu coração e sua esperança implorava-lhe um sim. A jovem era capaz de entendê-lo, mais do que imaginava. Bastou colocar sua raiva de lado que ao ouvi-lo, conseguia entender como sentiu-se ao conhecê-la. Bastava se lembrar de como o receberam no baile, como o olhavam.

Aquele homem era, em partes, uma incógnita.

Queria mais, precisava saber mais e tinha medo, medo dos sentimentos que agora apertavam seu peito de forma dolorosa.

— Anne! — Ouviu seu nome ao longe e só ao levantar o olhar, percebera que estavam cheios de lágrimas não derramadas, que a impediam de ver.

— Só um minuto — pediu, o coração a implorar por... ela não sabia dizer, sentia apenas uma dor estranha, algo apertando seu peito.

Limpou o rosto com o dorso das mãos, tomando coragem de voltar para dentro, respirando fundo. Ao adentrar a cozinha, quatro pares de olhos a observavam, olhos curiosos, atentos, sedentos por entender o que aconteceu entre ela e o duque. Até mesmo a cozinheira estava à espreita e imaginava que se os vizinhos pudessem, também estariam ali.

— E então? — a sra. Muller perguntou e Anne engoliu em seco.

— O cão morreu — disse Anne, não conseguindo segurar o choro e frustrando a sra. Muller cruelmente.

— O quê? — A sra. Muller chegou a balançar a cabeça, confusa.

Não tinha intenção de mentir, tampouco de dizer a verdade.

— O duque viera pessoalmente agradecer meus esforços para que seu cão ficasse bem, mas ele... se foi. — Não sabia o que estava fazendo, não mesmo, mas não podia contar a verdade. Pobre Masmorra.

— Era isso o que ele queria? — desta vez foi Victoria a perguntar.

Anne sequer conseguiu olhar para ela, sentindo uma lágrima correr por seus olhos.

— De fato. Foi gentil, não foi? — E essa parte não era uma mentira, pois ao dizer isso, ela olhava as flores em sua mão. Ele realmente fora gentil.

Um silêncio ensurdecedor varreu a cozinha, onde só se ouviu um soluço deixar os lábios de Anne. Logo Mary estava ao seu lado, segurando suas mãos e a olhando com certo pesar.

— Sim, querida, ele foi.

— De certo que sim. — A senhora Muller se sentou à mesa. — E eu imaginando que o homem viera pedi-la em casamento. Seria uma loucura, claro, ele é um duque e você... ah, querida. Sinto muito. Pelo cão e por não ser um pedido de casamento.

Anne soluçou mais uma vez, alto demais.

— Mamãe, não diga isso. O duque teria sorte em ter Anne como esposa.

— Ah, claro, claro. Não falo dela em si, minha filha, mas de sua linhagem. Austen jamais ousaria manchar seu nome, afinal, todos sabemos o que sua mãe era. Que Deus a tenha...

Anne levou a mão à boca, querendo cessar o choro, pois aquelas palavras a faziam chorar ainda mais.

— Chega, mamãe — Victoria falou alto, uma repreensão, e a mãe chegou a olhar feio para ela. — A pobre Anne está abalada com a notícia, deixe-a ir para o quarto.

— Era só um cão.

— Um cão que ela gostava. Não vê, o próprio duque veio aqui em pessoa dar a notícia.

Anne sequer olhava em direção das duas mulheres, via apenas Mary ali, ao seu lado, a afagando.

— Certo, suba, Anne, suba. Deixe que Mary sirva o chá.

— Sim, senho-ra. Com sua licença.

A jovem saiu, odiando o que acabara de ouvir. Sujaria o nome dele, sua linhagem... De repente, uma frase que o duque lhe dissera permeou seus pensamentos:

“E continuará aqui, como uma criada?”



CAPÍTULO 21

Aquela era a segunda noite em claro que Anne passara e começava a sentir os efeitos que isso lhe trazia. Sequer tinha saído do quarto naquela manhã e começava a imaginar o que faria. Naquele dia, deveria dar uma resposta definitiva ao duque e dependendo de qual fosse, teria também que contar a verdade para a sra. Muller ou inventar uma mentira para não ir a Londres com Victoria, que partiria em breve.

Ainda que soubesse em seu íntimo qual resposta daria, ainda assim, a dúvida a assolava.

Anne se sobressaltou quando bateram em sua porta, sentando-se na cama. Achou ser Mary, que enfim teriam uma conversa sobre o que vinha escondendo, já que ontem quando a governanta viera lhe ver, ela fingiu dormir para fugir de perguntas indesejáveis, para não chorar. Mas sabia que o momento de se abrir com Mary chegaria. Poderia enganar qualquer um, menos a mulher que praticamente a criou.

— Entre — pediu e sentiu o coração vir à boca ao ver Victoria entrar em seu quarto. Não era nem de perto quem ela esperava. — Oh, precisa de algo?

— Não, vim apenas vê-la. Saber como está.

— Tão cedo? — deixou escapar, não era comum aquele horário para uma dama.

— Enjoos. Eles têm me acordado bem cedo ultimamente — esclareceu e Anne encolheu os joelhos, abraçando-os. Não tinha nada contra Victoria, mas não gostava como a jovem mulher a olhava. — Não parece ter dormido muito, Anne.

— Dormir pouco. — Anne sorriu ao dar de ombros, não foi muito.

— Ou quase nada, eu diria, também andou chorando — ao falar, Victoria tinha carinho em suas feições. — Sei que o que mamãe disse ontem a magoou.

De fato, a magoou. Sua linhagem e inferioridade mexiam a fundo com ela, ainda mais ao ler a carta da tia. Antes não se preocupava com tal coisa, seu pai não se importava com isso e ela e achou que nunca precisaria, pois ainda que não encontrasse amor e terminasse seus dias como uma solteirona, seria em Vale Verde, no aconchego do seu lar.

— Não levei a mal, sua mãe faz muito por mim — disse de forma condescendente.

— Faz? Acho que a senhorita tem a recompensado muito bem, claro, tirando o fato de suas mentiras ontem. — O timbre de voz que ela usava era conciliador, era como se tudo nela espelhasse bondade e confiança.

Anne engoliu em seco. O que poderia dizer, estava cansada de mentir, afinal, não tinha ficado extremamente ofendida quando o duque fizera isso consigo?

— Eu não...

— Conheço a família Malford há tempos. Éramos todos crianças. Quer dizer, eu e a única filha do duque éramos bem pequenas, amigas, e por isso convivi entre eles. Por isso, eu sei que Hunter, agora o duque, não viria aqui apenas para lhe agradecer.

— Mas...

— Ele a pediu em casamento, não foi? — ela a interrompeu. Anne estava muda, poderia continuar mentindo? Queria? Não, não queria e por isso confirmou o que Victoria estava a perguntar com um simples aceno. — E você negou por algum motivo, não é?

— Ele mentiu para mim...

— Mentiu?

Anne perdeu algum tempo contando o que realmente havia acontecido entre ela e o duque, quando, na verdade, ela acreditava que ele não passava de um empregado em Green Hall. Victoria apenas ouvia com atenção, sem em momento algum interrompê-la. Parecia de fato interessada, até que Anne terminou seu relato, contando-lhe em como sonhava com um amor igual ao de seus pais e o medo de conviver em meio à sociedade.

— O que faço? — Anne perguntou, por fim.

— Amor... eu amo meu marido? — Victoria perguntou e Anne não sabia o que dizer. — O amor tem tantos significados, Anne, minha querida. Mas posso garantir que o amor romântico é para poucos. O que não quer dizer que outras formas de amor sejam menos bonitas e verdadeiras. — Anne não entendia bem o que ela queria dizer. — Sabe, Anne, eu cheguei a sonhar com o amor, acho que todos nós sonhamos com isso em algum momento. — Victoria era jovem, no entanto, parecia ter experiência de uma vida ao falar daquela forma, parecia uma velha conhecedora da causa. — Mas no fim, escolhi a segurança de um lar, de um homem que me ofereceu respeito. Acreditei que meu irmão faria o melhor por mim em escolher-me um marido e o fez. Devo dizer que Harold não é o mais belo entre todos, tampouco tem uma educação impecável de um cavalheiro, mas com certeza é o mais gentil e bondoso.

— Casou-se sem amor, sem ao menos conhecê-lo?

— Casei-me. Como quase todas as mulheres, mas o conquistei e deixei que ele me conquistasse com o tempo. Hoje posso dizer que o amo.

— Mas não é só isso, Victoria. Eu já teria me casado com ele, isso, se fosse o sr. Alford. O homem mal-humorado e de humor ácido, que não me levaria para Londres. Mas com um duque? Olhe para mim — pediu, pois no fim era o que realmente importava.

Desde cedo, Anne ouviu histórias da mãe, de como a alta sociedade e suas regras poderiam ser cruéis. Do preconceito que envolveu o casamento dos pais, tanto, que chegaram a praticamente banir seu pai do convívio da família. Como se não bastasse, teve a tia, que após a morte do barão, passou uma temporada com ela e com o pai em Vale Verde. Não foi muito tempo, mas foi o suficiente para mostrar para Anne que sua mãe tinha razão e que ela era inferior à educação que tia tinha, por exemplo.

— Estou olhando. Faço-o desde que cheguei aqui.

— Eu sou um desastre. Sempre fui e talvez sua mãe esteja certa, meu pai deveria de fato ter sido mais duro comigo. Não me deixado sonhar tão alto, buscar amor... do contrário, talvez eu não estaria aqui. Já estaria casada.

— E não conheceria Hunter. — Victoria abriu seus olhos e essa possibilidade fez seu estômago doer.

Chegou a abrir a boca para falar algo, da carta da tia, da noite em que... o sr. Butter tentou contra ela e do medo pungente de que escândalos maiores a seguissem, independentemente de ser uma duquesa ou não. Mas não tivera coragem de prosseguir.

— Anne, com boa vontade, absolutamente tudo pode ser aprendido — voltou Victoria a pontuar, já que Anne parecia perdida em dúvidas e pensamentos. — Com certeza, os olhos de toda a sociedade se voltariam para você nos primeiros dias, mas logo algo novo aparecia, ou um escândalo qualquer, e esqueceriam rapidamente. É como funciona, a sociedade se alimenta de escândalos e o que não falta na alta temporada é justamente isso. Um erro de etiqueta ou outro não mais importaria se fosse uma duquesa, tua linhagem não seria em absoluta trazida a público. Tua família não ousaria falar e você, muito menos. Não há o que temer, Anne. Não veja isso como uma prova de resistência, venha como

uma benção. Procure olhar todos os pontos positivos que casar-se com um duque lhe trará.

Anne engoliu em seco. Estaria cega pelo medo e pessimismo? Porque, ao ouvir Victoria, suas negativas e medos caíam todas por terra.

— Diga-me, Anne. Deu tua resposta definitiva?

— Não... ele pediu que pensasse.

— Ele a ama? — Victoria tentou e Anne quase sorriu de tal pergunta.

— O quê? Não, claro que não.

— Do contrário, por que insistiria assim? — Anne sorriu, negando o pensamento que fazia uma revoada de borboletas baterem asas em seu estômago.

A ideia de Hunter a amar era ridícula, mas em seu íntimo, a agradava como o paraíso.

— Pela forma com que nos conhecemos. Eu o vi como era, não um duque... não tive medo dele, não fugi de uma conversa, diria até que nos tornamos amigos — confidenciou, os olhos brilhando ao se lembrar de como era bom estar na companhia de Hunter. — Acredito que a guerra e o acidente, o deixaram diferente, amargo e... o título o faz temer aqueles que se aproximam por interesse. Foi o que entendi, pelo pouco que me deixou saber. Segundo ele, temos o que muitos não conseguiram; a amizade e é o bastante para um casamento conveniente.

— É mesmo? — Victoria perguntou, apertando os olhos em direção à Anne.

— Sim e eu o entendo... ao menos, acho que sim.

— Diga-me, Anne, ele falou do passado?

— Pouco... Por quê?

— Nada... por nada. Mas escute meu conselho, aquele é um bom homem, isso eu sei. Caso não o quiser, de todo o seu coração, diga não, Anne. Mas se for apenas medo do que irão pensar, da sociedade, esqueça tudo e se apegue à segurança que um duque lhe pode dar. Se já tem amizade entre vocês... ah, querida, ele está certo, vocês têm mais do que poderiam sonhar.

— Acha mesmo?

— E logo pode ter sua própria família.

E, pela primeira vez, Anne não viu mais o título de duquesa com medo, e sim como proteção. Ainda se o primo aparecesse ou se boatos sobre sua fuga do seu antigo lar a acompanhasse, ela seria uma duquesa e o primo... nada. Isso poderia o afastar.

— Caso eu diga sim, e for para Londres, me ajudaria? — pediu com sinceridade. — Pode me ensinar a ser uma dama?

— Minha querida... você já é — disse, dando coragem à Anne. — É uma joia, Anne, só precisa ser lapidada sem jamais perder o brilho que tem aí dentro do teu coração.

Anne levantou-se de súbito, com um sorriso radiante a brilhar em seu rosto. A verdade é que diria sim naquele dia, era isso o que seu coração gritava. Mas após aquela conversa, estava mais calma, mais certa do que faria.

— Preciso arrumar-me. Tenho um sim a dizer.

Sua frase fez uma Victoria rir, radiante.

— Sim, tem. E tenho o vestido perfeito para isso.

— Quer me emprestar um vestido?

— Com toda certeza, já é uma amiga para mim, Anne. Ganhou-me no instante em que mamãe disse como a trata com

carinho e afeto. Tem em mim uma amiga para a vida toda.

— E sobre Londres... eu iria contigo, mas...

— E agora irá com o duque, para casar-se com ele.

Anne riu. Ela seria uma duquesa. A duquesa de Austen!



“Não, não me caso contigo. Jamais me sacrificaria desta forma.”

Esta frase fora dita por Anne, em um sonho que acometeu o duque na noite anterior. Acordou assustado, com essas palavras a rondarem sua mente, como os lábios dela a dizer tal coisa. Perguntou se aquilo seria um sinal do que estava por vir ou se era apenas um castigo. Já não bastava os pesadelos com a guerra, com o acidente, Sarah e a morte, começaria agora a sonhar com Anne o negando de tal forma?

Hunter buscou o relógio mais uma vez, apenas para constatar que já era tarde e Anne ainda não aparecera. Ainda que fosse para lhe dizer não, ela viria, certo? Acreditava que sim, enquanto dava voltas pelo jardim da ala leste. Poderia imaginá-la ali, a cultivar suas próprias flores.

Deveria parar de imaginar coisas, ela poderia muito bem dizer-lhe não, mais uma vez, e o que poderia fazer com isso? Absolutamente nada. Não iria mais atrás dela, caso o fizesse, se Anne desse a ele uma resposta negativa e definitiva, Hunter não mais tentaria convencê-la. Não era esse tipo de homem. Com o pensamento, algo como medo ameaçou tomá-lo. Medo de não a ter?

O pensamento lhe sobressaltou e buscou em sua mente outros motivos. Sim, e os tinha. Era medo de buscar uma noiva na

próxima temporada. Isso, era isso. Não era medo de não a ter, apesar de que... jamais encontraria alguém como ela. Isso era certo.

Olhou para o cão correndo ao longe e negou o pensamento. Anne fizera bem até mesmo para o cão. Soltou o ar dos pulmões e decidiu voltar para dentro de casa. Já tinha cumprido sua caminhada matinal, algo que estava se tornando um hábito. Deveria ter começado antes, fazia realmente bem às suas pernas.

Fez o caminho de volta. Pensamentos conflitantes a tomá-lo. Pensava em Anne, no pesadelo daquela madrugada, em ir a Londres. Eram coisas demais no que pensar. Além do mais, naquela manhã, Oswald lhe tinha apresentado seu novo valete. Quando dizia “*novo*”, era realmente a juventude do rapaz a que se referia.

Lembrava bem que pedira para Oswald lhe trazer alguém que tivesse experiência, no entanto, o mordomo lhe trouxe alguém que mal saiu dos cueiros. Um primo seu, foi o que dissera. O garoto tinha o quê? Dezesete?

Sem falar que o jovem tremia como vara verde em sua presença. Ainda bem que não pretendia barbear-se, pois, com certeza o rapaz arrancaria seu pescoço com a navalha.

— Milorde. — Hunter ouviu assim que passou pelo vestíbulo, era Oswald.

— Ela viera? — perguntou com ansiedade.

Não contou do que se tratava para Oswald, mas deixou ordens implícitas a ele para que caso a srta. Craw o visitasse, que a levasse para onde quer que ele estivesse sem cerimônias.

— Se está se referindo à senhorita Craw, milorde, devo desapontá-lo.

— E o que diabos quer, Oswald? — rugiu, impaciente. Será que a infeliz não viria?

— A duquesa viúva o espera.

— Sarah? — disse, olhando para o mordomo. — O que diabos essa mulher ainda faz aqui?

— Como bem sabe, senhor, a duquesa não costuma dividir seus planos com seus criados.

Hunter apertou os olhos, travando a mandíbula.

— Uma hora irei demiti-lo, sabia?

— Milorde?

— Esqueça. Irei ter com ela e acabarei de uma vez por todas com isso.

Hunter adentrou a sala, indo para o corredor a passos ligeiros. A bengala a fazer barulho no assoalho de madeira nobre.

— Espero que seja breve, não tenho tempo ou paciência para ti — disse alto, adentrando o escritório.

Queria deixar claro seu humor inexistente, talvez assim, a mulher o deixasse em paz. Mas Sarah parecia decidida a não largar o osso.

— Vossa Graça — ela o cumprimentou, mas não sorriu como vinha fazendo nos últimos dias. — Serei breve.

— Imploro que sim.

— Diga-me de uma vez se não me quer, Hunter, e quando devo voltar.

— Por mim, já teria voltado o quanto antes para tua propriedade, na verdade, sequer teria vindo.

— Não seja tolo. Refiro-me à quando devo voltar para nos casarmos, quando realmente estará pronto para isso.

Hunter mal acreditava no que ouvia. Será que sonhou com tudo o que dissera a ela? Pois parecia que a mulher não tinha ouvido uma palavra sequer. Ou talvez, era cega e arrogante o suficiente para acreditar que ele seria incapaz de esquecê-la.

— Nunca. Devo dizer-te — disse pausadamente. Queria ter certeza de que desta vez Sarah entenderia e manteria distância. — Não brinquei contigo, isso não é um jogo. Eu realmente já escolhi a mulher com quem irei me casar e não é você. Não se prenda a um título, Sarah, não se prenda a mim, pois não me casarei contigo.

— Já pensou na possibilidade de amar-me profundamente, Hunter?

Aí estava. O jogo que ela adorava. Perguntava-se se tinha feito isso com William, se tinha jogado com as palavras, o manipulado com esse rosto de expressão doce.

— Explique-me, melhor.

— Acha que tanto ódio é fruto do que, exceto de amor? Me ama e me odeia na mesma medida, não esquece o passado, não supera o que tivemos ou fato de que me casei com teu irmão. Está na hora de esquecer o passado e assumir o que sente, Hunter. Aceitar que, no fundo, o que nutre por mim é amor.

Hunter esticou os lábios, na tentativa de um sorriso. O pior, é que estava cada vez mais claro, que Sarah realmente acreditava nisso. Em um amor que ele nunca superou.

— Traiu-me, Sarah. E por mais que eu busque entender teus motivos, sei que no fundo tudo o que queria era um título, que eu não poderia dar-te. Nunca realmente me amou e viu em nosso compromisso, uma forma de alcançar o fraco William. Manipulá-lo era fácil, não era? Ainda quando ele acreditava que estava sendo bondoso ao dar-te um ombro amigo para chorar, enquanto fingia preocupação por mim — disse e a pegou de surpresa ao revelar que estava ciente do que fizera. Chegou a duvidar de tudo isso quando

Kathe lhe contou, jamais pensaria tal coisa de Sarah. Cogitou até mesmo que o irmão tivesse forçado a casar-se com ele, usando da desculpa que provavelmente ele não voltaria da guerra vivo. Mas ao voltar ferido, viu quem realmente ela era. — Teu desespero por um título é tão grande, que estava disposta a pular nos braços de George, caso fosse ele a herdar o ducado. E acha mesmo, que após tudo isso, eu ainda poderia amá-la?

— Eu estava desesperada, em luto. E não manipulei ninguém... você tinha ido para a guerra com a promessa de retorno breve, mas se passaram quase três anos — defendeu-se. Seu rosto transparecia verdade, mas seus olhos não.

Eram olhos sem emoção, em uma mulher vazia de bons sentimentos.

— E já estava casada com William, o que revela que não foi desespero ou medo por minha morte — disse, já estava cansada daquela conversa. — Se quer manter um título, Sarah, proponho que busque outro lorde. Talvez no Almack's consiga um tolo bom o suficiente para ti. Mas caso não queira, não se desespere. Tem uma boa propriedade no campo e uma renda que é o suficiente para manter teu luxo para o resto da vida. Agora, dê-me licença, cansou-me o suficiente por um dia.

— Amo o que conquistei, Hunter, o respeito que o nome Austen me traz, e não vou desistir.

— Então, como eu disse há pouco, procure outro duque. É bela e jovem, logo conseguirá outro casamento, se é o que quer. Um duque ou até mesmo um príncipe, escolha. Tem minha benção para isso e minha proteção, caso não o faça. Mas terá apenas isso de mim.

— Já me esqueceu mesmo? Já se esqueceu de como me tocava quando não estavam olhando? — perguntou ela e se aproximou de Hunter, a passos curtos. Talvez por pegá-lo

desprevenido, o homem continuou no lugar, a olhá-la com espanto.
— Já se esqueceu de como tínhamos paixão, de como me beijava.

— Você mesmo disse, éramos jovens e imaturos.

— Éramos selvagens e perfeitos e ainda podemos ser. Quer relembrar como éramos? — Sarah estava ultrapassando os limites dos bons costumes.

Hunter deu um passo para trás, mas Sarah foi mais rápida ao colar seus corpos, os braços a prenderem em seu pescoço, seus lábios a tocarem os seus. Austen estava paralisado mediante o que via e sentia. Os lábios eram os mesmos, o cheiro era o mesmo... mas não mexeu com ele como no passado, não fez seu coração saltar, não era Anne.

Segurando os ombros delicados da mulher sobre si, Hunter a afastou, a olhando com... nada. Absolutamente nada. Tinha realmente se livrado do feitiço de Sarah.

— Vê... não pode negar que ainda me ama — ousou dizer e por minutos a acusaria de louca.

Um movimento próximo à porta de entrada chamou a atenção de Hunter, Sarah seguiu seu olhar, encontrando esferas azuis perfeitas em um rosto apático. Era Anne.

— Anne... — Ele tentou, mas era tarde, a jovem deu-se conta de que fora pega a bisbilhotar e deu-lhe as costas, saindo em disparada pelo corredor. — Por mil infernos. Anne! — gritou, indo o mais depressa que pôde até a porta, mas sequer conseguiu vê-la no corredor. — Espere, Anne! — Não adiantou, não a alcançaria mesmo que tentasse.

Negou, levando as mãos à cintura, sentindo o chão sumir de seus pés. O que diabos ela ouviu, o que diabos ela viu? Abaixou a cabeça e agora sim, seu coração batia descompassado no peito ao ponto de sentir o peito doer.

— Oswald! — gritou, alto o suficiente para espantar a dama atrás de si. Maldito fosse ele ao deixá-la entrar assim, maldita fosse Sarah. O duque voltou-se para ela.

— Quem é ela?

— Isso não interessa, saia daqui ou não respondo por mim.

— Tem mesmo alguém, Hunter? Comprometeu-me agora mesmo nesta sala e pensa em casar-se com outra?

— Comprometi a ti? Saia da minha frente, Sarah, saia agora mesmo e se tiver amor à tua vida, não volte mais a Green Hall ou ouse me procurar.

— Como é?

— Não irei me casar contigo e se esse foi um plano teu para me enredar em um enlace, saiba que falhou. Não a amo e tenho lutado dia após dia para esquecer o passado e é Anne quem tem me ajudado e é com ela que quero me casar. Com licença. — Ele precisava encontrá-la, devia-lhe mais uma vez uma explicação. O que diabos faria agora? — Oswald — rugiu novamente, deixando Sarah para trás e indo em busca de respostas.



CAPÍTULO 22

— Como partiu? Faz pouco tempo que ela estava em Green Hall, como poderia não estar mais aqui? — Hunter falava de forma apressada, deixando a senhora Muller confusa em demasia. — A senhora não estaria mentindo para mim, estaria?

— Humpf! — Bufou ela, nada satisfeita com aquela acusação. — Não sei o que fez à Anne, Vossa Graça, mas sei que fez algo. Pois quando voltou, tinha lágrimas nos olhos e quis partir. Tentou contra ela? Eu sabia que homens como o senhor não querem nada além de fazer dela uma meretriz.

— Ela chorava? — Ele poderia estar ofendido com o que acabava de ouvir, mas a única coisa com que se preocupou, naquela frase, foi com Anne chorando por algo que ele lhe fez.

— O que fez a ela? Diga-me, vamos... não é por que tem o título de um duque que pode se desfazer de jovens como Anne. O que conheço desde que usava cueiros e esperava mais de você, muito mais, Vossa Graça.

Hunter conhecia matronas como a sra. Muller, que achavam estar acima de qualquer título devido à idade e falta de freio na língua.

— Eu... eu... diga-me a senhora, para onde ela foi? — Perguntou com aflição e notou a confusão no rosto surrado pelo tempo da senhora à sua frente.

A sra. Muller estava confortavelmente sentada em sua poltrona, próximo à janela, e pouco parecia importar-se com o desespero de Hunter, apesar de manter-se surpresa com sua presença ali.

— Não, eu não sei.

— Não sabe? Ela estava sob seus cuidados, sua protegida, como a deixaria partir? Afinal, sabe que ela não tem família, não tem

ninguém que queira protegê-la.

— E é o que quer, Vossa Graça, protegê-la?

— Não como a senhora supõe. Jamais faria qualquer coisa para com Anne, jamais a magoaria de modo pensado e iria contra sua honra a fazer tal proposta de que me acusa. — Estava impaciente com as insinuações daquela senhora, além de sentir raiva e remorso. Não sabia como organizar os sentimentos dentro de si, mas começava a apertar seu peito ao ponto da dor. — Digame ao menos um lugar...

A mulher o olhava dos pés à cabeça, com certo ar preguiçoso. Como se quisesse castigá-lo ao fazer com que esperasse sua boa vontade em dar-lhe explicações.

— Tudo o que vi, foi ela sair apressada, mas, pelo horário, suponho que tenha pegado a diligência para Londres.

— Londres? Mas... — Teria ela ido para a casa da tia? — Obrigado, senhora Muller. Devo partir imediatamente.

— Irá atrás dela? — especulou com interesse óbvio, chegando a deixar o corpo pender um pouco para frente.

— Com sua licença — disse apenas, partindo em seguida rumo à carruagem que o esperava na porta da residência Muller.

Hunter sabia que Anne jamais iria procurar a tia, não depois daquela maldita carta. Sendo assim, a única pessoa que restava em Londres para ela, era o barão. Apesar de que, a carta também o citava. Inferno. Àquela altura toda família nobre que se prezava já estaria em Londres para a temporada e o barão não deveria ser exceção. Ainda assim, tinha dúvidas se ela procuraria o tio, era quase certo que assim como a tia, ele também não a queria.

Talvez até a mandasse para longe, a fim de mantê-la longe dos olhos curiosos da alta sociedade.

Inferno de confusão em que se meteu.

A ida dela era uma resposta sobre o pedido que fizera no dia anterior, sendo assim, ele deveria aceitar e deixá-la em paz. Mas algo nessa ideia fazia seu estômago embrulhar, pois sabia que ela pensava mal dele após ver aquela cena em sua biblioteca e percebeu que ele queria mais que tudo esclarecer as coisas. Afinal, por mais que ela tivesse ido dizer-lhe não, jamais suportaria que Anne pensasse mal sobre suas intenções para com ela.

Caso tivesse as duas pernas saudáveis, com toda certeza iria para casa apenas pegar um cavalo e partiria atrás da diligência. Poderia até mesmo alcançá-la. Mas não era essa a sua realidade, longe disso, ele precisaria usar a carruagem.

— Por mil demônios! — rugiu, esmurrada o interior da carruagem, enquanto ela se deslocava de volta a Green Hall.

Estava furioso consigo, com Sarah e com Anne por ter partido. Por que diabos não fez um escândalo, gritou, o xingou, assim, teria ao menos dado a ele tempo de explicar o que vira. Mas não, tinha que ser diferente até mesmo nisso e sair correndo, fugindo para longe.

Mas ele merecia isso, sim. Por cair em uma armadilha orquestrada por Sarah, por permitir que ela se aproximasse que fosse um passo de si. Deixou a carruagem e subiu as escadas da mansão, sentindo uma fisgada de dor subir por sua perna e não importava o quanto doesse, ele não iria deitar-se.

Ao passar pelo balaústre, deu de cara com Oswald à sua espera, uma expressão culpada tomava o rosto do mordomo.

— O que posso fazer pelo senhor, milorde?

— Arrume tudo, vamos para Londres — disse seco, indo direto ao seu quarto.

Sequer queria parar para pensar naquela decisão, sua vontade era uma só, encontrar Anne e nem queria pensar no motivo de tanto querer se explicar para ela. Iria em busca dela, só que, primeiro, precisava descobrir onde diabos estava. Para sua sorte, se tinha alguém que poderia saber das últimas fofocas de Londres e quem quer que fosse que acabara de chegar, esse alguém era a condessa de Helein, sua irmã.



A viagem não fora gentil para Anne. Perguntava-se naquele momento se fizera o certo ao pegar alguns poucos pertences e ir para Londres com Victoria, a mulher gentil que ao vê-la chegar aos prontos, logo lhe ofereceu uma saída, um refúgio, mesmo sem saber o que tinha acontecido. Agora estava no quarto, sentada na cama a refletir sobre tudo o que passara nos últimos dias.

Em uma tentativa tola de fugir, acabou indo para o último lugar no mundo ao qual imaginara ir. Pedia apenas, em seu íntimo, que ao fugir de um infortúnio, não caísse em outro.

Seus olhos ardiam, queimando feito brasa e inchados por tanto chorar. Não queria derramar tantas lágrimas por conta de um homem mentiroso e mau caráter como o duque, mas estava profundamente machucada, sem conseguir apagar de sua mente o que viu em Green Hall. Como ele pôde insistir tanto para que o aceitasse e beijar outra?

Anne fechou os olhos, obrigando-se a não chorar. Queria apenas que seu coração não doesse tanto. Já bastava todo o cansaço e a dor de cabeça que acometera, um preço a se pagar pelo choro incessante. Estava ela a olhar a noite começar a cair pela janela do quarto quando ouviu uma suave batida na porta. Apenas suspirou, só queria permanecer trancada naquele quarto.

— Entre... — pediu e não demorou para que Victoria entrasse pela porta, com um sorriso afável em seu rosto.

— Diga-me, se sente melhor, minha querida?

Anne sentiu o choro se formar em sua garganta novamente, fazendo-a doer. Mas obrigou-se a engolir o choro. Durante a viagem não pôde mentir para Victoria, tampouco conseguia contar detalhes do que aconteceu. Apenas pediu-lhe tempo para que pudesse desabafar sobre tudo o que viu naquela manhã, o que deixou Victoria de orelhas em pé. A dama mostrou-se de fato uma boa amiga, sem perguntas e imposições, o que Anne agradeceu.

— Estou melhor... na verdade, não entendo por que deixei que tudo me abalasse tanto, dado as circunstâncias. Eu nem mesmo queria dizer sim...

Victoria veio em sua direção, sentando-se ao seu lado e pegando a mão delicada na sua.

— Acredito que ainda não queira me contar o que aconteceu, sim? — Seria ingratidão se dissesse não? Apenas negou com a cabeça. — Anne, em algum momento se deu conta de que está apaixonada por ele?

Anne a olhou e então sorriu, para em seguida gargalhar sem humor algum ao levantar-se da cama.

— Não, isso jamais. Em momento algum foi paixão. Apenas aconteceu, uma coisa levou a outra, a uma conveniência. Era apenas isso. Jamais me apaixonaria por alguém como ele. — Estava mesmo dizendo a verdade ou estava tentando se convencer disso para não mais chorar?

— Então por que chora tanto? Não sei o que aconteceu entre vocês, mas suponho que os planos do sim foram frustrados de alguma forma. Ainda assim, pergunto-me, por que está tão abalada se não o ama? — Ela poderia responder àquela pergunta? — Olhe

para si, sequer deixou o quarto hoje, ainda está de camisola — insistiu Victoria.

— Ora, eu... — Poderia dizer muitas coisas, mas todas pareciam mentiras até mesmo para si. O riso morreu e ela não soube o que responder para Victoria, que a olhava com pesar.

— Vou lhe dar mais tempo para pensar sobre isso, falemos disso amanhã, hoje recebi um convite excepcional e quero que vá comigo.

— Um convite?

— Sim. Uma amiga muito querida nos convidou para jantarmos com ela. Fez isso assim que soube da minha chegada. Será algo simples, íntimo, apenas a família e nós duas. Meu marido iria se estivesse aqui, mas não é o caso. O que me diz?

— Victoria, eu...

— Não me diga não. Não quero ir desacompanhada e será bom para você sair dessas paredes. Foi você mesma que acabou de dizer que unir-se ao duque seria uma conveniência e se é um casamento conveniente o que quer, onde melhor poderíamos arrumar um marido para você, exceto em Londres?

Anne engoliu em seco. Não estava pronta para isso, não mesmo. Mas não frustraria sua anfitriã.

— Claro, eu irei.

— Ótimo, como isso me deixa em êxtase, minha querida, Anne.



CAPÍTULO 23

A suntuosidade na mansão da condessa, localizada em uma das principais ruas de Londres, deixou Anne surpresa. Ao chegar à capital, seu desconsolo era tamanho que sequer prestou atenção nas ruas, nos detalhes, mas agora via como as luxuosas mansões de Londres eram esplêndidas. O mais perto que chegou de algo tão opulento foi na mansão do duque de Austen e se perguntava o que a condessa acharia dela ali em sua casa, destoando de todo e qualquer ambiente pomposo.

O mordomo as conduziu para a sala de visitas e não demorou muito para que uma jovem dama, com cabelos negros em um delicado penteado no alto da cabeça, aparecesse pela porta que, minutos antes, saíra o mordomo.

Anne estava estática e nervosa enquanto observava a mulher se aproximar de ambas, com um sorriso afetuoso em seu rosto e olhos verdes brilhantes. Por instantes, Anne teve a impressão de conhecê-la. Suas feições eram familiares, parecia com alguém que ela já vira, mas quem? Foi interrompida de chegar a uma conclusão pela doce voz que tomou o lugar.

— Mal pude esperar para vê-la, minha querida Vic. Senti tanta saudade, tenho tanto a dizer — disse, ao pegar Victoria em um abraço saudoso. Anne notou que realmente as duas pareciam ter uma amizade verdadeira e, em um primeiro momento, teve as melhores das impressões da condessa.

— Eu também. Nos comunicar apenas por carta foi muito pouco, já não aguentava mais.

— Deveras. Mas vamos, me apresente à sua amiga — disse a condessa, se aproximando efusivamente de Anne e tomando suas mãos nas dela. O olhar da jovem mulher era penetrante e Anne poderia jurar conhecer aquele olhar. Mas seria loucura tamanha comparação. — Ou melhor dizendo, nossa amiga. Pois se é uma amiga de Victoria, já a considero minha também.

— Ah, condessa, bondade sua. — Tentou Anne, fazendo uma medida, mas foi interrompida.

— Pelo amor de Deus! — Ouviu aquela exclamação ser feita entre risos. — Sem cerimônias, estou farta delas. Para ser sincera, quero que me chame de Kathe, nada de títulos.

Realmente aquela era uma mulher gentil, sua primeira impressão não estava errada.

— Sou Anne. Anne Craw — apresentou-se um tanto tímida.

Aquela era a primeira vez desde que chegou a Londres que pôde sorrir de forma verdadeira e grata. Talvez Londres não fosse tão ruim quanto pensava, afinal, ali estava uma condessa a tratando como amiga.

— É um prazer imenso, Anne. Sinta-se à vontade. — A condessa apertou mais as mãos de Anne antes de soltá-las e olhar dela para Victoria, que observava com deleite aquela interação. — Sentem-se e me contem como foi o inverno de ambas e, pelo amor de Deus, diga-me como está meu sobrinho aí dentro, Vic.

— Fazendo um pandemônio — disse Victoria, de forma teatral, fazendo as demais damas rirem. — Estou enjoando como nunca, Santo Deus. Não me disse que era assim, Kathe. Só me contou as partes boas.

— Se contasse, a teria impedido de engravidar, minha amiga? — questionou, levantando uma sobrancelha, fazendo as faces de Victoria corarem. — Uma curiosidade — chamou a condessa a atenção das duas, olhando para Anne —, disse que seu sobrenome é Craw, algum parentesco com a família do barão de Hamufh?

Anne sentiu o estômago esfriar, tamanho o desconforto que sentiu com a pergunta. Mas é claro que perguntariam, era seu sobrenome, logo fariam tal associação.

— Sim. O barão é meu tio.

— Oh... então lady Byron...

— Minha tia — Anne confidenciou, o intimismo a deixando na defensiva.

— Ah... entendo... entendo. — Anne notou então, pela primeira vez, a condessa a olhar com escrutínio, dos pés à cabeça.

Preocupou-se, afinal, a menção do parentesco com um barão deveria ser algo bom, não? A menos... que boatos envolvendo seu nome tivessem chegado a Londres.

— Anne não tem muito contato, Kathe — começou Victoria, tirando a atenção da condessa de Anne. — Ela morava em um vilarejo um tanto distante com o pai e sequer viera a Londres para sua apresentação à rainha ou para uma temporada que seja.

— Então... não tem contato com lady Byron? — As palavras agora saíram com mais interesse, seus olhos voltando-se para Anne.

— Não, não tenho. — Não passou despercebido para Anne que sua negativa foi bem recebida pela condessa, que até voltou a sorrir.

Anne perguntou-se se a mulher à sua frente tinha algum desafeto com sua tia. Afinal, aquela seria uma dama que, com certeza, Elisa Byron tentaria conquistar.

— Sendo assim, como viera para Londres sob a tutela de Vic?

— Ah... eu... — Anne poderia dizer o quê? Que fugiu de um duque?

Quer dizer, não seria bem uma fuga se ele tivesse desistido do pedido feito a ela, fazendo-o àquela que estava beijando com tanta intimidade. Sentiu o rosto queimar com a lembrança e o

coração palpar. Ouviu bem quando a dama dizia que ele ainda a amava, o que queria dizer que já se conheciam. E se era verdade, talvez ela estivesse ali para resolverem suas questões. Sequer sabia quem ela era, pois não soube como descrever a dama com precisão para Victoria.

— Ela estava passando uma temporada com mamãe. — Anne voltou a si ao ouvir Victoria, tentando se prender ao momento e não divagar. — Eu a roubei para minha companhia por um tempo, um bom tempo, se ela assim quiser.

Ao ouvir aquelas palavras, Anne se deu conta de que o destino não era tão ruim assim para com ela. Apesar dos pesares, conseguia encontrar pessoas bondosas e amáveis.

— Que perfeito. Fico feliz em saber, assim, sei que não estará sozinha enquanto Harold estiver fora. Mas...

— Milady, o jantar está servido. — A condessa foi interrompida por seu mordomo e se levantou com certa euforia.

— Excelente. Mandei que preparassem o melhor para nós, incluindo, claro, sua sobremesa preferida, Victoria. Andem, vamos.

— Onde está lorde Henlein?

— Sem homens esta noite. Seremos apenas nós três. Mandei que fosse ao clube, precisava de tempo e privacidade para que pudéssemos conversar — a condessa dizia com naturalidade e divertimento, enquanto as guiava para o que Anne acreditava ser a sala de jantar.

Pôde prender-se nos detalhes do lugar, que tinha as paredes cobertas de cor azul-céu, com detalhes dourados. O piso era coberto por um veludo de azul-escuro, para ter em contraponto, outro tapete maior, da cor das paredes, mas com alguns mosaicos em branco e dourado que davam um belo contraste. Um lustre pendia em meio à sala de visitas, assim como na sala de jantar. A mobília seguia o tom azul, que provavelmente deveria ser a cor

preferida da condessa, além do dourado. Aparentemente, Kathe gostava do estilo chamativo, a julgar pelos quadros espalhados nas paredes, vasos e flores.

Era uma bela casa, com uma bela decoração a ser admirada.

— E as crianças? — Victoria perguntou ao estarem na sala de jantar.

— Dormindo. Minhas pequenas pestinhas estão impossíveis e lindos a cada dia que passa — dizia a condessa enquanto as conduzia para a mesa de jantar. Anne notava cada pequeno detalhe, desde o balaústre em mármore dourado junto à lareira, aos castiçais perfeitamente colocados sobre a grande mesa de jantar, posta apenas para três. Nas paredes, que seguia o mesmo tom da sala, era coberto, do que Anne acreditava ser, toda a geração familiar do conde. — Vic... já que estive em Countyham, você o viu? — Kathe perguntou assim que se sentaram. Anne olhou para Victoria, à espera de uma resposta, a fim de saber quem era ele.

Já Victoria também olhava para Anne de forma astuta, ela não entendia o motivo. Antes mesmo que pudesse levar o guardanapo à perna e ouvir o que Victoria tinha a responder, um barulho soou vindo da entrada da mansão. Vozes nervosas e estridentes a ecoar pelas paredes, e uma dessas vozes Anne conhecia bem.

Seu apetite, que já era pouco, tornou-se inexistente e a bile veio à garganta tamanho nervosismo que sentiu. Só poderia ser uma brincadeira de muito mau gosto tudo aquilo.

— Desde quando preciso ser anunciado para minha própria irmã? Por mil demônios, homem, sabe com quem está falando? — Ao olhar por sobre o ombro, Anne pôde ver, com verdadeiro espanto, o exato momento em que Hunter, o duque de Austen, adentrou a sala de jantar. Fazendo o uso de uma carranca de dar medo a qualquer criatura. A jovem sentiu de imediato as pernas bambearem.

— Katherine, precisamos conversar com urgência! — disse ele com uma voz de trovão.

O duque olhava diretamente para a irmã e parecia cego para os demais ali presente, não a notando. Talvez o fato de estar de costas para ele facilitou passar despercebida e implorava que continuasse assim. Anne voltou o rosto para frente com rapidez, fixando o olhar em suas mãos. Era mesmo ele, mas o que fazia ali?

“Creio que sim, se casou com um conde, parece levar uma vida feliz. É o que dizem”, a frase veio à sua mente. Frase essa que ouviu dele. Não poderia ser... Victoria não a traria para a casa da irmã do duque, ou traria?

— Hunter! — exclamou a condessa com espanto exagerado, se colocando de pé e Anne não pôde dizer se ela parecia contente ou com raiva ao vê-lo. — Mas... o que faz aqui?

— Tenho urgência em falar contigo, preciso de uma informação. Venha, falemos em particular — pediu ele, se aproximando mais da condessa que permanecia uma estátua. Parecia não acreditar que ele estava bem ali à sua frente. Anne não pôde fugir da força que a impelia a olhá-lo. Tomando um gole de arrependimento em seguida, quando o duque enfim a viu ali. Aparentava cansaço, com olheiras escuras embaixo dos olhos verdes, que pareciam pedras. Anne pôde ver surpresa e alívio tomando sua face. — Anne...

Por um instante, o tempo pareceu parar, as pessoas sumirem e até mesmo a luz, restando apenas ela e Hunter ali, em uma troca de olhar carregada de sentimentos. A jovem precisou usar todo seu autocontrole para voltar ao momento, conseguir ao menos falar.

— Vossa Graça. — Anne fez de tudo para que sua voz soasse minimamente endurecida, mas falhou miseravelmente. A atenção de Hunter estava sobre si e em dois passos, ele estava ao seu lado.

— Já achei quem eu queria, nossa conversa pode ficar para depois, Katherine. — Ele sequer olhou para a irmã enquanto falava, aquele tom de comando que Anne tanto odiava estando presente. — Quanto à senhorita, precisamos conversar — e, dizendo isso, o duque deu-lhe as costas, parecia ter a certeza de que ela o seguiria, o que não era o caso. Anne pôs-se de pé, mas não se moveu.

— Não temos o que dizer, milorde. — Altiva e de nariz em pé, Anne deixou as palavras saírem, fazendo o duque parar e se voltar sobre os calcanhares, parecendo intimidador, voltando para perto dela tão rápido quanto da primeira vez, ficando a centímetros de seu rosto.

— Quer mesmo ter esta conversa aqui, na frente de todos? Pois eu não vou embora sem falar com a senhorita, tampouco me importo de expor o que temos — disse baixo, mas Anne tinha a certeza de que todos ali ouviram bem. Não ousou olhar para as damas à mesa, sentindo a mão grande do duque se fechar ao redor de seu braço, a conduzindo junto a si.

— O senhor não ousaria.

— A senhorita quer mesmo testar-me? — Ela não queria, pois via determinação genuína naquele olhar.

— Hunter, o que... — A condessa tentou ser ouvida, mas não surtiu efeito algum.

— Vou usar sua sala particular, ordene ao seu mordomo para mostrar-me o caminho — pediu, olhando diretamente para a irmã ao dar a próxima ordem. — E não ouse nos seguir, interferir ou ouvir atrás da porta, está avisada — impôs com uma carranca profunda, saindo dali e levando Anne consigo.

Anne, naquele instante, até mesmo agradecia-o por segurar seu braço, imaginava que caso não o fizesse, suas pernas esqueceriam como andar. Suas mãos suavam e suas pernas tremiam como vara verde. Ambos se mantiveram calados ao

seguirem o mordomo pelo corredor e só esteve livre do seu agarre ao adentrarem o cômodo indicado. Virou-se com uma raiva feroz em seu peito, queria confrontá-lo e mandá-lo ao inferno, mas o duque estava fechando a porta e demorou-se tempo demais ali, de costas, parado em frente à porta.

— O que pensa que está fazendo? — gritou, sim, ela gritou. Não se importava com o fato de ser ouvida. Só então teve a atenção do homem à sua frente, olhando-a, e seu rosto parecia esculpido em pedra. A cicatriz próxima ao olho esquerdo, deixando-o ainda mais feroz.

— Eu? — rugiu, parecia inconformado. — Você fugiu de mim como uma fera assustada, sem sequer deixar um endereço, fazendo-me vir atrás de ti e ainda pergunta o que estou fazendo?

— Pois que não me procurasse. Ora essa, vir atrás de mim, por qual motivo, Vossa Graça?

— Deixe de tolices, Anne, não me venha agora com *Vossa Graça*.

— É o que o senhor é. Posso chamá-lo de milorde, se preferir. — Anne observou o homem ficar impaciente, passar a mão grande pela barba e cabelo, os bagunçando.

— O que viu naquele dia... — Tentou ele, mas Anne recusou-se a ouvir.

— Não me interessa o que quer que fosse. Não mais. Não sei por que está aqui, mas deixe-me esclarecer algo para o senhor, para que não perca seu tempo. Se me arrastou até aqui para me impedir de falar com sua irmã sobre nós, milorde, fique tranquilo, nada direi. Jamais. Para mim, o senhor morreu e rogo pelo dia que eu esqueça o momento em que o conheci, Vossa Graça.

Anne engoliu em seco com aquelas últimas palavras e enquanto olhava o rosto do homem à sua frente, jurava ver fogo sair de seus olhos com o que dissera.

— Ao inferno com Vossa Graça. Acha que vim até aqui para te impedir de dizer algo?

— O que sei, é que após o que vi, acredito que já não espera uma resposta minha. Não lhe devo absolutamente nada, nem o senhor a mim. Portanto, peço que abra a porta e deixe-me sair — disse ela, passando por ele. Anne só queria distância, pois sentia um bolo preso em sua garganta ao ponto de explodir em lágrimas e não queria fazer isso em sua frente.

— Um dia, eu amei, ou achei ter amado — disse Hunter subitamente e Anne parou de costas para ele, imóvel. — Eu era jovem demais, um tolo. Foi antes mesmo de ir para a guerra. A dama em questão era perfeita e parecia compartilhar dos meus sentimentos. — Anne perguntou-se o que viria a seguir, se deveria continuar a ouvi-lo. No fim, não tinha muita escolha, ainda que quisesse sair, suas pernas pareciam presas ao chão. — Prometemos amor eterno um ao outro, eu era o segundo filho de um duque, pronto a fazer carreira militar e ela era a joia da sociedade, sua primeira temporada. Um diamante em ascensão. — Cada palavra parecia reverberar em seu peito, atingi-la e pôde sentir o pesar que Hunter deixava transparecer em sua voz. Não entendia aonde ele queria chegar, mas queria saber mais. Pois aquela era a primeira vez em que ele falava do passado por vontade própria. — Firmamos compromisso, fui para a guerra e ela prometeu esperar-me. Demorei mais tempo do que imaginei e ao voltar... ela estava casada com outro, com meu irmão mais velho. Quem realmente deveria ser o duque de Austen. — Anne então virou-se para fitá-lo, em choque e seus olhos pareciam distantes, opacos como pedras.

— Eu sinto muito... — conseguiu dizer, tentando imaginar o que aquele desalento causou a Hunter, anos atrás.

— Dias depois de minha volta, perdi minha mãe. Fiquei tão atordoado, perdido e decepcionado que não consegui permanecer em Green Hall até o fim de minha licença. Não conseguia olhar meu irmão ou... ela, e não sabia como superar a perda de minha mãe.

Acabei me juntando ao exército muito antes do que deveria, usando o campo de batalha como consolo — disse, dando um passo em direção à Anne. — Querendo ou não, aprendi a viver em meio à poeira, sangue e fumaça e aprendi a gostar da sensação de comando e até de matar, apesar de nunca ter confidenciado isso em voz alta para ninguém. — Anne deveria chocar-se com o que dizia, mas não conseguia. Sentia apenas empatia pelo homem à sua frente, tentando entender o que realmente aconteceu em seu passado. — Ao menos ali, eu tinha a sensação de controle em minhas mãos, claro, era falsa, mas a tinha. Continuei a lutar pelo país, pelos meus homens, tentando não pensar em minha família, na mulher que naquele momento eu odiava. Mas não demorou tanto para que até mesmo isso, fosse tirado de mim, quando fui gravemente ferido — conforme ele falava, Anne sentia seu coração diminuir no peito, imaginando toda aquela história sórdida. — Para a minha família, acharam que eu estava morto, não tiveram mais notícias além da que eu havia sido ferido; para o médico, eu morreria logo e, para o meu batalhão, eu estava inútil. Pensei por muito tempo que era melhor se eu tivesse morrido realmente, senhorita...

— Não diga...

— Isso? Não digo, nunca disse, mas pensei e tal pensamento era tão reconfortante que, por vezes, eu quase me entreguei à vontade de matar-me. — Anne não duvidava nem por um segundo do que ele dizia. — Mas eu resisti, não por inteiro, como sabe, porém, fui contra todas as probabilidades. Por algum motivo, que eu nunca entendi, eu sobrevivi. Quando não mais acreditavam que eu voltaria, conseguiram trazer-me para o lugar que um dia foi meu lar. Ao voltar, eu a vi novamente, mas desta vez, ela estava viúva...

— Seu irmão tinha...

— Por isso, herdei o título. Sou o segundo filho, não deveria ser meu.

— Oh, Deus... — Estava horrorizada, além de sentir a imensa vontade de tirar a dor que via no rosto do homem à sua frente.

— Não achei que na condição que eu estava, poderia assumir o título, mas não havia muitas opções.

— Sua cunhada?

Hunter soltou o ar, devagar, olhando para a parede ao lado. Talvez fosse difícil falar. Contudo, o duque não voltou a falar de imediato, indo até próximo à lareira e fixando seu olhar nas chamas ali acesas.

— A dama que eu um dia amei, estava diferente e não de um modo bom. E talvez poderia ser minha mágoa a dizer isso, mas ela acabou por mostrar que não. Que, na verdade, meu único erro foi acreditar que um dia ela correspondeu o que eu sentia por ela. — Ele parou novamente, como se buscasse estímulo para continuar. — Sarah vestia preto, estava de luto, mas também estava preocupada com seu título.

— Como assim? Para continuar a ser a duquesa, ela precisava...

— Casar-se com o próximo duque de Austen e seu empecilho era a minha pessoa, meu retorno. Pois ao ver-me, a dama sentiu completo horror ao meu rosto, minhas cicatrizes.

— Minha nossa. — Anne agora começava a entender o comportamento de Hunter, sua inabilidade atual de acreditar no amor, sua amargura. E o viu voltar a olhá-la.

— O que estou contando, Anne, não é para que tenha pena de mim ou algo do tipo, não é esse sentimento que quero que sinta por mim. O que estou compartilhando contigo, apenas é para explicar o que acha que viu em minha biblioteca.

Hunter deu um passo em sua direção e Anne não se moveu.

— E o que eu vi?

— Apenas a intenção de uma dama viúva em manter o seu título.

— Aquela senhora... era ela?

— Sim, lady Sarah Malford, a duquesa viúva de Austen. Após cinco anos, ao saber que minha condição física havia melhorado, Sarah achou que poderia aturar minha aparência e casar-se. Acredito que sua espera se devia à esperança de que eu viesse a morrer. Como vê, não é o caso.

— Por Deus, o que o senhor diz é absurdo. Como alguém pode ser tão... tão... inescrupulosa?

— Pode imaginar minha decepção ao ver-te ali, Anne? — disse, a chamando pelo primeiro nome. As letras a correrem macias por seus lábios, como se fizesse um carinho em seus ouvidos. — Segui atrás de você momentos depois, apenas para ouvir da sra. Muller que havia ido embora. Devo confessar que aquela diaba de saias dificultou minha vida ao dizer não saber do teu paradeiro.

— Não veio impedir nada.

— Não. Sequer sabia que estava aqui. Vim por você, tem uma resposta a me dar, senhorita Craw. — Anne estava olhando-o, de todas as formas em que sua criativa mente poderia imaginar o fim daquela noite, aquele era o último ao qual imaginaria. — Não retiro nenhuma palavra dita antes, nada, e ainda espero uma resposta tua. Não prometo amor... não acredito em amor, prometo amizade, proteção e noites aquecidas.

“Não prometo amor... não acredito em amor.” A frase deu voltas em sua mente. Ela acreditava...

Anne viu o duque dar dois passos à frente e, por instinto, afastou-se, colando as costas na porta atrás de si, seu coração galopava no peito com uma velocidade invejável, suas pernas se

tornando como gelatina. Não pôde fugir da aproximação de Hunter, sequer tinha tal intuito.

— Mas eu não...

— Foi dizer-me sim naquela manhã, não foi? — perguntou, e agora nos olhos verdes tinha algo como esperança ao olhá-la. Anne nada disse, estava muda. — Case-se comigo, Anne, pois a quero ao meu lado, como minha duquesa.

Anne estava presa naquele olhar que agora parecia iluminar-se novamente. Ela estava sendo pedida em casamento, mais uma vez, pelo mesmo homem.

— Ela disse que a amava...

— E se tivesse chegado momentos antes teria ouvido minha recusa a qualquer investida. Não estou a enganá-la, Anne. Sei o que parece, mas não a amo. — E ali estava ele.

O homem que sempre fugiu de perguntas estava agora revelando seu passado, abrindo-se para ela e parecia estar sendo sincero. Em especial, ao dizer mais uma vez não ser capaz de sentir amor. Mas ela não esperava amor, não mais, e sim proteção.

Não houve tempo para pensar mais ou reagir, os lábios de Hunter tomaram os seus. De início, ele apenas os colocou aos dela, de modo calmo e significativo. Anne sentiu-o percorrer a língua em seu lábio inferior, como se quisesse prová-la. Seus olhos ainda estavam abertos, mas rendeu-se ao desejo que a tomou ao sentir sua carícia. Hunter forçou a língua para dentro de sua boca e Anne a abriu, fechando os olhos, as mãos indo de encontro aos cabelos em sua nuca.

Sentiu o espaço acabar entre os dois quando Hunter colocou seus corpos, a empurrando mais contra a porta e enlaçando sua cintura. Anne mal podia entender o que estava acontecendo, apenas sentir cada toque, enquanto a língua do duque procurava a

sua. Com uma de suas mãos a subir pela sua cintura, perpassando sobre o busto do vestido e acariciando seu pescoço até seu rosto.

Foi instintivo a forma como se entregou àquela carícia, imitando os movimentos sedentos que Hunter fazia em busca de sua língua. Ela apenas se permitiu inebriar-se pelo cheiro dele. Algo almiscarado, misturado ao leve cheiro de charuto e suor.

Um latejar inesperado e desconhecido subiu por suas pernas, parando em seu baixo ventre conforme sentia o quadril do homem resvalar o seu. Era uma sensação nova e igualmente deliciosa.

Aos poucos, o beijo foi tornando-se mais calmo, lento, até sentir pequenos beijos sendo deixados em seus lábios. Descendo por seu queixo em direção ao seu pescoço.

— Diga que sim, Anne — disse ele, os lábios não deixando sua pele, a carícia não a permitindo abrir os olhos. Sentia seu corpo mole. — Diga que aceita e seja minha, Anne.

Ainda inebriada, a dama abriu os olhos quando as carícias pararam e sustentou o olhar de Hunter, que tinha um pequeno sorriso nos lábios. *Ah... como um pequeno sorriso que fosse, o deixava belo.*

— Sim, serei sua.



CAPÍTULO 24

Hunter sorria e não se conteve ao puxar Anne para si mais uma vez e beijá-la, desta vez de forma contida, rápido. Talvez, aquele gesto seria como fariam dali em diante algumas vezes ao dia, pois já não cogitava de modo algum uma vida em matrimônio longe de Anne. De qualquer forma, estava naquele momento tentando controlar os sentimentos que batiam em revoada em seu peito, o de mais puro contentamento.

Estava inebriado pelo cheiro doce que ela exalava, pelo alívio por ter conseguido explicar-se para ela. Até mesmo, o cansaço da maldita viagem deixara seu corpo naquele instante, assim como a dor que vinha sentindo em seus músculos. Deixou seus lábios, agarrando a mão delicada com a sua e a puxando junto consigo para fora do cômodo, sua bengala a fazer eco no chão.

— Aonde vamos?

— Dar as boas novas. — Parou abruptamente no corredor, a olhando. Anne se encontrava adoravelmente vermelha.

— Céus... Assim?

— E por que não? — Estava sentindo-se divertido naquele instante, um jovem rebelde a trocar beijos às escondidas. Tocou uma mecha solta do cabelo de Anne que se desprende do penteado, colocando-a atrás da orelha. Suspeitava de que fora o responsável por desalinhá-la minimamente. — Você está linda. — Não se segurou ao dizer, vendo-a olhar para o chão, timidamente bela.

Riu e voltou a andar, sentindo certa resistência em Anne. A casa estava em completo silêncio, notou Hunter. Adentrou a sala de jantar que agora estava vazia e foi para a sala de visitas, encontrando não só as duas damas que estavam antes ali, mas também seu cunhado, o conde de Henlein.

— Por Deus, será que vejo uma miragem? O duque de Austen aqui... — Henlein levantou-se, cumprimentando-o, mas em nenhum momento Hunter ousou soltar a mão de Anne. Não estava dando a mínima para convenções.

— Como vai, Henlein? — Hunter se lembrava bem do rapaz magricela que um dia o conde fora quando estudavam em Cambridge. Fora um jovem gentil e sorridente. Notava que o homem mudara pouco, apenas o porte físico, continuava a sorrir com facilidade.

— Feliz em vê-lo, creio que sua irmã também. Apesar de não parecer.

Hunter então voltou seus olhos para a condessa, que o olhava com uma expressão nada contente. Quanto tempo tinha que não a via? Tempo demais... tanto que ao olhar o rosto bonito de sua irmã, sentiu o peito apertar. Como pôde ficar tanto tempo longe? A amargura o cegara tanto assim?

Deixou Anne próxima ao sofá onde Victoria estava sentada e aproximou-se da irmã, sentada elegantemente no sofá próximo à lareira de pedra, com as mãos a descansar sobre o colo. Ofereceu a ela uma mão, que a condessa pegou com certa resistência, magoada. Hunter a puxou, a impelindo a levantar e então... a pegou desprevenida em um abraço apertado, saudoso. O cheiro dela ainda era o mesmo e o contentamento em seu peito aumentou. Kathe tinha cheiro de casa, cheiro de afeto e saudade.

— Perdoe-me — pediu, vendo a irmã se afastar minimamente, com lágrimas em seus olhos e bater em seu ombro.

— Não volte a sumir, nunca mais, e eu o perdoarei.

Hunter tocou o rosto dela, em uma carícia amorosa.

— Não mais o farei — disse, soltando-a e olhando a todos na sala, fixando os olhos em Anne. — Se já tenho teu perdão, darei então as boas novas. — O entusiasmo que sentia com isso era

surpreendente até mesmo para si. — Irei me casar, tenho a felicidade de dizer que a srta. Craw aceitou meu pedido de casamento. Não foi fácil convencê-la, devo deixar claro, ela castigou-me até, enfim, dar-me seu sim. — Ele voltou a fitar Katherine, que parecia estupefata. — Felicite-nos, cara irmã...



Na noite anterior, Hunter pôde dispor de bom humor ao lado dos seus. Em meio à sala da casa Henlein, estavam as pessoas que lhe eram mais caras no mundo. Faltava-lhe apenas George, que até o momento não tinha respondido a sua carta.

Enquanto a observava, perguntou-se como alguém pôde se tornar tão especial em tão pouco tempo? Queria entender, mas não encontrou a resposta. Gostaria que sua mãe estivesse presente, toda a sua família, mas alguns já tinham ido embora e restava apenas a aceitação.

Já tarde da noite, ele acompanhou Anne e Victoria até sua residência, indo em seguida para Austen House. Claro que a irmã só deixou que fosse embora depois de prometer-lhe que voltaria no dia seguinte para tomar o café da manhã. E era o que fazia naquele mesmo momento.

Tinha chegado há algum tempo e aproveitado para conhecer os dois sobrinhos, que eram cópias da irmã.

— Seria perfeito se George estivesse aqui. Só nos falta ele.
— Foi Kathe a tocar no assunto e algo lhe dizia que isso não ia demorar a acontecer.

— Talvez, em breve venha. Escrevi para ele há uma semana, fui bem incisivo em minhas palavras. Dei uma ordem explícita para que retorne ou cortarei seus rendimentos.

— Fez isso? — Kathe estava surpresa. Jamais imaginava tal retaliação vinda de Hunter. Sempre foi de pulso mole para com os irmãos.

— Claro. O irresponsável causou grande confusão para nosso nome, para em seguida, fugir por achar que eu abdicaria do título — falou, enquanto cortava um pedaço de pão. — Mas recuperei-me e agora pretendo levar o ducado por bastante tempo até passar para o meu próprio filho. Visto isso, não há mais motivos para fugas. Ou volta... ou pode abdicar de seu título.

Katherine sorriu e bateu palmas em comemoração. Não que concordasse com ameaças, mas enfim estava tendo a chance de ter Hunter de volta, era justo que George também voltasse.

— Isso é perfeito e, pelo visto, tomou mesmo as rédeas da família, irmão. Papai teria tanto orgulho de ti.

Será que teria? Não sabia. Seu pai sempre foi alheio aos outros três filhos, sempre com os olhos e atenção em William. O que restava para ele era, no mínimo, honrar seu nome.

— Não me restou alternativa. — Era verdade. Ou tomava as rédeas de sua vida ou entregava esse poder a outros, e isso não faria.

— Ah... tudo parece estar voltando ao normal, e seu casamento, meu irmão, será a recepção do século. Terei honra em ajudar com o que precisar, levará tempo para os preparativos, afinal, esse casamento merece o melhor. — Kate estava de fato entusiasmada e ele odiava fazer isso, mas teria que frustrá-la.

— Oh não, me caso em três dias, sem tempo para recepções. Tentarei uma licença especial — afirmou, continuando a comer normalmente, enquanto a irmã parecia acabar de engolir um sapo.

— Que tolice, só passando por cima de mim. — Hunter parou de cortar a carne em seu prato, encarando-a. — Passou tempo

demais distante de nós e agora não pode me negar tal coisa. Preciso de quinze dias, no mínimo, e não diga não. Terá uma recepção à altura do duque de Austen.

— Katherine...

— Ela continua teimosa, cunhado, devo alertá-lo. — Henlein o avisou e Hunter começou a sentir o bom humor se esvaír.

— Três dias, você tem três dias.

Ela bufou e começava a temer pela faca que ela segurava na mão.

— Isso é um absurdo. Onde aprendeu a negociar assim? Dez, quero dez dias. — Tentou e ele quis rir.

— Cinco e não se fala mais nisso — A irmã ia contradizer, mas ele se adiantou. — Cinco, ou me caso em um dia.

A irmã cerrou os olhos e bufou mediante seu tom autoritário, mexendo a cabeça de um lado para o outro, ponderando.

— Certo... posso providenciar algo em cinco dias. Deus do céu, Hunter, que loucura. O que vão falar?

Isso pouco lhe importava. O mais difícil conseguiu, fazer que Anne acreditasse nele e o perdoasse, mesmo após vê-lo com Sarah. A alta sociedade pouco levava em consideração nesta equação.

— Queria que eu me casasse, bom... conseguiu. Sinta-se apenas feliz por isso, fui capaz de encontrar minha própria esposa, afinal.

— E não sei como, no lugar de Anne jamais aceitaria alguém com essa aparência. Meu irmão, tire, por Deus, esta barba. — Desta vez, ela o fez rir.

— Importe-se apenas com a recepção que quer organizar, poucas pessoas. Quero apenas a família.

— Espero que sua noiva esteja de acordo...

A imagem de Anne e o que fizeram ontem na biblioteca da irmã veio à sua mente e se lembrou de como se sentiu ao tê-la em seus braços, como ela o fez sentir-se um homem novamente, energético e viril como em outrora.

— Não falamos disso, ainda. — Com aquelas palavras, viu a irmã rir com deleite.

— Parece que não mudou nada, querido irmão, continua um cabeça-dura arrogante. — Continuava? — Ah, e eu não quero nem imaginar a cara de Sarah ao saber disso. Sabe que ela estava certa de que continuaria com o título de duquesa, não é? Pobre cobra Sarah...

Hunter arqueou a sobrancelha esquerda.

— É como a chama?

— Sim, é como me divirto em meu tempo livre.

Ele negou, o humor da irmã sempre foi o ponto alto de sua personalidade autêntica.

— Imagino o quanto. Deixe-me deliciá-la com a informação de que sua cunhada estava em Green Hall. Segundo ela, chegou o momento de nos casarmos. Não posso dizer que senti muito em frustrá-la — disse e viu a irmã sorrir. Kathe nunca gostou verdadeiramente de Sarah, nunca acreditou na aura angelical que ela fingia ter.

— Fico feliz, não nego e eu queria ser uma abelhinha para ver tal cena. Que audácia. Depois de tudo, Sarah realmente acreditava que se casaria com ela?

— Ao menos, foi bem persuasiva — disse e viu Henlein sorrir. O cunhado era de poucas palavras, vez ou outra apenas concordava com algo que a mulher falava ou apenas ria.

— Imagino. Ela foi bastante persuasiva com William também, se bem me lembro. — Com a frase, Kathe tirou um pouco o humor da conversa e percebeu. — Ah... mas falemos de algo melhor, quer dizer, alguém melhor.

— Que seria?

— Sua noiva, claro. Que dama maravilhosa você encontrou, Hunter. Perfeita, não acha, querido? — Lembrou-se do marido e lorde Henlein tirou os olhos do jornal e sorriu ao olhar para a esposa.

— Sim, devo dizer que até os olhos da jovem são gentis, minha querida.

— Sim... sim. E como é bela. Não entendi como não está casada ainda. Teria feito um sucesso imenso em uma temporada londrina.

— Algo proposital para mim, então, já que tive a sorte de encontrá-la solteira. — Acreditava mesmo nisso? Gostava de imaginar que sim. — Agora, Katherine, sobre isso... Devo pedir-te ajuda.

— Com o quê?

— Com Anne. Bom, ela vem de uma família antiga, porém, o pai casou-se com uma dama pobre, o que causou certo escândalo na época e o afastou da família. Uma família que a despreza pela descendência da mãe, tanto que após a morte dos pais, eles não se propuseram a ajudá-la. — Ao tocar no assunto sentiu raiva pelo que a deixaram passar. — Anne não foi criada em nosso ambiente, é uma dama por nascimento, mas é insegura ao estar em meio à alta sociedade e pode precisar de aulas de etiqueta.

— Hunter... — Kathe parecia assombrada com o que ouviu e Hunter se perguntava se estava enganado, se a irmã teria algum tipo de preconceito com sua noiva. Esperava intimamente que não, ou não saberia como lidar com isso.

— Poupe-me de críticas, se é o que dirá. Não me importo com convenções ou com o que quer que seja. Não a escolhi pela família, posses, dote ou título e sim, por ser... gentil, bondosa e...

— Bela? Pois é uma criatura belíssima — Kathe o cortou. — Não seja ridículo, Hunter, se está feliz, eu também estou, não me importa quem seja. Devo dizer apenas que nasce em meu coração um profundo descontentamento para com a família do barão. Como puderam?

O duque também não entendia e passou a nutrir verdadeiro escárnio por toda aquela família.

— Agradeço. Contudo, preciso que junto à sra. Smith, ajude Anne com o que ela precisar. Que torne a sua estadia em Londres melhor.

— Ah, não seja bobo, farei isso, mesmo que não me pedisse. Agora, preciso alinhar se ela fará a apresentação à rainha antes ou depois do casamento. O que me diz? — Hunter abandonou o pernil, deixando os talheres cair de forma barulhenta em seu prato, chamando a atenção do casal, e mesmo com seu aparente descontentamento com o que falou, Kathe continuou: — Sei que está longe de Londres há muito tempo, caro irmão, mas deve se lembrar de que a rainha adora tradições e toda e qualquer dama da sociedade deve fazer uma perfeita apresentação para Sua Majestade.

— Isso não acabou ainda?

— Bem... não.

— Que inferno! Não... Anne não irá. — E sobre isso, não tinha barganha. — Não a submeterei a isso, de forma alguma,

menos ainda a deixarei desconfortável para alimentar o ego da rainha. Pelo que me lembre, eles sequer devem estar em Londres ainda, portanto, usarei isso como desculpa. A recepção será o suficiente para apresentá-la e só.

— Hunter...

— Não, Katherine. Não me importo se tem consequências, tampouco Anne. Fizeram com que ela tivesse horror à alta sociedade, como acha que se sentiria ao ter de se apresentar para a rainha?

— Mas ela será uma duquesa.

— E pode desistir de ser, assim que ouvir tal impropério de minha boca.

— Não seja ridículo.

Estava claro que Katherine não acreditava no que ele dizia. Talvez não o tenha levado a sério quando disse o quanto foi difícil fazê-la dizer sim.

— Anne não se importa com títulos, Kathe. Não menti, ela disse não a mim por três vezes. E não irei arriscar uma quarta.

— Ora, dizer não a um duque?

— Fato é que ela fugirá de mim como um cordeiro assustado, caso peça tal coisa a ela, o que está definitivamente fora de cogitação. — Seu tom não permitia barganhas. — Voltarei para as minhas responsabilidades como duque, irei à câmara dos lordes, mas apenas para o que for necessário. Após isso, estarei com minha esposa em Green Hall.

— Pelo visto, ao invés de um, teremos dois ermitões. — A diversão estava de volta aos seus olhos, mas tinha algo mais.

— Ao menos, terei companhia, fique feliz por mim.

— E filhos, se tudo correr bem. — Hunter sorriu minimamente com a ideia. Filhos... sim, os teriam. — Se é assim, tudo bem. Agora vamos — disse ela, pondo-se de pé e Hunter franziu as sobrancelhas.

— Vamos aonde?

— Ora, eu tenho um casamento para planejar, uma irmã para proteger e você, tem uma noiva para cortejar. Não é de bom tom serem vistos em público, claro, ela não foi apresentada ainda, mas isso não o impede de que lhe faça a corte. Quem sabe, levar flores, por exemplo.

— Flores?

— Claro, flores, como manda a etiqueta. Levante-se, homem, o que está esperando?

— Eu tinha me esquecido o quanto pode ser irritante, Katerine!



CAPÍTULO 25

De pé, próxima à janela da casa de Victoria, Anne abraçava os próprios ombros ao tentar imaginar o futuro. Ela dissera sim... e nem fora tão relutante quanto poderia e queria. Toda a história que o duque lhe contou, sobre seu passado, amoleceu seu coração e fez com que o entendesse. Anne pôs-se em seu lugar, em como foi voltar e... como aquela decepção deve ter doído, deixando marcas além do corpo.

Suspirou, ela realmente acreditou no que o duque dizia. Afinal, ele estava ali apenas para explicar-se, pedi-la em casamento, mais uma vez. Esse era também algo que ela não conseguia entender, por que tanto tentar por ela?

— Está tão pensativa, minha querida. Não disse nada ontem ao voltarmos para casa, não disse quase nada hoje no café da manhã, está tudo bem, Anne? — Victoria perguntou, sentando-se em um sofá de canto, com um bordado nas mãos.

Anne a olhou por cima do ombro e já não pôde segurar para si a curiosidade.

— Victoria, conhece lady Sarah? Digo, a duquesa viúva de Austen? — perguntou e não lhe passou despercebido a pequena careta que Victoria fez ao ouvir aquele nome.

— Sim... Sua Graça falou sobre ela ontem?

Anne olhou para a rua através das vidraças, mas não parecia realmente ver nada à sua frente.

— Eu a vi... por isso quis vir com você naquela manhã. Ao ir à Green Hall, ela estava com ele, na biblioteca. Os dois estavam... se beijando. — Anne sentiu o rosto corar e só de lembrar a cena Anne sentiu uma comichão subir por seu corpo, algo como raiva... ciúme.

— Céus... por isso voltou naquele estado? Anne, por que não me contou antes?

Victoria estendeu a mão, a chamando, e Anne se aproximou, sentando-se ao seu lado e aceitando sua mão.

— Senti vergonha... inferioridade, e quis guardar apenas para mim. Era doloroso falar o que vi, e tinha toda confusão que eu sentia. Ah, Victoria, ainda estou tão confusa.

Victoria abandonou o bordado de vez, segurando ambas as mãos de Anne em consolo.

— Ah, minha querida... eu entendo, de verdade. E sim, conheço a duquesa. Uma mulher superficial, arrogante e pouco gentil com os menos favorecidos — começou, o rosto inexpressivo ao falar. — Sei pouco sobre ela e o duque, mas é sabido que tiveram um passado juntos, antes que ela se unisse a William. Não sei bem os detalhes, apenas o que Kathe me contou.

— Ele a amou, não foi? — Seu coração doía ao perguntar.

— Se eu fizer tal afirmação, estaria sendo injusta. Mas pelo que todos souberam, ela e Hunter chegaram a jurar amor eterno um ao outro antes que ele fosse para a guerra. Mas não acabou bem... Lady Sarah casou-se com William, o irmão mais velho dos Malford.

— Pobre duque...

— Sim, isso é verdade. Segundo Kathe, a junção de um coração quebrado e o inferno da guerra o tornou alguém frio, indiferente, o contrário do jovem sagaz que um dia ele foi. O duque falou algo sobre o passado dele com a dama?

— Sim... E a viúva queria casar-se com ele.

Victoria riu alto.

— É bem coisa de lady Sarah. Ela não abriria mão assim do título. Kathe tinha medo de que isso acontecesse, sabe? Lembro-me

de quando Hunter voltou ferido, o alvoroço, a incerteza se ele iria realmente assumir o ducado.

— Ele sofreu... não é?

— Não posso dizer com certeza, minha querida. Desde que voltou, trancou-se em Green Hall, ele não deixou nem mesmo Kathe visitá-lo, mas suponho que sim.

— Agora eu entendo. — Aquilo já não era uma incógnita para Anne.

— Entende?

— O motivo por ele ser... desacreditado na felicidade. Duvidar das pessoas ao redor, usar de indiferença como arma.

— Não me espanta, ele não teve muita felicidade na vida adulta. Mas não se preocupe com a duquesa viúva, minha querida. Você agora é noiva dele, de um duque, e logo será sua duquesa e nada mais importará.

— Por que eu, Victoria? Ele é um duque, poderia escolher a melhor...

— Sim, e se a escolheu, é porque para ele você é a melhor. Não se menospreze, Anne, ele a escolheu não só uma vez. — Antes mesmo de terminar aquela frase, a governanta adentrou a sala onde estavam.

— Senhora Smith, o duque de Austen e a condessa de Henlein desejam vê-la.

A menção de uma visita deixou Victoria entusiasmada e Anne nervosa. Em algum momento, ele viria, afinal.

— Ah... a corte. Como é delicioso os novos casais, não é? Com certeza, vieram falar sobre a data e preparativos para o casamento, Santo Deus, como estou ansiosa por ti, Anne — Victoria falava sem parar, voltando a pegar o bordado e sentando-se ereta

no sofá. — Mande que entrem, por favor — pediu, olhando para Anne e apertando ambas as suas bochechas. — Está muito pálida. Pronto, isso trará alguma cor.

Anne sorriu e por instante desconfiou que seu coração sairia do seu peito tamanho desespero com que batia. Noiva... ela estava noiva de um duque. Antes que pudesse pensar melhor sobre o que conversaram, Anne ouviu o barulho da bengala bater no assoalho de carvalho e vagarosamente levantou os olhos, sua atenção se prendendo de imediato sobre ele.

Não havia nada de diferente naquele olhar, apenas a expressão costumeira de enfado. A imagem de um homem frio e indiferente a quem quer que fosse. Ambas se levantaram e fizeram uma reverência, e Anne percebeu que precisava melhorar sua medida. O duque, por outro lado, as cumprimentou e Katherine veio em sua direção, com braços esticados.

— Minha querida, o casamento ainda não aconteceu, mas já a tenho como uma irmã.

— Eu agradeço. — Foi apenas o que saiu de seus lábios, pois estava definitivamente grata pela aceitação que via nos olhos da futura cunhada.

— E, Victoria, espero pelo dia que a verei barriguda. — Ela riu ao deixar Anne e ir ter com Victoria e, novamente, a atenção de Anne prendeu-se em Hunter que estava, agora, bem próximo dela.

— Trouxe flores, espero que goste. — Naquele minuto, seu coração desacelerou minimamente, para em seguida parecer querer pular de sua boca e jogar-se em meio ao lindo arranjo que ele estendia em sua direção. Anne permitiu-se soltar o ar preso em seus pulmões, pegando as flores.

— Obrigada, são lindas. — Ela tentava, a todo custo, controlar a emoção em sua voz, trazendo o ramo de flores ao nariz e inspirando fundo. — São perfeitas, na verdade.

— Você é fácil de agradar, apenas isso. Fico feliz que tenha gostado. — Ambos se entreolhavam, sem dizer nada e tudo ao mesmo tempo. Em um silêncio que não durou muito.

— Vamos, sentem-se, pedirei um chá para nós.

— Um chá seria ótimo — Kathe confirmou, parecia entusiasmada com o que quer que fosse. — Anne, já deve imaginar por que resolvi acompanhar meu irmão até aqui, não é?

— Oh sim, quer dizer... não. — Anne ainda estava presa no gesto de delicadeza de Hunter em trazer-lhe flores, totalmente consciente da presença dominante ao seu lado.

— Imagino que tenha um enxoval?

Enxoval... sim, deveria ter, claro. Cada jovem dama deveria fazer seu enxoval para o tão sonhado dia em que se casaria e teria sua própria casa, mas não Anne.

— Infelizmente, não, não tenho. Eu... — Ela olhou para Hunter, depois para Kathe, o que deveria fazer?

— Não se preocupe, não é problema. — Foi o duque a vir em seu socorro. — Já conversei com Katherine e ela irá lhe ajudar com tudo o que precisa, desde o enxoval até o vestido de casamento. Tudo que uma futura duquesa deve ter.

— Ah sim...

— Isso mesmo — confirmou Kathe, deixando Anne tonta. — E terá que ser logo, afinal só temos cinco dias para arranjar tudo.

— Cinco dias? Como apenas cinco dias? — perguntou uma confusa Anne, olhando diretamente para Hunter.

— Bom, achei que não precisaria demorar.

— Mas... eu... como... — Anne parecia ter esquecido como falar.

Manteve-se apenas sentada, a segurar o arranjo de flores nas mãos. Olhando para Hunter que parecia não se importar com sua confusão.

— Kathe, comprei um chapéu lindo e quero muito mostrá-lo a ti, dizem ser a última moda.

— Adoraria vê-lo, sabe como amo um bom chapéu, nos deem licença, Hunter, Anne...

Anne agradeceu a saída das damas, e a sala se manteve em total silêncio até os dois estarem completamente a sós.

— Eu sei que não entendo muito disso, mas cinco dias, senhor?

— Bom, na maioria, levam-se mais tempo, às vezes meses. Mas quero me casar o mais breve possível para seguir com o necessário para sua apresentação à sociedade e voltar para Green Hall.

— Como? — ela praticamente gritou ao se levantar.

— Entenda. Geralmente uma futura duquesa deveria ser apresentada à rainha, como manda a etiqueta, de preferência, antes do casamento, é claro.

— Não, não.... eu não vou.

— Não, não vai. Já cuidei disso — ele disse, e Anne sabia que ele estava tentando a acalmar, mas não estava funcionando muito bem.

— Tem mais, não tem?

— Sim, tem. Apesar de achar uma maneira de fugir da apresentação à rainha, temos, no mínimo, que dar um baile na Austen House. Apresentar você como minha duquesa — revelou, de forma complacente, e seu coração quis pular para fora do peito novamente. — Quando Kathe propôs tal coisa, eu neguei

firmente, aceitei apenas uma recepção após nosso casamento. Mas no caminho para cá, entendi a necessidade de, no mínimo, um baile.

— Disse que não precisaria disso. Disse-me que poderíamos viver no campo, viver...

— Eu sei o que eu disse, Anne, e não estou quebrando promessas, não é isso.

— E o que é? — Estava começando a entrar em pânico. Não se tratava apenas de ir a um baile, ela daria um baile, em uma mansão que deveria ser ainda maior que a da condessa. Uma mansão que seria sua... Como faria isso e em tão pouco tempo? — Eu não consigo... não dá. Como...

— Seja razoável, Anne. Olhe. — Hunter se aproximou dela e segurou seus ombros, para que ela focasse toda sua atenção nele. — Por mais que eu não queira, sou um duque e prometi a mim que tomaria meu lugar. Não preciso passar toda a temporada aqui, irei algumas vezes à câmara dos lordes, depois deixarei um representante como tenho feito e voltarei à Green Hall, aliás, voltaremos. Mas Kathe está certa em partes, não posso me casar e escondê-la no campo em seguida. A pressa do casamento, junto à fuga para o campo, pode levantar uma certa curiosidade sobre ti, sobre o passado...

Sua linhagem. Era o que aquela frase queria dizer e fazia todo o sentido.

— Eu disse... não deveria ser eu.

— Não, essa não é a questão. — Hunter estava à distância de um braço e chegou mais perto dela, podendo sentir seu cheiro. — Você é uma mulher ativa, Anne, uma dama de nascimento e pode aprender o que quer que seja necessário daqui em diante. Não peço muito, apenas um baile nesta temporada. Nas próximas, viremos a Londres e passaremos poucos dias aqui, podemos ver

juntos o que funcionará para nós. Daremos um ou dois bailes e voltaremos para o campo. Gosto tanto de Londres quanto você, mas é necessário. Enquanto estivermos aqui, tentarei fazer com que seja a melhor estadia possível. Apenas confie em mim.

— Hunter...

— Dará tempo. É apenas o início da temporada, nos casaremos em uma cerimônia fechada e depois teremos uma pequena recepção. Poucas pessoas. Katherine irá ajudá-la com tudo e terá quem quiser à sua disposição.

— Acha mesmo que consigo?

— Eu... — Hunter pegou as mãos de Anne nas suas. — Eu queria que visse a si mesma pelos meus olhos.

Uma das mãos do duque chegou ao rosto de Anne, em uma carícia. Em todos aqueles dias ao lado dele, jamais poderia supor que aquele homem seria capaz de um gesto delicado de carinho. Mas agora, o toque, o olhar, deixavam-na ver que por baixo daquela máscara de indiferença, havia alguém.

Talvez ele pudesse amar, no fim das contas. Amá-la...

Sentiu os lábios de Hunter tocar os seus com delicadeza, como na noite passada, e se entregou ao beijo gentil e calmo, menos fervoroso que o primeiro que lhe dera, mas não menos quente. Era como se ele quisesse passar segurança em um gesto, em um beijo.

E um pigarrear foi o bastante para fazer com que os dois se afastassem com rapidez indesejada. Anne, com o rosto a queimar por ser pega em tal situação delicada.

— Bom, não ouvimos mais gritos, achamos que era hora de voltar — Kathe anunciou e Anne sentiu o rosto esquentar.

— De fato. — O duque se pôs de pé. — Já estou indo, deixarei as damas cuidarem do que é necessário e tentarei uma licença especial para um casamento às pressas.

— Isso, temos muito a fazer e planejar, você está dispensado, Hunter. Ah, será maravilhoso.

Seria mesmo? Anne queria acreditar que sim, mas apesar das promessas de Hunter ela tinha medo. Medo, inclusive, de falhar. Medo de sua origem, do que deixou para trás na noite em que fugiu com Mary a tiracolo. De ser encontrada pelo primo. Sentiu um beijo leve no dorso de sua mão, algo demorado além do comum, e o simples gesto enviou arrepios por todo o seu corpo. Anne nunca tinha sentido tais sensações e sequer entendia por que seu corpo parecia responder por conta própria a cada toque do duque.

— Sei que estou deixando-a nas melhores mãos possíveis. E vocês, cuidem bem da minha futura duquesa — disse ele em cumprimento, partindo em seguida.

Minha...

Que Deus a ajudasse e que ela estivesse fazendo o certo.



CAPÍTULO 26

Anne estava, naquele momento, na modista. Já tinham passado horas a fio ali dentro do ateliê na companhia da futura cunhada e de Victoria, e já sentia o cansaço tomá-la. Katherine era uma dama delicada, mas acostumada a bajulações, isso Anne logo soube quando a condessa fizera a bela dama francesa fechar as portas para atendê-las. Ah, e fez questão de explicar que aquela jovem a qual vestiria da cabeça aos pés, seria em breve a próxima duquesa de Austen. Desde aquela simples frase, Anne estava sendo tratada como uma rainha.

Perguntava-se quanto ia sair aquilo tudo, pois, para ela, já estavam fazendo uma tamanha extravagância sem necessidade alguma. Qual era o tamanho da fortuna de um duque?

Certo era que já tinham gastado demais. Já tinham escolhido vestidos para a manhã, outros para a tarde, roupas de noite, trajes para bailes, vestido para andar de carruagem, capas, peliças, acessórios, plumas, lenços e até roupas de montaria. Anne não entendia por que precisava de tantos vestidos para cada hora da manhã e Kathe fez questão de explicar que uma duquesa jamais devia repetir trajes importantes em meio à sociedade.

E apesar de passarem a tarde ali, para seu desespero, ainda faltava comprar sapatos, leques, chapéus e bolsas... estava exausta só de imaginar.

— Escolhemos quase tudo — Kathe anunciou, fazendo Anne a olhar com espanto.

— Quase?

— Sim... faltam as vestes para suas núpcias. — Anne sentiu o rosto queimar de vergonha e abaixou o olhar. Sim, após o casamento presumia que teria núpcias, com Hunter...

Assim eram feitos os filhos. E ele precisaria de um herdeiro.

— Minhas queridas, eu tenho o tecido perfeito. O duque cairá aos seus pés ao vê-la na noite de núpcias com esse tecido. — Anne sorriu nervosamente e olhou para a modista que segurava uma seda branca, que tinha um tipo de brilho quase imperceptível sobre o tecido.

Seus olhos brilharam. Anne nunca vira tecido mais lindo e se aproximou para tocá-lo. Sabia o que acontecia entre um homem e uma mulher na noite de núpcias, ou achava que sabia. Sempre que seu pai recebia visitas, ela se escondia em seu escritório para bisbilhotar. Por vezes, não eram conversas muito decorosas as quais ouvia.

— É lindo...

— Sim, é lindo. E como esse, tenho outros, de cores diferentes, do delicado ao extravagante. O que me diz?

— Os delicados, por favor... — pôde dizer antes que sua atenção fosse para a vitrine da loja, para uma dama que estava em pé, a olhar para ela.

Reconheceria aquele olhar em qualquer lugar... era sua tia, bem ali, a olhando, em completo horror aparente. Os olhos escuros a fitavam como se pudessem queimá-la com o olhar. Anne ficou estática por segundos, o que deveria fazer, falar com a dama? Deu um passo à frente e com o gesto, parece ter trazido a baroneta à vida, que saiu a passos ligeiros para longe dali, longe dela.

Agora a tia deveria estar preocupada ao imaginar o que ela fazia ali, talvez achasse que teria vindo procurá-la. Sentiu um aperto no peito, algo corriqueiro ao que sentiu na curta estadia da tia em sua casa, que sentiu ao pegar das mãos de Mary aquela carta. Um simples olhar lhe trouxe de volta a sensação de incompetência, de não ser boa o bastante.

— Anne... — era Katherine ao seu lado, chamando-a. — Você está bem?

— Sim, estou. — Tentou sorrir, mas os olhos ainda estavam fixos na vidraça.

— Podem nos dar licença um instante? — Kathe pediu à modista e logo Victoria a ajudou. A mulher era excelente com costuras, mas não mantinha bem guardado o que ouvia ali.

— Madame Bovary, vi um tecido logo ali atrás que me deixou apaixonada, podemos vê-lo?

— Ah, claro...

Segundos depois, as duas mulheres estavam sozinhas no salão de entrada da loja. Anne se perguntava o que Hunter teria contado à Kathe, desconfiava que ela também tinha visto a mulher ali.

— Era sua tia, não?

— Você a viu também?

— Como não ver? Estava ali parada, como um espantalho velho. — Anne quis rir, ainda que o nervosismo a consumisse. — Hunter me disse que não é próxima de sua família, não me contou detalhes e isso não me importa. Mas agora, querida, você será uma duquesa. Carregará o nome Austen, um dos títulos mais antigos e importantes da alta sociedade. Seja quem for, será inferior a você. A menos que sejam da realeza. — Anne sentiu os joelhos falharem com tal afirmação. — Não importa o que sua família acha ou quer de você, estará acima disso tudo e deve deixar claro sua posição de poder.

— Katherine...

— Oh não, me chame apenas de Kathe.

— Como eu faria isso? A demonstração de poder? — quis saber. Não permitiria mais que ninguém pisasse em si.

— Ora... ainda que não sejam próximos, deve convidar sua tia para a recepção após o casamento, seu tio também. Todos de sua família. Deve mostrar superioridade agora. Mostre que venceu sem a ajuda de ninguém, de nenhum deles, Anne.

Anne sorriu com aquela expectativa. Teria que olhar nos olhos daquela que a subjugou, humilhou e trouxe igual tristeza para o pai em seu leito de morte. Isso não a deixava ansiosa, mas trazia algo como... sensação de vitória.

— Ah, Kathe — disse apenas, tentando imaginar como tudo seria. Katherine apenas sorriu, de modo altivo e astuto.

— Talvez a ficha não tenha caído ainda, minha querida. Então é melhor que enfie de uma vez por todas em sua cabecinha que você será uma das figuras mais importantes de toda a sociedade. Por todos esses anos, Londres esperou pela volta de Hunter, as matriarcas se perguntavam se seria agora que o duque de Austen voltaria à procura de uma esposa. E veja só, ele escolheu você e acho que não poderia ter feito escolha melhor — disse, levando a mão ao queixo de Anne e o levantando. — Agora, levanta esse queixo, temos cinco dias para apresentar a Londres uma duquesa perfeita. Não importa de onde veio, só importa o que será em breve. Vivemos em uma sociedade em que apenas títulos importam, Anne.

— Acha que consigo ser uma verdadeira dama, em tão pouco tempo? — Essa pergunta fez Kathe levantar uma sobrancelha.

— Você já é uma dama, minha cara. Só precisa de aperfeiçoamento. Apenas isso.

— Obrigada, Katheri... Kathe.

— Seremos irmãs e conte comigo para o que precisar.

Anne sentia-se protegida, como se nada mais pudesse maculá-la. Mas não era um sentimento que iria longe, pois até hoje não sabia se o primo desistira de encontrá-la.



Naquela tarde, haviam combinado de encontrarem-se com Hunter na casa de chá após as compras. E assim fizeram as damas, que vinham sorridentes a travarem uma conversa animada sobre Anne precisar ir ao salão cortar os cabelos e acompanhar a última moda.

— Está muito grande — Kathe disse ao se aproximarem da mesa a que Hunter estava sentado.

— O que está grande? — disse ele, olhando diretamente para Anne.

— Além de sua barba e cabelo, querido irmão? — Kathe interpelou. — Os cabelos de Anne.

— E pretende cortar?

Anne sempre tentava ver algo nos olhos de Hunter, mas eram sempre escuros e sem brilho, geralmente opacos como agora. Era difícil conseguir lê-lo.

— Segundo sua irmã, eu devo. — Pôde vê-lo apenas anuir, voltando a se sentar após as damas fazerem o mesmo.

— Consegui a licença, nos casaremos em cinco dias.

Anne não sabia ao certo o que sentia com aquela afirmação, além do frio que estava a ponto de congelar o seu estômago. E só conseguia pensar que com aquele curto período, Mary não conseguiria vir para vê-la casar-se, nem a sra. Muller. Não tinha como avisá-la a tempo. A governanta era o mais próximo de família que tinha, queria mais que tudo tê-la por perto. Talvez devesse ter ficado em Countyham, com Mary, assim, ao se entender com o duque, poderia tê-la trazido consigo.

Observou Hunter pedir chá e biscoitos para elas, enquanto Victoria e Kathe estavam absortas com a confirmação do casamento em cinco dias. De repente, a lembrança da tia a olhando pela vidraça viera à sua cabeça, tomando-lhe os pensamentos em Mary. Foi então que sentiu a mão grande e áspera do duque tocar a sua por baixo da toalha de mesa e deu um pulinho, surpresa.

— Por que esse olhar perdido? Não gostou da tarde na modista?

— Não é nada. — Tentou sorrir.

— Há algo, Anne. Eu sei. — Fitou-a, levando um tempo ao trazer a xícara aos lábios. — Não está sorrindo e você sempre sorri. Diga-me, é por conta do casamento? Se fizer mesmo questão, se te deixar mais à vontade, podemos...

— Não, não é isso. Até mesmo porque, penso que quanto antes nos casarmos e nos desprendermos das obrigações com Londres, mais cedo voltaremos ao campo, não é mesmo?

Viu a sobrancelha direita subir, em clara preocupação, para em seguida, ele apertar os olhos em sua direção.

— Isso. Então por que essa sombra em seu rosto?

— Vi minha tia — esclareceu e foi a vez de Hunter ter a expressão maculada. Anne notou o aperto que ele deu em sua mão, de modo instintivo. — Na modista.

— Ela lhe disse algo?

— Não, não. Não nos falamos. Ela apenas ficou lá, me olhando e depois, saiu quase correndo.

— Imagino que esteja confusa em vê-la em Londres.

— Sim, imagino que sim.

O chá chegou, fazendo com que se calassem por poucos segundos enquanto eram servidos.

— Não por muito tempo, presumo — desta vez foi Katherine a voltar a falar. — Fiz questão de que a modista soubesse do seu casamento e que logo, Austen terá uma duquesa. Esteja certo de que até amanhã toda a Londres saberá que voltou, Hunter, e está noivo de Anne, a sobrinha do barão de Hamufh.

— Isso é bom.

— É? — Anne quis saber, olhando de Hunter para Kathe.

— Claro que é, assim sua tia e sua família saberão onde estão pisando. — E ali estava novamente, aquela sensação de segurança a tomar-lhe o peito com as palavras de Kathe. — Fique tranquila, não precisa mais se preocupar com eles ou com qualquer um.

Ao menos, não até o casamento acontecer, Anne corrigiu-a mentalmente. Afinal, e se o primo aparecesse dentro daqueles cinco dias e armasse um escândalo?

— Precisamos fazer os convites para a recepção, Hunter, e claro, convidar a família de sua noiva.

— Não, nenhum deles — Hunter rosnou e parecia fazer um esforço tremendo para manter o controle.

— Sim, todos eles — Kathe voltou a afirmar, fazendo-o negar. — Seria indecoroso não o fazer, levantaria a pergunta do motivo pelo qual a família de sua noiva não iria a tal comemoração. Deve-se convidar, será um retorno memorável para Anne.

Anne o olhava, querendo saber se concordava mesmo com a irmã. A ela a ideia parecia fazer sentido.

— Concorda com isso, Anne? — ele perguntou, o olhar ainda mais carrancudo.

— Acredito que sim, concordo. Sua irmã irá me ajudar a me portar e eu me esforçarei para aprender. Quanto menos especularem, será melhor. — Anne poderia jurar que ao ouvi-la, pôde ver contentamento na expressão austera do duque.

— Resolvido, então. E me diga, Hunter, quando irá se livrar desta barba e cabelo horrendos?

Eles riram e Anne pôde aproveitar um momento de distração em que Hunter conversava livremente com a irmã e até mesmo brincava sobre sua mania de controle. Pôde vê-lo sorrir e olhar para Kathe com carinho fraternal. Ela aproveitou cada momento apenas para observá-lo, cada levantar de sobrancelha, cada gesto e a forma como repuxava os lábios em um quase sorriso sempre que a olhava. Sua mão, em momento algum, deixou a dela sobre a proteção da toalha branca da mesa.

Sentia-se segura ali com aquelas pessoas, como se sentia com seu pai, como deveria sentir-se com sua família após sua morte. Até aquele momento, não sabia se fazia o certo, mas teve a certeza com o sentimento que tomou conta de si. Aquele homem que pareceu, em um primeiro momento, a pior das criaturas, lhe deu esperanças de um futuro diferente.

— Acho que é hora de irmos, Anne. Estou um tanto fadigada com o quanto andamos — Victoria começou e estava certa, Anne também estava exausta.

— Oh sim, podemos deixar as demais ocupações para amanhã — Kathe concordou e Anne respirou, aliviada.

Victoria e Kate se levantaram e Hunter fez o mesmo, soltando, só então, a mão de Anne. E a sensação que sentiu era como se faltasse uma parte de si.

— Se puder pedir algo... — Hunter chamou sua atenção, falando um tanto baixo. — Claro, faça o que achar melhor, mas não corte muito seu cabelo.

— Gosta mesmo do meu cabelo? — perguntou, surpresa, e teve a impressão de que o duque tocara uma mecha dele, mas desistira deixando a mão voltar a cair rente ao corpo.

— Coloque uma coisa em sua cabeça, até o momento, gosto de tudo em você. Até mesmo da sua língua afiada.

Ela sorriu e queria que não tivesse mais ninguém ali, apenas para que pudesse beijá-lo.

— Anne, vamos? — Victoria a chamou, mas Anne não desgrudou os olhos de Hunter, não ainda.

— Também gosto de ter o meu cabelo grande, não irei cortar muito.

— Obrigado.

Anne fez uma medida um tanto torta, e saiu em seguida ao lado de Victoria. Estava ansiosa para contar as boas novas para Mary em uma carta. Pois ainda que ela não pudesse estar presente em seu casamento, queria que ela viesse o quanto antes para estar ao seu lado, em principal, no tal baile que daria. Céus... Ainda tinha a impressão de estar sonhando acordada.



CAPÍTULO 27

— Posso chamar seu valete, milorde?

Hunter ouviu-o, mas continuou na posição em que estava sentado à beira da cama. Ainda se recuperava da noite que tivera, sentindo o corpo grudado de suor, a camisa molhada. Aquela foi mais uma noite insone entre muitas, em que os pesadelos não o deixaram em paz. Mas aquele foi diferente, foi real demais, mais até que as lembranças do que realmente aconteceu. No pesadelo, Hunter a perdia, deixando que a levassem de sua proteção e ele nada pôde fazer, se não gritar seu nome. Acordou a chamar por Anne, exasperado com tamanho desespero e impotência, que trouxera dor ao seu corpo.

Ao acordar e ver-se em seu quarto, pôde respirar novamente. Mas aquela foi uma das piores sensações que já sentiu. Agora aproveitava o alívio de ter sido apenas um sonho. Ninguém tiraria Anne dele, ninguém.

— Vossa Graça? — Seu mordomo voltou a chamá-lo e Hunter levantou a cabeça.

— Eu ouvi da primeira vez, Oswald. Achei que tinha pedido alguém com experiência. Não um moleque medroso — resmungou, dizendo a si mesmo que fora apenas um sonho ruim.

— Ouso dizer que sua reputação o precede, milorde. Não encontrei ninguém com experiência que quisesse trabalhar com o senhor. A não ser o pobre garoto, que mesmo intimidado, não correu para casa. — Hunter olhou seu mordomo por cima do ombro, que apesar de manter uma expressão séria, tinha olhos risonhos.

— Quer dizer que tenho sorte em tê-lo?

— De fato, Vossa Graça.

Hunter ponderou e achou que aquilo seria algo que Anne falaria: sorte.

Naquele instante, perguntou-se por que, de uma hora para outra, tudo e qualquer mínimo detalhe fazia com que se lembrasse dela.

— Saiba que aquele rapaz tremia tanto ontem, que sequer deixei que chegasse perto do meu pescoço. Capaz que o arrancasse, caso o fizesse.

Não era uma brincadeira. O jovem rapaz tremia como vara verde ao servir-lhe, apesar de cuidadoso com tudo o que ia fazer. Lembrava muito Oswald em seu início com Hunter.

— Posso barbeá-lo, se assim quiser, também tentar arrumar outro valete, mais experiente, aqui em Londres.

— Não, não quero nem um nem outro. Não irei barbear-me para o casamento ou a recepção. — E não era por nenhum outro motivo, exceto a cicatriz que descia pela extensão de sua bochecha.

— Falarão muito de sua aparência, milorde.

— Falarão de todo modo. Agora chame o garoto de uma vez, deixe que ele faça o trabalho e ganhe confiança.

— Sim, senhor. Algo mais?

— Não, apenas isso.

Oswald saiu, deixando Hunter sozinho, ainda sentado na cama. Nos últimos quatro dias que se passaram, tinha se ocupado de seus ofícios, estando a par de tudo o que se passou em sua ausência e praticamente não pôde ter com Anne. Ou talvez, essa fosse uma desculpa para não a ver, já que se sentia nervoso como nunca naqueles dias. Parecia que com a eminência do que realmente ia acontecer, a realidade tenha caído sobre sua cabeça. Iria realmente casar-se.

Ao tornar-se duque, Hunter não conseguia imaginar alguém que mereceria tomar o lugar de sua mãe. Levar o título de duquesa.

Sarah nunca o mereceu e ele não esperava encontrar alguém que poderia chegar perto do que sua mãe foi, isso, até conhecer Anne Craw.

A mulher seria considerada, de longe, um desastre iminente para a alta sociedade, mas não para ele. Anne tinha doçura, era verdadeira em palavras e gestos e sua sinceridade beirava o inocente. Não sabia exatamente em que momento decidiu que ela seria a dama perfeita para estar ao seu lado, mas aconteceu e ali estava ele. Prestes a subir ao altar e contra todas as probabilidades, estava de fato feliz com aquele enlace.

Em todos aqueles anos em que a irmã lhe escrevia, sempre cobrou dele seu retorno, uma esposa, pois achava que o casamento lhe faria bem. Considerava agora o destino proposital, pois sua demora para tomar a decisão de voltar, fez com que encontrasse Anne. E deixasse cair por terra a certeza de que qualquer dama que aceitasse um enlace com ele, seria puramente por seu título e não por quem era.

Agora ali estava, com seu nome a correr pelos salões londrinos, pois àquela altura até mesmo os ratos já sabiam de sua volta e casamento. Tinha se tornado notícia e já esperavam, ansiosos, pelo primeiro baile que a nova duquesa de Austen daria.

Até mesmo quando foi ao White's, a fim de rever alguns antigos amigos, Hunter aguentou algumas brincadeiras a respeito de enfim estar com a corda no pescoço. Um meio para que chegassem à cereja do bolo, a especulação sobre quem era a sortuda dama. Ah, se soubessem que o sortudo, na verdade, era ele.

No salão de baile da Austen House, uma pequena recepção já estava montada, à espera dos noivos e convidados, como mandavam os bons costumes e, em poucos minutos, ele estaria a caminho da St. James. Sorriu consigo mesmo, em poucas horas ela seria oficialmente sua duquesa.

Uma batida na porta chamou sua atenção e o jovem franzino, em vestes apropriadas para um valete e cabelo loiro e revoltado demais, apareceu em seu campo de visão, com um rosto um tanto estremeado de pavor.

— Posso entrar, milorde?

— Ande, vamos logo com isso. Hoje irei me casar!



Seus olhos estavam presos no tecido delicado, com pequenos bordados na barra, pois mal acreditava que estava mesmo colocando o vestido de noiva. Sentia as palmas das mãos suarem e o quarto parecia mais quente do que realmente era, mais apertado. Para completar seu nervosismo, Mary não estaria com ela de fato, não conseguiu nem mesmo uma carta sua, com uma resposta sobre sua vinda para juntar-se a ela.

Suspirou, tentando acalmar seu coração e corpo. Como o esperado, madame Bovary tinha entregado todas as peças encomendadas, dias atrás, peças que foram diretamente entregues na Austen House. Para a casa de Victoria vieram apenas o vestido de casamento e mais três vestidos diários, por prevenção. Vestidos esses que Anne jamais imaginou que os teria.

Olhou para si, após a modista terminar de fechar o vestido de cor branca em seu corpo. Anne engoliu em seco. O modelo era justo no busto, como mandava a última moda, com um decote quadrado que deixava até mesmo seus pequenos seios com volume, já que o corpete apertava até sua alma. Anne se perguntava se conseguiria respirar. Os detalhes delicadamente bordados em dourado estavam na barra do vestido, pequenos adornos, cobrindo até seus tornozelos. Madame Bovary estava agachada à sua frente, fazendo um pequeno e último ajuste na barra.

Seu cabelo estava pronto, com metade dos fios presos para cima, formando uma cascata. Uma tiara, que Hunter fizera questão de mandar-lhe, prendia o véu em sua cabeça. Queria que ele mesmo a tivesse trazido, mas entendia que o duque deveria estar muito atarefado, assim como ela. Aqueles dias foram mais exaustivos. Ainda assim, queria uma última conversa antes do casamento.

Não sabia realmente se tinha algo a dizer a ele ou se sentia saudade. Sim, saudade das conversas despreocupadas que tinham. Dos momentos em que ela quase fazia-o rir. As trocas evidentes de uma quase ofensa.

Contudo, o que restou para a última semana foram tarefas exaustivas. Passou parte daqueles dias ao lado de Kathe, que pacientemente lhe ensinou o que deveria saber. Agora poderia até mesmo fazer uma mesura sem pender para os lados, começava a ter confiança e sua visão sobre as pessoas da alta sociedade começava a mudar. Talvez nem todos fossem como a tia.

— Pronto... Você é a noiva mais linda desta temporada, esteja certa disso! — madame Bovary exclamou, fazendo Anne corar. Sentia-se mesmo bela.

— E eu concordo — uma voz embargada disse às suas costas e Anne sentiu lágrimas vir aos olhos ao ver Mary ali, a olhá-la com tanto amor e carinho.

— Ah, Mary, você veio... — disse e correu para os braços de sua governanta, a mulher que fora uma segunda mãe para ela e que nunca a abandonou. — Espero que tenha trazido todas as suas coisas, nunca mais quero ficar longe de você, por Deus!

Mary a afastou, segurando o rosto de Anne em suas mãos. Olhando-a com emoção evidente a trazer lágrimas aos seus olhos.

— Minha menina... uma duquesa?

— Imagine só... — Ambas riram, mas de repente a expressão de Anne voltou a fechar-se. — Queria tanto meus pais aqui, Mary. No fundo, ele achava que jamais me casaria, não era?

— Não, no fundo, ele achava que ninguém a merecia, assim como eu acho. — Era o que sentia. Anne não via o quanto era boa, mas Mary sabia o quão bondoso aquele coração era. — Ele é um homem bom, minha Anne?

Anne acariciou o rosto cansado de Mary, sentindo que agora não faltava mais nada. Ela estava ali, com ela.

— O melhor deles, eu só preciso aprender a entrar nas brechas daquela armadura que ele insiste em usar.

— Não se preocupe, é boa em ser sorrateira. — Anne sentia os olhos arderem com a vontade de chorar que sentia. — Estou feliz, muito feliz e saiba que onde seus pais estiverem, estão felizes por ti também.

— Por nós. Você virá o quanto antes para morar comigo, Mary, estamos... — Anne parou, olhando para a modista atrás de ambas que fingia arrumar algo. — Pode nos dar licença, madame?

— Oh, claro. Estarei lá embaixo e não se esqueça das luvas.

— Não irei. — Anne esperou que a mulher saísse e segurou as mãos da governanta. — Estamos salvas, Mary, terei minha casa, uma família e um bom homem ao meu lado.

Um bom homem, era como via-o.

— Tem algo mais em seu coração, não tem, menina? — Anne tinha que dar créditos à Mary, aquela mulher a conhecia como a palma de sua mão.

— Devo contar a ele sobre o sr. Butter, Mary?

— Contar o quê, Anne? Nada aconteceu.

Anne se afastou, fechando os olhos. Por vezes, era difícil esquecer aquela noite, e na última semana parecera pior. As noites solitárias faziam-na criar cenários assustadores, em que aquele homem aparecia e destruía o castelo que ela começava a montar.

— E se ele aparecer, Mary? Imagine isso somado à minha origem, o que isso pode trazer para o nome de um duque? Mancharei não só o nome dele, mas o de todos...

— E quem contará, minha querida? Se há algo a contar, fale de tua origem e nada mais.

— Não preciso, ele já sabe. Chegou a ler a carta, por isso pediu-me em casamento pela primeira vez.

— Santo Deus... — Mary estava realmente surpresa naquele instante. — Sua Graça lera aquela carta e, ainda assim, a pediu em casamento?

— O duque pediu-me em casamento por conta da carta. Viu naquele pedaço de papel a chance de arrumar uma esposa, dando-me em troca proteção.

— Ora... um homem de honra.

— Sim, ele a tem, mas quanto ao sr. Butter...

— Não pense nisso agora, Anne, e não se precipite em contar nada. Limpe sua mente e seu coração, porque hoje é o seu dia, o dia que todas as mulheres esperam, aproveite, menina.

— Devo fazer isso, não é?

— Sim, deve — Mary concordou, olhando Anne por tempo demais. — Anne, há outra coisa que deve fazer. — Anne voltou toda sua atenção para Mary, tentando deixar de lado os pensamentos sobre o primo. — Hoje seria o dia em que precisaria mais que nunca de sua mãe aqui. Com toda certeza, a sra. Crawlhe explicaria melhor o que falarei agora — começou ela, ficando sem jeito,

chegando a mudar o olhar, e Anne perguntou-se o que aquelas palavras significavam.

— Não entendo, Mary.

— Após o casamento, à noite... terão as núpcias. Em que o marido se junta à esposa em seu leito para...

— Fazer bebês? — Anne se apressou e recebeu de Mary um olhar repreensivo.

— Onde ouviu isso, menina? Por Deus, Anne.

A jovem ao menos teve a decência de abaixar o olhar, mas sabia que era isso o que acontecia. Ouviu algo assim certa vez, na biblioteca de seu pai.

— Desculpe, mas é o que fazem, não é?

— Bom, o intuito é esse, mesmo que não façam bebês, ou que já os tenham, o homem tem necessidades e procura sua esposa no leito mais vezes, além daquelas para fazerem bebês.

Anne tentou imaginar como deveria ser, sem muito sucesso.

— Olhe. Entre suas pernas, há uma flor.

— Não, não há.

— Imagine que há, Anne! — Mary começava a parecer impaciente. Sabia que caso aquele dia chegasse, seria ela a ter essa conversa, e nunca soube realmente como começar. — Bom, essa flor é agradável para os homens. E imagine, que os homens tenham uma espécie de ferrão de abelha no mesmo lugar em que você tem sua flor. — Anne tentou entender aquela frase, mas ficava cada vez mais difícil. — Então, ao visitá-la à noite, o duque usará o ferrão em sua flor. E...

— Oh. Mary, ferrão de abelhas doem! — exclamou. Hunter a machucaria?

— Acalme-se, não é bem assim. Veja, na primeira noite pode haver desconforto, mas será apenas na primeira noite. — A governanta coçou a cabeça, incomodada, fazia tempo demais que passara por aquela experiência. — Aonde quero chegar, Anne, é que saiba que é normal que a abelha procure a flor. Ou, no caso, o zangão.

— E o que devo fazer... com minha flor, enquanto ele... — Não sabia como falar, não conseguia imaginar o que Mary dizia. Afinal, em sua flor verdadeira não tinha mel.

— Apenas deite-se na cama, de camisola, não tire. Depois disso, deixe que ele a conduza, o duque saberá o que fazer e geralmente não demorará muito. E quero que se lembre que não deve demonstrar gostar das coisas que ele fará. Não é de bom tom.

— Mas ele irá gostar?

— Sim, os homens gostam, alguns gostam bastante.

— E por que eu não posso gostar? — Anne, naquele instante, estava com a cabeça de lado, olhando para o teto, tentando entender o que aconteceria.

— É como deve ser, Anne.

— Não preciso participar, então?

— Participará, de certo modo. Apenas relaxe e deixe que ele faça o necessário. Apenas isso. Após a primeira noite, o ato passará a ser conhecido por ti e se tornará mais fácil aceitar as visitas noturnas do duque.

Aquela última frase chamou a atenção de Anne.

— Visitas? Mas papai dormia com mamãe... não a visitava.

— Sim, alguns casais sim, em especial os de classe inferior. Mas não um duque. Provável que ele terá seu próprio quarto e irá para ele após o ato de núpcias.

— Oh... — Anne imaginou naquele instante como se sentiria com isso.

— Agora vamos, chega desta conversa, não é? — A mulher estava com as maçãs do rosto coradas, agradecida por dar um final àquele assunto. Enquanto Anne era pura confusão. — Precisamos seguir para a igreja, está na hora.



CAPÍTULO 28

Hunter fixou seu olhar no de Anne, enquanto tirava com delicadeza sua luva, colocando em seguida o anel que um dia pertenceu à mãe em seu dedo. Uma fina aliança de ouro, com uma pequena pedra azul no centro. Achou o duque que aquela seria a joia perfeita por refletir a cor dos olhos iluminados da jovem mulher.

Vestindo um impecável traje de gala, o duque exalava luxo e nobreza, assim como sua noiva, que o enfeitiçou com tamanha beleza ao entrar na igreja. A cerimônia correu como ele queria, fechada, apenas para a família, exceto por Victoria e a sra. Muller, já que Anne tinha sua governanta como família. Todos tinham os olhos sobre eles, mas Hunter conseguia ver apenas uma pessoa, sua noiva, e sentia o coração galopar livre no peito, com um sentimento que beirava à felicidade, mas ele relutava em rotular como tal.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu vos declaro, marido e mulher.

Ao ouvir essas palavras, Hunter quase cedeu ao impulso de rir ao vislumbrar o belo sorriso que Anne lhe deu. Contudo, não relutou em sussurrar:

— Agora estamos casados, minha duquesa.

— E eu ainda não acredito.

— Permita-me? — disse, oferecendo o braço que Anne não demorou em aceitar.

A mão dela descansava sobre a manga da casaca preta e ele podia sentir os dedos finos tremerem. Olhou-a de esguelha, conforme caminhavam em direção à saída, recebendo sorrisos e leves cumprimentos de todos que assistiam à cerimônia. Perguntou-se ao observá-la como estaria encarando aquele momento, o futuro ao seu lado. Deu-se conta, sendo pego de assalto, que queria mais que tudo que ela estivesse feliz.

Era costume que as pessoas estivessem aglomeradas em frente à igreja em casamentos importantes e naquele dia não foi diferente. E foi aos aplausos de todos ali que Hunter e Anne deixaram a igreja de St. James e entraram na segurança da carruagem ducal, não antes de Hunter entregar uma bolsinha com moedas ao seu laçao, para que distribuísse às crianças ali presentes, conforme fossem deslizando pela rua.

Quando o laçao fechou a porta da carruagem, estavam enfim sozinhos, em um vislumbre do que seria a vida a dois dali em diante. Hunter estava sentado no assento em frente à duquesa, apenas seus joelhos se tocavam e aquela distância de repente o incomodou. Foi impulsionado a sentar-se ao lado de Anne, a pegando em assalto. Hunter tocou a mão pequena, enluvada, entrelaçando seus dedos, fazendo com que ela olhasse para suas mãos unidas.

— Diga-me, está feliz? — perguntou em um rompante. Mas queria saber mesmo a resposta?

E se ela dissesse que estava apenas aliviada por ter sua proteção, bastaria para ele?

Hunter engoliu em seco. Os sentimentos em seu íntimo eram confusos, mas uma coisa era certa, queria, incondicionalmente, fazê-la feliz.

— Parece que estou sonhando... é a sensação que tenho — disse em meio ao riso, algo tão comum nela. — E que em algum momento, irei acordar no pequeno quarto, ainda na casa da senhora Muller.

Hunter ergueu a sobrancelha direita, tinha gostado do que ouviu. Sonhos eram bons, quando não se tornavam pesadelos.

— Posso então aceitar isso como um sim? — Foi adiante, queria ter certeza do que ela sentia.

— Sim, pode. Estou feliz. Não me casei com o senhor... — ela começou e ele negou com veemência, a calando.

— Por favor, não me chame mais de senhor — disse e fez seu riso aumentar.

— Certo, está certo. Não me casei com você por amor, mas casei-me com um homem de quem gosto, em quem confio — concluiu.

O sorriso no rosto de Hunter foi, aos poucos, morrendo ao ouvi-la. Mas foi isso o que ele ofereceu a ela, era justo que se sentisse feliz por esse motivo. Não poderia sentir-se desapontado ao ouvir dela tais palavras. Afinal, se ele não podia lhe oferecer amor, como dissera várias vezes, como poderia querer tal coisa dela?

Seus olhos passearam pelo rosto bonito, prendendo-se na boca delicada, vermelha e sob a proteção da carruagem, Hunter levou a mão à lateral do seu rosto, emoldurando sua face entre as mãos e uniu seus lábios. Desde o último beijo na sala de Victoria que ele vinha pensando naqueles lábios, em tê-la inteiramente sua.

O beijo começou de forma lenta, delicada, até o momento em que ele lambeu os lábios dela, pedindo passagem para dentro de sua boca. O sabor doce tomou sua língua, o cheiro dela o inebriou e em um impulso nada contido, ele a puxou para seu colo, sem descolar seus lábios dos dela sequer por um minuto, a abraçando pela cintura.

Colocou seus corpos, aprofundando o beijo, sugando a língua macia e apetitosa. Anne era como uma manhã fresca de verão, percebeu ele. Hunter se afastou, minimamente, colando sua testa na de Anne, soltando uma lufada de ar. Sabia que a queria, mas até aquele momento não sabia o tamanho da proporção desse sentimento.

— Você é doce, Anne — disse, roçando seu nariz no dela e a deixando vermelha, mole em seus braços. — Minha duquesa.

Os olhos de Anne se perderam nos seus e ele perguntou-se o que ela pensava enquanto o olhava. Tudo o que queria era jamais causar nela o sentimento de arrependimento, afinal, sabia de suas limitações. Suas cicatrizes... e naquele momento, negava-se a imaginar em como ela reagiria na noite de núpcias, ao vê-lo por completo.

A carruagem parou, era a tão chegada hora em frente à Austen House.

— Está pronta?

— Não, mas sua irmã me ensinou muito nos últimos dias e eu me empenhei. Irei honrar o seu nome, prometo.

— Você já o faz. — Deixou seu coração conduzir aquelas palavras, selando seus lábios antes que, enfim, descesse da carruagem e oferecesse ajuda para que ela fizesse o mesmo. — Vamos, minha senhora?



Nas últimas horas, a duquesa de Austen cumpriu seu papel junto ao marido. E como o esperado, talvez tenha escorregado algumas vezes, mas nada que pudesse envergonhá-la. E não pouparam seus ouvidos de como as matronas ficaram frustradas quando Austen voltou para Londres com uma noiva a tiracolo. Disso, ela se orgulhava, não conseguia imaginar seu marido a escolher outra noiva.

Todos aqueles que o duque e a condessa, sua irmã, tinham convidado para a recepção estavam presentes. Claro, não eram muitas pessoas, mas o bastante para uma primeira aparição.

Apenas uma pessoa não estava presente. O barão, seu tio, pois não estava em Londres, e Anne não quis saber por qual motivo.

Anne tivera a sorte do tio estar ausente, mas não aconteceu com a tia. Uma figura presente que vinha deixando Anne bem desconcertada naquela ocasião. Elisa a observava à meia distância, com o marido ao seu lado, um homem um tanto emproado e aparência fantasmagórica. Os noivos já tinham os cumprimentado e, na ocasião, a tia fora muito gentil com Anne, em especial com Hunter, ainda assim, a jovem duquesa estava sentindo-se desconfortável com o olhar da tia e de todos presentes.

Ali estavam os familiares de Hunter. Tios distantes e alguns primos com suas famílias. Pessoas importantes. Hunter disse que aqueles eram convidados seletos, poucas pessoas, mas para Anne era uma multidão. Multidão essa que a chamavam de Vossa Graça.

Tentava imaginar, previamente, como seria um baile com toda a alta sociedade presente. Todos se referindo a si como Vossa Graça.

Ela ainda não tinha de fato aceitado o título e todos aqueles cumprimentos, bajulações exageradas e falsos votos de felicidade a estavam sufocando. Procurou pelo marido no salão, mas ele conversava animadamente com um jovem bem-apanhado que, ao que se lembrava, era seu médico e ela não quis interrompê-lo.

Buscou também Victoria ou Kathe em seguida, e ambas estavam presas em uma conversa com algumas damas. Estava naquele instante sozinha e se perguntava por quanto tempo, já que a cada minuto alguém que ela não se lembrava do nome ou título se aproximava para trocar amenidades. O copo de limonada em sua mão começava a pesar, o ar estava ficando rarefeito e tinha medo de que percebessem seu estado. Onde tivera se enfiado Mary e a sra. Muller? Ela precisava desesperadamente de alguém conhecido.

— Ah, querida... imagino como tudo deva estar sufocando-a.
— Anne olhou para o lado, dando-se conta de quem estava ali. — O

que me diz de dar-me um minuto do seu tempo, em uma saleta particular? Assim pode recuperar o fôlego, também conversar um pouco.

A mulher com o sorriso aberto à sua frente não parecia sua tia, não a que ela lembrava, ou a que a olhava, dias atrás, pela vidraça de uma loja com feições austeras e enojada. Ainda assim, era alguém conhecido e ela precisava sair dali por alguns segundos, se recompor. Poderia cuidar da tia estando longe de todos.

— Claro, tia — concordou, procurando um lugar para onde ir.

Anne a guiou por um corredor lateral, abrindo a primeira porta que encontrou e sumindo dentre o cômodo. Era uma saleta pequena, mas serviria, e a duquesa esperou que a tia fizesse o mesmo, fechando a porta assim que lady Byron passou por ela. Só então Anne permitiu-se respirar, ainda de costas para a tia

— Olha só você agora, Anne, uma duquesa... — Ouviu da tia e, enfim, se virou, a encarando. — Sei que no passado possa ter parecido dura para contigo, mas quero que saiba que tudo o que fiz, foi para o teu bem e futuro.

Anne quis rir, jogar todo o escárnio da situação sobre a mulher à sua frente, mas controlou-se.

— Imagino que sim.

— Saiba que eu estava a ponto de lhe escrever, pedir... não, praticamente implorar para que viesse passar uma temporada comigo. E imagine só o quanto fiquei surpresa ao saber que você já estava em Londres e noiva de um duque?

Anne fugira da recepção para tomar ar e a tia a estava deixando ainda mais confusa.

— Implorar? — perguntou. Podia supor que, talvez, a tia teria se arrependido daquela carta, mas não seria tão tola.

— Claro. Edwards se foi e ficamos sabendo que perdeu a propriedade de teu pai. Ia oferecer a ti um lar, minha querida.

— Eu seria grata. Mas como vê, agora tenho um lar. — Sua voz saiu trêmula, ainda que segura. A tia fez menção de se aproximar, mas Anne deu um passo atrás e foi o suficiente para afastar Elisa.

— Deixemos o passado onde deve ficar, Anne, façamos novos laços, o que me diz? — Anne apenas a olhava, tentou fugir há pouco do escrutínio de desconhecidos, mas sentia-se pior agora. — Ouça, meu marido, seu tio, está louco para conhecer melhor o duque e por isso proponho um jantar, o que me diz?

— Um jantar?

— Em sua honra, é claro. — A mulher atravessou o cômodo e segurou ambas as suas mãos, desta vez Anne não pôde se afastar. — Precisamos voltar a estreitar os laços.

Os laços das duas nunca foram estreitos, disso ela bem sabia.

— Enfim, encontrei minha duquesa. — Anne quase derreteu tamanho contentamento em ouvir aquela voz. — Estava à sua procura, tenho alguém para apresentá-la.

— Vossa Graça. — Anne observou a tia soltar suas mãos e se voltar para o duque, cumprimentando com uma profunda mesura.

Com isso, recebeu de Hunter apenas frieza. Anne deu-se conta de que se a tia fosse uma pedra em uma estrada qualquer, talvez ele a tivesse olhado melhor.

— Milady. Se puder nos dar licença...

— Claro, claro... Com licença — confirmou, fingindo falsa alegria. Voltando a olhar para Anne. — E, querida, pense com carinho no que conversamos.

Anne anuiu e assistiu à tia deixar o aposento, podendo respirar, aliviada. Observou Hunter, que parecia ter seu rosto esculpido em pedra.

— O que ela queria? — indagou, se aproximando de onde estava.

— Nos convidar para um jantar. Em minha honra. — Ela chegou a levantar as sobrancelhas, zombeteira.

— Que você negou, presumo.

— Na verdade, salvou-me de dar uma resposta. Chegou a tempo — ela continuou, aliviada, alinhando seus pensamentos e os últimos acontecimentos com calma.

— Eu a salvei, então. — A voz dele estava mais perto, ele estava perto, seu tronco quase roçando seus seios.

— É certo que sim. Mandarei uma negativa quando puder.

— Ou talvez... poderíamos aceitar e colocá-la em seu devido lugar. Aquela mulher a feriu e, conseqüentemente, feriu a mim também. Sabemos a intenção dela, é apenas interesse e podemos frustrá-la. — Anne via puro contentamento com a ideia nos olhos de Hunter.

— É, podemos. — A nova duquesa tinha o rosto baixo e Hunter segurou seu queixo com delicadeza, levantando-o.

— Diga-me, o que mais a perturba? — Com a fala, veio também um afago. Hunter levou o dorso da mão à sua bochecha, em um carinho leve.

— Nada. Foram muitas pessoas, todos querendo falar com você, comigo... me senti um pouco sufocada, precisei de um minuto. Foi quando minha tia apareceu e eu vi um motivo para fugir por alguns minutos.

— Compreensível.

— Podemos voltar agora, se quiser... — falou, ainda que a ideia não a agradasse.

— Podemos, mas não precisamos. Já estava na hora de acabar.

— Todos já foram embora? — perguntou, surpresa.

— Já era hora... Katherine fez a delicadeza de ser a primeira a ir com Henlein, os demais a seguiram.

— E Mary?

— Victoria pediu que dissesse a ti que sua governanta e a sra. Muller se sentiram indispostas, acabaram indo embora mais cedo. — Aquilo a frustrou. — A essa altura, estamos a sós.

Anne chegou a soltar o ar, como desejava aquele momento, ter paz. Então lembrou-se que logo teriam a noite de núpcias. Céus...

— Acredito que precisa de um momento a sós, em seu quarto, estou certo?

— Sim, acredito que sim. — A dama engoliu em seco.

— Pedirei que levem sua refeição no quarto, assim sendo. Precisarei ir para a biblioteca resolver um pequeno problema, mas não demoro a subir. — Com o final daquela frase, viera também um beijo, algo rápido.

— Tudo bem.

— Oswald a levará até seu quarto. Acredito que sua dama de companhia estará à sua espera para ajudar com o vestido e com o que mais precisar.

— Obrigada. — E nervosa, Anne viu-o ir em direção à porta, mas parou ao tocar a maçaneta, olhando-a por cima do ombro.

— Por favor, deixe seus cabelos soltos — disse apenas, saindo em seguida e a deixando ali.

Tudo o que sabia sobre noite de núpcias era o que Mary lhe contara ainda naquele dia, o que não foi muito e causou em sua mente grande confusão. Pois se Hunter poderia gostar, por que ela não?

Não havia ninguém para ajudá-la com todas as perguntas que tinha, faria por fim o que Mary dissera. Iria manter-se fria e imóvel... isso ela poderia fazer.

Santo Deus, o que seria dela dali em diante?



CAPÍTULO 29

Quanto tempo havia se passado, desde que Hunter teria dito que daria um tempo a ela? Anne não sabia dizer, mas começava a achar que, caso ele demorasse mais tempo, poderia escutar seu coração bater a quilômetros de distância, tamanha era a ansiedade que a tomava a cada novo minuto. Até mesmo seus pés estavam suando.

Já tinha dado voltas por todo o quarto, deitado, sentado em uma das poltronas ali dispostas, mas nada aplacava o frio que tomava seu estômago. Acabou de pé em frente à janela que dava vista para o jardim lateral da mansão, lembrando cada minuto daquele dia, perdia-se em pensamentos, nervosismo e apreensão.

Tentou prender sua atenção nos detalhes do quarto, talvez isso a acalmasse. Em um primeiro momento, o espaço a chocou. Pois um luxo quase obsceno desprendia-se do piso ao teto, em uma decoração minimalista, mas tão bonito quanto esperava-se para o quarto de uma duquesa. As paredes eram de um tom verde-claro, delicado, com adornos prata, em detalhes retos. No teto, estátuas pequenas de cor branca, do que pareciam pequenos anjos, estavam dispostas nos cantos de cada parede.

Uma lareira grande, em mármore, aquecia o quarto, de frente para a imensa cama de cor branca e detalhes prata e dourado, com um dossel de renda delicada que descia por suas extremidades. Aos pés da cama, um verde-esmeralda chamava atenção. Seria ali que suas núpcias aconteceriam.

Sentiu um arrepio subir por sua coluna ao pensar nisso e continuou a prender a atenção nos detalhes por ali espalhados. Duas mesinhas estavam dispostas uma de cada lado da cama, com toalhas da mesma cor do divã. Do outro lado, contrário ao que estava, uma bela penteadeira de madeira estava à sua disposição. Em outra lateral, havia duas portas. Uma para suas roupas, a outra, segundo a jovem que a serviu, era o quarto adjacente para o duque.

Anne se lembrou do que Mary lhe disse, a governanta tinha razão, ele não dormiria ao seu lado. Esse fato trazia decepção ao seu peito, não poderia negar. Uma leve batida soou na porta adjacente, a fazendo pular no lugar. Deveria correr para cama e ficar imóvel?

Não teve tempo para decidir, logo a porta foi aberta e Anne observou Hunter adentrar seu quarto, vestindo apenas um roupão de cor branca. Os olhos verdes vagaram pela cama de início até encontrá-la ali, ainda próximo à janela. E logo ela, que tanto gostava de falar e sorrir, estava agora estática e sem palavras.

Notou que o duque a olhava com apreciação e sentiu suas pernas tremerem em antecipação. Ele parecia ainda maior, mais imponente, mesmo que precisasse de uma bengala como apoio. Passo ante passo, Hunter aproximou-se dela, olhos presos nos seus, a envolvendo como um ímã. Anne sentia até mesmo sua respiração mais pesada, o ar a ficar mais denso, seu corpo ficando mais quente. Ele parou à sua frente, tocando uma mecha do cabelo que caía por seus ombros, fazendo-a acompanhar seu movimento.

— Você não se desfez deles.

— Eu prometi a alguém que não o faria. — Anne o viu sorrir ao ouvi-la, minimamente, sentindo sua mão descer por seu ombro, parando em sua cintura.

Anne foi de encontro ao peito duro de Hunter quando ele a puxou para si, com certa brusquidão. Ela arfou, esperando um beijo, que não veio, o homem apenas a olhava.

— Está nervosa. — Não era uma pergunta e sim uma afirmação. — Tem medo?

— Não, medo não. Mas... — Sim, tinha medo. Medo do que não sabia estar por vir, pois nada envolvendo flores, ferrões e zangões tinha entrado em sua mente.

— Mas?

— Não sei o que devo fazer, Hunter, e isso me deixa um tanto desesperada.

— Saberá o que fazer no momento certo, o prazer é instintivo, Anne. — Ele a chamava como se cantasse uma nota musical e, aos poucos, Anne sentiu seu coração acalmar-se ao seu lado. — Não se preocupe, farei com que, o que acontecerá aqui hoje, seja prazeroso para nós dois. Venha...

Mas ela não deveria sentir prazer, nem gostar, certo? Ele afastou-se, estendendo sua mão em um convite que ela não demorou a aceitar, sendo guiada até a cama.

— Hoje, iremos unir nossos corpos, Anne, e não precisaremos de roupas para isso — ao dizer isso, seus dedos procuraram o laço do robe, o desfazendo e deixando que a peça de seda deslizesse por seus ombros, embolando-se aos pés dela.

Anne sentiu seu rosto queimar, mas não teve muito tempo para pensar no que iria acontecer a seguir. Hunter segurou seu rosto entre as mãos, colando seus lábios aos dela, invadindo sua boca com pouca delicadeza em seguida, como se estivesse faminto por aquilo. A forma como a beijava causou nela uma ebulição mal contida que a fez gemer. E seu estado apenas piorou quando as mãos do duque desceram pela lateral do corpo, parando em seu quadril e a impulsionando a deitar-se. O corpo grande pondo-se sobre o seu. Ela deveria manter-se imóvel, foi o que Mary dissera, mas não conseguiu, pois sentia sua flor ser afagada, pulsar com cada pequeno toque que sentia. Não se segurou mais, suas mãos precisavam apoiar-se em algo e agarrou-se aos cabelos que roçavam a nuca masculina.

Sentiu a mão áspera subir por sua perna, tocar sua pele, levando junto a barra de sua camisola, com delicadeza. Anne arfou quando Hunter deixou sua boca e desceu beijos por sua bochecha e pescoço, causando nela total relaxamento, fazendo soltar um lamurio de puro desejo. Naquele instante, o desejo que sentia era o

de se apertar a ele, procurando algo como alívio para o latejar entre suas pernas. Sequer se lembrava do que Mary lhe dissera, pois mesmo que conseguisse pensar com coerência, o desejo que a boca de Hunter lhe causava não permitiria que ela fingisse não gostar.

Anne não entendia o que estava acontecendo com ela, todas aquelas sensações, mas o que quer que fosse, parecia uma fera enjaulada que pedia liberdade. Sentiu o joelho do duque forçar passagem entre suas pernas, criando um atrito maior entre seus corpos. Anne se contorceu, querendo mais... porém, mais o quê?

Arfou em lamento quando sentiu a falta da boca habilidosa na sua ou do peso do seu corpo. Abriu os olhos lentamente e o viu de joelhos entre suas pernas. Naquele instante, ao ver-se parcialmente nua, Anne parecia voltar a si, sentindo vergonha de sua nudez.

— Não há do que envergonhar-se, Anne... você agora é minha, toda minha.

Ela engoliu em seco e foi a vez de Hunter levar a mão ao laço do robe, o desfazendo. Ele iria ficar nu. Anne deveria fechar os olhos, pedir que apagasse a vela, mas como poderia, se queria vê-lo? Aquele pensamento junto à sua inaptidão de fingir-se fria fez com que sentisse culpa.

— Meu corpo tem marcas, Anne, peço que não se assuste...
— disse com a voz mais rouca que de costume. — Mas caso o faça, saiba que me afastarei se for o que quer.

Anne sequer proferiu qualquer palavra, os olhos presos em cada movimento seu, o coração a retumbar no peito. Viu com ansiedade ele livrar-se da peça, que se formou um amontoado de panos em frente às suas partes íntimas. Estaria ele lhe escondendo o tal ferrão?

Aquela ideia foi deixada em segundo plano, tudo foi deixado de lado quando Anne viu as cicatrizes. Seu olhar passeou pelo

tronco largo e musculoso, esquadrinhando cada parte daquele corpo. Uma cicatriz profunda, mas pequena, maculava a clavícula esquerda, passando, assim, como um rasgo em seu peito direito. Em seu abdômen, outras cicatrizes marcavam sua pele, menores, algumas pareciam nada mais que um furo malfeito. O que fizeram com ele?

Anne estava muda e paralisou ao prender sua atenção no quadril e perna esquerda do homem à sua frente. Ali, uma cicatriz que se assemelhava a uma queimadura profunda, marcava toda a sua pele, desde um pouco abaixo do umbigo, terminando em sua panturrilha. Em meio a ela, a má cicatrização era visível, pelos buracos que foram deixados por toda a extensão, tornando a pele completamente irregular.

Anne entendeu de forma clara o motivo pelo qual Hunter precisava de uma bengala. Uma de suas pernas era mais fina em comparação à outra. Aos poucos, ela voltou a subir seu olhar, fazendo o caminho reverso, encontrando olhos de pedra a observá-la. Ali, no fundo, estava alguém que parecia esperar repulsa, nojo ou algo pior, preparando para fugir.

Anne se moveu e Hunter parecia preparado para uma rejeição iminente. Algo que não viria, pois seu coração agora sangrava com o que via, ao imaginar o inferno pelo qual seu marido passou. Usando do mesmo artifício que ele, Anne pôs-se de joelhos bem à sua frente. Levou a mão trêmula ao encontro da cicatriz no peito de Hunter, sentindo a irregularidade de sua pele, seguindo com delicadeza para o abdômen masculino. Não deixando de tocar nenhuma de suas marcas. Anne foi impelida a parar antes de chegar à sua perna, pois uma mão grande a impediu quando segurou seu pulso, parando-a. Anne o olhou e pode vê-lo engolir com dificuldade, seus músculos ficarem tensos.

— Eu não posso curar as cicatrizes no seu corpo, mas posso tentar apagá-las da sua alma, me esforçarei para isso, é uma promessa. Nada em ti poderia assustar-me — disse e viu que por

trás das feições de pedra, Hunter escondia a mais pura vergonha e medo.

Talvez ele não esperasse aquelas palavras e a beijou, sugando seus lábios e pedindo sua língua, a chupando como se fosse uma fruta. Anne gemeu, segurando em seus ombros, tendo a sensação de voltar ao seu lar. Não demorou para que ele a empurrasse na cama novamente, fazendo com que desse um grito, surpresa com a rapidez do movimento. Viu com deleite ele rir, segurando a barra de sua camisola, voltando a levantá-la.

— Importa-se em tirá-la?

— N-não, se é o que quer...

Ela não se importava apesar de sentir vergonha de sua nudez. Mas ele era seu marido e estava nu, exposto e despido para ela. Sendo assim, deveria fazer o mesmo, não?

Deixou que ele tirasse a peça, como fizera com seu robe. Mas Hunter não se contentou apenas com isso, tirou também sua roupa de baixo, a deixando completamente nua. Seu coração voltou a bombardear no peito, sua apreensão pelo que viria tornando-se gigante e, por impulso, talvez, ela fechou suas pernas, vergonha banhando seu rosto.

— Não precisa esconder-se de mim, Anne. Você é a criatura mais bela que já vi. — Ali, ao dizer essas palavras, foi a primeira vez que Anne viu brilho nos olhos de Hunter.

Talvez tenha sido isso que a fez relaxar quando ele se pôs sobre seu corpo, pele com pele, a beijando. Dessa vez ele não se demorou em sua boca, descendo por sua bochecha e pescoço, chupando sua pele. Anne sentiu novamente como se uma fera, presa em seu baixo ventre, quisesse escapar quando sentiu lábios molhados tocarem seus mamilos. Teve que segurar um grito na garganta ao sentir sensações nunca imaginadas antes.

Desta vez, Anne fechou as pernas, mas não foi por vergonha, mas por busca de alívio instintivo.

Cravou os dedos nos cabelos lisos do marido, contorcendo-se à medida que Hunter deixava um mamilo para buscar o outro. Aquilo deveria ser proibido tamanho prazer que lhe dava. Anne gemia, sem controle, e quase chorou quando ele abandonou seus seios, beijando e lambendo sua barriga, indo em direção à...

— Hunter... — Anne chamou, fazendo-o parar e olhar para ela, sem desgrudar os lábios de seu umbigo. — Aonde... vai?

— Aqui, Anne, entre quatro paredes, não temos limites. Vamos, relaxe e se abra para mim.

— Mas...

— Deixe-me lhe dar prazer. — E ela queria prazer.

Tinha amado cada toque seu, cada beijo e ao senti-lo lambar sua pele novamente, indo em direção à sua virilha, Anne fechou os olhos e apenas se permitiu sentir.

— Deus... — gritou ao sentir a língua ducal chegar onde lhe era mais sagrado, abrindo-a com os dedos.

Anne apertou ainda mais os olhos, não queria olhar para ele, mas também não queria que ele parasse. Sentiu-o assoprar sua pele, protegida por poucos pelos e era como se caísse em um penhasco em seguida quando ele a beijou sua flor. Ele beijou!

Os dedos pálidos se cravaram nos lençóis brancos, como para segurar-se. As mãos dele abriram mais suas penas, impelindo-a a levantar os tornozelos e plantar as palmas dos pés no colchão. Obediente, ela permaneceu aberta para ele, que perpassou a língua por sua entrada, acariciando pétala por pétala. Anne não conseguiu manter-se em gemidos silenciosos, tendo a vontade de gritar.

Pois Hunter a lambia de forma pecaminosa e ela apenas entregava-se de bandeja para cada estímulo.

— Hunter...

— Hum... — ele apenas gemeu em resposta, tomando para si seu desespero como um estímulo, e a sugando com avidez.

— Hunter, pelos céus, eu não... — Diria que não aguentava mais o que sentia. Mas algo explodiu em seu ventre, fazendo seu corpo tremer em resposta, contorcer-se embaixo do toque daquele homem, do desejo, da sua língua.

Por segundos, achou que estava caindo em um abismo profundo, perdida em tremores e espasmos, seus olhos a revirar. Anne cravou os dentes em seu lábio inferior, as unhas nas omoplatas de Hunter, buscando consolo, até parecer ter seu corpo de volta. Conseguiu, embevecida, abrir os olhos e o encontrou ainda entre suas pernas. O homem tinha os olhos em seu rosto, enquanto passava o nariz em seu monte vermelho e sensível, em uma carícia leve e deliciosa.

Anne percebeu que não era apenas o que ele fazia que lhe causava prazer, a imagem do homem dentre suas pernas também a deixava louca. Ela estava trêmula, com o coração a saltar em seu peito e não conseguia controlar o corpo.

Ouviu uma risada e piscou preguiçosamente, ao sentir Hunter trilhar beijos por seu abdômen, desta vez fazendo o caminho oposto. Ele sorria quando capturou seus lábios, mordendo o lábio inferior, sugando e a levando ao ponto da dor.

— Hum... o que fez comigo? — perguntou, pois queria que ele fizesse de novo, de novo e de novo...

— Eu a deixei pronta para o que faremos a seguir — disse, a beijando.

Anne pôde sentir seu próprio sabor, o gosto de sua pele mais íntima em sua língua, e apesar de soar errado, aquilo deixou novamente um tremor delicioso em seu baixo ventre. Sentiu algo duro roçar sua intimidade e se abriu mais, em busca de atrito.

— O que farei a seguir irá machucá-la... — Ouviu-o dizer e abriu os olhos. — Acredito não ser algo insuportável e prometo que só sentirá tal sensação em nossa primeira noite.

— Humrum... — Anne não conseguia saber ao certo do que ele falava, entregava-se apenas à fricção que a estava deixando tonta.

Os dedos longos de Hunter alcançaram sua intimidade, introduzindo um dedo dentro dela, o que fez seus gemidos aumentarem mais.

— Gosta disso?

— Sim... por favor...

— Irei continuar, mas com algo mais grosso e maior que o meu dedo.

— Oh, sim... — falou, perdida, queria qualquer coisa que a fizesse sentir mais prazer.

Beijando-a, sugou sua língua, quase a levando à beira do abismo novamente. O homem tirou seu dedo e como disse que faria, passou a roçá-la com algo maior e mais grosso. Sentiu introduzir-se dentro dela, causando certa ardência com o ato, mas não menos prazer. Era possível sentir dor e prazer ao mesmo tempo?

Não sabia dizer... Mas ele ia e vinha, minimamente, dentro dela, a fazendo gemer. Anne abriu os olhos quando ele parou de mover-se, e o encontrou olhando-a, com uma expressão quase selvagem em meio ao prazer.

— Desculpe-me por isso, por favor... — Anne não entendeu o motivo daquele pedido, não de imediato.

Uma dor aguda se seguiu, fruto de uma arremetida feroz, em uma única estocada, que levou-a a fechar os olhos ao sentir-se totalmente preenchida por ele. Anne gritou, não propriamente pela dor, mas pela surpresa. Voltou a abrir os olhos e encontrou um olhar preocupado fitando seu rosto.

— Quer que eu pare? — Ouviu-o dizer, mas não sabia bem o que responder, sentindo uma única lágrima escapar de seu olho. Lágrima esta que Hunter limpou com um beijo.

— Se continuar... sentirei mais dor?

— Não, não mais. Não como sentiu. A dor é passageira, é pelo rompimento de sua virgindade.

— Então, não pare...

Ele estava certo, a dor havia passado, deixando apenas uma leve ardência. Hunter voltou a mover-se, devagar, entrando e saindo de dentro dela, deixando evidente o quanto estava molhada. A ardência deu lugar ao prazer quando o duque passou a mover-se com mais pressa, voltando a beijá-la. Anne abriu-se completamente, querendo mais, seus gemidos morrendo abafados contra a boca de Hunter.

— Céus... você é mais do que imaginei, Anne. Não vou segurar-me por muito tempo.

— Então não segure — sussurrou, embevecida pelas sensações.

O barulho de seus corpos a chocarem-se ecoava pelas paredes do quarto, assim como seus gemidos. Hunter indo cada vez mais fundo e Anne se jogando naquele abismo já conhecido por ela. Seu corpo entregou-se ao prazer mais uma vez, gemendo livre ao alcançar libertação. Ainda entregue a espasmos, ouviu o homem

rugir de forma quase animalesca, para em seguida, desabar sobre seu corpo, imóvel.

Anne estava como gelatina, como se estivesse fora de si e sentiu-se oca, quando Hunter saiu de dentro dela, para em seguida se colocar deitado ao seu lado na cama.

Anne tomou o controle de si aos poucos, sua respiração voltando ao normal, seu coração voltando ao ritmo. Ainda de olhos fechados, lembrou que o duque tinha um quarto ao lado do seu e se perguntou se ele a deixaria sozinha após o que fizeram. Engoliu em seco, quando sentiu o colchão farfalhar, era o marido a levantar-se. De imediato, quis chorar, não entendia o porquê, mas queria. Estava ali, nua, exposta e... abriu os olhos subitamente ao sentir algo molhado tocar sua pele, se colocando à meia distância da cama ao apoiar-se em seus cotovelos.

Sua visão estava embaçada quando observou Hunter em pé, ao lado da cama, com um pano nas mãos, limpando o alto de sua coxa. Ele ainda estava ali.

— Abra as pernas, querida, deixe-me limpá-la, você sangrou.

— Deus... — Anne sentou-se, apressada, sentindo ardor tomá-la.

— Ei... — ele chamou sua atenção. — É normal, não se preocupe. Não se feriu, o sangramento é mínimo e passageiro.

— Tem certeza? Talvez minhas regras...

— Shi... deixe-me cuidar de ti.

Anne deixou, observando, com certa vergonha, enquanto ele a limpava. Podendo em seguida puxar os lençóis sobre seu corpo, tapando sua nudez. Só então Anne notou algo que não viu antes, então entendeu o que Mary quis dizer com *ferrão*. Hunter estava nu em pelo, com uma semiereção ainda presente. Anne não pôde esconder a curiosidade pelo que via, observando o membro

vigoroso, grande e grosso que o marido possuía. De fato, aquilo era completamente diferente do que ela tinha entre as pernas e se deu conta de como Mary falhou em sua explicação.

Estava tão perdida no que via, que até deixou o pescoço pender para o lado, ao apreciar as veias que envolviam a extensão do membro de cor rosada, com um furinho na ponta polpuda. Pensou que não tinha como não sangrar se tudo aquilo entrou por inteiro dentro dela. E Hunter, em momento algum, parecia se importar, enquanto andava pelo quarto.

— Pelo modo como o olha, acredito que aprecia a vista. — Ouviu a frase dita em meio a uma risada gostosa e teve vontade de tapar a cabeça com o lençol.

— Eu nunca... é que não se parece com um ferrão — disse, notando o ridículo da situação quando o homem se recostou em sua penteadeira, um sorriso brincalhão nos lábios, com a bengala a descansar ao lado. Hunter cruzou os braços frente ao peito.

— Um ferrão?

Anne sentiu o rosto queimar até a raiz dos cabelos, ele estava troçando de sua inocência.

— Não ria de mim. — Mas ele ria e sentiu-se ainda mais curiosa em continuar a olhá-lo, conforme seu membro parecia diminuir de tamanho. — Irá para o seu quarto? — obrigou-se a perguntar, entrar em um assunto mais seguro.

— Meu quarto? Já estou nele — afirmou, vindo em sua direção. — Não irei dividir quartos, Anne. Dormirei com você, a menos que não queira.

— Eu quero. — Sua resposta veio depressa, talvez rápido demais até.

Hunter sentou-se na cama e Anne pode assistir enquanto o homem deitava-se ao seu lado com cuidado.

— Então venha cá... será difícil me controlar durante toda a noite estando ao seu lado, mas não te quero longe — disse, beijando o topo de sua cabeça quando a aconchegou em seus braços. — Prometo controlar-me, não quero machucá-la.

Anne suspirou, sentindo protegida de uma forma que nunca imaginou sentir.

— Eu me machucaria se fizéssemos de novo?

— Sim, provavelmente. É sua primeira vez, devo dar-lhe descanso. — As palavras saíam pouco convencidas de seus lábios e Anne sentiu beijar-lhe os cabelos novamente.

Minutos de puro silêncio se seguiram, enquanto Anne descansava a cabeça em seu ombro, a mão em seu peito.

— Está feliz? — perguntou de súbito, como ele fizera mais cedo com ela. Queria olhar o rosto dele, mas a escuridão a impedia.

— Sim, estou feliz. Agora durma...

Anne chegou a suspirar, aconchegando-se mais a Hunter e deixando o sono e o cansaço levá-la saciada a um lugar feliz.



CAPÍTULO 30

Hunter observava Anne dormir e sentia como se pudesse permanecer assim pelo resto da manhã. A esposa já não estava deitada sobre seu peito, continuava perto do seu corpo, de frente para ele, o que facilitava muito o que estava a fazer. O lençol tinha descido, cobrindo apenas da cintura para baixo, os cabelos ruivos, soltos, espalhavam-se pelo travesseiro, criando a imagem perfeita aos seus olhos. Ele chegou a levantar a mão para tocar seu rosto, as sardinhas que cobriam seu nariz e parte da bochecha, mas desistiu em seguida. Deveria deixá-la dormir. O dia de ontem fora uma provação para ela e a noite... fora perfeita e cansativa.

Apenas de se lembrar de como fez amor com sua mulher, sentia-se excitado novamente. Antes de ir para o exército, Hunter conheceu os prazeres que era o corpo feminino, mas após envolver-se com Sarah, se entregou ao celibato por amor a ela naqueles primeiros anos. E após sua decepção e ao voltar para a guerra, Hunter sempre teve o corpo aquecido por mulheres. Entregava-se ao prazer para esquecer a dor pungente em seu coração.

Contudo, depois do seu acidente tivera dúvidas se voltaria a ser o mesmo com relação à sua virilidade. Tinha dúvidas se conseguiria despir-se em frente a uma mulher. E ontem pôde experimentar a melhor das sensações e foi com ela, sua Anne.

Imaginou que seria menos prazeroso, pela inexperiência dela, pela insegurança com suas cicatrizes, mas nada daquilo impediu de se entregar sem reservas para aquela mulher. Tampouco ela para ele e foi surpreendido por alguém que olhava além das aparências. Foi a sensação que experimentou quando Anne pôde vê-lo por completo, era como se ela enxergasse seu coração, sua alma.

Queria-a novamente, de novo e de novo, sentia que jamais se cansaria de adorar aquele corpo, pois o gosto dela era viciante, tanto que precisou segurar-se inúmeras vezes naquela noite para

não a procurar uma segunda vez ou até uma terceira... Um gemido delicado chamou sua atenção e ele ficou em expectativa, esperando que ela acordasse.

— Bom dia. — Sua voz saiu rouca e sentiu-se um libertino sem precedentes, tamanho o desejo que sentiu por tomá-la novamente, tão cedo.

Anne sorriu e, para ele, parecia que o sol nascera apenas naquele instante com seu sorriso.

— Bom dia. — A voz dela soou melodiosa, baixa e preguiçosa. Seu rosto tomando um tom avermelhado ao dar-se conta de onde estava.

— Diga-me, a duquesa dormiu bem?

— Como uma pedra, sequer me dei conta quando apaguei. — Isso ele esperava após a experiência que compartilharam. — E o senhor, meu marido, como dormiu?

— Bem, muito bem, eu diria. — Era uma verdade. Pois mesmo acordando algumas vezes por culpa da excitação ao estar ao lado dela, no tempo que dormiu, conseguiu ter um sono tranquilo, sem pesadelos.

Anne anuiu, olhando para além dele, em direção à janela. Àquela hora, o sol já estava alto.

— Céus, preciso me levantar, já deve ser tarde — disse ela, apressada, sentando-se e sendo impedida de levantar-se, ao ter seu braço segurado por ele.

— E por que precisa correr?

— Ora, o que pensarão de mim? Que sou uma preguiçosa. — Hunter riu, não, ele gargalhou, na verdade. E por segundos, pediu internamente para que o resto de sua vida ao lado dela fosse exatamente assim, cheio de risos. — Zombas de mim?

— De forma alguma, minha dama — disse, a puxando para si, controlando o divertimento. — Mas ninguém espera que desça tão cedo, estamos em núpcias.

— Oh... é?

— Sim. Podemos perder mais algum tempo aqui. Tirei o dia para passar ao teu lado, mostrar-lhe a casa, apresentá-la aos empregados. Estarei à sua disposição, em outras palavras. Talvez queira ir a algum lugar...

— Está à minha disposição? — perguntou ela e Hunter a viu corar com a pergunta. Os olhos dela brilhavam, travessos.

— O que se passa nessa cabeça, minha lady? — Anne sorriu e seu rosto se tornou ainda mais rubro.

— Podemos fazer... o que fizemos ontem de novo? — pediu, mordendo a ponta do dedo e o fez rir.

— Não está dolorida, Anne? — obrigou-se a perguntar, entre o riso, e a viu pinicar os olhos e se remexer na cama, como para testar o que dissera.

— Não, na verdade, sinto... um pulsar estranho.

— Um pulsar? — Roçou o nariz em sua bochecha, a vendo fechar os olhos. — Diga-me o que mais minha duquesa sente? — disse, a mão planando pelo abdômen feminino, parando entre suas pernas e encontrando o monte de nervos cobertos por pelos ruivos.

— Hum... céus... como eu poderia ficar imóvel com isso? — deixou escapar e isso o fez parar e olhá-la.

— Imóvel, por que ficaria imóvel? — Divertia-se ao imaginar o motivo, em especial quando a via morder os lábios. O ato respondia diretamente em seu membro já excitado.

E se tinha aprendido algo sobre ela, era que Anne não conseguia mentir ou esconder qualquer sentimento. Ainda que

tentasse, suas feições a desmentiam.

— É que... bem, disseram que uma dama recatada não poderia gostar, digo...

— Ah, não deveria?

— Sim, não sei bem por que, mas... faço mal em gostar? — Ele amava que ela tinha a liberdade de lhe perguntar qualquer coisa, mesmo que seu rosto estivesse da cor de seus cabelos.

— Não, não faz, Anne. O prazer deve ser mútuo e jamais deve fingir sensações. Quando tiver vontade de... — pausou, descendo os lábios até o mamilo exposto e o mordendo, voltando a massagear seu monte de nervos com os dedos. — Fazer amor comigo, não se envergonhe. Será um prazer satisfazer teu apetite recém-descoberto.

— Hum... — ela apenas gemeu e foi sua perdição.

Hunter colocou-se entre suas pernas, abrindo-a mais, podendo olhar cada dobra vermelha e succulenta de sua intimidade. Massageou-a, vendo Anne se contorcer de prazer e a invadiu com um dedo, a vendo arquejar. Era um deleite para os seus olhos, a visão do paraíso, aqueles lábios abertos, o peito subindo e descendo, com seios empinados, perfeitos a balançarem com o ritmo de sua respiração.

Hunter levou a outra mão para seu membro, satisfeito por vê-la curiosa observar cada movimento seu. Sentiu-a molhada, excitada, pronta e guiou-se para a entrada molhada, que clamava por atrito.

Introduziu-se dentro dela, sentindo a quentura abraçar seu membro e não se segurou ao gemer, extasiado. Poderia permanecer dentro dela o dia inteiro. Ele a beijou com pressa e brusquidão, segurando-se para não a machucar ao tê-la como realmente queria, de forma quase animalesca.

Ele não entendia por que o ato com Anne parecia transcender o carnal, mas tinha certeza de que não sairiam tão logo daquele quarto.



Hunter estava sentado à mesa do café da manhã, à espera de Anne. Tinham realmente passado mais tempo do que a boa etiqueta sugeria para os recém-casados naquela manhã, ainda assim, sua vontade era a de voltar para o quarto e tê-la apenas para si. Aproveitou o momento para olhar algumas cartas e convites que Oswald lhe trouxera e nenhum lhe chamou atenção, a não ser, uma carta de Sarah.

Suspirou ao ver a letra bonita e cursiva no envelope, e pouca vontade sentiu de saber o que tinha ali. Se satisfez em deixar o envelope, ainda fechado, junto aos convites que tão logo iriam para o lixo. Ouviu passos e olhou em direção à escada, Anne vinha descendo devagar. Deixou a bandeja de papéis de lado, apenas para observá-la.

A mudança entre a jovem do campo que conheceu e a mulher que descia aquelas escadas era perceptível aos olhos de quem conhecera ambas. Com um vestido de tom azul-claro, com pregas na cintura e o cabelo devidamente arrumado em um penteado no alto da cabeça, Anne vinha em sua direção com altivez.

— O que foi? — indagou, um tanto sem jeito ao notar que ele a olhava.

— Por que a pergunta?

— Está sorrindo.

E o sorriso apenas se ampliou ao ouvi-la. Não estava acostumado a isso, sorrir, mas ao lado dela era fácil.

— Acredito que esse seja o efeito que minha duquesa me causa. Aparentemente, é algo que só faço com frequência em sua presença.

— Disso não posso reclamar... E obrigada por providenciar uma dama de companhia, ela é de muita ajuda. — Anne sentou-se ao lado esquerdo do seu, enquanto Hunter se manteve à cabeceira.

O duque notou que ela fizera uma pequena careta ao sentar-se e reclinou-se por isso, sabia bem o motivo pelo qual fazia. Deveria ter dado mais tempo a ela, deixar para repetir o ato sexual à noite, no mínimo. Mas deixou que fosse levado pelo desejo e o sorriso da dama.

— Imagino que sim. — Hunter se esticou sobre a mesa, apanhando a mão de Anne e chamando sua atenção para si. — Eu a machuquei, não é? — perguntou baixinho, para que o empregado que vinha com uma bandeja não os ouvisse. Anne corou.

— Não... é apenas uma ardência. Creio que logo passe.

Pedia pelos céus que sim e reclinava-se por causar-lhe qualquer desconforto, ainda que minutos antes, tivera dado tanto prazer quanto sentiu a ela.

— Sim, de qualquer modo, desculpe-me.

— Oh, não se desculpe...

— Não?

— Jamais se desculpe por algo que me faz tão feliz... — disse e, ao ouvi-la, deixou a culpa escorrer entre seus dedos.

— Estou a seu dispor. — Cortou uma fatia de pernil que estava em seu prato. Sentia-se faminto. — O que quer fazer hoje, conhecer algum lugar?

— Oh não, por favor. Hoje não suportaria pessoas me chamando de Vossa Graça com fingida gentileza. Prefiro ficar aqui,

contigo, conhecer a casa, os empregados e, claro, falar com Mary.

— Imaginei que diria isso. Por sorte, não esperam mesmo nos ver pela próxima semana. Contudo, recebemos uma enxurrada de convites para bailes e soirées, acredito que será assim enquanto permanecermos em Londres.

— Hum... — Ela parecia não prestar a mínima atenção no que dizia.

— Recusei a todos, mas pensei que poderíamos ir ao teatro no meio da semana. Quem sabe, uma boa peça? — Ao dizer isso teve, então, toda a atenção da esposa, os olhos azuis brilhando.

— Podemos?

— Sim, é um dos poucos prazeres que me lembro de ter ao estar em Londres.

— Oh, sim, por favor. É possível que tenhamos a sorte de ir a um concerto também? Sempre sonhei em ir a um.

— Claro que sim. O que quiser. Nos próximos dez dias de nossa estadia, tudo será feito para o seu prazer — disse, de forma sugestiva. Anne estava ciente do duplo sentido escondido naquela frase.

— Oh... obrigada. — Ela o pegou de surpresa com isso.

— Eu já disse, Anne, estou aproveitando tanto desse enlace quanto a ti. — Ele a viu abaixar o olhar, o rosto iluminado. Era tão fácil fazê-la feliz. — Coma, deve estar com fome.

— De certo que sim.

Hunter calou-se e se pôs a comer, mas notou que Anne não fez o mesmo, mantendo as mãos juntas no colo, as apertando.

— Algum problema?

— Eu... tenho um pedido a fazer.

— Um pedido?

— Sim, um pedido muito especial para mim e peço que o considere um favor mais gentil que poderia fazer-me.

— Tem minha palavra.

— É sobre Mary, que era a minha governanta. Foi quem cuidou de mim toda a minha vida, em principal, após a morte de mamãe. Gostaria que ela morasse conosco.

— É só isso? — perguntou, achou que fosse algo mais difícil o que ela estava prestes a pedir.

— Não, não é. Não peço que ela faça parte da criadagem, Mary já está na velhice, não a quero trabalhando, mas não sei o que pensariam, caso tivesse uma... ex-governanta a viver como...

— Uma tia querida? — Hunter falou, levantando uma sobrancelha.

Anne o fitou e de início parecia não entender o que ele estava a dizer nas entrelinhas, até dar-se conta do que sugeria.

— Oh, sim, a mais querida de todas.

— Que seja assim, então. Peça que prepare um quarto para ela, o que você quiser. Ninguém precisa saber quem ela foi, apenas... diga que é uma tia, por parte de sua mãe, ou uma tia-avó por parte de seu pai, faça como achar melhor. Quer dar conforto a ela na velhice, pois assim será.

O sorriso que ela deu a ele foi de uma sinceridade que o tocou. Os olhos de Anne chegaram a se encherem de lágrimas não derramadas. Viu com prazer a mulher se levantar e vir até ele, segurar seu rosto entre as mãos e beijá-lo com os lábios fechados, de forma demorada, sem se importar com o criado logo ali do lado.

— Obrigada — disse, voltando a sentar-se.

— Sempre que me agradecer por algo fará isso?

— Possivelmente.

Ambos riram e Hunter perguntou-se quanto tempo demoraria para que os empregados comesçassem a comentar em como a duquesa o agradecia, mesmo em frente aos empregados. Fosse o que fosse, ele não se importava. Achava que o enlace seria uma conveniência, mas começava a sentir-se feliz demais em tê-la como sua esposa.

Acreditou por tempo demais que teria uma vida solitária e miserável e agora sentia uma inocente felicidade em seu peito, apenas por vê-la sorrir. No fim, a felicidade não era tão inalcançável quanto imaginava.



CAPÍTULO 31

Anne nunca sonhou com o casamento, pois para chegar a um passo tão grande, ela imaginava precisar de amor. Por isso, ela sonhava em amar, um amor tão puro quanto seus pais tiveram. Sabia o quanto seu pai e sua mãe foram subjugados na época em que fugiram em nome do amor. Não queria algo tão dramático, queria apenas amar.

Mas sua ideia romântica ficou para trás, era apenas um sonho. Estava casada, e ao contrário de tudo que esperava e imaginava, estava feliz. Não tinha amor, mas ganhara proteção, um lar, um nome e isso lhe bastava, ao menos naquele momento. Só pedia aos céus que o passado ficasse exatamente onde deveria, no passado.

No dia anterior, ela aproveitou para conhecer a casa ao lado do marido pela manhã, já à tarde, Hunter fora para o escritório e a deixou aos cuidados da sra. Luffer, sua governanta, e do sr. Barn. E ao lado de ambos, pôde conhecer mais da residência. A Austen House era linda e luxuosa como imaginara e tinha muitos cômodos que continuavam fechados, e muitos deles se encontravam cobertos por panos. Segundo sua governanta, o duque pediu que limpassem e arejassem apenas os cômodos que usariam na curta passagem por Londres e ela concordava. Não precisava de tudo aquilo, apenas do que usaria.

A única coisa que não conseguiu fazer foi falar com Mary. Mas recebeu um recado de Victoria, que dizia à Anne que Mary gentilmente se ofereceu para acompanhar a sra. Muller de volta a Countyham, e que caso fosse seguir com o combinado, de retornarem à Green Hall em dez dias, Mary a esperaria em companhia da senhora Muller. Anne não gostou da ideia de ficar longe de Mary, mas não fazia sentido submetê-la a duas viagens seguidas tão cansativas apenas para seu capricho. Por fim, sentiu muito apenas por não ter a chance de se despedir de ambas.

Trataria de agradecer a sra. Muller por tudo o que fez por ela assim que voltasse à Green Hall.

Já a noite, passou nos braços de Hunter, aproveitando seu bom humor, infiltrando aos poucos debaixo daquela armadura rochosa. Como lhe prometera, ele não a tocou naquela noite, apenas conversaram sobre o dia que tivera. Segundo ele, daria descanso a ela, pois não a queria machucar. Anne aceitou, pois ainda que quisesse muito fazer amor com seu marido, estava de fato sentindo certa ardência em suas partes íntimas.

Sorriu ao pensar que naquela noite poderiam vir a repetir o ato, pois já não sentia mais incômodo algum. Com cuidado, andava a passos lentos, observando cada detalhe do corredor da ala norte da casa, em principal os quadros ali dispostos. Acreditava ser parentes próximos e importantes do marido.

Já havia passado por aquela ala no dia de ontem, de forma breve, mas agora, sozinha, queria conhecer tudo com calma. Parou em frente a uma das muitas portas, e tocou a maçaneta.

— Continua a explorar, Vossa Graça?

Anne assustou-se, se voltando para o som daquela voz. Era o sr. Barn, impecavelmente bem-vestido, a olhá-la de forma condescendente. Gostava daquele homem, sentia emanar dele confiança e simpatia.

— Oh, sim... algum problema em entrar aqui?

— De forma alguma, Vossa Graça, a casa é sua.

Anne sorriu e o cumprimentou, abrindo a porta em seguida e adentrando o cômodo.

Vossa Graça...

Ainda não tinha se acostumado com isso, sentia-se incomodada com o tratamento, como se chamassem outra pessoa

que não ela. Iria demorar a acostumar-se a não ser mais a srta. Craw.

Mudou os rumos de seus pensamentos assim que começou a olhar aquela sala. Era um cômodo pequeno em comparação aos demais cômodos da mansão, mas tinha algo aconchegante no lugar, intimista, e ela não sabia explicar o motivo. Como a maioria das salas, aquela também estava com os móveis cobertos, até mesmo alguns quadros.

Hunter dissera que ela poderia escolher um cômodo para sua sala pessoal, não que ela achasse que precisava, mas animou-se com a ideia. Poderia tomar chá à tarde com a cunhada ou Victoria e, claro, com Mary quando tivessem oportunidade.

Com curiosidade, se aproximou de um dos quadros pendurados na parede lilás, puxando o pano branco que cobria a pintura. O quadro era o de uma mulher, uma dama que lhe conferia altivez, uma beldade em um impecável vestido rosa. Os cabelos negros estavam bem emoldurados em um penteado baixo. Para completar a pintura, a dama sorria, o que não era comum em retratos que já vira.

Anne estava tão absorta na imagem que sequer viu o momento em que Hunter entrou no cômodo, a observando parado à porta.

— Minha mãe — disse, fazendo a esposa pular no lugar ao se aproximar de suas costas, colocando a mão em seu ombro. — Esta era a sala particular dela.

— Oh, eu não sabia. Desculpe-me.

— Pelo quê? — Suas palavras reverberavam sua pele, pois sua boca estava a centímetros de seu ouvido.

— Por invadir assim. Achei que poderia usar a sala para mim, mas procurarei outro cômodo.

— De forma alguma, se gostou desta aqui, usará ela. Tem uma decoração minimalista, minha mãe era assim. Pôde notar pelo tamanho da sala, por exemplo, que ela gostava de espaços pequenos. — A frase poderia passar despercebida a quaisquer pessoas, menos para Anne, que sentia o carinho com que Hunter falava.

— Para mim, parece perfeita — disse, olhando ao redor. Mas algo ocorreu à Anne que fez o sorriso em seus lábios morrer aos poucos. — Mas... a outra duquesa...

— Lady Sarah?

— Aquela mulher usou esta sala? Se ela o fez, eu prefiro não...

— Não, não usou — afirmou, fazendo Anne soltar o ar, aliviada. — Ela considerou o cômodo pequeno demais para seu conforto, segundo a sra. Luff.

— Sendo assim, fico feliz em poder usá-la. — Ela virou-se para ele, passando os braços por seu pescoço. — Não se importa mesmo que eu use?

— De forma alguma. E caso queira redecorar, fique à vontade. Pedirei que tirem o quadro e levem-no para a ala leste.

— Ah, não, por favor.

— Não?

— Não. O quadro... o olhar de sua mãe transmite algo como paz. Caso não se importe, o deixe onde está — pediu, e sentiu as mãos dele emoldurarem seu rosto, deixando um beijo casto em seus lábios.

Anne levou a mão até sua face, acariciando-o, levando o polegar para a cicatriz em sua sobrancelha, que perdia-se entre a

barba. Viu o marido fechar os olhos mediante o toque delicado de seus dedos.

— Ela ficaria feliz em vê-la usar esta sala — disse, por fim, abrindo os olhos. — Eu também fico, em ver-te aqui.

— Quero que prometamos algo um ao outro.

— Uma promessa? — E aquela sobrancelha, divertida, subiu novamente.

— Sim. — Anne sentia-se tão feliz naquele momento que queria emoldurá-lo, mas já que não podia, que fizessem uma promessa então. — Que tentaremos fazer um ao outro feliz, mesmo nos momentos mais improváveis, mais difíceis.

— Uma promessa fácil, minha querida esposa.

— Eu não disse que seria difícil. — Anne riu, o coração quente de tamanho contentamento e naquele minuto, ao ver os olhos de Hunter brilharem ao olhá-la, perguntou-se o que era o amor. Seria mais do que sentia naquele momento?

Ganhou um beijo nos lábios, calmo como águas mansas, sereno. Hunter usava a língua de forma preguiçosa ao encontro da sua, a moldando e acariciando. Ao soltá-la, deixou pequenos beijos em seus lábios.

— Eu prometo. — Anne não tinha palavras para narrar seu contentamento ao vislumbrar aquele rosto austero, despido de qualquer preocupação naquele momento.

— Até onde vai essa cicatriz em seu rosto? — perguntou, voltando a acariciar o corte reto.

— Chega próximo à minha boca. — Viu o marido apertar os olhos, talvez imaginando o que estava por vir.

— Por isso não tira a barba?

— Também... fui atingido no rosto por uma espada, o corte fica mais profundo na bochecha. — Ele falava de um ferimento de guerra e Anne não compreendia a normalidade em sua voz. Não conseguia sequer pensar em tal coisa. — Mas acabei me acostumando com a barba também, é um bom disfarce. Pessoas já olham atravessado para um homem manco, com uma cicatriz no rosto, então...

— Importa-se tanto assim com a opinião alheia? — perguntou, e viu o semblante do marido se fechar, minimamente.

— Nem tanto... Pensei em tirá-la para nosso casamento, mas não confio em meu valete para tal função. O rapaz treme tanto em minha presença que temo por minha vida ao vê-lo com uma navalha em mãos. — Seus dedos tocaram uma mecha de cabelo que se soltou de seu coque, prendendo-a atrás de sua orelha.

— Então... eu poderia fazê-lo.

— Poderia?

— Sim. Fazia isso com papai. Tenho destreza e muita delicadeza para isso.

— Quer mesmo barbear-me? — Agora ele duvidava de suas habilidades, podia ver pela forma que a olhava.

— Tenho curiosidade em saber se fica menos feroz sem a barba.

— Bom, neste caso... farei sua vontade. Talvez com o tempo a cicatriz tenha até mesmo diminuído, podemos conferir.

— Possivelmente...

Hunter riu, a beijando novamente, um colar de lábios apenas.

— Estou ficando preocupado com minha falta de pulso para dizer-lhe não. Isso pode tornar-se um problema, não acha?

— De forma alguma. Estou muito satisfeita com isso, devo dizer.

Anne sentiu seu coração aperta-se, sem motivo aparente. Uma junção de sentimentos, indo da felicidade ao medo de perder o que tinha, de acordar e descobrir que tudo fora um sonho. E pior, o medo de estar começando a amar o homem à sua frente. Medo de que ele tivesse conquistado seu coração e que ela não conseguisse fazer o mesmo e obter o seu amor.

Ele nunca ofereceu amor, apenas amizade, proteção e companheirismo. Perguntou-se naquele instante, enquanto o olhava, o que seria dela, caso descobrisse que todo aquele sentimento e euforia que sentia ao vê-lo, fosse paixão, amor...

— Então vamos, estou pronto para ti.



— Sabe mesmo usar isso? — perguntou à sua esposa, que tinha uma expressão concentrada em sua face ao pegar a navalha na mesinha ao lado.

— Deveria confiar mais em sua esposa, milorde. — Aquele ar risonho estava em sua voz, apesar de se manter séria.

— Esteja certa de que o faço, confiaria a ela minha vida. — E realmente, foi o que fizera ao casar-se com ela.

— Neste caso, fique quieto e deixe-me trabalhar. — Anne aproximou a navalha de seu rosto e ele se afastou, talvez querendo ganhar mais tempo, para que, não sabia.

— Com certeza, será bem melhor olhar teu rosto ao invés de Oswald, ou do novo valete. Ainda não decorei seu nome.

— James, o jovem se chama James Allen. Um ótimo garoto pelo que pude ver. Vem de família muito humilde e está grato pelo trabalho, apesar de ter medo do seu semblante fechado. — Anne o surpreendeu ao dizer, tocando em meio às suas sobancelhas. — Este vinco aqui o deixa um tanto feroz, sabe?

— Verdade? Quem lhe disse tudo isso?

— O próprio James. Sou de origem humilde e nada assustadora, tenho facilidade em me comunicar. O garoto não teme a mim. — Ela sorriu, e Hunter imaginou o quanto os criados ali e os de Green Hall iriam adorá-la com o passar dos dias, isso, se já não o fizessem. — Com o trabalho, James poderá ajudar a família. Fez bem em ter ficado com ele.

— Imagino que sim.

— Pois bem, agora fique quieto, por favor, levante um pouco o queixo.

Hunter obedeceu, a vendo espalhar a loção para barbear em sua face, para, em seguida, começar a trabalhar com a navalha. Estava apreensivo, não negava, mas com delicadeza Anne ia fazendo bem seu intuito e após alguns segundos, Hunter conseguiu relaxar sob seu toque e voltar a abrir os olhos. Aproveitou o momento para observá-la.

Com as roupas e penteados certos, Anne era uma verdadeira joia. Linda, em principal seus olhos, que pareciam transmitir a beleza revolta do mar. Não poderia ter feito escolha melhor e perguntava-se, se poderia amá-la um dia. Ela merecia ser amada, cuidada de todo o coração, era alguém tão pura de espírito, bondosa que... merecia realizar o sonho de amar e ser amada.

Ele poderia dar isso a ela? Conseguiria seu coração amar aquela mulher como ela merecia?

Não tinha resposta para isso, não naquele momento. Observou com deleite a forma como ela apertava o lábio inferior

com os dentes, concentrada em sua missão. Enquanto seu cheiro o deixava envolto em uma nuvem amena de desejo. Segurar-se ao lado dela estava tornando-se impossível.

— Caso queira tirar algo de sua sala particular, o piano antigo, por exemplo, tem carta branca para redecorar, como quiser — disse e Anne parou o que estava fazendo e o olhou.

— Ali tem um piano?

— Sim. O piano era a paixão de minha mãe — disse e a viu sorrir.

— Céus... de forma alguma, irei amar passar as tardes ao piano. Um piano... — Hunter viu o rosto de Anne iluminar-se.

— Você toca? — interessou-se, ver Anne na sala que um dia pertenceu à sua mãe lhe alegrou de uma forma inexplicável.

— Bom... não muito bem, admito. Mas mamãe amava música, a dança... e me ensinou. Claro, que algumas canções, creio eu, que não seriam agradáveis aos seus ouvidos ou aos ouvidos da alta sociedade, pois eram canções da terra e cultura de mamãe. Mas lembro-me de partituras e canções belas que papai adorava. Sempre tocava para ele após a morte de minha mãe.

— Não imaginei que tocasse. — A esposa era, realmente, uma caixinha de surpresas.

— Bom, faz tanto tempo que dedilhei notas que, talvez, meus dedos estejam enferrujados.

— Podemos desenferrujá-los, nada me agradaria mais que ouvi-la tocar, que sejam canções da cultura de sua mãe, não me importo. Creio até que poderíamos arriscar um dueto. — Era fato, a convivência com Anne seria uma dádiva para ele.

— Surpreende-me tal fato. Não é comum que um lorde aprenda a tocar piano, é?

— Deveras, não. Mas meu pai negligenciou a mim e aos meus irmãos com sua presença, sempre estava ocupado demais com as demandas do título, com a educação de seu sucessor. E enquanto isso, estávamos sempre fugindo de nossas obrigações, eu e meus irmãos mais novo. Éramos o terror de nossos dos preceptores e nos agarrávamos com frequência à barra da saia de minha mãe, que passava horas a tocar e nos ensinar. Tanto eu, quanto George e Katherine gostamos de dedilhar.

Anne o olhava com curiosidade, era uma ótima ouvinte. Com o tempo, sentia que poderia contar a ela qualquer coisa, compartilhar qualquer sentimento, bons e ruins.

— Sua mãe era perfeita, não era?

— Creio que a mais perfeita de todas.

— Fala dela com tanto carinho e amor.

— Ela foi minha maior perda, sem dúvida alguma. — Anne tinha a navalha suspensa enquanto conversavam e ele não tinha pressa alguma de terminarem.

— Então podemos tentar um dueto. Quão animada isso me deixa. Podemos dar um sarau ao voltarmos à Green Hall? Podemos chamar as famílias ao redor, seus arrendatários, ou todos... — A animação dela era divina e ele entendia. Era compreensível que quisesse fazer algo em Green Hall com tamanha euforia, mas tremer mediante um baile ali, na Austen House.

— Não. Um sarau, não — disse e viu seu semblante morrer aos poucos. — E sim um baile, para dizer a todos que Green Hall está aberta. Que o duque e a duquesa de Austen são perfeitos anfitriões e que não precisam temerem os limites das minhas terras — completou e o sorriso, aquele que parecia trazer o sol, voltou aos lábios de Anne.

Sem cerimônia, sua esposa colou os lábios nos seus, tendo um bigode branco ao se afastar, limpando no pano em seu ombro.

— Desculpe-me, me deixou muito animada a ideia de um baile em Green Hall. Será perfeito.

— Sim, será.

— Certo, a ideia muito me agrada. Agora volte a ficar quieto e deixe-me terminar sem maiores distrações.

Ele obedeceu, admirando o brilho em seus olhos e um pequeno sorriso que ela não conseguia conter. Aos poucos, Anne ia tirando cada centímetro de barba em seu rosto, Hunter poderia até mesmo sentir a friagem na pele. Ficou apreensivo quando Anne começou a passar a navalha do lado esquerdo de seu rosto, onde estava sua cicatriz. Chegou a engolir em seco, imaginando se ela sentiria repulsa como Sarah o fez, anos atrás.

Mas Anne não demonstrava nenhuma indiferença, absolutamente nada. E com isso, Hunter achou estupidez esperar qualquer indiferença vindo dela, depois da noite de núpcias. Sentiu quando Anne terminou seu trabalho de forma primorosa, sem demora. Hunter, por sua vez, esquadrinhava cada centímetro de seu rosto, em busca de um traço de algo negativo em resposta ao que via. Mas Anne apenas puxou o pano em seu ombro, limpando qualquer resquício da loção que poderia restar em sua pele, abandonando a navalha na mesinha ao lado.

Por segundos, após deixar de lado também o pano, ficou observando-o como fazia com ela há pouco. Hunter notou o coração disparar em seu peito, com expectativa sublime.

Sentiu a mão delicada e pequena tocar a cicatriz, acariciando-a. Em seguida, ela fez algo que o duque jamais imaginou que faria, ela o beijou, bem ali, sobre a pele irregular. Seguindo pequenos beijos por toda a extensão de sua cicatriz, parando ao alcançar seu olho. Ele fechou os olhos e pode, enfim, soltar o ar que prendia.

— Você é perfeito... — disse, fazendo-o abrir os olhos.

— Anne...

— Para mim, você é perfeito com cada imperfeição, é como vejo. — Era mesmo o que ele via naqueles bonitos olhos azuis. — Tem vergonha de suas cicatrizes, mas eu não as vejo assim. Foi para a guerra, Hunter, lutou por todos nós, por seu rei e teve a infelicidade de ferir-se. Vejo cada cicatriz sua como um... troféu — ela falava com certa paixão, apego e resignação. — Sim, uma marca de sua bravura, de sua resistência, pois apesar de quase morrer no campo de batalha você voltou, está vivo e saudável. Não se envergonhe, orgulhe-se de cada uma delas, é o marco de que venceu a morte.

Hunter a olhava petrificado. Tal compreensão nunca tinha passado pela sua cabeça. Pois sim, envergonhava-se de suas cicatrizes, tanto que na noite de núpcias, achou que ao despir-se, Anne fugiria para longe. Onde diabos aquela mulher se escondeu, que ele só a achou agora?

— Você é boa demais, Anne.

— Não sou boa. Disse-me certa vez que queria que eu me visse com seus olhos. E agora sou eu que gostaria que visse a si mesmo como eu o vejo, como eu o a... — Ela parou de falar, arregalando os olhos. Parecia ter descoberto algo que a deixou fora do ar por segundos.

— Como você? — pediu, fazendo com que voltasse a olhá-lo. O rosto mostrando compreensão do que quer que fosse falar há pouco.

— Como o admiro — disse, por fim.

Hunter colocou a mão em sua cintura, a trazendo para mais perto, sendo impedido de continuar qualquer intento quando alguém bateu à porta.

— Por mil infernos. Entre — pediu, levantando-se com a ajuda de sua bengala.

Oswald entrou e assustou-se ao vê-lo de rosto limpo, sem resquício da barba espessa que o cobria antes.

— Perdão, Vossa Graça, mas o médico o espera, senhor.

Armstrong. Ele sempre chegava nos piores momentos.

— Tinha me esquecido que viria. Peça para que suba, ele fará um dos desgraçados exercícios que tanto preza.

— Sim, senhor, com sua licença.

Hunter esperou que Oswald saísse, para voltar-se para Anne.

— Meus planos para esta tarde era permanecer na cama, contigo, após todo esse teu belo discurso. Mas como vê...

— Não seja bobo. Irei descer para a sala particular, pedir que limpem tudo e a preparem para meu uso.

Estava frustrado e excitado. Queria-a como nunca naquele instante.

— Divirta-se, minha senhora.

— Eu irei, estou empolgada.

Hunter a puxou novamente, segurando sua cintura. Ainda não tinham falado do baile que deveriam dar, porém, tinham que escolher uma data.

— Sei que a ideia de um baile aqui, na Austen House, não a agrada. Mas Katherine está certa, preciso apresentar formalmente minha esposa.

— Eu entendo, Hunter, conversei com sua irmã.

— Prometo que estarei ao seu lado e que nada precisa temer. Pode escolher a data do baile, converse com Katherine e escolha. Faça como achar melhor. Prometo que no dia seguinte à festa, podemos ir para Green Hall.

Anne chegou a suspirar com o pensamento.

— Irei me esforçar.

— Sei que sim. — Ele a beijou, lentamente, e ganhou um sorriso ao soltá-la, vendo-a sair.

O duque tinha um dos mais altos títulos da nobreza, mas começava a imaginar que seu maior tesouro estava agora saindo pela porta do seu quarto.



CAPÍTULO 32

Hunter não procurou Anne após terminar sua consulta com Armstrong, Oswald lhe dissera que a duquesa estava muito entusiasmada com a ideia de ter uma sala particular e ele achou melhor deixá-la em paz. Para não atrapalhar tamanho contentamento, Hunter pediu para lhe trazerem o jantar no escritório e permanecera ali, examinando alguns documentos que seu administrador lhe mandara.

Preparava-se para ir à câmara dos lordes no dia seguinte, enfim seria aberta. Iria ocupar-se de seus deveres com a câmara nos próximos dias, aproveitaria também para ir ao clube rever alguns conhecidos, ser visto. Espalhar aos quatro ventos que o duque de Austen não estava convalescendo como todos pensavam. Quem sabe, na quinta, poderia levar Anne ao teatro.

Ao final dos quinze dias que permaneceriam ali, entregaria as próximas obrigações para o seu correspondente, como tinha feito nos últimos anos e seguiria com a duquesa para o campo. Tinha planos de manter-se assim pelos anos seguintes. Todo ano faria uma breve aparição em Londres com sua duquesa, poucos dias, alguns eventos e enfim voltar para o campo. A ideia muito lhe agradava e imaginava que agradaria a Anne também.

Aos poucos, ela estaria integrada totalmente na sociedade e nada mais temeria. Poderia continuar não gostando de Londres, porém, não mais temeria a ninguém. Com sorte, logo viriam os filhos para que o campo se tornasse para eles ainda mais essencial.

Hunter imaginava para si outra ideia de paternidade. Não queria fazer como pai, queria dividir sua atenção igualmente para todos os filhos que viesse a ter. Seria uma referência não apenas para o mais velho deles, mas para todos igualmente. Quantos filhos teriam? Talvez Anne já tivesse seu herdeiro no ventre, ou uma menina. Como amaria ter uma menina, de língua afiada e solta como a mãe.

Sorriu consigo mesmo, imaginando uma vida feliz ao lado da mulher que escolheu.

— No que está pensando? — Assustou-se com a doce voz de sua esposa e olhou em direção à porta, a vendo parada ali, o admirando.

— Em você.

— Ora... cheguei em um bom momento, então? — perguntou, aproximando-se. Hunter segurou sua cintura e a trouxe para o meio de suas pernas, encostando-a em sua mesa.

— Sim. Tenho planos para nós, quinta à noite. Vamos ao teatro se assim preferir. — Não precisava de uma resposta positiva, o rosto dela iluminou-se ao ouvi-lo.

— Oh, magnífico. Katherine irá?

— Não sei, mas posso providenciar isso. — Viu a esposa bater palmas.

— Victoria também, por favor, adoraria estar com as duas.

— Tudo o que quiser, minha lady.

Anne mordeu o lábio e Hunter quis afundar-se em sua carne, em seu prazer.

— Está me acostumando mal.

— Apenas cuidando de minha duquesa. Creio eu, ser o certo a se fazer — disse, embrenhando as mãos por dentre a saia do vestido de Anne, sem deixar de olhar seu rosto que começava a ficar vermelho. — Diga-me, Vossa Graça, como foi sua tarde? — Arrastou pelas pernas da esposa sua roupa de baixo, a jogando ao chão, levantando a saia rosa de seu vestido.

— Hunter...

— Diga-me, quero saber. — Embolou a saia do vestido dela na cintura, deixando o sexo rosado livre para o seu deleite.

Levou a mão até a abertura e a massageou, enfiando nela um dedo e depois outro, sentindo seus líquidos escorrerem por eles. Estava excitado, duro como pedra, mas queria calma.

— Céus...

— Hum... acho que deixei que descansasse tempo suficiente, não é?

— Oh, sim... — disse ela, sem ar.

Hunter sorriu, a boca salivando por prová-la. Segurando-a pela cintura, ele a virou de costas para si, fazendo com que soltasse um gritinho surpreso em resposta. Levantou-se ao segurar na beirada da mesa e arrastou alguns papéis para o lado, derrubando outros e a deitando de bruços na mesa de madeira, levantando toda a sua saia.

— Hunter...

— Quieta, deixe-me cuidar de você.

— Hum... — ela gemeu quando com a mão voltou a massagear sua entrada. Era fácil convencê-la, pois Anne entregava-se ao prazer de forma sublime sempre que a tocava.

O duque levou um joelho ao chão, seu rosto ficando na altura perfeita, podendo observar o traseiro redondo e empinado e o sexo molhado que parecia clamar para que recolhessem seu mel.

— Abra as pernas, Anne — pediu e ela obedeceu sem demora, o rosto vermelho posto de lado, colado à madeira.

Com ambas as mãos, Hunter abriu suas nádegas, dando-lhe livre acesso ao seu botão de prazer. Levou a língua primeiro à sua entrada, a penetrando e a fazendo gemer alto, aproveitando para chupar a excitação que escorria, para em seguida, descer os lábios

para o monte de nervos e sugá-lo. Ao fazer isso, a ouviu gritar e quase riu, o gemido respondendo direto em seu membro, louco para entrar nela.

Hunter não parou, fazendo um movimento lento de sucção, como se chupasse ao bico dos seios de Anne, queria senti-la tremer de puro prazer sob seu toque, poderia até mesmo chegar ao ápice apenas por vê-la gozar. Viu sua mulher segurar o extremo da mesa, gemer alto ao ponto de não se importar com os empregados, clamando por misericórdia ao tempo que pedia para que não parasse.

Ele não tinha pretensão de parar. Amava o gosto dela, em especial quando gozava, podendo recolher toda excitação diretamente da fonte. O gosto salgado e doce preenchia seu paladar e para si não tinha gosto melhor, ou cheiro, o cheiro cru de mulher excitada.

Mamou seu sexo como se precisasse daquilo para viver, excitando-se mais e mais à medida que Anne se desmanchava em sua boca. Sentiu-a tremer, espasmos a tomarem seu corpo e aumentou a sucção, mais rápido, mais pressão, até senti-la saciada e ele lambe cada gota que dela escorria.

Hunter se levantou, abaixou as calças e então a penetrou sem pudor algum, sem aviso, ouvindo-a chamar seu nome com deleite. Estar dentro dela tornou-se uma das coisas favoritas em sua vida. Pois não era um ato premeditado, ele não tinha pressa para acabar e queria, mais que tudo, dar prazer a ela. O ato com sua esposa ia além do que qualquer relação que já tivera.

Saiu de dentro de Anne, apenas para virá-la de frente para ele, podendo admirar o rosto marcado pela madeira, que lhe conferia satisfação. Voltou a arremeter em seu sexo, sentindo seu membro ser moído pela esposa, o deixando louco de prazer, luxúria e desejo. O vestido apertado fazia a parte superior dos seios da duquesa ficarem à mostra e Hunter não hesitou em segurar ambas

as partes e puxar a peça, rasgando-a e liberando os seios que tanto o agradavam. Agradava-lhe mais o fato dela estar sem o espartilho.

— Hunter...

— A visão do paraíso — disse apenas, curvando e abocanhando um dos seios de Anne, fazendo-a perder-se novamente.

Outro traço que amava no ato com ela, a forma como deixava a excitação falar mais alto, a forma como gemia a cada toque, como chamava seu nome e entregava-se plenamente.

— Você será minha perdição, Anne.

— Isso, céus, não ouse parar.

— Eu não irei.

Beijando-a, Hunter arremeteu com mais força, os gemidos de Anne perdendo-se em sua boca, seu coração aos saltos ao alcançar o ápice do prazer junto a ela. Aquietou-se sobre seu busto, ambos suados, ofegantes, com o cheiro de sexo exalando pelo local.

Sentiu a mão dela acariciar seu cabelo e levantou a cabeça, beijando-a com calma, acalmando seus corpos antes de pôr-se de pé. A imagem de Anne em sua mesa, seminua e saciada, não sairia jamais de sua cabeça.

Ajudou-a a sentar-se e voltou a beijá-la, buscando sua língua de forma calma, sentindo o seu sabor, ainda excitado, a queria de novo. Mordeu seu lábio inferior, aprofundando o beijo, sugando sua língua e só se separou dela ao faltar-lhe o ar.

— Céus, como irei para o quarto assim? — disse, apontando para si e seu vestido rasgado.

Hunter sorriu, tirando o paletó e a ajudando a vestir.

— Dispensarei Roseli, ajudarei a ti a trocar-se esta noite para livrá-la da vergonha da jovem vê-la assim.

— Daríamos o que falar e veja, perdi um vestido.

— Se depender de mim, perderá outros se continuar a fazer-me visitas aqui. Vamos, pretendo passar a noite dentro de ti — disse, sugestivo, pois eram exatamente esses seus planos. Iria se perder naquele corpo, sorriso, em seu cheiro.

— Eu jamais ousaria reclamar.



Estar em um teatro era algo novo para Anne, novo e exuberante. Poucas coisas ela poderia dizer que realmente gostou em Londres, mas certamente faria questão de vir ao teatro sempre que estivesse na cidade, aquele se tornaria um dos seus lugares favoritos. Em pouco tempo ali, ela conseguiu rir, chorar e se emocionar ao assistir os dois primeiros atos de uma peça ao lado de Hunter, em seu camarote particular.

Imaginava que toda a sociedade londrina estivesse presente ali, pois o teatro estava lotado. Porém duvidava que realmente alguns daqueles presentes levavam o lornhão para que pudessem assistir à peça e sim, para poder bisbilhotar as demais pessoas em suas cabines.

— Santo Deus, é tão lindo, Hunter — sussurrou ao ouvido do marido, compartilhando sua sublime experiência.

— Tinha certeza de que iria apreciar.

— Uma pena sua irmã não ter podido vir, nem Victoria.

— Katherine é uma coruja, não sairia de casa tendo Simon doente.

— Eu entendo. — Queria também que Victoria não estivesse passando mal pela gravidez, para que pudesse se juntar a eles naquela noite.

Anne voltou a apreciar a apresentação, achava de bom gosto o elenco e o talento com o que conseguiam entreter a todos. Seria difícil atuar? Não queria perder um minuto daquele espetáculo, mas sua bexiga estava cheia e não poderia mais esperar. O terceiro ato tinha começado há pouco e talvez, se fosse rápida o suficiente, voltaria a tempo.

— Preciso de um momento.

— Aonde... — ele ia perguntar, mas se ateve ao que provavelmente a esposa iria fazer. — Claro, vá.

Já fazia algum tempo que Anne precisava esvaziar-se, e saiu de sua cabine para o corredor que naquele momento encontrava-se vazio. O lugar era luxuoso, em uma decoração entre o dourado dos adornos e balaústres, e o vermelho-vivo das paredes. Anne olhava cada detalhe com atenção e entusiasmo e passaria a gostar mais da própria cor do cabelo dali em diante.

Pois, após sua vinda a Londres, seu medo diminuía com relação ao seu tom. Seu receio em partes se devia ao fato de cabelos daquela cor serem associados na antiguidade a bruxas, talvez por ser a cor dada ao pecado.

Em nada Anne tinha a ver com bruxaria, disso bem sabia. Mas a tia costumava frisar bem esse fato, em como chamaria atenção negativa apenas pelo cabelo e, com isso, plantou em seu ego a semente do pavor de seu próprio cabelo. E apesar de concordar que suas madeixas chamavam atenção, não acreditava mais que fosse crucificada puramente por elas. Ainda mais, agora que sabia que Hunter adorava-os.

Cumprimentou duas pessoas pelo caminho e chegou ao pequeno espaço destinado às suas necessidades. Usou de destreza

e rapidez primorosa, a fim de voltar às pressas para a cabine. Voltava apressada ao mesmo caminho que viera, quando parou abruptamente ao dar de frente com uma dama, parada em meio ao corredor, que parecia a esperá-la.

— Oh, me desculp... — A palavra morreu em sua boca ao reconhecer o rosto bonito, apesar de cansado, de lady Sarah Malford.

— Como vai, Vossa Graça? — Anne não respondeu uma palavra, surpresa ao vê-la. — Parece surpresa, Hunter não contou a você minha vinda a Londres?

— Como disse?

— Ah, pelo que vejo ele não lhe contou. Uma pena. — E a forma intimista com que Lady Sarah chamou seu marido, pelo primeiro nome, causou em Anne frio no estômago.

Anne levantou o queixo, recompondo-se, olhando de forma lenta a mulher à sua frente, em um vestido lilás, perfeito, adornado por pérolas e rendas. Quando ela tinha chegado à cidade? Hunter sabia de sua presença ali?

— Com licença, senhora...

— Eu não acreditei no que me disseram quando cheguei aqui, duvidei que Hunter estava casado com uma... ninguém.

As palavras ditas lhe causaram asco, pela forma inferior com que a olhava, como se Anne fosse um pedaço velho de lixo.

— Saia da minha frente! — Desta vez, sua voz saiu mais alta, impondo-se.

— Pergunto-me, a que ponto ele chegou apenas para vingar-se de mim. — Anne poderia jurar ver veneno escorrer no canto da boca daquela mulher ao praticamente cantar essas palavras.

— O que disse?

— E por que mais se casaria com você querida, se eu estava ali, pronta para tal enlace? Logo eu, a mulher que ele sempre amou. Todos esperavam que, mais cedo ou mais tarde, nos casássemos. — Anne engoliu em seco, ouvindo cada maldita palavra que deixava os lábios de Sarah. — Você mesma viu um exemplo desse sentimento na biblioteca, em Green Hall. Era você, não? Claro que era... não há muitas damas com o infortúnio de nascer com essa cor de cabelo.

Anne sentiu a bile vir à garganta, a mera menção de Hunter casar-se com ela por vingança lhe causando um embrulho no estômago.

— Se é um escândalo o que quer aqui, não lhe darei esse gosto. — Anne pôs-se a andar, disposta a passar pela dama e seguir seu caminho, mas a próxima frase não lhe permitiu.

— O que acha que acontecerá quando se cansar de você e se arrepender de tal enlace? Não precisa pensar muito para descobrir onde ele se refugiará...

— Não conhece limites de decoro, lady Sarah? Acredita mesmo que pode ferir-me com tais palavras? — A frase foi dita com autoridade e segurança, sentimento que não estava no coração de Anne.

— Decoro? Quem seria você para falar de decoro, minha cara? A filha de um ninguém com uma reles... cigana? — E aquelas palavras soaram como um tapa no rosto de Anne. Conseguiria lidar com qualquer coisa, menos, quando tocavam na linhagem de sua mãe. — Achou que ninguém descobriria? Ah, querida, escândalos não se esquecem assim, ainda mais quando acontecem em Londres. Sempre há uma matrona que se lembre do tal escândalo e ele nunca de fato morre. Agora diga-me, o que fez para que um duque se casasse com uma mulher de classe tão... baixa e suja?

— Não ouse...

— Ah, mas o que esperar de filhas de mulheres da vida, não é?

Anne só se ateve do que realmente tinha feito a seguir, pelo barulho seco que ecoou pelas paredes do corredor e ao sentir sua mão arder. Não admitiria que ninguém tocasse no nome de sua mãe ou maculasse sua honra.

— Nunca mais fale de minha mãe — rosnou entredentes para uma Sarah espantada, de olhos arregalados. Talvez a dama revidaria com veneno em forma de palavras ou, quem sabe, devolveria o tapa, mas não teve mais tempo.

— O que está acontecendo aqui? — Anne conhecia aquela voz e não demorou a ver a tia vir em sua direção, passando por Sarah. — Anne, lady Malford — cumprimentou a mulher loira que começava a se recompor após o susto, a face estando ainda vermelha.

— O declínio familiar agora completo... — disse, por fim. — Não pense que nossa conversa terminará assim, Vossa Graça — finalizou, passando pelas damas, as deixando a sós.

Anne sentiu os joelhos fraquejarem, seu coração ainda saltando no peito e a palma de sua mão ardendo. Não queria, mas tudo o que lady Sarah disse, cada palavra, fez morada em seu coração. Anne perguntava-se como ela poderia saber de sua linhagem? A família de seu pai tentou a todo custo encobrir tal escândalo, até mesmo os isolando para longe. Que espécie de mulher era aquela?

— Anne, você está pálida. O que lady Sarah queria?

Só então a duquesa olhou para a tia, puxando o ar, tentando recuperar-se. Não diria nada do que aconteceu ali para Elisa, a baroneta era a última pessoa a quem contaria.

— Nada de mais... eu preciso voltar para a cabine, já me demorei por tempo demais.

— Oh sim, querida, mas não antes de aceitar o convite que lhe fiz outro dia, hã? Venha jantar comigo amanhã.

Anne mal ouviu o que a tia dizia, ao responder:

— Eu... sim, sim, claro. Com licença.

— Esperarei ansiosa!

Ainda pôde ouvir a tia dizer, saindo em disparada de volta à cabine, mas não mais para assistir à peça. Todo o interesse que sentia antes parecia soterrado pelas palavras e o medo de um escândalo iminente. Como Sarah havia descoberto sua linhagem com tanta rapidez... e o que mais descobrira sobre ela? Teria aquela mulher encontrado seu primo?

Ao adentrar o local reservado e ver o marido ali sentado, compenetrado no espetáculo, Anne sentiu seu coração falhar uma batida, seus pensamentos a soterrar sua razão. Sempre se perguntou por que a escolhera... e nunca realmente se viu satisfeita com as suposições, mas e se fosse por vingança? E se um dia ele acordasse, arrependido de suas escolhas? Ela não suportaria tal fato. Seu coração doía apenas por imaginar tal coisa.

Sentou-se ao lado dele, que a olhou e sorriu, mas Anne não conseguiu retribuir o sorriso, prendendo sua atenção ao palco no segundo seguinte, estava abalada, chocada. Ele lhe contara sua história e pareceu ser gentil e verdadeiro. Contudo, o próprio Hunter disse não ser capaz de amar a ela, sua esposa, mas que no passado chegou a amar lady Sarah. E foi este pensamento que abriu uma grande brecha em sua confiança, deixando que as palavras que ouvira há pouco fizesse morada em seu coração. Anne não mais acreditava que Hunter pudera esquecer lady Sarah, superar o passado.

Se quando Hunter se daria conta disso, se arrependeria, pois agora acreditava ser apenas uma questão de tempo para que isso acontecesse e ela não suportaria algo assim.

Ele nunca lhe prometera amor...

— Está tudo bem, Anne? — Sentiu o toque da mão dele ao tempo que lhe fez essa pergunta e sequer conseguiu manter-se ao seu alcance.

— Sim, está tudo bem.

— Não parece. Tem um vinco parecido com o meu em meio às suas sobrancelhas.

— Eu... — Ela o olhou, pela primeira vez desde que voltou a sentar-se ao seu lado. O tempo todo ele sabia que lady Sarah estava em Londres e nada lhe contou, não a preparou para um possível encontro, nada. — Minha tia, a encontrei no corredor e com o nervosismo em vê-la, aceitei jantar em sua casa amanhã — mentiu, ou melhor, omitiu. Mas ele poderia culpá-la?

Já que fazia o mesmo desde o primeiro minuto em que a conheceu?

— Amanhã?

— Sim, desculpe, eu não deveria...

— Tudo bem, nós iremos.

— Iremos? — Ela o encarou, estupefata. Com o nervosismo que sentia, não pôde pensar com coerência no convite da tia, mas pensava em negá-lo no dia seguinte, dando uma desculpa qualquer por meio de um bilhete.

— Claro, se isso tirar essa ruga de sua testa.

Não tirava, ainda assim, Anne tentou um sorriso. Não, não poderia ter sido um instrumento de vingança para ele, não quando ele a tratava tão bem.



CAPÍTULO 33

Hunter estava na carruagem com Anne, rumo ao jantar na casa de sua tia. Aproveitava o momento para observar a esposa sentada ao seu lado, e perguntava-se se o motivo do seu silêncio se devia ao nervosismo com o jantar. Era compreensível, mas seria por isso que Anne se mantinha trancafiada em um mundo só seu, de completo silêncio, desde ontem? Sequer parecia com a sua Anne, risonha e falastrona.

— Ainda com dor de cabeça? — perguntou, afinal, foi isso o que ela lhe disse ontem à noite, quando tentou se aproximar dela após a volta do teatro e essa manhã.

— Não, não estou. — E essas palavras foram suficientes para que Hunter soubesse ter algo mais que sua esposa não estava lhe contando, pois Anne sequer o olhou ao falar, sua atenção estava presa à janela ao seu lado.

— Aconteceu alguma coisa, Anne?

— Nada de mais, acredito que é apenas o nervosismo.

Hunter chegou a pensar em perguntar se seria o nervosismo que a impedia de olhá-lo nos olhos desde o maldito momento em que voltou à cabine, no teatro, mas não chegou a dizer nada, pois o cocheiro acabara de parar a carruagem em frente à casa do baronete de Edwin. Hunter desceu e estendeu a mão para Anne, que o seguiu para a entrada da casa que, comparada às demais, poderia ser considerada simples. Mas antes de subirem os poucos degraus ali, Hunter parou, chamando a atenção da esposa.

— Escute. Você não tem o que temer. Nada ou ninguém pode te alcançar agora, é uma duquesa e ninguém ousará dizer nada contra ti.

— Não é com os sentimentos dos outros que me preocupo, Hunter. — A voz dela soou magoada, e Hunter chegou a juntar as sobrancelhas, sem entender.

— Anne...

— Vamos ou pensarão bobagens, com certeza já nos viram chegar. Depois falamos.

— Então temos algo a falar, há algo de errado entre nós?

— Por favor... depois...

Hunter apenas concordou e o que antes era apenas sua intuição apontando haver algo errado, agora passava a ser uma certeza de que o silêncio da esposa em nada tinha a ver com dores de cabeça. Teria ele feito algo? Não que se lembrasse... mas sabia bem que Anne poderia ser geniosa quando queria. Mas o que diabos teria feito a ela?

Fosse o que fosse, averiguaria assim que chegassem em casa, pois não deixaria aquela situação ir além daquela noite. Subiu de braços dados à Anne os poucos degraus da casa e foram recepcionados por um mordomo, que os levaram pelo hall de entrada para a sala de estar. Logo percebia-se que os Edwin gostavam de esbanjar pela aparência. Pois apesar da aparência da fachada da residência, seu interior parecia estar além da renda de um baronete.

Hunter negou o pensamento quando foi pego de surpresa ao estarem na sala de estar e não ver só a família Edwin presente ali, mas também o barão de Hamufh e sua esposa. Então seria aquele um encontro de família. A sobancelha direita do duque subiu instintivamente, não estando nada à vontade. Pois sabia que só a tinham convidado por um motivo, o casamento com um duque, com ele.

— O duque e a duquesa de Austen — o mordomo os anunciou e Hunter sentiu o aperto da mão de Anne, sobre sua manga, ficar mais forte.

— Pontualmente, como imaginei. — A tia de Anne se fez ouvir em um tom estridente, vindo em direção a eles e abraçando

sua esposa com profundo exagero.

Hunter teve vontade de arrancar sua esposa dos braços daquela mulher, pois a carta que fizera Anne chorar, há quase um mês, ainda estava entalada em sua garganta.

— Vossa Graça — o cumprimentou em seguida, com fingida alegria, e ele fez o mesmo com ela. Mas não se esforçou para fingir nenhuma gentileza.

Sua ida àquele jantar tinha um intuito, o de passar um recado claro e se alegrava que o barão também estivesse presente.

— Austen, meu caro Austen. Ficou bem diferente do que me lembrava! — Paul Byron, o baronete de Edwin, exclamou ao se aproximar, o cumprimentando com altiva alegria, apontando em direção à cicatriz em seu rosto.

— A guerra fere, quando não nos mata. — Foi sua única resposta, o bastante para fazer os convidados rirem. Talvez tenham achado que aquela era uma piada. Mas não era.

Anne já tinha sido levada para longe dele, a baronetes a estava apresentando para o tio naquele instante e ele observou-a, sem ligar para o que Edwin dizia bem ao seu lado. Viu a esposa do tio a cumprimentar com fingida amabilidade e até mesmo elogiar a cor de seu cabelo, assim como tio, ao lembrar que era a mesma cor do cabelo de sua mãe.

Hunter quis mandar todos ao inferno e tirar Anne dali. Ela não merecia tamanha hipocrisia. Seria uma provação passar por aquele jantar.



Pela etiqueta Anne, não poderia sentar-se ao lado de Hunter, o que a estava deixando insegura além do comum ao estar entre o

tio e a tia. Sentia-se presa a um personagem, sentada perfeitamente ereta, comendo com fingida delicadeza exagerada, quando sequer tinha fome. Enquanto isso, o barão parecia bem interessado em fazer Hunter falar, enquanto ela, estava concentrada em comer corretamente. Pois sabia que a tia estava analisando cada pequeno passo ou gesto seu.

— Irá ficar toda a temporada, espero, Vossa Graça — Elisa se fez ouvir e Anne olhou para o marido.

— De forma alguma. Infelizmente, temos data marcada para o retorno ao campo. Em menos de uma semana, estaremos a caminho de Green Hall. — Só aquela promessa fazia bem ao coração de Anne.

— Tão logo? Agora que nos reencontramos, Anne? — Desta vez a atenção da tia se voltou para si.

— Sim, tia, temos algumas coisas a resolver por lá.

— Não imagino o que pode ser mais urgente ou importante que uma boa temporada em Londres. Não é, Susan? — Susan era a então baronesa, que Anne também nunca tinha conhecido.

Afinal, ninguém naquela mesa nunca quis saber dela ou de seu pai. Contudo, agora pareciam tão interessados nela quanto em suas próprias filhas.

— Sim, o que seria de mim sem uma boa temporada em Londres. Já quase não suporto o campo, pelos céus.

Susan era uma mulher de cabelo negro, olhos castanhos e expressão irônica, tão aristocrata e de nariz em pé quanto poderia ser.

— De fato. E acho que deve estar gostando muito de sua estadia em Londres, já que é sua primeira temporada.

— Claro, estou gostando bastante. — Não podia dar sua opinião sobre a temporada londrina, afinal, não estava de fato aproveitando como as outras damas e fazia pouca questão de o fazer.

— De qualquer modo, estava a ponto de escrever para ti, minha sobrinha. — Anne ouviu tais palavra do barão, que parecia compartilhar das mesmas artimanhas da irmã para enganá-la. — Pois gostaria que viesse para Londres nos acompanhar nesta temporada, Catia, sua prima, ficaria feliz em ter tua companhia. Todavia, não tivemos tal oportunidade, mas fiquei feliz em saber que já estava casada com Austen.

Anne abriu a boca para responder algo, mas as palavras sumiram e um bolo viera à sua garganta de repente. Aquela era uma mentira tão clara como água. Caso tivesse real interesse em cuidar dela, teria feito isso antes.

— Com certeza, ela agradeceria muito, Hamufh. Mas como vê, sua proteção não é mais necessária. Tive a sorte de encontrá-la antes que pudesse fazer isso — Hunter se interpôs e ela chegou a suspirar de alívio.

Notou então o quanto queria que aquelas palavras fossem reais, que seu marido realmente achasse que tinha sorte em tê-la e que a amasse. Na noite passada, as palavras de Sarah foram como facas em seu coração e por mais que quisesse, não pôde esquecer o que lhe foi dito, sequer superar. E aceitou que Hunter nunca esqueceu aquele amor de outrora e só não se casou com Sarah por orgulho.

Ao menos, para alguma coisa as palavras de Sarah serviram. Pois com a dor que elas lhe causaram, Anne não pôde mais fugir do óbvio, ela o amava. Amava o homem com quem se casou, o amava de todo o coração, o mesmo coração que sangrava ao vislumbrar um futuro em que ele não teria o mesmo sentimento para consigo.

— E nós ficamos muito felizes com tal união. Apesar de, como chefe da família, esperava que viesse falar comigo antes de qualquer decisão, Austen — o barão falou em tom sério e Anne viu aquela irônica sobrelanceira do marido subir.

— Eu o faria, com bom gosto, Hamufh. Se algum de vocês, que são a família de minha esposa, tivesse com a tutela dela após a morte do sr. Craw. Mas ao que vi e observei, nem mesmo Edwin ou você, Hamufh, como chefe da família, o fez. Portanto, tive que entender que a jovem falava por si própria, já que estava a morar de favor com a sra. Muller quando a conheci. Corrija-me se eu estiver errado.

Anne sentiu o coração saltar no peito e viu com certo deleite, todos presentes na mesa perderem a língua, inclusive, alguns se engasgarem.

— Bem... como eu disse, iria pedir que ela se juntasse a nós neste verão. — O tio tentou, contudo, estava claramente desconcertado.

— Entendo... isso antes ou depois de saber de nosso casamento?

— Ora, vejam só... a sala de estar já está pronta. O que acham de um licor após o jantar? — Elisa, a anfitriã se fez ouvir, dando por acabada aquela conversa que desconcertou a todos, menos Austen que parecia muito contente com aquela situação.

Enquanto Anne estava quase encolhida em sua cadeira, sentindo o sangue correr mais depressa por suas veias, achou que aquela conversa acabaria em uma terrível discussão. E como se nada tivesse acabado de acontecer, todos foram deixando a mesa aos poucos, inclusive, ela. Seguiu logo atrás dos demais, quando sentiu a mão grande do duque se fechar em seu cotovelo, a levando para uma direção diferente da sala de estar. Anne não demorou a entender seu intuito, pois logo ao lado, uma porta aberta dava a visão de uma pequena área aberta.

Seguiu-o e ao estar ali, pode enfim respirar ao sentir o ar frio da noite banhá-la.

— Acredito que precisa de um momento.

Sim, ela precisava, melhor ainda, precisava ir embora. Por ora, se contentaria em estar ali, longe dos olhos julgadores dos demais.

— Sim, e eu agradeço. Aceitar esse jantar foi um erro — disse, por fim, as mãos descansando ao parapeito, dali podia ver uma carruagem a passar na rua.

— Não, foi um acerto.

— Como assim? — perguntou, virando-se para ele e vendo-o se aproximar.

— A noite de hoje fará com que vejam que nada que disserem fará com que se aproximem da nossa família ou nome, que não há desculpas ou mentiras que apagarão o passado. Após este jantar, não temos qualquer dever com qualquer um deles, exceto cumprimentá-los ao vê-los por pura educação — explicou, fitando-a nos olhos. — Não deve nada a essas pessoas, Anne, então levante a cabeça. Não é superior a eles por um título, mas por quem você é. — Ouviu-o e seu coração disparou com aquelas palavras e com seu toque.

Hunter emoldurou seu rosto entre as mãos e colocou seus lábios aos da esposa, em um beijo carinhoso, como se pudesse lhe passar a segurança necessária com tal gesto. E ao lado de Hunter, Anne sentia-se realmente segura... mas isso bastaria quando o que queria sentir dele era o seu amor?

— Oh. — Ouviram e afastaram-se, vendo a baroneta logo ali, com a mão na boca, olhando para o lado ao fingir desconcerto.

— Estarei à sua espera na sala. — Anne anuiu, vendo Hunter distanciar-se, deixando as duas damas sozinhas.

Elisa esperou o duque sumir de vista e se aproximou de Anne, com o rosto horrorizado.

— Anne... achei que agora, como uma duquesa, iria saber como se comportar, mas pelos céus. Encontro-a aos beijos, em público? Quase tive um colapso com tal espetáculo.

— Estava com meu marido, tia.

— E isso não lhe dá tal liberdade. Uma dama de índole e bom senso jamais ultrapassaria assim o decoro, por Deus. Sem falar no desrespeito para comigo e minha casa.

— Claro. Desculpe-me. — Ela estava a ponto de sair, mas se conteve ao ouvir a tia:

— Mas não se preocupe, me tem por perto agora e eu faço questão de te ensinar tudo que precisa saber, para que situações como esta não se repitam jamais. Imagine só...

Anne deixou sua imaginação viajar para o passado, para a arrogância de sua tia ao se achar ser superior a ela, as palavras cruéis que aquela mulher dizia sobre sua mãe e a culpa que jogava em seu pai, acusando-o de manchar a honra da família. Anne a olhou, fazendo exatamente o que o marido lhe dissera, levantando o queixo com a altivez de uma rainha.

— Eu adoraria, mas não há necessidade, tia. Já tenho quem me ajude.

Elisa chegou a dar um passo para trás, ofendida.

— Oh, pois estão a falhar, pelo jeito. Ou talvez, é seu sangue que...

— Acho melhor voltarmos, não é? Talvez a senhora não goste das consequências que suas palavras a seguir possam trazer.

— Ora, Anne, vejo que a magoei, mas o que falei foi para teu bem.

— Eu entendo. Ainda assim, acho melhor voltarmos.

— Sim, sim. Venha, depois falamos melhor. — A mulher tentou rir, assemelhando-se a uma hiena arteira.

Anne seguiu com a tia para a sala e parecia que uma separação havia sido feita ali. Mulheres de um lado da sala, homens do outro. Anne quase gemeu ao notar que sua companhia ali, seria ambas as tias.

— Soube que Cressilda Cher está arruinada, Elisa — Susan começou o que, com certeza, era a atual fofoca londrina.

— Não me diga tal coisa... esperam tanto da jovem nesta temporada. Por que arruinaria suas chances assim?

— Aparentemente foi pega nos jardins de sua casa, com ninguém mais ninguém menos que um pobretão sem nome e família. Um comerciante, acredito eu.

— Céus... — Aquilo soava tão alarmante, que poderiam realmente achar que Elisa poderia estar mesmo preocupada com a honra da jovem. — Não imagino o que os Cher estão passando neste momento. Não há contorno?

— Não. Todos presentes no baile viram o flagrante. Não se sabe ao certo, mas foi dito, até mesmo, que o conde a expulsou de casa. Tudo para não manchar a honra das outras meninas.

— Ah, e está certo. Uma maçã podre contamina as demais, isso é sabido — Elisa disse olhando para Anne. — A jovem em questão, Anne, é filha de um conde. Ele tem sete filhos, dois homens e cinco belas jovens. Uma está casada, a outra, Cressilda, debutou ano passado e todos esperavam que este ano faria um bom casamento. Mas aparentemente, Cressilda já não faz parte da família. O que será da jovem agora?

Anne imaginou o que mãe passou no passado ao lado de seu pai e como as coisas teriam terminado de forma diferente, caso o

pai não tivesse mantido sua palavra para com ela.

— Acredito que irá se casar com o rapaz, não? — perguntou Anne, sentia pena da jovem.

— Ah, ainda que se case, qual futuro terá? Lavar roupas? Céus... a filha de um conde.

— Então, tia, que bom que era minha mãe que não tinha boa linhagem e não meu pai. Do contrário, teria sido ela expulsa ou contaminado o resto das maçãs, estou certa? — disse, deixando Elisa sem palavras. — Pelo jeito, o preconceito não muda em suas mentes pequenas. Nada mudou.

— Não, querida, não é isso. Seu pai... bom...

— Ainda assim, não se viu livre de ter uma maçã podre, na família, não é? Por isso escreveu aquela carta para o meu pai, a maçã que poderia estragar todo o pomar era eu.

— Anne, querida, aquilo foi há tanto tempo.

— Para a senhora, sim, mas para mim não. Mas para que voltar ao passado, não é mesmo? Tenho certeza de que no momento já não sou uma maçã tão podre assim. Claro que a filha do meu tio, por exemplo, se beneficiará do fato de que uma prima próxima se casou com um duque.

— E é a única coisa que se beneficiarão com nossa união. — Ouviu Hunter dizer e não saberia explicar em que momento se aproximou de si. — E terminando o que comecei a dizer na mesa, não acredito em uma palavra do que disseram, tampouco em sua falsa gentileza com minha esposa. Sei da descendência da mulher com quem casei, de seu passado e não me importo. Mas me preocupo e me escandalizo com o fato de sua família a ter negligenciado com tamanha crueldade. Preferindo a deixar viver de favores como dama de companhia, a castigando por algo que ela não cometeu. Não posso sequer mensurar o quanto me enojam...

— Austen, não permitirei...

— Quem não permitirá qualquer coisa sou eu, Hamufh, em principal com relação à minha esposa. Não terão relação alguma com minha família, que fique claro daqui em diante. E saibam que agradeço por terem mantido Anne longe de todos, assim, pude encontrar o meu mais precioso tesouro. — Anne ouviu-o dizer essas palavras, ao tempo que sentiu a mão protetora tomar a sua. — Obrigado pelo jantar, mas meu intuito era apenas deixar claro o quanto os abomino. Pelo meu nome, não irei levar a público tal ato, mas essas paredes serão nossas testemunhas. Até mais ver — despediu-se, a guiando para fora em seguida.

Anne não sabia o que sentir, mas algo era claro, sentia orgulho do homem com quem se casou. Ele a defendera de uma forma... apaixonada.

Deixou que ele a guiasse para fora dali e a ajudasse a entrar na carruagem, escondendo-se do olhar de todos. Manteve-se calada pelo caminho, vagando pelo passado, pela forma que a tia a olhou ao mencionar maçãs podres e pomares. Era como a viam, como viam sua tão amada mãe e seu pai.

Como agradecia ter um lar agora, um nome, alguém que a protegesse. Engoliu em seco ao lembrar em que termos aconteceu aquele casamento.

“Veja bem, para mim o casamento é uma conveniência, é como vejo. Não espero encontrar o amor, se é essa sua preocupação para comigo.”

A frase dita por ele, no lago em Green Hall, voltou à sua mente, fresca como chuva. Ele cumpria com sua promessa, sim, dava-lhe proteção e isso deveria bastar.

Mas não bastava.



CAPÍTULO 34

Ao pisar no vestíbulo da Austen House, Anne sentia-se sufocada, o bolo que se formava em sua garganta, castigando-a. A porta mal fora aberta e a duquesa foi a passos largos em direção ao seu quarto, deixando Hunter para trás sem dizer a ele uma palavra sequer. Precisava de tempo, um tempo sozinha antes de ter com o marido. Não queria que ele a visse chorar por motivos que talvez ela não soubesse como explicar, que não queria contar.

Não deveria ter se entregado como fez, apaixonando-se e, por fim, amando. Entrou em seu quarto e levou a mão à cabeça, com a respiração acelerada, tentando controlar seus sentimentos, sua confusão. Deveria agradecer, esquecer as palavras de Sarah, de sua tia, o medo que o primo aparecesse sabe-se Deus de onde e concentrar-se em ser feliz.

— Vossa Graça, quer que eu a ajude com o que primeiro? — Era sua dama de companhia a dizer, mas Anne sequer precisou dar a ela uma resposta.

— Com nada. — A voz de Hunter soou como um trovão pelo quarto e Anne quase gemeu. — Deixe-nos a sós.

Anne ouviu os passos rápidos da moça ao se afastar e permaneceu de costas para Hunter, as mãos pousando sobre a penteadeira, a fim apoiar-se em algo. Não queria chorar, mas o faria, caso ele tentasse uma conversa naquele momento.

— Fizemos uma promessa dias atrás, o de buscar felicidade mesmo em momentos difíceis. — Sim, eles fizeram e foi uma ideia dela. — Acredito que esse seja um desses momentos, Anne. Mas não estou sabendo lidar com o seu silêncio. Quero ajudá-la, mas preciso que fale comigo, hã?

Anne se virou para Hunter, vendo-o logo ali, parado ao se apoiar em sua bengala. Estava tentando processar o que ouviu de lady Sarah, tentava seguir adiante mesmo que aquelas palavras

estivessem cravadas em seu coração pois não queria contar a Hunter o que ouviu. Mas não conseguia diminuir a mágoa em seu coração, ou lidar com o fato de que seu marido sabia que aquela mulher estava próxima deles e não lhe disse. Com tantos sentimentos, por mais que tentasse, não conseguiu segurar as lágrimas que pediram passagem.

— Nós dois... — Tentou, entre um soluço e outro. — O casamento, em algum momento foi por vingança?

Anne parecia estar segurando seu coração naquele momento, tamanha dor e apreensão que sentia. Tudo que realmente queria, após toda a defesa que ele fez em seu nome naquela noite, era dizer que o amava de todo o seu coração. Que não sabia como aconteceu, mas aconteceu, porém o medo da rejeição estava presente em cada célula do seu corpo.

— O que disse? — perguntou ele, aquele vinco profundo se fazendo presente em meio às grossas sobrancelhas. — Vingança?

— Sim, vingança pelo passado. Sou o completo oposto do que lady Sarah é ou foi. Deixou que a mágoa do passado, dela, o cegasse ao ponto de pedir alguém como eu em casamento? — derramou tudo de uma vez e viu confusão tomar o rosto do marido, que passou a mão com força exagerada pelo rosto.

— De onde tirou isso, Anne? — Ela contaria a ele? Contaria o que aconteceu no teatro?

— A forma como me olham... Todos esperavam que se casasse com ela, ou com alguém diferente.

Não contaria a ele sobre Sarah, o teatro, as coisas que ela lhe dissera.

— E a forma como eu a olho, por que não vê isso? — e desta vez foi ele a gritar, rugir sua decepção para com ela. — Quer saber por que a pedi em casamento, Anne? — Ela emudeceu, já não tinha certeza se queria saber. — Estou neste mundo há tempo suficiente

para fazer uso do bom julgamento para com as pessoas. Após meu retorno, o ducado... qualquer infeliz que tentou se aproximar de mim foi por interesse, foi para aproveitar-se do meu nome e influência.

— Eu não...

— Acha que não sei que Katherine estava até mesmo tentando levar jovens damas e matronas para uma temporada em Green Hall, a fim de me fazer casar? — perguntou, não a deixando falar, dando um passo à frente em sua direção. — Sabe o quanto me doeu o horror que vi no rosto das primeiras pessoas que me viram, após meu retorno da guerra? Por olharem minhas feridas? Sabe quantas vezes achei melhor que estivesse morto?

— Não diga isso...

— E sabe quem foi a única pessoa, em todos esses anos, que me olhou como um igual? Que não quis saber se eu tinha um título, um nome poderoso, uma família de posses e que ainda... me fez ver o mundo e até minhas próprias cicatrizes de forma diferente? — perguntou, cortando a distância que os separava. A essa altura, lágrimas pesadas escorriam pelo de Anne. — Você, apenas você... Ainda me pergunta como pude escolher alguém como você? Como poderia fazer diferente se, em anos, foi a única capaz de fazer-me voltar a rir?

As mãos de Hunter emolduravam seu rosto como sempre fazia e, por instantes, Anne sentiu paz no íntimo do seu coração novamente.

— Casei-me com teu coração, Anne... com sua pureza e com seus olhos. Não consegue ver o que fez comigo?

— Hunter... eu, eu... céus... — Ela chorou e ele a puxou para si, a abraçando e apertando-a. Anne deixou escorrer junto às lágrimas cada abandono, cada rancor com relação à sua família e todo o sentimento que guardava desde ontem ao ver Sarah.

Agarrou-se ao marido e apenas chorou em seu peito, sentindo a proteção que emanava dele, que a envolvia. Talvez ele não viesse amá-la, mas gostava dela, gostava de sua companhia. Isso teria que bastar, ou talvez, poderia ela amar por ambos.

— Eu a pegaria em meus braços e a levaria para a cama agora, caso pudesse — disse, por fim, junto à sua orelha e a fez rir. Ambos riram, ela em meio a lágrimas, observando-o.

— Obrigada.

— Pelo que, minha joia?

— Por hoje, me defendeu como...

— Um marido deveria fazer, deve. É melhor acostumar-se. — Hunter roçou o nariz no seu, delicadamente, passando-o por sua bochecha.

Anne fora tola, não deveria ter se deixado levar por palavras maldosas, não deveria deixar que Sarah entrasse em seu casamento.

— Fez-me sentir tão segura, Hunter... me fez sentir... — Queria dizer amada, mas deixou a palavra morrer em sua garganta.

— E você está segura, Anne, e sempre estará.

Ah... naqueles olhos ela via verdade e queria se entregar àquela certeza. Ela o beijou profundamente e, sim, o amava com todo o seu coração. Se restava alguma dúvida, já não a tinha mais e o queria, queria mais que tudo que Hunter fizesse amor com ela, tê-lo dentro de si. Mas poderia ter a iniciativa para o ato?

Antes mesmo de dar-se uma resposta, suas mãos ganharam vida e passearam pelo peitoral do marido, chegando às lapelas do casaco e o puxando para baixo. Sem em nenhum momento cortar o contato com seus lábios.

Aquele foi estímulo suficiente para Hunter, assim como fazia ao despir agora seu colete, Hunter levava as mãos para o laço do vestido em suas costas, o desamarrando com certo desespero. Não demorou para que Anne estivesse com o vestido embolado em seus pés, ficando apenas com espartilho e suas roupas de baixo.

Viu Hunter afastar-se e quase gemeu com a falta que fizera seu calor. O homem deu a volta em seu corpo, a olhando e parou às suas costas, agora desamarrando o espartilho, desacelerando o ritmo com que a despia. Anne sentia-se ansiosa, os dedos pediam por contato com o corpo do marido, querendo tocá-lo, como se o ato de se unir a ele, pudesse lhe trazer a segurança de tudo que ele lhe dissera há pouco.

Enquanto os dedos habilidosos a livravam do espartilho, Hunter colava os lábios molhados em sua nuca, a beijando e raspando os dentes em sua pele. As sensações a impeliram a fechar os olhos ao sentir sua pele arrepiar-se a cada toque. Era possível sentir tanto prazer com tão pouco?

Ao ver-se livre de suas vestes até a última peça, Anne já não tinha vergonha de sua nudez frente ao marido. Na verdade, preferia que fizessem amor com as velas acesas, passou a amar olhar para seu rosto enquanto seus corpos estavam envoltos em luxúria e paixão.

Virou-se de frente para ele, em um encontro de almas, de corpos e coração, ainda que não se dessem conta disso. Anne levou os dedos nervosos aos botões de sua camisa, aquela era a primeira vez que o despia. E gostou da sensação de controle que o ato lhe trazia. Tocou a cicatriz próximo ao seu peito, acariciando-a, sentindo os músculos sob seu toque tensionarem em apreensão. Sentia a respiração de encontro ao seu rosto, chegando ao ponto de estar ofegante, e isso não foi o bastante para que Anne parasse. Levou os lábios sobre a pele irregular que antes seus dedos tocavam e deixou um beijo cálido no local, não parando ali, seguindo com beijos macios em cada cicatriz de peito e abdômen.

— Anne... — A voz rouca reverberou as paredes, como um alerta, e ela o olhou.

— Por favor... — pediu. Até aquele momento, em todas as noites juntos, Hunter não a tinha deixado tocar em sua perna, em sua pior cicatriz, a que o impedia de andar sem uma bengala.

Anne sabia o que estava pedindo, e talvez fosse demais, mas precisava disso. Seu coração bateu mais acelerado, sua respiração ficando mais pesada quando o marido acenou para que continuasse. Desabotoou primeiro suas botas, livrando-o delas e, em seguida, voltou as mãos trêmulas para os botões de sua calça, a desabotoando com delicadeza, olhando para seu rosto a fim de ver cada expressão do rosto masculino diante ao seu toque.

Anne tirou sua calça e, em seguida, a roupa de baixo, deixando Hunter completamente nu, exposto para si. Olhou-o e o viu fechar os olhos ao tocar o início da pele enrugada. Uma ereção poderosa já se fazia presente, assim como a excitação que latejava entre suas pernas, mas Anne não tinha pressa alguma. Ajoelhada no chão, tocou cada parte da perna de Hunter, cada pequeno relevo ou queimadura, enquanto sentia o marido relaxar aos poucos sob seu toque.

Ao observar com atenção, pôde ter um breve vislumbre de como Hunter devia ter sofrido em sua recuperação. Pois não era apenas a aparência de uma queimadura que maculava sua pele, em algumas partes, havia buracos profundos. Tocou cada vinco, cada corte, cada fina camada e em seguida levou os lábios sobre a pele e a beijou, uma e duas vezes.

Tudo aquilo fazia parte dele, de quem seu marido era e agora, fazia parte dela também. Sentiu a mão livre de Hunter segurar a lateral de sua face e olhou-o, não podendo dizer qual emoção viu em seu rosto.

Voltou a beijar a pele irregular e, depois, voltou sua atenção para o membro rijo, grande e grosso que clamava por atenção.

Pelos negros coroados sua ereção e Anne comparou a cabeça rosada e polpuda a um grande cogumelo, com uma gota a brilhar na ponta. Algo novo a tomou, a vontade insana de prová-lo. O marido fizera isso inúmeras vezes com ela, então... nada a impedia, não é? Seria algo proibido?

Com dedos trêmulos, o tocou, ouvindo-o gemer quando fechou os dedos em sua base. E ainda que quisesse continuar, não sabia bem como fazer.

— Ensine-me...

— Anne...

— Ensine-me a lhe dar prazer como faz comigo. — O rosto dele parecia esculpido em pedra e a mão que antes estava em seu rosto, se fechou sobre a sua, fazendo o movimento de ir e vir em seu membro.

— Isso, esse movimento me dá prazer.

— Hum... — gemeu, continuando a fazer o mesmo quando ele soltou sua mão. Testou se poderia apertar enquanto ia e vinha e o gemido que saiu da garganta de Hunter lhe deixou saber o quanto ele gostou do que fez.

Continuou seu intuito, mas desta vez se entregou à curiosidade de conhecer seu gosto, de prová-lo ali. Não pensou bem como faria, mas levou os lábios à cabeça rosada, lambendo.

— Santo Deus, Anne...

A gota era salgada e chegava a travar um pouco sua língua, mas gostou do sabor de sua pele e de como o viu reagir ao toque de seus lábios. Voltou a lambê-lo, como se beijasse sua boca, chupando apenas o início. Seria tão bom para ele quanto era para ela? Achava que sim, pois ele gemia sem pudor algum, trazendo a mão para a sua nuca e segurando.

— Anne...

— Como posso... hã, continuar sem machucá-lo?

— Quer chupar-me?

— Eu posso? — perguntou de forma inocente e o viu rir.

— Pode colocá-lo na boca, usando apenas os lábios e a língua, pode sugar, apertar, mas sem usar os dentes.

— Hum... assim? — perguntou, abrindo a boca e chupando até onde conseguia ir, colocando e tirando o membro de sua boca.

— Ihhhh, isso... assim...

Anne sentiu que poderia ir além, sentiu segurança no que estava fazendo, sentiu-se poderosa ao dar-lhe tanto prazer. Fechou a mão na base de seu membro, enquanto com a boca, foi testando seus limites, até onde poderia ir. Encontrou seu ritmo, seu prazer, sugando-o, tendo cuidado apenas para não o morder, ao mesmo tempo que fazia o movimento de ir e vir com a mão em sua base. Sentiu a mão grande de Hunter fechar-se com mais força em sua nuca, em seu cabelo. Estava deixando-o louco e sabia disso pelos sons desconexos que deixava a garganta do marido. Com isso, sentiu também sua própria excitação aumentar apenas em dar a ele prazer.

Foi instintivo quando levou a mão em meio às suas próprias pernas, para aplacar o desejo de atrito que sentia enquanto continuava a chupá-lo. Os gemidos de Hunter se tornaram mais altos, profundos, a respiração pesada, e Anne descobriu que poderia sentir prazer com seu próprio toque.

— Anne... pare ou vou... Anne. — Ela não parou, queria ver até onde poderia ir, o quanto poderia ser prazeroso para ele.

Olhou-o, tocando-se, chupando-o e o que viu em Hunter foi... a personificação do prazer em seu rosto. O homem jogou a cabeça

para trás, puxou seu cabelo, e gritou seu nome, travando o maxilar e a imagem foi o suficiente para que Anne chegasse ao prazer enquanto tocava-se, ambos chegando junto ao limbo. Sentiu um jato quente jorrar em sua boca, enquanto se esforçava para não parar de chupá-lo, engolindo cada gota, com espasmos tomando cada parte do seu corpo.

Estranhou o líquido viscoso, mas tinha o mesmo gosto que provara na gota solitária há pouco e não se incomodou em tomá-lo. Aos poucos, tinha o controle de seu corpo novamente, sugando com avidez tudo que saía dele. Tirou o membro de sua boca apenas para lambar qualquer resquício do prazer que lhe dera, lambendo desde a base à ponta. Voltando a colocá-lo na boca mais uma vez, soltando-o devagar com os olhos presos aos dele.

Hunter a olhava com deleite, admiração e algo mais que não poderia nomear.

— Venha cá... — pediu, estendendo-lhe a mão para que se levantasse. Ela o fez e ele a puxou para um beijo ardente, em que sua língua buscava a dela com sofreguidão, a chupando e sugando como ela fazia há pouco com seu membro.

Anne sentia as pernas moles e trêmulas e se agarrou aos ombros largos do marido para não cair, se entregando ao desejo, ao prazer, àquele beijo. Sim, ela tinha amor pelos dois e faria de tudo para ser e fazê-lo feliz.



Anne estava deitada sobre o peito de Hunter, completamente saciada após fazerem amor ao irem para cama. Depois do que fez com ele, o marido parecia disposto a adorar seu corpo como algo raro, único e ela se entregou de corpo e alma ao seu desejo. Ambos permaneciam calados, cansados e suados, ele a fazer um leve

carinho em seu ombro e Anne a desenhar um caminho invisível com o dedo em seu peito.

— O baile, como estão os preparativos? — foi ele a falar, enrolando uma mecha de seu cabelo no dedo.

— Irei me encontrar com sua irmã amanhã, ela prometeu me ajudar.

— Excelente. Saiba que não há limites, faça como quiser.

Sentiu um beijo no topo de sua cabeça e trouxe a mão aberta sobre seu peito, apoiando o queixo sobre ela e o olhando, não queria falar em bailes, tinha outras coisas em sua mente naquele momento.

— Como foi a guerra? — perguntou, sempre guardou essa pergunta para si. Queria entender como ele realmente se sentia.

A mudança de assunto repentina fez com que Hunter buscasse olhar o teto e não seu rosto, demorando um pouco para enfim respondê-la.

— Um inferno de poeira, cheiro de pólvora, sangue e corpos.

— Quis mesmo morrer em algum momento? — Desde que soube que Hunter esteve na guerra, quis lhe encher de perguntas, mas nunca parecia o momento certo.

— Quando tudo aconteceu, quando fui atingido, ainda me sentia de luto por minha mãe. Tinha passado pela desilusão amorosa com o casamento do meu irmão com Sarah e o médico que me atendeu quis amputar minha perna no dia seguinte ao acidente. Eu não deixei, implorei para que tentassem salvá-la, o que me trouxe uma recuperação dolorosa, em que, por vezes, achei que teria sido melhor morrer.

— Pensou nisso apenas na sua recuperação? — Queria ir a fundo agora que tinha começado.

— Não... pensei nisso também ao voltar e saber da morte de William. Ninguém esperava minha volta, já me davam como morto e então... fui tomado por uma tristeza profunda. As pessoas me olhavam com pena e viam ali, em um moribundo, a chance de tirarem vantagem. Eu odiava o título, William por morrer e a mim por não morrer. Não sei se me entende.

— Eu entendo. — Conseguia entender. — Foram muitas perdas. Perdi meu pai e... no fundo nunca realmente superei ou o perdoei por morrer — disse e Anne sentiu um beijo entre seus cabelos. — Ainda pensa na guerra?

— Às vezes... aquele lugar nos molda, nos transforma. Como pessoa, eu era bem diferente do que sou hoje antes de ir para o campo de batalha. Um garoto cheio de sonhos. O realismo que a guerra nos traz é esmagador. Pensar que pessoas vivem uma vida fútil em segurança, enquanto muito dão a vida em uma poça do seu próprio sangue é cruel. Até hoje tenho pesadelos com tudo.

— Todas as noites? — quis saber, não se lembrava de presenciar nenhum episódio.

— Sim... não, na verdade. — Ele parou de falar e a olhou, Anne apenas ficou ali, esperando uma resposta. — Não os tenho desde que passei a dormir contigo. Sim, foi isso. Em cinco anos... esta última semana foi a primeira em muito tempo em que consegui realmente dormir uma noite inteira.

— Seria o cansaço pelo que fazemos à noite? — perguntou divertida, mas o duque se mantinha sério, a olhando para, em seguida, sorrir de canto, beijando-a

— Sim, talvez seja...

Anne se aconchegou mais a ele, sua perna sobre a sua e sentiu Hunter a abraçar mais apertado, como se quisesse mantê-la para sempre ali. Sentia que conseguia, enfim, ultrapassar a armadura que um dia o viu usar.



CAPÍTULO 35

Aquela fora uma noite em que mais uma vez Hunter dormira sem ter pesadelos, sem acordar em meio ao desespero, como se ainda pudesse sentir a dor física do seu ferimento em campo de batalha, do passado. Até ontem, enquanto conversava com Anne, não tinha se dado conta desse fato. E desde aquela conversa vinha se perguntando o que o levava a esquecer tais medos.

Estava naquele momento tão absorto em perguntas, que sequer reclamou durante a consulta com Armstrong.

— Tudo bem, Austen? Para um recém-casado está muito quieto e taciturno hoje. Não me diga que já está tendo problemas com a duquesa? — A frase foi dita pelo médico de forma zombeteira. Tinha que parar de dar intimidades para aqueles que trabalhavam com ele.

— Não, não. Apenas quieto.

— Muito quieto, costumava reclamar antes. — Hunter nada dissera, deu a ele apenas um repuxar de lábios. — Como está a dor, de 1 a 10?

— Eu diria 2 ou 3.

— Uma melhora significativa, vivíamos entre 4 ou 5.

— E às vezes 7, não se esqueça.

— A vida social tem lhe feito bem então, meu amigo. Sempre lhe disse que voltar a movimentar-se faria verdadeiros milagres em sua condição, para o não atrofiamento dos seus músculos e ossos.

— Sim, você disse — afirmou, enquanto colocava a camisa. — Fui teimoso em demasia. Hoje admito que tinha razão. Seu novo método é bom. Eu não estava tão louco, no fim das contas, em contratar um médico que mal saiu dos cueiros.

— Na verdade, fui o único que o aturou, Austen.

Hunter riu, era verdade. Conseguiu espantar mais médicos do que conseguia contratar. E voltando a fazer um breve balanço, não foi apenas seus pesadelos que se foram, seu mau humor constante já não era tão presente como antes.

— Agora tenho uma esposa para dividir contigo este fardo. Talvez por isso não reclame tanto como antes.

— Pobre dama... por falar nela, não tive o prazer de vê-la — enquanto dizia, Armstrong arrumava suas coisas sobre a mesinha ao lado da cama.

— Está com Katherine, a esta altura. Daremos um baile antes de voltar à Green Hall, deve imaginar o quanto ela se ocupará nos próximos dias. — Fechava os últimos botões ao dizer isso, deixaria as demais peças para o valete o ajudar. — Está convidado, a propósito.

— Virei com toda certeza. Vocês são o assunto da temporada, não perderia por nada este baile, esteja certo.

— Bando de abutres, isso sim.

— Sim, sem dúvida alguma. Mas podemos concordar que você deu a eles motivos aquém, meu caro. — O doutor riu, guardando os últimos utensílios e fechando a maleta médica.

Hunter apenas o observava, sentado na cama, enquanto levantava as mangas de sua camisa até os cotovelos.

— Armstrong, seria possível que o fato de me sentir bem com o casamento recente, tenha ligação com o fato de não ter mais pesadelos? — perguntou e o médico aprumou o corpo, olhando-o.

— Eram recorrentes?

— Nunca gostei de falar sobre isso, sempre estive mentindo quando disse não os ter. Mas o máximo que conseguia era uma noite sem pesadelos ou lembranças me acordarem, nas demais era

atormetado por lembranças. Porém já faz uma semana que... não os tenho.

— Ora... isso é interessante, Austen. Conte-me, tem dormido sozinho? Geralmente homens em sua condição social não dividem o quarto com a esposa.

Hunter sequer conseguia cogitar passar as noites separado de Anne, sem o seu cheiro ou calor.

— Não é o meu caso, temos dormido juntos desde o casamento.

— Sente-se seguro com ela?

A sobancelha do duque juntou-se, com aquele vinco profundo em meio a elas fazendo-se presente.

— O que está supondo? Que tenho pesadelos por medo do escuro?

— De forma alguma, apenas que talvez... a dama ao seu lado o mantenha no presente.

— Como... — O duque não entendia aonde Armstrong queria chegar.

— Veja, Hunter. A mente humana é uma incógnita, não temos quase nada sobre como realmente funciona o cérebro humano. Somos seres conscientes, mas também, presume-se que temos nosso inconsciente. Inconscientemente, ao ter sua esposa ao seu lado, te traz a segurança do presente, do hoje e agora, assim, você não viaja para o passado. Consegue entender?

— Isso faz dela...

— Alguém muito especial para ti, meu amigo. Ouso dizer até... que a jovem dama conseguiu o impossível e que você a ama.

— Ora, não diga asneiras. Pelos céus!

— Acha mesmo que é? Seria tão ruim assim, caso amasse alguém com quem passará toda a vida?

Seria? Não, não seria. Contudo, não era mais capaz de amar. Ou era?

— Não, mas não nos casamos por isso, não prometemos um ao outro amor. Seria uma conveniência para ambos.

— Uma conveniência que o fez esquecer o passado durante as noites. Que o trouxe de volta à vida. Acho que todos queriam tal conveniência, não acha?

Amor... ele a amava? A mera constatação fez seu coração bater como um trovão em seu peito. Como poderia amá-la?

A resposta não demorou a soar dentre sua mente, vindo do fundo de seu coração e alma. A pergunta certa era: como poderia não a amar?

— Santo Deus, Armstrong... Santo Deus!



Entre as paredes da casa Henlein, Anne não se preocupava de sentar-se ao chão, na sala de recreação para brincar com os filhos da cunhada. Katherine tinha duas crianças adoráveis, um menino de sete anos e outro de quatro, e se não estivesse enganada, a condessa lhe contara essa manhã que poderia estar esperando o terceiro filho. Katherine mal se segurava, em puro contentamento, pois queria muito uma menina.

A notícia levou Anne a pensar em si, no que iria querer quando estivesse esperando seu primeiro bebê. Acabou chegando à conclusão que não importava, o amaria sendo ele uma menina ou menino. Observava naquele momento o mais novo dos meninos a tentar desenhar uma árvore, e achava engraçado o quanto ele se

parecia com a mãe, já o mais velho, era a junção perfeita de Kathe e lorde Henlein.

— Será o baile do século, pois ninguém negará tal convite. Todos só falam do seu casamento, Anne, especulando sobre a misteriosa dama com quem o taciturno duque de Austen se casou.

A cunhada estava realmente entusiasmada com a ideia do baile. Anne fora até lá para ajustarem o que deveria ser feito para a festa, mas acabou se perdendo ao estar ali com as crianças. Amava crianças. Tanto, que se perguntava se estaria esperando o seu próprio filho agora?

— Isso não ajuda muito, Kathe, acredito que apenas deixe Anne ainda mais nervosa — disse Victoria com ar risonho, ela também prometera ajudá-la.

— Devo dizer que sim. Mas após o jantar, na casa de minha tia, me sinto mais... tranquila com o baile. Se consegui lidar com ela, acho que consigo lidar com o resto da sociedade londrina.

— É assim que se fala! — Kathe anunciou com entusiasmo, já que não gostava nem um pouco de Elisa. — E já preparei a lista de convidados. Falta vermos apenas quais cores quer usar, Anne.

— Ah, isso eu já sei. Quero dourado e vermelho.

— Dourado e vermelho? — as duas damas presentes repetiram em uníssono.

— Sim... fui ao teatro e, céus... como é belo. Então pensei em dourado e vermelho para a decoração. Com arranjos branco, verde e lilás. O que me dizem?

Kathe estava com a cabeça de lado, talvez tentando imaginar como ficaria.

— Minha querida cunhada, posso imaginar cada detalhe, ficará perfeito.

— O baile na Austen House dará o que falar, não haverá baile mais esperado em toda a temporada — Victoria falava com deleite.

— Tem que ser um sucesso. Eu tenho que ser um sucesso.
— E estava nervosa com isso, contudo, bem menos que antes.

— Você já é. Agora vamos? Um pulo em madame Bovary e um passeio ao entardecer no Hyde Park nos fará maravilhas. O seu vestido tem que ser perfeito, Anne, perfeito.

Anne sorriu, acompanhando as damas para fora da casa, não antes de deixar beijos carinhosos na cabecinha de seus novos sobrinhos.

Como planejado, passaram boa parte da tarde no ateliê de madame Bovary, escolhendo tecidos para os vestidos de baile. Anne aceitou a sugestão do modista em usar um vestido da cor de seus olhos, com adornos em renda e pedras finas.

Já Kathe optou pelo vermelho, algo mais escuro que a cor da decoração. Victoria, por sua vez, quis um verde-oliva, com pequenos bordados feitos à mão. Por fim, madame Bovary acabou confirmando o que todos já sabiam, Anne e Hunter eram a nova sensação da cidade naquela temporada. Inclusive, especulavam sobre a duquesa estar grávida, dado a rapidez da cerimônia.

O comentário pouco teve importância para Anne, não deixaria que a opinião alheia entrasse em seu coração ao ponto de moldarem sua vida.

Não estava grávida quando se casou, mas gostaria de já estar gerando um filho ou filha de Hunter. Seria o fruto do amor que ela sentia por ele, ainda que não fosse recíproco.

— Está tão calada, Anne — a cunhada chamou sua atenção e Anne decidiu contar sobre seu encontro com Sarah, que ainda a sufocava.

— Vi lady Sarah no teatro, outro dia — disse, por fim, fazendo com que as duas damas parassem de andar e se virassem em sua direção, quase fazendo com que o casal que vinha logo atrás delas, as atropelasse em meio ao parque.

— Como... e ela falou contigo?

— Sim. Estava sozinha e quis me humilhar. O pior é que ela sabe de minha linhagem e sugeriu que o meu casamento... que seu irmão, casou-se comigo por vingança.

— Vingança? — Kathe quase gritou, olhando para os lados em seguida, retomando o controle. — Ora, que mulher odiosa. E o que meu irmão disse sobre isso? — Tentou saber mais, voltando a andar.

— Eu não contei a ele. Cheguei a perguntar os motivos que nos levaram ao altar, a possibilidade de ser por vingança. Nós nos entendemos, por fim, mas... não falei quem ou o que trouxe-me estas dúvidas.

— Fez mal, Anne, deveria ter contado — foi repreendida, talvez devesse, de fato.

— Prefiro não a trazer para nossas vidas. Agora já estou tranquila com relação a isso — disse, ainda que não fosse de toda verdade.

— Não sei se isso é o certo... tenho certeza de que ela viera para Londres no intuito de encontrá-lo. Decerto, que não se conformou ao saber do casamento.

— Sim, acho que sim.

— Mulher amarga, uma verdadeira serpente.

— Não falemos mais dela. Amanhã começaremos os preparativos para o baile, e logo estarei de volta à Green Hall, junto à Mary.

— Isso mesmo, minha querida, isso mesmo.

Naquele instante, algo chamou a atenção de Anne, que olhou adiante para um homem que não lhe era estranho. Chegou a apertar os olhos para ver melhor e não estava enganada, era ele, sr. Butter, seu primo. Congelou no lugar, seu coração a arrombar seu peito, a compreensão do que estava acontecendo a lhe doer os ossos. Tudo ao seu redor pareceu sumir quando o homem teve a audácia de sorrir para ela, a cumprimentado, ainda que de longe.

Seu maior pesadelo estava em Londres e porquê?

Céus, o que faria agora?



CAPÍTULO 36

Estavam próximos do tão esperado baile e enquanto Anne se ocupava dos preparativos para a festa, Hunter preparava tudo para sua volta à Green Hall, junto ao contador. Os últimos dois dias tinha passado fora e as noites, aproveitava junto de sua esposa, adorando seu corpo.

Naqueles dias, pôde se convencer de que Armstrong estava certo, sim... ele a amava, contudo, ainda que tivesse certeza de seus sentimentos, não tivera coragem de dizer isso a ela.

Na verdade, até disse certa vez, apenas por ter certeza de que ela dormia profundamente e não o ouviria. Era vergonhoso admitir que um homem como ele estava com medo dos seus sentimentos, de expressá-los em palavras como deveria. Anne, por sua vez, andava bem ocupada com os preparativos e tinha facilitado sua fuga de tal conversa.

Anne andava um tanto calada naqueles dias, mas Hunter acreditava que isso se devia ao nervosismo com a aproximação para o baile. Quanto aos convites recebidos naquela semana, recusou a todos, não seria de bom tom ir a um baile junto à duquesa, sem antes Anne ser apresentada formalmente à sociedade como sua esposa. Após o baile, poderiam escolher livremente qualquer evento da temporada, caso permanecesse em Londres, o que não seria o caso. Contudo, certa noite insistiu para que fossem a um concerto musical, isso não faria mal algum, ficou feliz em insistir, a orquestra a surpreendeu, ao ponto de deixá-la extasiada.

Estava degustando um licor no escritório, quando Oswald entrou apressadamente. O pobre mordomo, com cara de espanto, sequer teve tempo de falar, foi atropelado por quem quer que fosse que vinha logo atrás dele.

— Disse ao seu mordomo que não precisava me anunciar, mas como vê, parece não ter me ouvido — disse George Malford,

abrindo os braços de forma teatral em frente ao duque. — Não me dará um abraço, irmão?

O infeliz viera e, em um primeiro momento, Hunter estava suspenso pela surpresa em vê-lo ali. Não que pudesse esperar algo diferente, Hunter não lhe deu outra escolha, já que não lhe mandaria mais nenhum tostão.

— George... — saudou, por fim, levantando-se com a ajuda da bengala.

O irmão, que era um pouco mais baixo que ele, o pegou em um forte abraço, como se ainda fossem garotos travessos de um passado distante. Indiferente, ainda que emocionado, Hunter deu três palmadas nas costas do irmão, até estar livre de seu agarre.

— Olhe você. Está muito bem, irmão.

— Não por sua causa — acusou. Daria boas-vindas ao irmão depois, isso, após contar a George o que preparava para ele. Como o receberia após isso, iria depender da reação de George. — Sente-se, George.

— Ora, vejo que já fala como o chefe da família... lembra-me papai, até.

— Não tive muitas escolhas, não é? Agora vamos direto ao ponto, continuo odiando rodeios. Por onde diabos andava?

Aparentemente, seu mau humor estava de volta junto ao irmão. Ou talvez... tratasse com bom humor apenas a esposa.

— Meu irmão, o mundo é belíssimo, deixe-me dizer. A França, então... tirando o mal cheiro das latrinas e vielas, as mulheres são — fez um gesto com as mãos, que dava a entender seios grandes — verdadeiras beldades.

— Então foi com elas que gastou toda sua renda?

— Uma parte, sim. — Riu cinicamente. Não mudara nada, Hunter constatou. George sempre foi o mais desgarrado de todos, pouco inclinado a responsabilidades.

Sentia falta do irmão, na mesma medida que queria dar-lhe boas palmadas.

— Milorde, precisa de algo ou posso me retirar? — Oswald ainda estava presente na sala, talvez na expectativa de ver o duque socar o irmão.

— Traga algo para o infeliz comer, decerto ainda não jantou, sim?

— De fato, estou faminto.

— Sim, milorde. Lorde Malford. — Oswald saiu em seguida, deixando ambos a sós.

Os dois irmãos tinham muitas diferenças físicas entre si. Hunter era mais alto e parecia mais com seu pai, herdando apenas os olhos da mãe. Já George saiu a duquesa. Cabelos castanhos mais claros e revoltos, de expressão gentilmente cínica. A face emoldurada por grossas sobrancelhas e olhos castanho-escuros. O nariz aquilino estava meio torto e Hunter poderia apostar que fora fruto de alguma briga de rua. Apesar de mais baixo, o irmão mantinha um bom porte físico, ombros largos e fortes. Aos poucos, alívio tomou o coração do duque, enfim George voltou em segurança.

— Vai me dizer por que fez tanta questão de me ter de volta, com tamanho exagero de ameaças?

— Nunca tive a intenção de omitir e posso começar pelo fato de que nunca deveria ter saído de Londres — Hunter foi incisivo, com semblante fechado, cortando de vez o cinismo na voz do irmão. — Assumi meu título e me reergui, George, como pode ver. Não cobre de ti ajuda, apesar de ter pensado nisso muitas vezes. Mas

assim como eu, tem um papel dentro da família, e deve tomá-lo para si.

— Hunter...

— Não há mais desculpas, George. — Seu tom de voz subiu, ameaçador. — Já tem idade demais para continuar agindo como um jovem deliberado e idiota, ao sair pelo mundo, à procura quantas bocetas pudesse ter, agora chega!

— Isso é uma vingança?

Hunter recostou-se na cadeira, deixando o ar enfadonho tomar conta de suas feições. George começava a entender que ele não estava de brincadeira.

— Pelo que, exatamente? Por sua fuga?

— Não foi uma...

— Fugiu quando mais precisei de ti, foi o que fez. Não ouse negar ao me tomar como tolo. Poderia ter ficado, me ajudado a levar adiante o ducado, o nome da família. Contudo, o medo da responsabilidade o fez borrar as calças e correr para longe. Foi o que fez. E eu lhe dei tempo e dinheiro suficiente para fazer o que quisesse nos últimos cinco anos. Agora chega.

— Está sendo tirano.

— Não, ainda não, mas serei agora. A partir de hoje, fincará seus pés bem firmes em terras inglesas, irmão. Irá refazer sua fortuna e prosperar nosso nome. É o que fará.

— Do que diabos está falando?

— Não confunda o que digo com uma pergunta, George nem minha permissividade nos últimos anos com benevolência. A partir de hoje, você não verá mais nenhum tostão de nossa família, não, se continuar agindo como um infame, sujando nosso nome.

— Eu não...

— Não o quê? Não causou um arremedo de escândalo antes da tua fuga, deixando uma jovem quase em desgraça?

— Não foi o que aconteceu.

— Mas foi o que chegou aos meus ouvidos. A dama teve sorte, havia quem queria casar-se com ela e abafar um escândalo, mas poderia ter sido pior. E eu limpei sua sujeita, fiz meu papel ao enviar uma correspondência ao pai da jovem, junto a uma pequena fortuna para aumentar seu dote.

— Você não sabe o que diz, não sabe o que ela fez.

— Sei o que ouvi. Afinal, você não ficou para contar-me tua versão e, tampouco me importo com isso agora. Limpe nosso nome, já aconteceu desgraças demais para a nossa família.

— Não me casarei, se é o que espera.

— Isso pouco me importa. Estaria disposto a obrigá-lo a casar-se, caso necessário, afinal, você era meu herdeiro direto assim como seus filhos seriam. Porém não há mais necessidade disso. Se estabeleça, escolha qual propriedade irá fincar raízes e será sua para que a faça prosperar — ordenou, George não tinha escolha, não negaria aquela oferta porque não iria para a sarjeta. — Eu ajudarei, claro, no início, depois aprenda a andar com os seus próprios pés, George.

— Espere... como não precisa mais que eu me case e tenha filhos?

— Eu... — nesse mesmo minuto, Anne passou pela porta do escritório, entusiasmada, parando ao ver que Hunter não estava sozinho e corando profundamente ao dar-se conta disso. — Ah, aí está. — Hunter levantou-se e estendeu a mão para Anne, que devagar juntou-se a ele. — Essa é Anne, George. Sua cunhada e duquesa de Austen. Casei-me há poucos dias.

— Por mil demônios! — o irmão esbravejou. De tudo que pudesse encontrar ao voltar para Londres, aquela era a última delas.

— George.

— Desculpe-me, mas como conseguiu que esse diamante lhe dissesse sim? A propósito, é um prazer, Vossa Graça — a cumprimentou de forma charmosa e Hunter bufou com seu excesso de cinismo.

— Anne, me chame de Anne. Para mim, também é um prazer. Não sabia que se juntaria a nós.

— Nem eu, querida — Hunter disse, beijando os cabelos da esposa, deixando a face de George ainda mais surpresa. — Veio chamar-me? — perguntou e viu o rosto de Anne ficar ainda mais vermelho, como se fosse possível. Sabia exatamente o que ela viera fazer e gostou da ideia de tê-la novamente nua sobre sua mesa.

— Oh, sim, mas está ocupado, deixe para...

— George é da família e não precisamos de muita cerimônia. — Jamais abriria mão de fazer amor com a esposa para dar atenção ao irresponsável fanfarrão do irmão. — Irá ficar conosco, certo?

— Sim, se me hospedarem, é claro.

— Isso é ótimo, irei pedir agora mesmo que preparem um quarto para nosso hóspede.

Hunter anuiu e pontuou em seguida:

— Certo, logo subirei — disse, vendo-a cumprimentar George, antes de sair com relutante timidez.

O silêncio reinou no cômodo até que ela estivesse realmente distante daquelas paredes.

— Vendeu a alma, foi isso?

— Não precisei.

— Ah, é um duque, é o que quer dizer? Isso seria algo que William diria, não você.

Hunter riu, alegrando-se do fato de nunca precisar se esconder atrás de um título junto de Anne.

— Não. Ficaria surpreso em saber que quando Anne aceitou casar-se comigo, sequer sabia que eu tinha o título de Austen.

— Como? — Havia sim semelhança entre os irmãos, George também juntava as sobrancelhas quando confuso.

— Isso ficará para depois, caro irmão. Vamos, a essa hora Oswald já preparou a mesa para ti. Mas antes de irmos, diga-me, qual é a tua resposta?

— Não me deixou muitas escolhas, mas desde que não me obrigue a casar, não me oponho às suas condições. Afinal, não tenho alternativa, já que gastei toda minha fortuna.

— É bom ver que continua inteligente, George.

— Agora terá que me contar que história é essa de casamento e como ela não sabia do seu título.

Hunter riu, saindo preguiçosamente do escritório, com um George bastante curioso atrás de si. Explicaria, claro, mas não naquele momento, pois tinha uma esposa a esperá-lo no quarto.



CAPÍTULO 37

Sentada em frente à penteadeira de seu quarto, Anne olhava-se no espelho e não reconhecia a si própria. Um mês e meio atrás, jamais suporia estar onde estava hoje, como uma duquesa, menos ainda que conseguiria sentir-se como uma. Tomou para si importante a missão de honrar o nome Austen e empenhou-se em aprender tudo o que deveria no pouco tempo que teve para isso. Sugou tudo que pôde de Katherine, que se mostrou além de uma boa cunhada, uma amiga generosa.

O dia do baile tinha chegado e Anne sentia-se preparada para aquele momento. Disposta a jamais abaixar o queixo para quem quer que fosse. A hora de ir para o salão de festa se aproximava e já estava pronta. Envolta em um vestido azul-royal que de fato realçava o tom de sua pele e a cor de seus olhos. O decote quadrado marcava bem os seios, que apesar de pequenos, sobressaíam-se pelo uso do espartilho apertado ao qual usava.

As mangas eram longas, iniciando-se bufantes e colando-se ao antebraço no decorrer da manga. A saia rodada marcava com perfeição sua silhueta, causando grande volume embaixo. Roseli, que arrumou o seu cabelo com maestria, fez um trabalho perfeito em cachos presos no alto de sua cabeça, que dava a impressão de ser uma flor. Apenas dois cachos finos estavam soltos em suas têmporas, dando o arremate final.

Estava impecável, mas também estava nervosa e talvez por isso, naquele instante, perdia tempo ao olhar-se no espelho. Seu pai se orgulharia, se pudesse vê-la agora. Respirou fundo, passando a mão na saia do vestido, como se estivesse tirando uma sujeira invisível da peça.

Quando voltou a olhar-se no espelho, pôde ver Hunter, parado na porta adjacente ao seu quarto, a observando ao apoiar-se em sua bengala. Ela se levantou e admirou seu esplendor. Estava

em vestes pretas, apenas a camisa e gravata destoavam da cor, sendo ambas brancas, impecavelmente bem-engomadas.

— Está perfeita, minha duquesa.

— Você também está lindo — disse ao se aproximar de onde ele estava, arrumando um amassado imaginário na lapela do paletó.
— Estou pronta, podemos descer, se quiser.

Ah, aquele olhar... causava em Anne em rebuliço no estômago. Pois toda e qualquer apreensão sumia quando Hunter a olhava com tamanho deleite e apreciação.

— Sim, mas antes... falta-te algo.

— Oh não, não... — Ela parou o que ia dizer quando Hunter abriu uma caixa de veludo em suas mãos, mostrando a ela um conjunto espetacular de colar, brincos e uma tiara. Cada peça adornada com diamantes cristalinos, apenas com uma única peça azul, da cor do vestido que usava, no centro da joia.

— A intenção era ressaltar seus olhos, mas vejo que teve a mesma ideia que eu ao comprar seu vestido.

— Hunter... são perfeitas.

E eram mesmo. Junto às compras que fizera antes de casar-se, Anne comprou algumas joias, sugeridas por Katherine, mas nenhuma tão esplendorosa quanto aquele conjunto que acabara de ganhar.

— Fico feliz que tenha gostado, posso?

— Por favor.

Ela deixou que ele colocasse o colar, pegando os brincos e os prendendo em sua orelha. Por fim, voltou para o espelho e colocou ela mesma a tiara em seus cabelos.

— Poderia chamar sua dama de companhia para isso.

— Sim, mas há coisas que não vejo necessidade de ajuda. Posso fazer sozinha.

— Com o tempo, irá aprender.

— Oh não, quero continuar exatamente assim. Importa-se?
— perguntou, voltando a levantar-se após colocar o adereço nos cabelos. O conjunto em pedras foi o arremate final para a perfeição.

Hunter a olhava com tanta apreciação que Anne sentiu seu coração esquentar em prazer.

— Na verdade, acredito que é isso que a faz tão especial. — Ele a beijou lentamente.

Foi algo rápido, mas não menos importante para ela. Assistiu-lhe oferecer o braço e por mais nervosa que estivesse, no momento que colocou sua mão sobre a manga do paletó, sentiu-se a mulher mais segura do mundo, como se nada, nem ninguém pudesse alcançá-la. Nem mesmo o homem que vira dias atrás, na rua.

Anne sentiu tanto medo ao vê-lo que sequer queria sair de casa nos dias consecutivos, tinha medo de que ele estivesse à espreita. Passou tantas coisas em sua mente, tantos cenários desastrosos que por muitas vezes teve que controlar-se para não contar tudo a Hunter. Pois tinha medo de sua reação, medo do que poderia pensar a seu respeito. Ah... como sentiu falta de Mary naqueles dias para lhe dizer o que fazer.

Porém, com o passar dos dias, foi acalmando seu coração. Convencendo-se de que se o primo não lhe procurou, não procurou seu marido, nem as autoridades naquele meio tempo, isso queria dizer que talvez, ao estar a par do casamento, tenha resolvido deixá-la em paz. Sentia naquela noite, mais que nunca, segura. Pois na manhã seguinte estariam de partida para Green Hall, enfim teria a segurança do campo. Anne sonhava com esse momento. Assim como sonhava que com mais tempo de convivência, teria coragem

para contar ao marido tudo o que passou antes de ir para Countyham.

Os dois desceram juntos as escadas, encontrando George logo ao final dos degraus. O jovem Malford riu ao vê-la e Anne retribuiu o sorriso afetuoso. Ainda não tinha uma opinião formada sobre o caráter do cunhado, não teve tempo suficiente. Além do mais, ele não facilitava seu intuito, pois era um jovem de riso fácil, gentil, porém, sarcástico em um nível que chegava a confundi-la às vezes.

— Poderiam pedir uma pintura exatamente assim, estão perfeitos.

— Obrigado, George, foi todo e qualquer crédito para minha esposa. Está pronto?

— Ah sim, claro.

— Então vamos, quero você junto conosco na recepção. Acredito que logo nossos convidados começarão a chegar.

— Para o meu desalento, ao que me lembro, os bailes londrinos continuam tão enfadonhos quanto teu humor, irmão. — Ali estava ele, o sarcasmo dançando em seu olhar.

Hunter fingiu não o ouvir, e George piscou para ela, em uma fajuta provocação ao irmão. Anne apenas sorriu, negando seu intento de tirar o duque do sério.

Anne jamais foi a uma festa da nobreza, mas Katherine foi gentil em lhe contar os mínimos detalhes de seu dever como anfitriã. De início, ficariam logo na entrada do salão, recebendo a todos. Imaginava tal ato cansativo e mal esperava o final daquele circo que ela mesma montou. O duque era o primeiro na fila de cumprimentos, tendo Anne ao seu lado e logo depois, estava George.

— Acredito, cunhada, que possa guardar duas danças para mim.

— Com muito gosto. — Anne se sentiria grata ao dançar com alguém conhecido.

— Não se preocupe, George. Abrirá o salão de dança com Anne, já que não posso fazê-lo. — Hunter se fez ouvir e o fato apertou seu coração. Caso não fosse a condição de Hunter, seria ele a abrir a pista de dança ao seu lado.

— Ora... Quem sabe uma valsa, cunhada? — perguntou, mas com o olhar feio que o irmão lhe dera, já tivera sua resposta. — Tudo bem, acho que isso é um não.

Anne gostaria que fosse com Hunter sua primeira dança. Sonhava com um dia em que o marido pudesse guiá-la por um salão de baile.

— Desculpe por isso, Anne — Hunter falou baixo ao seu ouvido e ela o olhou.

— Eu entendo, acredito que um dia estará recuperado e poderemos dançar até mesmo uma valsa, quem sabe — disse e o fez rir, mas aquele riso não chegou aos olhos verdes bonitos.

Um pequeno falatório pôde ser ouvido na parte externa e Anne imaginou que seus convidados começaram a chegar. Sentiu o estômago embrulhar e empertigou-se, engolindo em seco, tentando controlar a ansiedade que a tomou. Aquela era a sua noite e tudo tinha que ser perfeito.

— Lembre-se, você não precisa provar nada a ninguém. — Ouviu do marido e quis beijá-lo em agradecimento.

Por sua vez, Anne sorriu e foi tempo o bastante para que os convidados comessem a ser anunciados. Muitas pessoas chegaram juntos, formando um pequeno tumulto na entrada. Anne conheceu condes, duques, viscondes, marqueses, sirs, barões e toda a classe aristocrática de alfinetes, acreditava ela. Logo foi a vez Kathe e Victoria chegarem, mas Anne pôde dar pouca atenção para elas, já que tiveram que receber os outros convidados.

Demorou, mas a hora tão temida chegou, sua família foi anunciada e tanto o barão como o baronete chegaram praticamente juntos. Achava que após o jantar daquela noite, eles não ousariam pisar ali, mas enganou-se, todos foram e compartilharam gentilezas com os três anfitriões, como se nada tivesse acontecido.

Que espécie de família era a sua?

— Acredito — disse o duque —, que já podemos descer e compartilhar o espaço com nossos convidados. Qualquer pessoa que chegue após este momento, poderá ser cumprimentado depois.

— Oh, sequer me lembrei. Sente dor, Hunter? Ficou muito tempo em pé.

— Um incômodo, mas não é nada de mais. Vamos? — Tornou a lhe oferecer o braço que ela aceitou com satisfação.

Os olhos de todos estavam sobre eles, de forma quase antiética. O que esperavam dela? Chifres e duas cabeças? Bom, o máximo que teriam eram cabelos em tom vermelho vibrante. Que notou ter chocado algumas matronas mais velhas. Talvez achassem que Anne fosse uma feiticeira.

O pensamento a fez rir, segundo antes do momento de abrir o salão de dança. Foi ao lado de George que iniciou tal feito. Anne não demorou a julgar que o cunhado era um excelente condutor.

— O que viu nele? — George chamou sua atenção e Anne não entendeu do que poderia estar falando.

— Em seu irmão?

— Sim, já sei que não foi o ducado. Bom, nem sua aparência, já que não é das melhores — disse e ao notar que Anne não gostou do comentário, fechou o sorriso. — Eu a ofendi, não foi?

— Para mim, seu irmão é perfeito exatamente como é. Não importa quantas cicatrizes tenha. — Sua defesa foi feita com fervor

e ao contrário do que esperava, viu George sorrir, desta vez, sem sinal de sarcasmo.

— Você o ama, foi isso o que viu. — Anne sentiu a saliva descer mais pesada que o comum com o que ouviu.

— Eu... creio que não preciso falar sobre meus sentimentos.

— De fato, sequer precisa, vejo que não mente bem. Saiba que fico feliz em saber que o ama de verdade. Fui embora porque tinha medo e vejo que não havia motivos para isso.

— Medo?

— Não do ducado. Mas de vê-lo morrer. Eu estava lá quando o trouxeram e ao vê-lo... não tive esperanças. Não era próximo do meu irmão mais velho, mas de Hunter sim e se ele se fosse... não saberia lidar com isso.

Aquela foi a primeira vez que Anne presenciou George falar um assunto sério, trazendo verdade no olhar.

— Disse isso a ele?

— Não, homens não compartilham tais sentimentos — disse em tom risonho, finalizando aquela conversa com uma piscadela.

Anne deixou seu olhar vagar pelo salão, enquanto um som animado era entoado e pessoas conversavam de forma animada ao dançarem. Seu olhar encontrou o de Hunter, que conversava naquele momento com Henlein. Ele sorriu, abertamente, para ela, algo que nunca fizera em público, e Anne retribuiu o ato, não se importando com o que pensassem dela.

Ah, como estava feliz.



Até aquele momento, Anne tinha se saído bem. Apesar de sentir-se cansada e com os pés doloridos àquela altura, estava radiante e satisfeita consigo mesma. Tinha conseguido transitar entre todos ali presentes com êxito, podendo se orgulhar de si mesma. Passou boa parte do tempo com Kathe e Victoria, conversou também com outras damas, mas não sentiu realmente vontade de aprofundar laços com nenhuma delas.

A tia tentou se aproximar, claro que tentaria, Anne, por sua vez, fora educada, mas quando a tia tentou um intento maior de falar a sós com a duquesa, Anne declinou elegantemente. Estava tudo perfeito e o baile se aproximava do fim. Algumas famílias, inclusive, já tinham ido embora e o salão começou a esvaziar.

— O baile foi esplêndido, minha querida, mas como vê, meu marido já não aguenta mais tempo. — Anne sorriu. Tinha conhecido, enfim o sr. Smith. Marido de Victoria. Um homem de semblante gentil e voz suave, como imaginava.

— Obrigada por virem, foi um prazer imenso tê-los conosco.

— O prazer foi nosso. Irão mesmo para o campo amanhã?

— Sim, sim. Já estamos com tudo pronto.

— Assim sendo, faça uma boa viagem e escreva-me assim que puder.

— Com toda certeza o farei e espero receber cartas tuas também.

Victoria se foi, assim como mais alguns presentes e Anne começava a sentir alívio. Só então procurou Hunter pelo salão, mas sem sucesso, onde estaria o marido?

Teria se refugiado no escritório?

Anne cumprimentou algumas pessoas até chegar ao corredor que dava acesso ao escritório, logo percebeu que ele estava ali, era o que a luz que saía pela fresta na porta lhe dizia. Ela sorriu, estava a ponto de entrar pela porta quando uma voz feminina, que ela conhecia, soou vinda lá dentro.

— Não seja tolo, admita que mal conhece a mulher com quem se casou!

— Está sendo tola. Tua vaidade mais uma vez a cega.

— Sua duquesa não é tão pura quanto aparenta, Vossa Graça. Tentou seduzir este pobre homem, imagine só você. Quando viu que ia perder tudo, tentou armar uma situação terrível na qual se regozijava ao obrigar o sr. Butter a casar-se com ela. Veja o nível da mulher com quem se casou.

Anne sentiu o sangue gelar ao ouvir aquele nome, suas forças se esvaírem ao ouvir aquelas palavras. Ela estava errada, no fim das contas, aquele maldito não desistiu de encontrá-la.



CAPÍTULO 38

— Uma mentira! — Hunter esbravejou. Quem diabos aqueles à sua frente pensavam que eram?

— Diga, a ele, sr. Butter. — Esse diabo, a quem Sarah se referia, Hunter não o conhecia, nunca sequer tinha ouvido nome parecido com aquele.

Mas sabia bem reconhecer um mau caráter quando via um e aquele sujeito era a personificação da inexistência de decência.

— Se quiser, mostro ao senhor a cicatriz que sua esposa causou-me!

— O que disse? — Seu tom de voz era baixo e até calmo, mas uma calma enganosa.

Ali à sua frente estava a mulher a quem a partir daquela noite, passaria a odiar. Mal acreditou quando Oswald foi chamá-lo, lhe dizendo que ela o esperava em seu escritório. Mas não achou que chegaria a tanto!

— Falo a mais pura das verdades! Anne, minha prima, se ofereceu a mim e quando me neguei a ela, fui acertado com algo na cabeça. Acredito que pela governanta, uma cúmplice. Acordei horas depois, em uma poça de meu próprio sangue, completamente desorientado, humilhado. — Hunter ouvia aquelas palavras e tentava imaginar até onde aquele homem iria. — Aquela mulher, Você Graça, é um perigo para todos que se aproximam dela, uma selvagem sem escrúpulo algum. Há três meses, estou à procura de seu paradeiro para que pague pelo que me fez.

Hunter fechou a mão em punho na haste de sua bengala, como se com aquele ato, pudesse controlar suas emoções, sua raiva. Sua perna lhe doía como o inferno, mas o que estava o

enlouquecendo naquele momento eram as palavras que deixavam a boca do infeliz à sua frente.

— O que o senhor está tentando dizer-me, é que minha esposa, minha frágil duquesa, tentou uma armadilha casamenteira contra ti?

— Sim, e muito bem armada, ousou dizer. E acredito que fez o mesmo contra o senhor também.

Hunter não pôde mais controlar seu corpo, seus músculos e sua razão. Sequer lembrou-se de suas limitações quando partiu para cima do homem à sua frente, segurando-o pela gola da camisa e o golpeando no queixo, levando ambos ao chão. Iria matar aquele diabo com suas próprias mãos.

Sarah gritou, assim como Butter, ao ser golpeado, tentando depreender-se do agarre de Hunter, que agora estava montado sobre si, golpeando-o de forma brutal.

O duque queria acabar com a vida do homem que manchava a honra de sua esposa e o teria feito se braços fortes não o tivessem tirado de cima do miserável mentiroso, enquanto um escarcéu de vozes e gritos era montado ao seu redor.

— Hunter, o que diabos aconteceu? — George esbravejou ao tentar contê-lo, enquanto Hunter via apenas o homem a quem tinha, naquele momento, todo o seu ódio.

O duque se debatia no intuito de soltar-se e terminar o que começou, mas logo Oswald também o segurava e viu-se impotente em seu intuito. Não se preocupava nem mesmo com seus convidados, que poderiam ouvi-los, estava cego de raiva.

— Saiam da minha casa! — Só então, ao ouvir a voz de Anne, Hunter recuperou a sensatez, parando de se debater. Anne tinha o rosto vermelho, os olhos com lágrimas não derramadas e, ainda assim, olhava a todos ali com altivez e coragem obscena. —

Precisa que eu torne a repetir, ou a jogue eu mesma para fora de minha casa? — Ela olhava diretamente para Sarah ao falar.

— Oh... você?

— Espera alguém diferente? Saiba que não pode mais jogar o seu veneno contra mim, não pode entrar em minha casa e trazer este maldito para envenenar meu marido e sua família contra mim. — Apesar de falar todas aquelas palavras em tom baixo, Anne não deixava que passasse despercebido o ranço e a mágoa em suas feições ao se aproximar de Sarah. — A sua dor tem um motivo claro: inveja, desespero e, despeito por querer estar no meu lugar. No lugar de uma ninguém, como você mesma me disse, naquele teatro, não foi? Não conseguiu o que queria e então trouxe este homem aqui, para tentar terminar o que começou.

Hunter poderia interferir, mas não o fez, deixou que Anne tomasse as rédeas da situação, defendesse a si mesma como deveria e estava fazendo.

— E nega que o conheça?

— Não nego, tampouco aceito as mentiras que ele disse contra mim — ao dizer isso, sua atenção foi para o homem que se levantava ao usar as paredes como sustento. — Desta vez, o senhor não pode me atingir, não sou mais uma jovem sozinha e amedrontada, precisando de um teto e comida.

Hunter então entendeu o que acontecia ali. Lembrou-se do dia em que a levou ao teatro, de como Anne voltou para casa naquela ocasião, fruto de um encontro com Sarah. E se deu conta de que o homem que tentava envenená-lo contra sua esposa, era o herdeiro de sua propriedade.

— Ouviram minha duquesa — disse, por fim, trocando um olhar com Anne, notando a forma culpada com que o encarava.

— Esta mulher o cegou! Não vê? Uma linhagem ruim, sem nenhuma educação ou sangue e, ainda por cima, uma fugitiva.

— Acha que não sei com quem me casei? Acha que como fez a mim no passado, Anne também me enganara? Quão tola pode ser? Volte para a sarjeta de onde tirou esse infeliz e vão para o diabo que os carreguem. — Sentiu a mão de Anne tocar a sua, ela estava ao seu lado, entrelaçando os dedos aos seus.

— Sabe o escândalo que eu poderia causar com tal informação? — Ela o estava ameaçando?

Aquela situação passara de todos os limites!

— Não é nada agora, Sarah, depende apenas da minha bondade e acha que pode me ameaçar? Em minha própria casa?

A essa altura, Butter tentava alinhar suas vestes. Quem sabe recuperar-se, em uma tentativa desgrenhada de parecer ameaçador.

— Mas eu não estou preso ao senhor, Vossa Graça, e posso...

— Nada — Hunter rugiu, tentando ir em direção ao homem, mas sendo impedido por Anne, que não o soltou. — Não pode nada. Se ainda não se deu conta, sou um duque, e na escala de onde venho, você é um inseto, um nada. E sabe o que faço com insetos? Eu o esmago, é o que eu faço. E garanto que estaria fazendo um favor ao livrar a sociedade de alguém como você. Agora, fora! — esbravejou e, por instantes, achou que o homem seria louco de tentar algo.

Mas não foi desta vez. Butter não seria tolo o suficiente para um embate, pondo-se para fora como um cachorro, com o rabo entre as pernas. Sem ousar sequer olhar para Anne.

Já Sarah, essa era orgulhosa demais para dar-se por vencida.

— Está completamente cego. Acha que conseguirá esconder o passado da duquesa por muito tempo? Foi tão fácil saber a

linhagem sebosa da qual ela viera, mas fácil ainda foi achar o sr. Butter, o primo distante que herdou por morgadio toda a propriedade que era de seu pai.

— Como conseguiu isso? — perguntou, estava deveras chocado com as artimanhas de Sarah. Em algum momento, ela imaginou que aquele plano absurdo daria certo?

— Perguntei-me, como uma solteirona, vinda da família de um barão tão antigo e respeitável, poderia estar a ver navios. Algo deveria ter errado. Não consegui muitas informações com a baroneta, talvez por medo de ti, mas bastou falar com as pessoas certas e não foi difícil achar o sr. Butter, que desejava vingança. O homem já tinha intenção de ameaçá-la, contando tudo aos quatro ventos em troca de dinheiro, após perder um vantajoso casamento. Eu apenas ajudei. Achei que seria mais inteligente, que não estaria tão envolvido por esta...

Hunter riu com escárnio, sequer deixando que terminasse.

— Como deve ser difícil aceitar o inevitável, Sarah. Bom, devo dizer que não adianta tentar contra a honra de minha esposa. Sua índole é tão clara como água, mas não julgo que não reconheça tal dama. Anne tem algo que você nunca terá, caráter e bom coração. Agora saia e nunca mais ouse falar o nome de minha duquesa, ou sua renda diminuirá ao ponto de sequer conseguir pagar seus empregados.

— Você não ousaria...

— Apenas tente. Por você, não sinto nem mesmo pena. Oswald, tire essa mulher daqui — encerrou aquela conversa, virando-se de frente para Anne e a puxando para seus braços.

Agradeceu o fato de Sarah não ter tentado mais nada ou seria ele mesmo o responsável por expulsá-la dali arrastada.

— Nunca vi tal coisa... Essa mulher perdeu o juízo, Hunter — George chamou sua atenção, mas o duque pouco queria falar sobre

Sarah.

— Deixe-me a sós com Anne, George. Vá, e acabe de vez com o baile, se é que ainda resta alguém pelo salão. Não tenho mais cabeça para isso. — Sua dor naquela altura estava em 6, mas ele sequer se importava, precisava falar com Anne. Ouvir dela a sua versão dos fatos, como aquele homem entrou em suas vidas.

— Eu cuido disso. Leve Anne para cima, tomarei providências quanto ao que precisar.

Hunter meneou a cabeça, passando o braço pelos ombros de Anne, indo junto com ela para o quarto. Precisavam conversar, precisava entender como aquele homem achou que poderia ir até sua casa e ameaçá-lo. Subiu as escadas devagar ao lado dela, o esforço daquele dia cobrando-lhe um preço.

— Eu o ataquei, de fato — Anne falou assim entraram no quarto e Hunter fechou a porta. — Mas ele... ele... Hunter... — Um soluço irrompeu de seu peito ele quis se aproximar, mas ela não deixou, parando-o ao esticar uma mão. — Ele chegou à minha casa com gentileza, apresentando-se como herdeiro de tudo aquilo a que eu mais amava, tinha documentos e tudo o que era necessário. Eu o recebi, afinal, não tinha outra escolha e apesar da minha recusa por sua estadia para parte da noite, ele insistiu que não chegaria a amanhecer ali e eu...

— Você o que, Anne?

— Naquela noite, eu não consegui dormir, não conseguia pensar direito, não conseguia ao menos deitar-me. — Ela apertou os olhos com força, fazendo com que grossas lágrimas escorressem por seu rosto, e Hunter quis limpar cada uma delas. — Ainda que ele dissesse que eu poderia morar e trabalhar na casa, na minha própria casa, eu não conseguia aceitar tal destino. De senhora a empregada... foi aterrador.

— O que ele fez, Anne?

Era o que queria saber, pois sentia que precisaria ir atrás do maldito e matá-lo pelo que causou à esposa. Viu a jovem mulher engolir em seco, abraçar o próprio corpo como se quisesse se proteger das lembranças.

— Ele bateu em minha porta, era tarde, eu achei ser Mary e abri, tentando fechá-la assim que o vi ali. Ele forçou a madeira, me derrubando e...

— Ele te... — Seu sangue pareceu congelar em suas veias, seus músculos a tensionarem, seu coração pedindo vingança.

— Não. Eu gritei, coisas foram quebradas e fizeram com que Mary acordasse. Foi ela quem o acertou uma vez, fazendo-o cair e me soltar. Mas tivemos que golpeá-lo uma segunda vez para que desmaiasse. — Era óbvio que ela não se orgulhava do que dizia, parecia querer se esconder enquanto falava. Hunter imaginou toda a cena com horror, seu coração apertado ao cogitar Anne em tal perigo. Por muito pouco, aquele homem não a tinha... — Fugimos em seguida para a casa da sra. Muller e nos escondemos lá. Não supus que ele iria tão longe para me encontrar.

— E talvez não fosse. Ao menos, se não tivesse se casado comigo.

— Eu não fiz... eu não...

— E o que te faz pensar que, por um segundo, eu acreditaria naquele homem, Anne?

— Hunter... as circunstâncias são cruéis. Quem eu era, como nos relacionamos... céus. Entrei naquela sala por não me considerar uma covarde, mas no fundo... eu quis fugir.

— Eu jamais acreditaria em uma palavra sequer do que ouvi, Anne. Conheço a mulher com quem me casei e eu deveria ter cedido ao desejo de matar aquele verme — disse, juntando as sobrancelhas ao se aproximar dela. — Pensa tão pouco de mim?

— Não... a verdade é que quando você passa anos acreditando em algo, é difícil mudar de um dia para o outro. Tente imaginar o que aconteceria se, por acaso, ele tivesse me encontrado antes? O que poderia fazer com minha honra?

Ele a entendeu. O problema não era a confiança que sentia nele, e sim, a forma depreciativa como via a si mesma. Anne não era capaz de enxergar sua força, pois perdeu o único homem que o fazia e teve que lidar com pessoas demais apontando somente seus defeitos. Mas ele não era uma dessas pessoas. Tocou seu queixo, levantando seu rosto para que o olhasse.

— Hoje a vi ascender, Anne, de uma forma que me orgulhei da mulher com quem me casei. Senti como se fosse o homem mais sortudo do mundo apenas em tê-la ao meu lado. Não a escolhi por nome ou condição social, a escolhi por demonstrar ser o ser humano mais puro com quem tive a sorte de conversar.

— Hunter...

— Talvez, eu não tenha percebido, na verdade, não percebi que desde o primeiro momento, naquela estrada, ao desferir o primeiro palavrão contra mim, eu tenha me apaixonado por ti — disse enfim e viu os olhos de sua esposa se abrirem como pratos, à medida que as palavras faziam sentido. — Eu pensei em ti, desde então, e por mais que a achasse inconveniente com tantas e tantas perguntas, eu não conseguia me distanciar. Não conseguia, era como se você tivesse um ímã que a todo momento me levasse de volta a ti. Então, você fugiu de mim e eu percebi que não poderia me casar com nenhuma outra se não fosse você e, acredite, ainda assim, não me dei conta do que eu sentia.

— Quer dizer que...

— Quero dizer que estou quebrando as regras que eu mesmo impus para o meu coração. Não quero algo conveniente, longe disso. Eu a amo, Anne, e prometo que farei de tudo para merecer o teu amor.

— Você já o tem — disse, uma lágrima deixando seus olhos e Hunter sentiu o coração falhar. — Sempre teve, desde o primeiro momento. Eu o amo, eu o amo.

Ele a beijou, de forma carinhosa, como se o fizesse pela primeira vez. Hunter a beijou como se pudesse, com isso, fazê-la acreditar no que acabara de dizer. Ela também o amava... foi o que acabara de dizer e não conseguia imaginar um momento mais feliz que aquele. Deixou seus lábios, colando sua testa na dela ao dizer:

— Prometa-me que jamais haverá segredos entre nós, prometa que jamais correrá para longe de mim. Que serei teu porto seguro, não importa o que aconteça. Prometa. — Seu pedido saiu apressado, desesperado.

— Eu prometo... sou sua de corpo e alma.

Hunter a puxou para si, desta vez sem delicadezas, com pressa e vigor, e a conduziu para a cama, desfazendo o laço de seu vestido e a empurrando sobre a cama. Livrou-se de suas roupas antes de estar sobre seu corpo, estando deliciosa apenas com o espartilho. Hunter voltou a beijá-la, de forma profunda, buscando sua língua, seu gosto. Queria-a, precisava selar aquela promessa de uma forma que não mais voltariam atrás.

Amava-a e agora, sabia que tinha o amor e a devoção de sua esposa, que não estava amando sozinho e tal sentimento lhe trazia paz, e uma felicidade imensa que parecia não caber em seu peito. A jovem duquesa gemeu sob seu toque, enquanto com mãos habilidosas ele se livrou do vestido e estava agora a tirar suas roupas de baixo.

Tinha pressa, ao tempo que queria amá-la de forma lenta e apaixonada, em completa confusão. Desceu beijos por seu queixo e pescoço, agarrando um mamilo, fazendo a mulher cravar as unhas em suas costas, causando-lhe dor em meio ao prazer.

Hunter gemeu e não mais pôde protelar, a penetrando devagar para, por fim, se enterrar por completo dentro dela. Não era apenas um ato carnal, parecia transcender, porque era o que de fato acontecia, pois a amava e esse sentimento estava presente em cada toque, cada beijo, cada palavra...

Anne o abraçou, enlaçando sua cintura com os calcanhares, juntando-os atrás de suas nádegas, o impulsionando a ir mais fundo dentro dela. Ele sorriu, voltando a beijá-la, Hunter saía devagar para, em seguida, arremeter com força em seu sexo, que o abraçava como veludo. A fez gritar, e gostou da forma como sentiu-a apertar seu membro, mastigá-lo com seu sexo molhado e escorregadio.

— Ainda me levará à loucura, Anne — disse, mordendo a pele leitosa de seu pescoço, fazendo Anne se contorcer embaixo de seu corpo.

— Por favor...

Hunter ajoelhou-se entre suas pernas e não importava quanta dor sentia, ele a queria, precisava dar prazer à sua mulher. Hunter estocou algumas vezes, para em seguida enfiar a mão por baixo das costas de Anne e rolar na cama com ela, colocando-a por cima de si. A mulher estava montada sobre ele, os cabelos soltos e cacheados a caírem por seus ombros, os seios a subir e descer à medida que ela respirava.

— É a imagem mais bela que já vi na vida.... cavalgue, Anne, monte-me.

De início, sua esposa parecia indecisa sobre o que fazer, e segurando seu quadril com ambas as mãos, a impulsionou a seguir seu ritmo. Os seios dela acompanhavam o movimento, o deixando mais excitado, mais louco de desejo e prazer. Por fim, a soltou e deixou Anne guiar a velocidade com que ia e vinha, moldando o prazer de ambos.

Anne tinha os lábios entreabertos, a boca vermelha gemendo seu nome e palavras que ele não entendia. Sentiu o exato momento que ela ia alcançar o clímax, espasmos começando a tomá-la, enquanto seu sexo se contraía ao redor de seu membro. Hunter relaxou, deixando seu corpo a acompanhar em tamanho prazer, ambos indo juntos a um abismo sem fim, de puto deleite.

Sua respiração estava irregular quando Anne deixou o corpo cair sobre seu peito e Hunter a aninhou entre seus braços. Levando as mãos aos cabelos macios e fazendo-lhe carinho, enquanto o coração de ambos voltava ao compasso.

— Eu te amo, Anne, do fundo de minha alma. — E com essas palavras, contemplou a felicidade que Anne sentiu ao ouvi-las.

— Eu também o amo, sempre o fiz. Até mesmo quando fugi, eu quis ficar.

Hunter a beijou e foi suficiente para selar um sentimento único e inigualável, o tão sonhado amor verdadeiro.



CAPÍTULO 39

Anne tinha a cabeça encostada no ombro de Hunter, dormindo durante a viagem ao campo. Estava cansada, o baile, as intrigas, a viagem, tudo pesou em seus ombros e foi no peito do marido que encontrou consolo para descansar. Despertou quando a carruagem parou e ela pediu, silenciosamente, que já estivessem chegando, não suportaria mais uma estalagem, mais uma troca de cavalos, mais estradas.

— Chegamos, meu amor — Hunter cantarolou em seus ouvidos e Anne chegou a sorrir ao vislumbrar Green Hall da janela da carruagem.

— Estamos em casa — disse, sem nem mesmo perceber o peso daquelas palavras. Era como se sentia: em casa.

Com o tempo, talvez se sentisse em casa também na Austen House, mas por ora, queria o aconchego do campo junto a Hunter.

— Sim, nossa casa. — Hunter beijou seus cabelos, em seguida seus lábios, para só então, serem interrompidos ao abrirem a porta da carruagem.

O duque foi o primeiro a descer, oferecendo a ela sua mão e, de onde estava, Anne vislumbrou uma fileira impecavelmente organizada disposta à entrada da mansão. Eram os empregados que estavam todos ali para serem apresentados e prestarem boas-vindas à nova duquesa. Mas havia também alguém especial em meio às pessoas, Mary estava ali, a esperando.

Anne sorriu!

— Hunter... deve ter umas cinquenta pessoas ali.

— Quarenta e duas, para ser exato. Deixei ordens explícitas para que Green Hall fosse reaberta, por completo, para isso, precisamos trazer todos os empregados de volta.

— Oh, céus... — Do alto da escada pôde ver o sr. Barn, que provavelmente mobilizou todos para a sua chegada. Até mesmo Masmorra estava à sua espera.

— Vamos? — Hunter gentilmente lhe ofereceu o braço, que Anne não demorou a aceitar.

Não podia descrever o que sentia, a sensação de ter um lar, proteção, amor... era magnífica.

Subiram as escadas e, apesar do cansaço, Anne fez questão de cumprimentar cada um de seus novos criados, não importando seu cargo. Do mais inferior ao superior, ela tratou todos com igual amabilidade e delicadeza. O duque estava ao seu lado, gentilmente a seguindo e notando o espanto daqueles que o viram sair. Não era para menos, voltava bem diferente e não apenas na aparência.

— E este, você já conhece.

— Oh sim... como vai, sr. Barn?

— Oswald, Vossa Graça.

Anne sorriu e pôde, enfim, chegar até Mary e abraçá-la. Poder sentir o cheiro costumeiro de seus cabelos, sua pele, que lhe remetia a cheiro de lar.

— Ah, minha menina... quanta saudade senti.

— Nunca mais me separo de ti, tenha certeza disso!

— Nunca mais, minha Anne. Fez boa viagem?

— Excelente, mas cansativa. Hunter me fez sentir muito melhor ao deixar-me dormir em seu ombro.

— Deve estar cansada, criança. Essas estradas são terríveis.

— Oh, sim. Preciso lavar-me e trocar de roupas. — Anne mal terminou de falar e recebeu a atenção de Masmorra. Não só dele, como do cachorrinho caramelo que costumava alimentar na rua. —

Ah, temos um novo morador? — indagou, acariciando um após o outro.

— Culpa minha... ao ver-te alimentar o cão na rua, não pude ignorar e não o trazer para cá.

Anne o olhou, abandonando seus dois amigos mais leais e se levantando, mal acreditava no que ouvia.

— Fez mesmo isso?

— Sim e culpo somente a ti. — Anne tocou seu rosto e quis beijá-lo, controlando-se pela quantidade de pessoas como plateia.

— Devo servir o jantar a que horas, Vossa Graça? — o mordomo perguntou diretamente para ela, a deixando confusa.

— Oh... — Anne olhou para Mary, depois para Hunter, não sabia bem como responder. Na Austen House tinha a governanta que já sabia tudo sobre a casa e rotina, mas ali...

— Leve o jantar para a sala adjacente ao quarto, Oswald. Podemos fazer a refeição lá esta noite, o que acha? — foi Hunter a falar, esperando uma resposta dela.

— Sim, podemos. Assim posso descansar em seguida. — Mas lembrou-se Mary. Tinha tanto a contar, tanta coisa aconteceu.

— Não olhe para mim, vá depressa com o seu marido e descanse. Amanhã será um longo dia. — Mary era mesmo alguém especial.

Anne beijou sua ex-governanta e olhou para Hunter, para que ele a guiasse ao quarto.

— Vamos. — Com uma mão em sua cintura, o duque a conduziu pelo vestíbulo, indo para um corredor na ala leste e não para as escadas. — Quando voltei, adaptei um dos cômodos aqui de baixo para meu uso, acredito que podemos continuar a usá-lo.

Subir escadas ainda me cansa, devo dizer. Espero que não se importe, caso...

— O primeiro andar está perfeito. Estarei menos preocupada em ter meus filhos no térreo, sem perigo de uma queda pela escada.

— Filhos? — Hunter indagou, aquela sobrancelha divertida a fazer um arco perfeito.

— Os teremos, não é? — Ela o fez rir.

— No que depender de mim, teremos muitos.

Hunter abriu a primeira porta no corredor e Anne pôde contemplar um belo ambiente, austero e simples, que tinha o cheiro dele. Como na Austen House, o cômodo tinha duas portas adjacentes, imaginava ser o quarto dele em uma daquelas portas. Mas no que dependesse dela, sequer precisariam dele.

Hunter a abraçou por trás, encaixando o queixo em seu ombro, enquanto Anne olhava os detalhes do quarto.

— Logo naquela porta há uma saleta e depois, o que deveria ser o meu quarto. Contudo, há apenas o necessário para a troca de vestes. Não pretendo dormir longe de ti, neste caso, não há a necessidade de que fizesse tal reparo para outro quarto. Concorda?

Anne virou-se em seu abraço, com um sorriso afetuoso no rosto.

— Isso me deixa muito satisfeita, Vossa Graça — disse, roçando o nariz no seu.

— Não quero convenções entre nós, Anne, ninguém dirá como deve ser nossa convivência. Faremos nós mesmos nossas próprias regras.

Anne mal aguentava o coração em seu peito. Quão feliz ele poderia fazê-la ainda? Sempre sonhou com um amor como o de

seus pais e encontrou um tão seu, que já não precisava mais sonhar.



Sentada ao piano dedilhando uma canção, em sua sala particular, Anne se perguntava, se era possível alguém morrer de felicidade. Esperava que não, afinal, queria desfrutar de tal sentimento por muito e muito tempo sem medo algum. Pois o último mês que passaram no campo foi excepcional, carregado de conhecimento, romance e felicidade.

Não estavam sempre juntos, afinal, cada um tinha seus afazeres. Hunter sempre passava suas manhãs com seu administrador, às vezes, visitava alguns arrendatários. Mas sempre tirava um tempo para estar ao seu lado, que fosse apenas para dar-lhe um beijo de forma furtiva. Já ela, esforçava-se para tomar sua posição em sua casa. Aprender a ser uma boa duquesa. Conseguir transformar Green Hall em um verdadeiro lar.

Estava conseguindo, tanto que em breve a família cresceria. Há cerca de quinze dias, Anne começou a sentir enjoos matinais, de início não foi nada de mais, ou alarmante, contudo, há uma semana os vômitos tornaram-se frequentes. Naquela manhã, sequer conseguiu ir para a mesa do café da manhã.

Poderia preocupar-se, caso não soubesse o motivo de tudo isso. Mas acabou por confirmar suas suspeitas, em uma das visitas do dr. Armstrong para o marido. Contudo, ainda não contara nada a ele, ainda não tinha achado o momento certo.

— Anne. — Ouviu-o chamá-la, ao tempo em que se sentava ao seu lado. — O que aconteceu? Passou mal novamente?

— Deveria estar tomando seu café, não?

— E você também. — Ela deitou a cabeça em seu ombro, perguntava-se o que ele acharia, o que diria ao saber que em seu ventre, um filho seu crescia.

Claro, todo duque quer um herdeiro, mas tão cedo?

— Senti-me um tanto mal essa manhã, não sentia fome.

— Algo que comeu lhe fez mal? — Ele estava preocupado consigo, um vinco estava presente em sua face.

— Nada de mais... toque comigo uma peça de Bath? — pediu e o viu levantar uma sobrancelha. — Prometeu que tentaríamos um dueto.

— Prometi, não foi?

Ele ajeitou-se ao seu lado, beijou seus cabelos como sempre fazia e juntos, entoaram uma melodia. A sincronia não era perfeita, não ainda, mas a agradava. Uma vez ou outra Anne errava uma nota, enquanto Hunter seguia a tocar com maestria. Pôde constatar a habilidade que ele tinha em dedilhar e ali, ao seu lado, sentindo a emoção de cada nota irromper, ela o olhou. O marido estava compenetrado nas teclas, mas notou ser observado, perdendo o jeito. Hunter sorriu, algo quase infantil, e Anne se regozijou-se, querendo guardar aquele momento para sempre em seu coração.

— Eu... eu estou grávida... — disse por sobre as notas e a mão do duque parou, pesando sobre as teclas e ecoando um som desconexo.

— O que disse?

— É cedo... eu sei, mas sim. O dr. Armstrong confirmou minhas suspeitas, estou mesmo grávida.

— Anne... minha Anne... um filho?

— Ou filha. — Deu de ombros. Ficaria feliz com o que viesse.

— Não importa, amaremos da mesma forma — disse e a puxou para si, para seu colo, a abraçando.

Hunter beijou seu rosto, lábios, nariz e olhos, a fazendo rir e, por fim, levou a mão ao seu ventre, onde um filho de ambos crescia protegido.

— Achei que não poderia me fazer mais feliz. Vejo que me enganei.

— Está feliz, não é?

— Ouso dizer que sou a mais feliz das criaturas na Terra. Eu a amo.

— Eu também o amo.

Um beijo foi o suficiente para comemorar e selar o momento único na vida dos dois. Meses atrás, Hunter abriu seu coração e Anne fez uma morada para ambos.

Era uma troca, proteção em troca do que mesmo?

Bom... esta narradora já não se lembra mais. Tal proposta ficou distante, para trás, em outra era.



Cinco anos depois

— Deveria supor que em um dia como este, a duquesa não deveria estar com as mãos enfiadas na terra — disse Austen, aproximando-se da parte do jardim a qual Anne se encontrava agachada em meio às flores.

Ela o olhou, trazendo a mão frente aos olhos, tapando o sol que incomodava seus olhos. E aquele costume, o de sempre sorrir ao vê-lo, nunca morrera.

— Elizabeth precisava pegar sol, e Thomás também — explicou, olhando para onde uma garotinha de cabelos pretos estava sentada, a brincar com a terra.

Não muito distante de onde ela se encontrava, um menininho de cabelos ruivos estava a meter a mão na boca, coçando a gengiva que começava a despontar dois dentinhos. O próximo duque era um tanto temperamental, ainda que tão pequeno e permanecia aos cuidados da ama. Pois Mary, naquela manhã, havia saído para visitar a sra. Muller.

— E acredito que as plantas precisam do cuidado pessoal da duquesa.

— Exatamente — concluiu, voltando a podar as hastes de suas rosas. — O que seria de mim, sem um marido que entendesse tão bem as necessidades do meu jardim?

Ele agachou-se ao seu lado, agarrando-a pela nuca, grudando seus lábios aos dela de forma breve.

— O que seria de mim se não a tivesse, meu amor? — Voltou a beijá-la, algo casto, mas foi o suficiente para Anne corar. —

Contudo, acredito que perdeu a noção do tempo. Deve arrumar-se, logo Katherine chegará.

— Já é tão tarde? — perguntou, pondo-se de pé, limpando as mãos no avental.

— Temo em dizer-te que sim.

— Céus... — Olhou para a ama e para as crianças. Tinha muito a fazer. — Devemos ir, Judith. Acabo por atrasar-me — disse, se aproximando das crianças, pegando Elizabeth em seus braços. — Uma pequena porquinha a fuçar a terra.

— Saiu-se à mãe. Sequer pode reclamar, meu amor.

Anne apertou os olhos em sua direção, mas não poderia dizer que aquilo era uma mentira. A menina tinha mesmo puxado seu temperamento e personalidade. Pobre Hunter...

— Papai! — a menininha exclamou, jogando-se em seus braços que a amparou com cuidado. — Eu plantei margaridas.

— Verdade?

— Sim, sim, com a mamãe.

— Hum, vejo que logo terei duas jardineiras, pelo visto.

Anne riu e já que ele estava com a filha nos braços, liberou a ama, levando ela mesma o pequeno Thomas.

— Devo avisá-la que George chegou há pouco e parece um tanto... mal-humorado.

— Não me diga, não é algo comum para ele.

— De fato, contudo, ele não quis dizer-me o que estava acontecendo. E garanto que realmente quis saber.

Anne duvidava, Hunter era tão interessado na vida dos outros quanto Elizabeth gostava de banho.

— Um mau presságio talvez?

— Se há alguém no mundo que não entendo, este alguém é George, minha querida.

Anne apenas concordou. Tinha que apressar-se, receberia alguns convidados que viriam de Londres para participar do baile anual em Green Hall. A mansão agora tinha uma tradição, tradição esta criada por ela. Tudo começou quando voltaram para o campo, após o casamento. Anne pediu a Hunter que fizessem um baile, não apenas para a aristocracia, mas que fosse aberto a todos das redondezas, sua intenção era desfazer os rumores sobre o marido e conseguiu. Pois o duque não negou tal pedido, na verdade, ele não conseguia negar nada para a esposa.

E desde o primeiro ano, Anne repetia a façanha, sempre na mesma data. Convidava algumas pessoas de seu ciclo social em Londres, como a família do marido, também as famílias importantes das redondezas do campo e abria Green Hall para os moradores do vilarejo que muitos consideravam inferiores e indignos de estar ali, mas não ela. No segundo ano, o baile ganhou notoriedade e virou uma tradição.

Com isso, aproveitava o tempo que podia ao lado de Katherine e Victoria, que sempre passavam a semana após o baile hospedada com ela.

— Talvez... George acabou tendo o coração roubado?

— Não. George não seria enredado fácil pelo amor.

— Assim como você também, não? — zombou, pois acreditava que o amor era capaz de chegar para todos.

— Tio George! — Elizabeth gritou, chamando a atenção para o motivo da conversa, que vinha logo à frente.

Hunter a colocou no chão e observou a filha correr para o colo do tio, enquanto nos braços de Anne, seu herdeiro balbuciava

algo em sua língua infantil, com bochechas rosadas e nariz vermelho. O garotinho era a cópia perfeita de Anne. Hunter passou o braço pela cintura da esposa e a trouxe mais para si.

— Mal posso esperar por este baile.

— Imagine a mim.



O evento mais esperado por todos nas redondezas de Green Hall estava acontecendo. Pessoas de classes sociais distintas misturavam-se com outras, comemoravam e conversavam animadamente. Alguns adoravam ficar no salão de jogos, divertindo sem atrapalhar aqueles que amavam dançar.

Nos anos anteriores, a duquesa sempre abria o baile com lorde Malford que a conduzia pelo salão com maestria. E naquele momento, Anne estava a ponto de chamar o cunhado, quando o duque se aproximou de onde estava, estendendo-lhe a mão aberta.

— Concede-me a honra, Vossa Graça?

Anne ficou, por segundos, paralisada.

— Como... Hunter? — perguntou em espanto, aceitando a mão que lhe era estendida, mas ainda sem entender ao certo o que acontecia naquele momento.

O duque apenas entregou sua bengala ao irmão, que lhe sorriu e, em seguida, conduziu a duquesa para o meio do salão, à frente dos olhos de todos os presentes. O salão calou-se, nada mais pôde ser ouvido, todos os olhos estavam no duque e na duquesa de Austen, parados em meio ao salão.

— Pode ser, que em alguns momentos, terei que me amparar em ti, peço desculpas de antemão — avisou ele, não dando

qualquer explicação a seguir.

— Como...

A música soou e Anne deslizou os dedos por sua mão, enquanto a outra encontrava-se em seu ombro. O duque tomou distância, segurou-a pela cintura e a conduziu conforme a peça pedia. Anne estava perdida em surpresa e contentamento.

— Por duas vezes — disse ele —, deixei claro o quanto gostaria de dançar contigo. Não me orgulho em dizer que precisei de Armstrong e seus feitos dançarinos para tal façanha, mas o fiz por ti.

Ela o olhava, seus olhos embaçados por lágrimas que não ousou derramar.

— Ah, Hunter... não me faça chorar, por Deus.

— De alegria, suponho?

— Sim, pois jamais supus que poderia ser mais feliz que ontem.

— Isso para mim já basta.

Ele a conduziu com maestria calculada pelo salão. Em outrora, se o primeiro médico que o atendeu o visse naquele momento, diria que estava a ter uma miragem. Mas tudo foi, em partes, pelo esforço de Anne em dizer-lhe que Hunter poderia voltar a ser quem era outra vez, fazer o que queria, pois as limitações só existiam em sua cabeça. Ele acreditou nisso e a cada dia, tentou ser melhor, estar melhor e conseguiu. Claro, não dançava com perfeita leveza, mas fazia o possível e apenas por arrancar da esposa aquele sorriso verdadeiro, que trazia consigo o sol para o salão, fez valer a pena cada esforço feito por ele.

Ela o salvou, apenas por amá-lo e ser quem é. No fim, ela não precisava de proteção, precisava apenas de alguém que a

completasse e a amasse e considerava-se com sorte por ser esse alguém. Tinha uma família, filhos e uma esposa que amava com devoção e não poderia pedir mais nada ao mundo, exceto mais tempo para aproveitar cada segundo ao lado dela.

— Eu a amo.

— Eu o amo mais.

Ele riu, não iria entrar no mérito, apenas a amava de todo o seu coração e alma.

E como eu sempre digo, caro leitor, ah o amor...

Fim?

*Não, não é o fim. Afinal, eles sempre estarão vivos
em nossos corações.*

AGRADECIMENTOS



:

Bom, se eu for listar, daria bem mais que um livro de agradecimentos, pois Deus foi e é generoso demasiadamente comigo ao colocar anjos em forma de pessoas em minha vida.

Por isso, agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo nessa caminhada, nada sou sem sua força.

Também à minha família e amigos, meu muito obrigada. Vocês são o meu suporte, meu amor maior e mãezinha, aqui vai um agradecimento todo especial para a senhora, minha maior fã, gente. Eu te amo, luz da minha vida. Se eu pudesse ter escolhido, não teria o feito tão bem, a senhora é o meu maior presente.

Aos meus leitores, o meu muito obrigada. Eu não tenho palavras para agradecer o carinho e o amor que me dão sempre, em doses homeopáticas. Amo vocês. E agradeço por embarcarem comigo em cada loucura e me impulsionarem sempre a ir além. Vocês fazem toda a diferença.

Seguindo... às minhas amigas autoras, meus anjos, obrigada. Durante a escrita deste livro tive imprevistos que me fizeram duvidar se conseguiria mesmo terminá-lo e lá estava Lucy Foster para me empurrar junto à Jack A. F, vocês são demais, amo vocês. Mari Monni, minha lindeza, um muito obrigada todo especial para você

também. E ainda assim, o que seria de mim sem uma revisora para embarcar perfeita como a Barbara Pinheiro? Minha princesa, você tem o meu amor e gratidão. Obrigada por me aguentar.

Agradeço também à Vanessa Pavan, minha assessora mais que maravilhosa que sempre me ajuda e incentiva a todo momento.

Sempre digo que a caminhada até aqui é árdua, porém, me sinto blindada com vocês, são meus anjos amados.

Obrigada a todos novamente, também a você, que chegou aqui agora e está conhecendo a Gisa pela primeira vez, tenha o meu muito obrigada.

Esta sou eu, uma apaixonada muito louca pela escrita, pela vida e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura e espero muito que gostem desta história.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!

MAIS LIVROS DA AUTORA



Conheça também o primeiro livro da Série Amores Reconstruídos:



UMA ESCOLHA PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocaria o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o

futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

O segundo livro da Série Amores Reconstruídos



UMA CHANCE PERFEITA [\(Adquira aqui\)](#)

Sinopse

Alice foi uma jovem doce, desinibida e de bem com a vida, que gradativamente se viu cair de amores pelo primo boa pinta. Ela o via como um herói, de forma romântica, apaixonada. Já ele a via apenas como a caçula da família Ribeiro, a prima maluquinha que ele vivia tirando de encrencas!

Um desentendimento!

Bastou isso para criar uma rachadura extensa no relacionamento e na amizade de ambos. Dois caminhos separados por desentendimentos e culpas. Anos depois, Alice está de volta, só que mais mulher, dona de si, trazendo também marcas profundas na alma e no corpo.

Pedro faz o tipo sensato, protetor, centrado em sua carreira e apaixonado pelo campo, aquele cara famoso por não deixar suas emoções tomarem conta de si. Ou assim ele imaginava, pois ao vê-la todo esse controle se vai. E Pedro queria que não tivesse tantos sentimentos guardados por aquela mulher, indo do amor ao ódio, mas, ainda assim, querendo fazê-la sua. Há apenas um impedimento: a própria Alice.

Uma mentira foi contada, um falso noivado é montado e pode desencadear sentimentos há muito guardados, trazendo segredos que podem vir à tona e soterrar qualquer resquício de amor!

"Ela não está disposta a ceder, ele não está disposto a desistir..."

Estregue-se ao acaso...

O terceiro livro da Série Amores Reconstruídos



UMA ALIANÇA PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Como escolher os padrinhos de sua filha, quando, seus melhores amigos, não se suportam?

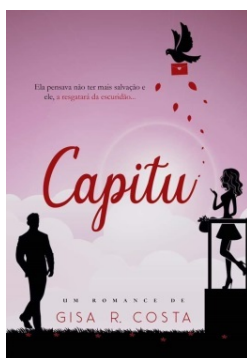
Bruno e Sophie mal aguentavam estar no mesmo ambiente, porém, aguentariam tal inconveniente apenas por Luna, a pequena criança que batizaram juntos, não por escolha.

No entanto, o destino pode pregar algumas peças e não foi diferente quando, por um desastre inesperado, seus caminhos se cruzaram de forma permanente. Uma aliança é formada, um acordo é feito e ambos terão de aprender a controlar o pior de si.

O capitão do BOPE, viciado por controle, terá de aguentar a mulher que, entre todas, passou a despertar nele seus piores instintos; o desejo de domá-la, de tê-la sua submissa.

Mas submissão não é algo que a lutadora de MMA aceitaria, menos ainda se esse DOM vier na forma de um homem esnobe, superficial, orgulhoso, que ela não suporta. Sophie só não imaginava que não conseguiria controlar o desejo de provar o proibido, de se entregar aos seus desejos mais íntimos.

Paixão, sedução, ação e suspense preenchem uma trama cheia de reviravoltas.



CAPITU ([Adquira aqui](#))

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...



LUZ DA MINHA VIDA - UM MILAGRE DE NATAL . ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 1

Sinopse:

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

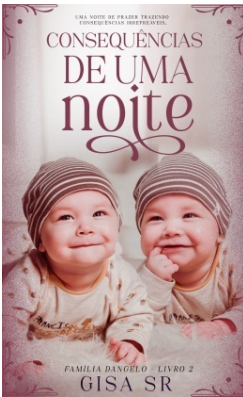
Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a

doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!



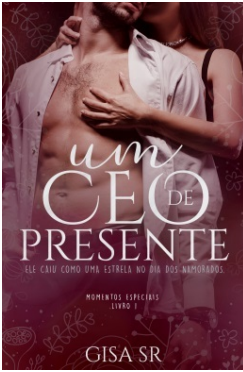
CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOITE ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 2

Sinopse:

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontroláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.



UM CEO DE PRESENTE ([Adquira aqui](#))

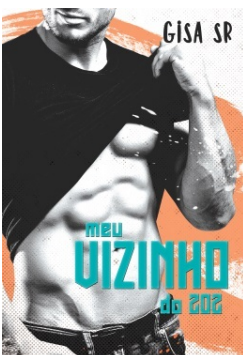
Sinopse:

Tendo seu coração destroçado às vésperas do dia dos namorados, Emily, uma bibliotecária e estudante de enfermagem de 21 anos, luta para juntar seus caquinhos. Ela só não esperava encontrar ajuda para isso tão rápido.

Uma ajuda deliciosa, diga-se de passagem!

Enrico Borges surge em seu caminho quase de forma planejada, rouba a cena e, talvez, seu coração com uma promessa nada velada: esquecer o passado. O CEO acredita ser capaz de fazê-la se desprender e trazê-la para um jogo de sedução sem amarras, porém nenhum deles imagina que uma paixão avassaladora pode surgir.

Venha conhecer o lobo mau e seu cordeirinho.



MEU VIZINHO DO 202 ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Uma noite, um engano e um delicioso desastre...

A vida de Mônica Maria era perfeita ou, pelo menos, era isso o que pensava. Romântica de carteirinha, ela sonhava com o casamento dos sonhos, a casa perfeita e, claro, o marido dos contos de fadas.

Essas eram suas metas, até que o destino lhe prega uma peça e ela é obrigada a crescer e encarar sua realidade nem um pouco cor-de-rosa. Desde então, Mônica decide deixar as emoções de lado e focar em preocupações maiores.

Mas o destino apronta outra vez e ela encontra Benjamin, seu vizinho pervertido, que parece tentá-la vinte e quatro horas por dia, atraindo-a para o pecado e despertando sensações há muito adormecidas.

A bela morena só queria amizade, no máximo um passatempo divertido, uma ajuda mútua, mas uma noite muda tudo e agora os dois vão aprender que com fogo não se brinca!

Comédia romântica para maiores de dezoitos anos!



UMA VIRGEM EM APUROS ([adquira aqui](#))

Sinopse

Lucy é uma romântica incurável, que por muito tempo acreditou que encontraria, mais cedo ou mais tarde, o seu príncipe. Mas o tal encantado não apareceu e, para ela, sua saída é ir à luta, deixar de lado essa bobagem de romance e casamento e, enfim, perder sua virgindade. Para isso, surge a ideia de contratar um garoto de programa, como presente de Natal. Uma ideia maluca ou não...

Maxwell é um advogado boa-pinta, focado no trabalho, sem tempo para bobagens de amor. A única pessoa capaz de tomar o seu tempo é Luciana, sua melhor amiga desde a faculdade. Quando ouve dela a ideia estapafúrdia de contratar um garoto de programa, afinal, príncipes encantados não existem, algo muda em seu coração e ele se dá conta de que talvez, só talvez, o que era apenas amizade não é mais suficiente para si.

Agora, ele quer fazer do Natal, algo diferente para ela, resta saber o que Lucy achará disso!



UM VIÚVO EM MAR ([adquira aqui](#))

Sinopse

Algumas feridas jamais cicatrizam.

No caso de Melissa, dez anos já se passaram e a dor ainda continua ali, fazendo com que ela seja uma pessoa inflexível em

relação ao amor. E quando descobre que tem apenas três meses de vida, resolve aproveitar o pouco tempo que lhe resta para realmente viver.

Mas é claro que o destino a coloca frente a frente com o homem que partiu seu coração.

Vladmir sofre até hoje com os erros que o afastaram de Melissa. Ele sempre foi apaixonado por ela e não consegue esquecer o grande amor de sua vida — muito menos, se perdoar pelo que fez.

Agora viúvo e com uma filha, ele está disposto a tudo para reconquistar a mulher que nunca saiu de seus pensamentos.

E, ao reencontrá-la em um cenário paradisíaco, presos em um cruzeiro, decide que não irá desperdiçar a chance de serem felizes para sempre.

SOBRE A AUTORA





Biografia

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

CONTATOS DA AUTORA



Instagram: Autora Gisa SR

https://instagram.com/autoragisasr?utm_medium=copy_link

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>

Grupo de WhatsApp:

<https://chat.whatsapp.com/LULoXjc4S4iD9VKXcOdXpk>

Avaliação:



Apoie e incentive os autores nacionais na Amazon, avalie este livro e ajude a literatura brasileira.